

WILLIAM AGEL DE MELLO

OBRAS COMPLETAS

DICIONÁRIO
PORTUGUÊS/ARANÊS
ARANÊS/PORTUGUÊS

WILLIAM AGEL DE MELLO

OBRAS COMPLETAS

**DICIONÁRIO
ARANÊS/PORTUGUÊS
PORTUGUÊS/ARANÊS**

**© REPRODUÇÃO AUTORIZADA, ILIMITADAMENTE,
DESDE QUE CITADO O NOME DO AUTOR.**

Declaro, para os devidos fins, que renuncio, perpetuamente, a todos os direitos autorais que me são devidos, em favor das editoras e entidades públicas e privadas que desejarem publicar os meus livros. Ainda no que concerne estritamente aos meus direitos autorais, autorizo as editoras e entidades públicas e privadas a publicarem os meus livros sem consulta prévia a mim ou aos meus descendentes.

Todos os livros das **Obras Completas** * poderão ser reproduzidos livremente, sem ônus, por parte das bibliotecas, das universidades, dos professores, dos alunos e do público em geral – sem a necessidade de consulta ao autor.

* com exceção da **Obra Poética de Lorca e João Guimarães Rosa – Cartas a William Agel de Mello**, cujos direitos autorais pertencem aos herdeiros.

email para correspondência: williamagel@hotmail.com

site: www.williamageldemello.com

**BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP**

M4820 Mello, William Agel de.
Obras completas: dicionário geral das línguas românicas – / William Agel de Mello – Goiânia : Kelps, 2020.
v. 1
926 p

ISBN: 978-85-7766-637-9

1. Dicionários bilingües. 2. Dicionário das línguas românicas. 1. Título.

CDU: 811.134.3-31 371(038)

OBRAS COMPLETAS

VOLUME I – FICÇÃO

1. Epopeia dos Sertões (romance)
2. O Último Dia do Homem (romance)
3. Geórgicas – Estórias da Terra (contos. Prêmio Caixa Econômica, julgado pela ABL)
4. Metamorfose (contos)

VOLUME II – TRADUÇÃO

1. Livro de Poemas (F. G. Lorca)
2. Poema do “Cante Jondo” (F. G. Lorca)
3. Primeiras Canções (F. G. Lorca)
4. Canções (F. G. Lorca)
5. Romanceiro Gitano (F. G. Lorca)
6. Três Romances Históricos (F. G. Lorca)
7. Poeta em Nova York (F. G. Lorca)
8. Pranto por Ignacio Sánchez Mejías (F. G. Lorca)
9. 6 Poemas Galegos (F. G. Lorca)
10. Divã do Tamarit (F. G. Lorca)
11. Poemas Esparsos (F. G. Lorca)
12. Cantares Populares (F. G. Lorca)
13. Sonetos Inéditos (F. G. Lorca)
14. Antologia Poética de Lorca
15. Cancioneiro
16. Carta da Liberdade do Congresso Nacional Africano
17. Programa de Ação Contra o Apartheid, da Assembleia Geral das Nações Unidas

VOLUME III – ENSAIOS

1. UJAMAA – O Socialismo Africano: O Modelo da Tanzânia
2. O Processo de Independência da Namíbia
3. O Processo de Dissolução do Apartheid e as Consequentes Transformações na África Austral. As Opções Estratégicas Brasileiras
4. O Idioma Panlatino e outros Ensaios Linguísticos

VOLUME IV. – MONOGRAFIAS E ARTIGOS

1. Como Corrigir uma Tese
2. João Guimarães Rosa – Cartas a William Agel de Mello
3. Um Povo é a Língua que Fala
4. A Antártica – Aspecto Físico e Conquista do Território
5. Origens da Guerra Fria
6. Dicionário Elétrico Falante Ilustrado – Uma Invenção Brasileira
7. Federico García Lorca
8. Artigos

VOLUME V – FORTUNA CRÍTICA

VOLUME VI – COMO CORRIGIR UMA TESE

VOLUME VII – DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| 1. Aragonês-Português | 17. Latim-Português |
| 2. Português-Aragonês | 18. Português-Latim |
| 3. Aranês-Português | 19. Mirandês-Português |
| 4. Português-Aranês | 20. Português-Mirandês |
| 5. Asturiano-Português | 21. Provençal-Português |
| 6. Português-Asturiano | 22. Português-Provençal |
| 7. Catalão-Português | 23. Reto-Românico-Português |
| 8. Português-Catalão | 24. Português-Reto-Românico |
| 9. Espanhol-Português | 25. Romeno-Português |
| 10. Português-Espanhol | 26. Português-Romeno |
| 11. Francês-Português | 27. Sardo-Português |
| 12. Português-Francês | 28. Português-Sardo |
| 13. Galego-Português | |
| 14. Português-Galego | Apêndice |
| 15. Italiano-Português | O Idioma Panlatino |
| 16. Português-Italiano | |

**VOLUME VIII – DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS
DA PENÍNSULA IBÉRICA**

1. Aragonês-Português
2. Português-Aragonês
3. Aranês-Português
4. Português-Aranês
5. Asturiano-Português
6. Português-Asturiano
7. Catalão-Português
8. Português-Catalão
9. Espanhol-Português
10. Português-Espanhol
11. Galego-Português
12. Português-Galego
13. Mirandês-Português
14. Português-Mirandês

Apêndice

O Idioma Panlatino

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL	7
O maior conjunto lexicográfico românico do mundo centrado numa Língua Neolatina: um dicionário que promove a integração cultural dos povos latinos .	9
Dicionário Geral das Línguas Românicas.	13
156 dicionários e 14 línguas	17
As Línguas Neolatinas	19
Aranês-Português	41
Português-Aranês	87
Apêndice	
O Idioma Panlatino	121

INTRODUÇÃO GERAL

Junito de Souza Brandão

A obra de William Agel de Mello enquadra-se nos seguintes gêneros: ficção, tradução, lexicografia e ensaio.

No campo da ficção, sua contribuição é inestimável. Introduziu uma temática inteiramente nova na literatura brasileira. Sirvam de exemplo os seguintes contos: *O vendedor de tapetes*, *Omar*; *O espírito do vinho*; *As marionetas encantadas*; *Gitano*; *O coveiro de Notre Dame*; *Rômulo e Rêmulos* (estória de salineiros e lenhadores); etc.

Fez do mito greco-latino um dos pontos centrais de sua narrativa, na qual mitologia e realidade se fundem, numa perfeita simbiose. Na maioria das vezes, a mesma personagem desempenha simultaneamente dois papéis: o próprio papel, na vida real, e o papel que lhe cabe na mitologia. Tudo muito naturalmente. Um dos exemplos mais expressivos é a guerra de Troia em pleno sertão goiano, um dos pontos altos do romance *Epopéia dos Sertões*. É a recriação do mito, ou melhor, a arte de recriar o mito.

No que tange à forma, há uma preocupação constante com a língua. Em quase todas as páginas desenvolve-se uma intensa pesquisa linguística. Para o autor, as palavras têm vida, cor, musicalidade, valor, peso, medida. Se cada palavra tem sua função na frase, é preciso encontrar a palavra que sirva melhor aos seus desígnios. A tal ponto que, conforme se expressou o crítico Medeiros e Albuquerque, a prosa de William Agel de Mello, em certos trechos, provoca a vontade irresistível de declamá-la. Além disso, talvez nenhum outro autor brasileiro tenha usado, com tanta profusão, a palavra em seu sentido etimológico. O conto *Baalbek*, por exemplo, que narra a história de um mascate sírio no sertão, está impregnado de palavras de origem árabe.

Não menos importante é a contribuição de William Agel de Mello no âmbito da tradução. Traduziu – seguindo os parâmetros da tradução a mais fiel possível – os grandes poetas do Ocidente, inclusive a obra poética completa de Federico García Lorca.

No campo da lexicografia marcou a sua presença de forma indelével e espetacular. Escreveu nada menos que 28 dicionários. A maior obra de dicionários bilíngues de línguas românicas do mundo, com base na língua portuguesa. O português é uma das poucas línguas da família neolatina que conta com dicionários de um grande número de línguas congêneres. Coube-lhe a primazia de escrever o primeiro dicionário catalão/português, e ainda hoje, alguns de seus dicionários constituem os únicos dicionários bilíngues existentes no campo da lexicografia em nível mundial: aragonês/português/aragonês, aranês/português/aranês, provençal/português/provençal, reto-românico/português/reto-românico, sardo/português/sardo, reunidos no monumental dicionário geral das línguas românicas.

Quanto aos ensaios, escreveu três sobre política internacional e um no campo da linguística. Tornou-se um dos maiores africanólogos brasileiros com os seguintes ensaios

UJAMAA, O Socialismo Africano: O Modelo da Tanzânia

O Processo de Independência da Namíbia

O Processo de Dissolução do Apartheid e as Consequentes Transformações na África Austral. As Posições Estratégicas Brasileiras.

A sua tese sobre linguística – *O Idioma Panlatino e outros Ensaio Linguísticos* – é realmente *sui generis*. O latim deu origem às línguas neolatinas, e as línguas neolatinas, em seu processo evolutivo normal, dão origem à língua síntese – o panlatino. A ideia básica é formar uma superlíngua para cada família de línguas. Ou seja: o pangermânico, o pan-eslavo, o panlatino, etc. Uma nova linguagem universal, ou uma reconstrução da Torre de Babel. Se sua tese tiver validade, poderá até mesmo ser indicado para o Prêmio Nobel, caso contribua efetivamente para uma maior comunicação entre os homens.

O MAIOR CONJUNTO LEXICOGRÁFICO ROMÂNICO DO MUNDO CENTRADO NUMA LÍNGUA NEOLATINA: UM DICIONÁRIO QUE PROMOVE A INTEGRAÇÃO CULTURAL DOS POVOS LATINOS

Adovaldo Fernandes Sampaio,
autor do livro Línguas e Dialectos Românicos e Germânicos

Vivendo em sua Cidade de Goiás, o professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo compôs um *Dicionário Analógico e de Ideias Afins* que marcou época na lexicografia da Língua Portuguesa. Escreveu-o à mão e enviou os originais, pelos Correios, à Companhia Editora Nacional. O pacote extraviou-se e ficou parado na agência postal de Pires do Rio um longo tempo, até chegar à editora, em São Paulo. Mas o notável dicionarista não viveu para ver sua obra publicada. José Baptista da Luz, que depois publicou um *Dicionário Popular da Língua Portuguesa*, foi quem fez a revisão tipográfica do útil, curioso e engenhoso dicionário.

Nos anos 1960, a língua da Moldávia – o romeno moldávio – ainda era escrita em alfabeto cirílico, e a Academia de Ciências da Moldávia publicava uma revista de língua e literatura, e, em uma das edições, em todo um volume de mais de duzentas páginas, havia somente duas linhas escritas em alfabeto latino: exatamente o nome do professor Ferreira e o título, na íntegra, do seu famoso dicionário.

O DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS, de William Agel de Mello, pela Editora Kelps, abrangendo treze línguas românicas em vocabulários bilíngues centrados no Português: Português-Aragonês / Asturiano / Catalão / Espanhol / Francês / Galego / Italiano / Mirandês / Provençal / Reto-Românico / Romeno / Sardo-Português. A publicação desta obra monumental é um acontecimento de largo alcance e interesse cultural, pois se trata de uma obra lexicográfica que detém quatro recordes: reúne o maior número de dicionários bilíngues (26), traz o maior conjunto de línguas românicas (a língua-mãe e treze filhas) em quatro volumes, contém vários dicionários que não existiam na lexicografia românica e traz vários dicionários que são pioneiros no âmbito da língua portuguesa. E mais: não se trata de obra coletiva, mas de um único autor.

O professor Ferreira e William Agel de Mello são dois lexicógrafos goianos que, trabalhando em campos diferentes, construíram obras de valor e interesse permanentes, chamando a atenção do Brasil e do Mundo para o que o talento, a inteligência, a tenacidade, a operosidade, a paixão, a capacidade de trabalho podem produzir.

O DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS, de William Agel de Mello, é um trabalho pioneiro, que insere o autor no mundo fechado de Friedrich Diez (1794-1876), que, com os seus revolucionários *Grammatik der romanischen Sprachen* (em três volumes, Bonn, 1836-1844) e *Etymologisches Wörterbuch der romanischen Sprachen* (Bonn, 1852), considerou apenas seis línguas românicas (italiano, romeno, espanhol, português, provençal e francês), mas abriu caminho para o suíço-alemão Wilhelm Meyer-Lübke (1861-1936), que legou ao mundo latino e à Cultura universal os insuperáveis *Grammatik der romanischen Sprachen* (quatro volumes, Leipzig, 1890-1899 – “ponto culminante da Linguística Românica no século XIX”, como destacou Sever Pop, em *La Dialectologie II – Dialectologie romane*,

Louvain, 1950) e *Romanisches etymologisches Wörterbuch* (1911), que tratou de nove línguas românicas, ordenadas de Oriente para Ocidente: romeno, dálmata, rético, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português; mas posteriormente ele deu atenção ao catalão e a outras línguas e dialetos românicos. E outras obras ambiciosas e de longo e largo alcance foram ampliando os estudos de Linguística Românica, como os vários volumes do *Lexikon der romanistischen Linguistik* (Tubingen, 1988-2001), dos alemães Günter Holtus, Michael Metzeltin (autor também de *Las lenguas románicas estándar. Historia de su formación y de su uso*, publicado em Oviedo, em 2004, pela Academia de la Llingua Asturiana) e Christian Schmitt.

Fascinado por línguas, estudioso, com vasto conhecimento do assunto, William Agel de Mello chamou a si um trabalho longo e árduo: empreender a ilíada e a odisseia de enfrentar treze línguas românicas em sua íntima essência: o vocabulário e as nuances lexicais de um idioma para o outro. Na Apresentação, no primeiro volume de seu Dicionário, ele oferece ao leitor uma síntese bem-realizada do vasto universo das línguas neolatinas, começando pela classificação delas sob diferentes critérios (e considera que, “Tendo em vista a dificuldade de se encontrar unanimidade na matéria, talvez não fosse demasiado propor uma classificação cujos tópicos ressaltassem a valorização dos aspectos que se quer pôr em evidência.” E assim, segundo Agel de Mello, as línguas da família neolatina poderiam ser classificadas quanto ao número, quanto ao grupo a que estão vinculadas, quanto à ordem geográfica, quanto ao critério geográfico, quanto ao critério filológico, quanto ao critério glotológico, quanto à condição/situação de línguas intermediárias e quanto à condição/situação de dialetos que pretendem o *status* de língua. Vejam-se as pp. 7 e 8 da Apresentação – “As Línguas Neolatinas”), passando pelo domínio linguístico, pelo estágio atual da lexicografia românica, até chegar aos textos mais antigos de cada uma das línguas examinadas. Pela segurança e riqueza do material reunido, o trabalho equivale a um alentado manual de divulgação.

Todo vocábulo de uma língua, ao encontrar o seu correspondente em outra, expande ambas as línguas, dilatando o seu âmbito e conduzindo-as a um universo em permanente expansão, como é o que propõem os dicionários bilíngues. No caso do DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS, de William Agel de Mello, a língua portuguesa é posta em contato com treze de suas irmãs românicas e com a língua-mãe (o *Dicionário Latim-Português-Latim* é suplementado com um excelente repertório de nomes próprios), abrindo-se para novos mundos e visões, permitindo múltiplas comparações, levando o consulente a ir muito além da intenção inicial, por mais rápida e superficial que seja, pois sabe que tem ao seu dispor vocábulos e línguas que ultrapassam o desejado. E com isso o consulente muitas vezes não se contenta em ficar apenas no que busca, para a solução momentânea de uma informação, da solução de uma dúvida, da tradução exata do vocábulo em foco. Pois tem às mãos um dicionário multilíngue, que, centrado na língua portuguesa, com tratamento bilíngue, transcende para outros idiomas – de uma mesma família (a românica, ou neolatina, ou novilatina), mas com infinitas possibilidades, com leques que se abrem e se juntam, como que rompendo as fronteiras, aproximando os povos, buscando uma língua única, numa confirmação da tese do linguista-lexicógrafo sobre o idioma panlatino. A variedade na unidade, a unidade na diversidade.

Dentre as surpreendentes e instigantes teses de William Agel de Mello, está a das panlínguas (panlatino, pangermânico, pan-eslávico, etc.), “o retorno à unidade, partindo da pluralidade [...], a convergência das línguas numa língua única. O idioma panlatino é, portanto, a síntese das línguas neolatinas. Não uma fusão desordenada, mas que implique a utilização de um método seletivo-normativo, por via natural. [...] O propósito do panlatino, do pangermânico, do pan-eslavo e de todas as panlínguas é servir de veículo de comunicação entre os povos que utilizam línguas afins.” (*O Idioma Panlatino e Outros Ensaio Linguísticos*, Vol. III das *Obras Completas – Ensaio*, pp. 574 e 576.) Sua concepção da Torre de Babel leva-o a afirmar que

À proporção que aumentava a distância entre os homens, em ordem inversa alargavam-se as fundações de Babel. Nesse sentido, o edifício foi construído em plano horizontal, e não vertical. A distância representava a altura na concepção arquitetônica. O avanço das hostes invasoras, ou a distância percorrida pelos fluxos migratórios, marcava os limites da construção do colosso. E a multiplicação das línguas, determinada por diversos fatores, modificava as características fisionômicas do edifício bíblico. E se as línguas estão a sofrer contínuas modificações no tempo, também a Torre de Babel está submetida de modo ininterrupto a toda sorte de transformações. Assim, pois, por suas características, a Torre de Babel foi, é e será sempre um edifício inacabado, permanentemente em construção. Mas é um edifício eterno, em cuja construção colaboram, como mão de obra, todos os povos do planeta em geral, e cada indivíduo em particular.

Segundo sua *teoria universalista* (ou *cósmico-linguística*),

Os idiomas distribuem-se no universo linguístico de acordo com a família genealógica a que pertencem. Assim, para usar de linguagem metafórica, são como os astros que ocupam o espaço cósmico, localizados dentro de sistemas solares, os quais, por sua vez, fazem parte integrante de galáxias determinadas. No caso específico das línguas latinas, a língua *mater* – o latim – é o centro em torno do qual gravitam os idiomas novilatinos. Assim como os planetas estão para o Sol, *mutatis mutandis* as línguas derivadas estão para a língua original. Os demais astros situados no espaço interplanetário – e, portanto, dentro do raio de ação, ou atração, de cada planeta – equivaleriam aos dialetos e demais variações linguísticas. Da mesma maneira como se localizam na órbita da língua italiana as verdadeiras constelações dos vários dialetos itálicos. A proximidade e o afastamento dos planetas, dentro da órbita solar, equivaleria à proximidade ou ao afastamento das línguas em relação ao latim. A língua mais próxima do latim – o sardo – ocuparia a posição do planeta mais próximo do Sol. A posição de cada língua – dentro do plano sistêmico-linguístico universal – seria determinada de acordo com sua maior ou menor semelhança com a língua matriz, tendo em vista as transformações que sofreram os idiomas no curso de sua evolução histórica. Tomando por base uma medida padrão, pode-se calcular a distância que separa cada língua do idioma central e, conseqüentemente, estabelecer a relação das línguas entre si, examinadas dentro de um conjunto linguístico. É óbvio que, quanto maior a distância cósmica, maior se torna a dificuldade de tradução entre as línguas.

O sistema em pauta tem a vantagem de proporcionar uma visão de conjunto do macrocosmo linguístico, atribuindo a cada língua um lugar determinado, em correlação com outras línguas. Assim como o universo se encaminha em direção ao ápex, as línguas, que estão em contínuo processo de mutação em sua evolução, vão ocupar um espaço futuro diferente do espaço que ocupam no seu estádio atual.

Ao propiciar treze línguas (a língua-mãe e treze filhas) num dicionário, William Agel de Mello oferece também outros convites, como o de conhecer-lhes as gramáticas e enveredar por seus estudos. Mesmo quem já o fez para um ou outro desses treze idiomas românicos ficará tentado a iniciar ou prosseguir outros caminhos para o domínio de outras línguas. É a paixão de William Agel de Mello pelas línguas, pelos povos, países e belezas que, por força da profissão (a Diplomacia) e da sede de aprender e conhecer, o levou a tantos países e culturas, em todos os Continentes, empreendendo longas reflexões e pesquisas – e é bom não esquecer que até a Antártida/Antártica mereceu dele um magnífico ensaio.

Ficcionista de largo fôlego, com romances e contos antológicos e premiados, ensaísta que dissecou o modelo tanzaniano de socialismo, esmiuçou a Guerra Fria e foi fundo no *apartheid* sul-africano, além de traduzir Federico García Lorca (inclusive os sonetos, com toda a magia, a cor, o sabor e o acento andaluz), poliglota experiente, linguista talentoso e persistente, lexicógrafo inovador, William Agel de Mello tornou agora as línguas românicas ainda mais próximas e tangíveis e os povos que as falam ainda mais irmãos e amigos.

A série de vocabulários do Dicionário Geral das Línguas Românicas está centrada na língua portuguesa, mas qualquer consulente, mesmo que desconheça a língua portuguesa, pode, a partir dela, chegar a qualquer um dos outros tantos vocabulários. Exemplo: um francês deseja saber como é *aujourd'hui* em italiano. Bastar-lhe-ia ir ao vocabulário hoje em português e descobrir que *aujourd'hui* é hoje em português. De posse do vocabulário hoje, ele vai ele vai ao português-italiano e encontra *oggi*. Vê-se que a língua portuguesa serve de âncora para permitir uma interação entre as diversas línguas românicas – o que, além de útil, pode ser até divertido.

DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Adriano da Gama Kury

Três linguistas de renome (Max Leopold Wagner, Matteo Bartoli e José Leite de Vasconcelos), que se dedicaram ao estudo de três línguas românicas minoritárias (Sardo, Dalmático e Mirandês), ocupam uma posição ímpar no universo das línguas neolatinas, e constituem a maior referência no âmbito das línguas estudadas por eles.

Max Leopold Wagner escreveu *Il Sardo: storia, spirito e forma*. Matteo Bartoli escreveu *Das Dalmatische*. José Leite de Vasconcelos escreveu *Estudos de Filologia Mirandesa e o Dialecto Mirandês*.

William Agel de Mello deu uma contribuição inestimável no que concerne à lexicografia românica. Escreveu o *Dicionário Geral das Línguas Românicas* e o *Dicionário Geral das Línguas Românicas da Península Ibérica*, com os seguintes recordes mundiais:

- 1) A maior obra de dicionários românicos bilíngues do mundo com base numa língua novilatina,
- 2) 13 dicionários únicos no mundo:
 - a) Aragonês-Português-Aragonês
 - b) Aranês-Português-Aranês
 - c) Asturiano-Português-Asturiano
 - d) Provençal-Português-Provençal
 - e) Reto-Românico-Português-Reto-Românico
 - f) Romeno-Português
 - g) Sardo-Português-Sardo
- 3) O único dicionário que reúne as 8 línguas românicas faladas na Península Ibérica, centradas numa língua neolatina;
- 4) O primeiro dicionário Catalão-Português-Catalão;
- 5) O único dicionário Mirandês-Português-Mirandês publicado fora de Portugal;
- 6) O único dicionário Galego-Português-Galego publicado fora da Galiza;
- 7) No Brasil, com exceção das línguas mais conhecidas (Espanhol, Francês e italiano), todos os outros dicionários são únicos.

Não menos importante é a sua contribuição no campo da linguística, com a publicação do livro *O Idioma Panlatino*, cujos fundamentos estão explicitados abaixo:

O conceituado romancista B. E. Vidos, no capítulo IV. da 2ª parte do seu *Manual de Linguística Românica*, “Dialeto e Língua”, assim se expressa quanto ao processo de dissolução do latim:

Devia ser possível representar todo o processo de dissolução e respectivamente de reconstrução do latim até os atuais dialetos e línguas românicas como uma sucessão de mudanças e de conservações.

Com o desenvolvimento do latim até os dialetos românicos a tradição linguística se dissolve; com o surgir das línguas nacionais se pisa novamente em terreno sólido, e se inicia de novo a tradição, mas uma tradição de outra espécie. (Traduzo da pág. 273 da tradução espanhola de Francisco de B. Moll, Madri, Aguilar, 1963.)

Mas seria errôneo pensar que, depois de formadas as línguas nacionais, o desenvolvimento houvesse chegado a um ponto morto. “A dissolução dialetal continua depois daquela data [século XV] até hoje em dia”, adverte.

É por causa dessa contínua diferenciação que os usuários de uma língua românica, salvo raras exceções, dificilmente conseguem compreender outra coirmã.

Foi pensando nessa dificuldade de intercompreensão que o diplomata-romancista William Agel de Mello ideou o *Idioma Panlatino*.

Revelando familiaridade com a bibliografia básica da Filologia Românica, o estudioso goiano oferece-nos um pequeno grande livro de leitura atraente e instrutiva – que indicarei prazerosamente como auxiliar prestimoso aos meus alunos de Filologia Românica.

Não se limita William Agel de Mello a expor-nos a teoria do *Idioma Panlatino*, no capítulo III, a que voltarei mais adiante.

Um dos mais extensos e eruditos capítulos é o 1º, “A classificação das línguas”, em que o autor nos apresenta, além de uma bem-elaborada sinopse da classificação das quase 3.000 línguas que se falam hoje no mundo, uma notícia mais detalhada do suaíli, língua da África falada por mais de 50 milhões de pessoas. São subtítulos importantes deste capítulo: “O parentesco entre as línguas” e “As línguas indo-europeias”.

O longo capítulo II é dedicado às línguas neolatinas, campo de especialização de William Agel de Mello, que já publicou numerosos dicionários médios bilíngues, pioneiros, como o catalão-português, o galego-português (e vice-versa), o romeno-português (e vice-versa), o sardo-português (e vice-versa), o reto-românico-português (e vice-versa).

Revelando o seu senso didático, o autor propõe, com o auxílio de excelente quadro sinóptico, uma classificação que leva em conta os aspectos que se quer pôr em evidência, desde o critério linguístico ao filológico-literário e ao geográfico. Este capítulo inclui os textos mais antigos das várias línguas românicas, o que lhe empresta caráter filológico de grande valia.

É no capítulo III, como já disse, que William Agel de Mello expõe sua teoria do Idioma Panlatino. Convém reproduzir um trecho fundamental do autor (pág. 90):

Em rigor, as línguas neolatinas são uma continuação natural e espontânea do latim vulgar, modificado por diversos fatores através dos tempos. Partindo de um tronco comum, em determinado momento histórico desmembraram-se da língua *mater*, seguindo seu curso evolutivo normal, independentemente. Partiram de um ponto unitário para a pluralidade de formas. O que se propõe agora é o contrário: trata-se do retorno à unidade partindo da pluralidade. A ideia básica é a convergência das línguas numa língua única. O idioma panlatino é, portanto, a síntese das línguas neolatinas.

Destaca o autor, duas páginas adiante, uma das finalidades do Panlatino: “servir de veículo de comunicação entre os povos que falam línguas afins”.

No subcapítulo “Formação dos vocábulos” vem exposto com clareza o método de se chegar à síntese desejável: põem-se em cotejo as várias línguas neolatinas para se obter um núcleo comum. O exemplo fornecido esclarece o processo: a comparação das denominações para *homem* leva ao denominador comum *hom*; usando-se a desinência-o para o masculino, tem-se a palavra *homo*. Juntando-se a este substantivo o adjetivo *bono*, obtido pelo mesmo processo, chega-se à expressão *homo bono*, que “traduz” homem bom e seus equivalentes nas demais línguas românicas.

Com regras fixas, estabelecidas com base em determinados paradigmas, o Panlatino põe cobro às irregularidades das línguas de formação natural. Desse modo, “mantém as virtudes das línguas afins e elimina as suas imperfeições”.

William demonstra que o mesmo procedimento pode aplicar-se a outras línguas de uma mesma família, para se chegar a uma língua-síntese: o pangermânico, o pan-eslavo, o pancéltico, etc. E exemplifica com longa lista de vocábulos de cinco línguas germânicas, a qual levaria ao pangermânico.

Estipuladas as regras, resta agora encontrar quem esteja disposto a pôr mãos à obra e partir para a elaboração do vocabulário e da gramática do Panlatino, tarefa que exigirá muito trabalho e dedicação, a mesma dedicação que William Agel de Mello tem demonstrado sobejamente no preparo dos dicionários bilíngues que vem publicando.

Não para no terceiro capítulo o livro de William Agel de Mello: no capítulo IV, “As línguas artificiais ou criadas” faz-nos a revelação surpreendente de que o número de línguas artificiais supera o das naturais: “Em sua tentativa de desbabelizar o mundo, os criadores de idiomas chegaram a resultados diametralmente opostos aos de seus ideais. De fato, o grande número de línguas artificiais apenas contribuiu para aumentar o porte do edifício bíblico”.

E de todas elas, acrescenta, apenas o esperanto “ultrapassou incólume a faixa etária dos 100 anos”.

Lembra, ainda, que é impensável uma língua universal, visto que são inconciliáveis os traços característicos dos três tipos de línguas existentes no mundo: as flexionais, as aglutinantes e as isolantes. E qualquer das línguas artificiais criadas (ou por criar) só servirá aos falantes de um desses tipos. Além disso, “os idiomas estão classificados de acordo com a família genealógica a que pertencem. Daí o espírito das línguas latinas, germânicas, etc”.

Examinam-se, a seguir, os vários defeitos do “Basic English”, cuja extrema simplificação “reduz a conversação a uma base de infantilismo. Satisfaz somente as exigências primárias do espírito humano”.

Outro subcapítulo trata dos “crioulos”, línguas mistas que têm como base o léxico de uma língua ocidental, adaptado parcialmente ao sistema gramatical de línguas locais, especialmente do oceano Índico e das Antilhas.

O último capítulo deste livro do incansável pesquisador William Agel de Mello intitula-se “A tradução”, e nele se trata particularmente da tradução mecânica, que, segundo tudo leva a crer, “será a solução final para o tormentoso problema de Babel”.

O autor dá-nos a conhecer, aí, uma experiência pioneira que levou a cabo: “dicionário falante ilustrado”, cujas características descreve e que o leitor interessado conhecerá percorrendo o capítulo.

Estão, pois, de parabéns os estudiosos com este novo livro de William Agel de Mello, que se afirma como um dos mais capazes *experts* nesse campo maravilhoso das línguas.

156 DICIONÁRIOS E 14 LÍNGUAS

*Adovaldo Fernandes Sampaio**

156 dIcionários bilíngues românicos e 26 dicionários centrados na língua portuguesa: o Dicionário Geral das Línguas Românicas, de William Agel de Mello

O diplomata, escritor, ensaísta, tradutor e lexicógrafo William Agel de Mello realizou uma obra única no mundo: 26 dicionários bilíngues e, centrados na língua portuguesa, cobrem o universo de 14 línguas românicas, ou delas para o português: aragonês, aranês, asturiano, catalão, espanhol, francês, galego, italiano, mirandês, provençal, reto-românico, romeno, sardo.

É uma obra que se impõe pela originalidade e pelo pioneirismo, portador de vários recordes mundiais. Além do interesse linguístico e lexicográfico, o Dicionário Geral das Línguas Românicas, de William Agel de Mello, permite que qualquer consulente, ou de qualquer parte do mundo, que conheça apenas uma língua românica, possa ter acesso ao vocabulário de qualquer uma das línguas latinas. Um exemplo: alguém que saiba, suponhamos, algumas palavras de reto-românico, e deseje saber como é *spieghel em, digamos, romeno*, terá apenas de verificar no vocabulário reto-românico-português (óculos) e, em seguida, procurar no vocabulário português-romeno o correspondente na palavra desenada: *ochelari*. Com isso, mediante o português fazendo conexão entre os idiomas, temos ao alcance 157 vocabulários românicos bilíngues.

Por ser o maior conjunto lexicográfico do mundo centrado numa língua novilatina, o Dicionário Geral das Línguas Românicas, de William Agel de Mello promove a integração dos povos latinos e propicia a interação dos idiomas.

* Adovaldo Fernandes Sampaio é autor do livro *Línguas e Dialetos Românicos e Germânicos*.

AS LÍNGUAS NEOLATINAS

William Agel de Mello

As línguas neolatinas constituem um grupo de línguas genética e genealogicamente afins, e que procedem de um tronco comum – o latim – o qual, por sua vez, se situa entre as línguas indo-europeias, mais propriamente no ramo *centum*.

Inexiste um consenso no que diz respeito à classificação das línguas românicas. E, quando se pretende a adoção de uma classificação definitiva, logo se estabelece a polémica em matéria controvertida.

Frederico Diez, (1) na sua monumental *Grammatik der romanischen Sprachen*, reconhecia o *status* de seis línguas latinas: o italiano e o valáquio (= romeno), o espanhol e o português, o provençal e o francês. Mas o critério utilizado por Diez, conforme comenta Tagliavini, “era fondato su basi non strettamente linguistiche, ma prevalentemente culturali e storiche”. (2) Levava em conta apenas as línguas que haviam atingido determinado grau de desenvolvimento literário.

A classificação de Meyer-Lubke, por outro lado, englobava nove línguas: romeno, dalmático, reto-romanche (=ladino), italiano, sardo, provençal, francês, espanhol, português. Meyer-Lubke negava, pelo exposto, o carácter de língua independente não somente ao catalão, mas também ao franco-provençal. (3) O próprio Mestre reconheceu o erro em que havia incorrido com respeito ao catalão, na sua monumental *Gramática das Línguas Românicas*, (4) considerando o catalão apenas como um dialeto provençal. Entretanto, em 1925, quando publicou *Das Katalanische*, retificou sua posição.

Tagliavini, mesmo reconhecendo os obstáculos de uma classificação rígida e sem defeitos, apresenta a seguinte classificação das línguas novilatinas:

a) Romeno ————— | Balcano-românico

b) Dalmático
Italiano ————— | Ítalo-românico
Sardo
Ladino

c) Francês
Franco-provençal ————— | Galo-românico
Provençal (e gascão)
Catalão

d) Espanhol
Português ————— | Ibero-românico

O dalmático e o catalão ocupam uma posição singular dentro do contexto neolatino.

O dalmático representa, no dizer de Tagliavini, a ponte de passagem entre o balcano-românico e o ítalo-românico. Embora faça parte integrante do segundo grupo por suas afinidades, não deixa de ser uma continuação do latim oriental, quer pela semelhança com o romeno, quer pelos pontos de contato que mantém com os elementos latinos do albanês.

O mesmo se pode dizer com relação ao catalão que, classificado no grupo galo-românico, também está ligado estreitamente com o ibero-românico, representando a zona intermediária entre os dois grupos.

Tendo em vista a dificuldade de se encontrar unanimidade na matéria, talvez não fosse demasiado propor uma classificação cujos tópicos ressaltassem a valorização dos aspectos que se quer pôr em evidência. Assim, as línguas da família neolatina poderiam ser classificadas da seguinte maneira:

1. Quanto ao número e à ordem geográfica (de Ocidente para Oriente): português, galego, mirandês, espanhol, asturiano, aragonês, catalão, francês, provençal, franco-provençal, gascão, valão, reto-românico, vêneto, genovês, piemontês, corso, sardo, italiano, dalmático, romeno.

Falta mencionar as outras línguas românicas minoritárias faladas na França (línguas *d'oc* e línguas *d'oïl*) e também na Itália, provenientes diretamente do latim. (5)

2. Quanto ao grupo a que estão vinculadas: balcânicas, itálicas, gálicas, ibéricas.

3. Quanto ao critério geográfico: continentais, peninsulares e insulares; orientais e ocidentais.

a) Continentais: francês, ladino, franco-provençal, provençal, gascão, valão;

b) Peninsulares: balcânicas: romeno;
itálicas: dalmático, italiano, piemontês,
genovês, vêneto e corso;
gálica: catalão;

ibéricas: espanhol, asturiano, aragonês,
português, mirandês, galego, catalão;

c) Insulares: sardo, corso;

d) Orientais: romeno, dalmático, italiano, piemontês,
genovês, vêneto;

e) Ocidentais: espanhol, asturiano, aragonês, português, galego, mirandês, catalão, provençal, franco-provençal, francês, ladino, sardo, corso;

4. Línguas intermediárias: dalmático e catalão.

DOMÍNIO LINGUÍSTICO

1. Português

a) na Europa: Portugal, ilha dos Açores e Madeira;

b) na África: Cabo Verde, Guiné, Moçambique, Angola, Zanzibar;

c) na Ásia: Macau, Goa, Damão, Malaca;

d) na Oceânia: Timor;

e) na América: Brasil;

f) alguns pontos da Espanha, na fronteira com Portugal: Ermisende, Alamedilha, San Martins de Trevejo, Eljas e Valverde del Fresno, Olivença.

2. Mirandês

O mirandês é falado por cerca de 15 mil pessoas, em Miranda do Douro, Vinioso e Mogadouro.

Em 17 de setembro de 1998, foi reconhecido como língua oficial pelo Parlamento de Portugal. Mantém contato estreito com o asturo-leonês e o português. O mirandês tem três subdialetos (central ou normal, setentrional ou raiano, meridional ou sendinês).

No ano de 2008 foi estabelecida uma convenção ortográfica, sob a égide da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

3. Espanhol

- a) na Europa: Espanha;
- b) na África: Saara Espanhol;
- c) na América: América Latina (exceto o Brasil e alguns países da América Central e Caribe);
- d) na península balcânica, mormente Salônica, falado pelos judeus espanhóis (sefardim), com características marcadamente arcaicas.

4. Aragonês

Falado em Aragão, Somontano, Sobrarbe e Ribagorça.

Menos de 25 mil pessoas falam o idioma e seu número tende a diminuir cada vez mais, pressionado pelo espanhol. É uma das línguas europeias ameaçadas de extinção, apesar dos esforços de entidades culturais, tais como o Consello d'a Fabla Aragonesa e a Academia do Aragonês.

O primeiro congresso para normalização do Aragonês foi realizado em Uesca, em 1987.

5. Asturiano ou bable, asturo-leonês ou, simplesmente, leonês

Falado nas Astúrias, partes de León, da Cantábria, de Salamanca, Zamora e Extremadura, por cerca de 100 mil pessoas. Durante a ditadura franquista, as línguas regionais espanholas sofreram uma impiedosa repressão. A partir de 1978, os movimentos nacionalistas, via entidades culturais, tomaram uma série de medidas para revigorar os referidos idiomas. Existem três variantes do asturiano: ocidental, central e oriental.

Não possui caráter oficial, mas está protegida pelo Estatuto de Autonomia e é de inclusão oficial no currículo escolar

6. Galego

Em determinado momento histórico, o galego e o português atuais constituíram uma unidade linguística: o galaico-português, ou galego-português. Entretanto, em meados do século XIV, desmembraram-se um outro, seguindo seu curso natural.

Em seu período de apogeu, o galego foi a língua convencional da lírica cortesã na Galiza e também em Castela.

Colocado sob a órbita política da Espanha, o galego sofreu uma verdadeira invasão de castelhanismos, no léxico, que substituíram vocábulos legitimamente galegos. Por outro lado, o espanhol, língua oficial, teve seu prestígio bastante aumentado, como representante de uma cultura superior, e também pelo fato de a Espanha ter sido uma das nações mais poderosas em determinada época.

O galego passou por uma fase de decadência e obscurantismo, e no curso dos séculos XVI, XVII e XVIII raríssimas vezes era empregado em documentos legais.

O Padre Sarmiento (*Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega*, página 43) queixava-se da falta de interesse pelo estudo do galego:

.. Pero quién querría dedicarse a este trabajo? Ninguno que no sea gallego jamás pensará en tal cosa, juzgándola inútil y árida. Los gallegos que salen fuera del reino están en la posición de hacer estudio en olvidar su lengua, y los que siempre viven y han vivido en él jamás han pensado en eso: de ahí viene el que hasta ahora no he visto una hoja siqueira en que se trate del idioma gallego, ni menos un pequeño *Diccionario de sus voces*.(6)

A influência da língua castelhana sobre o galego ainda continua constante e ininterruptamente. Como diz William J. Entwistle (*As Línguas da Espanha: Castelhana, Catalão, Vasco e Galego-Português*): “A estrada de ferro aproximou a região de Madri, e com isso aumentou a demanda de uma língua de maior utilidade que a local. As cidades maiores (Vigo, La Coruña, Santiago, Lugo) são centros de castelhanização, à parte de albergar pequenos grupos dedicados ao culto da língua; e o ensino é em espanhol”. (7)

A fragmentação dialetal mais a penetração maciça do espanhol induziram à pluralidade vocabular para expressão dos pensamentos, ou seja, as diversas grafias de que se reveste, por vezes, o mesmo vocábulo em galego. Exemplificando com os seguintes substantivos: *igreja, verão, abutre e arame*. *Igrexa, egrexa, ilesia, eigrexa, eirexa; berán, berao, berau, bran, brao, brau; bóutere, boutre, brute, bruite, abutre; arame, alame, alamio, arambre, aráme, aramio*.

Como o galego está imprensado entre o português e o espanhol, a ortografia reflete a tendência ora para uma ora para outra língua. Podem ser catalogados vocábulos tais como *nascimento e nacemento*, cuja procedência gráfica denota influência do português e do espanhol, respectivamente. (8)

O livro do professor Francisco Fernández Rei – *Dialectologia da Língua Galega* – publicado pela Edicións Xerais de Galicia, em 1990, veio preencher uma importante lacuna e esclarecer vários pontos a respeito.

Os trabalhos para a elaboração do primeiro *Atlas Lingüístico de Galicia*, sob a égide do Instituto da Língua Galega, começaram em novembro de 1974, e o professor Francisco Fernández Rei foi o coordenador e redator do primeiro volume.

O professor Francisco Fernández Rei em seu artigo *Galego oral e galego estándar. Consideracións sobre a codificación léxica e as variedades sociais*, informa:

A codificación do galego moderno

Ata a segunda metade do séc. XX en Galicia non existiu nin unha Academia nin ningunha individualidade que propuxesen un modelo lingüístico de referencia, o que explica que en ortografía e morfoloxía valesse case todo e en léxico todo e moito máis, se temos en conta as voces inventadas por moi diversos procedementos.

Nos anos 70 e comezos dos 80 do séc. XX houbo un florecemento de propostas de normas ortográficas e morfolóxicas (FERNÁNDEZ REI 2001: 534-538); pero cando o galego estendeu a súa produción literaria e, sobre todo, cando se lle abriron funcións novas e se converteu nos anos 80 en materia de ensino regrado non podía continuar a inexistencia dunha codificación oficial máis ou menos flexible. De aí o decreto 173/1982, do 17 de novembro da Xunta de Galicia, sobre a normativización da Lingua Galega, que no art. 1º dispoñía como “norma básica para a unidade ortográfica e morfolóxica da Lingua Galega” as Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego (ILG-RAG 1982) aprobadas o 3 de xullo de 1982 polo Instituto da Lingua Galega e a Real Academia Galega. O art. 2º do devandito decreto establecía que estas institucións “poderán, previo acordo conxunto, elevar á Xunta de Galicia cantas melloras estimen convenientes incorporar ás normas básicas”.

É óbvio que, desmembrado do português, palavras como saudade e mágua, o infinito pessoal, determinadas frases idiomáticas têm o mesmo significado em ambos. Entretanto, algumas palavras há de rara beleza, bastante expressivas, que traduzem uma realidade com os próprios meios, e que não encontram paralelo na língua de que se desprende. Eis uma contribuição do galego.

Outra particularidade tem o galego

...y es que no tiene voz ninguna morisca, pues aunque los moros han hecho sus irrupciones en Galicia, jamás hicieron pie fijo en ella, ni hubo allí jamás príncipe alguno o reyuelo mahometano. No goza la lengua castellana de este privilegio, si bien el castellano muy antiguo estuvo tan limpio como el idioma gallego; pero después de las conquistas se llenó de voces moriscas o arábigas. (9)

7. Catalão

- a) território continental espanhol (na Catalunha: províncias de Barcelona, Tarragona, Gerona e Lérida);
- b) nas ilhas Baleares;
- c) no Principado de Andorra, onde é a língua oficial;
- d) no Departamento francês dos Pireneus Orientais, no Roussillon, Catalunha francesa;
- e) na cidade de Alguer (Alghero), localizada na parte ocidental da ilha da Sardenha.

8. Línguas românicas faladas na França: línguas *d'oc* ou occitano e línguas *d'oïl*

As línguas românicas faladas na França são independentes, oriundas diretamente do latim, com seus dialetos e subdialetos.

As línguas *d'oïl* são faladas na parte setentrional da França.

As línguas *d'oc* são os idiomas falados no Midi da França, do departamento da Gironda aos Altos-Alpes. As estimativas mais recentes apresentam o número de cerca de 2 milhões de usuários.

Na época dos trovadores, prevalecia uma certa unidade linguística, mas a partir do XIII século, as diferenças foram se acentuando, até confluir na fragmentação atual.

As divisões do occitano são as seguintes:

- o occitano setentrional, que compreende o limusino, o auvergnat e o provençal alpino;
- o occitano meridional (ou occitano médio), que engloba o languedociano, o provençal marítimo e o nicês (niçart);
- o gascão e o bearnês.

9. Francês

No século XVI, o francês passou a ser obrigatório para todos os textos jurídicos.

Em 1635, foi fundada a Academia Francesa.

O francês atual deriva do franciano, falado na Ilha de França (l'Île de France) e, graças a uma série de fatores, impôs-se sobre todas as outras línguas.

Língua oficial da França, o francês em determinado momento histórico desempenhou o papel de “língua universal”, a par do que está acontecendo com o inglês atualmente. Foi a língua diplomática até durante muito tempo, e gozou de um prestígio cultural sem par, constituindo-se mesmo em segunda língua dos intelectuais e artistas de todo o mundo.

O mundo francofônico é composto dos seguintes países: Argélia, Bélgica, Benin, Burúndi, Camboja, Camarões, Canadá, Comores, Djibúti, República Centrafricana, Costa do Marfim, França, Gabão, Guadalupe, Guiana, Haiti, Alto Volta, Laos, Líbano, Luxemburgo, Madagáscar, Mali, Marrocos, Martinica, Maurício, Maurítânia, Mônaco, Níger, Nova Caledônia, Vanuato, Polinésia, Reunião, Ruanda, Síria, Senegal, Seychelles, Suíça, Chade, Togo, Vietnã, Congo Kinshasa, Congo Brazavile, Guiné. (10)

10. Gascão

Falado na Gasconha. E também no Vale de Arán, na Espanha, onde recebe o nome de aranês, utilizado por cerca de 5 mil pessoas. O gascão, de arraigado conservadorismo morfológico, tem características próprias, principalmente levando-se em conta os seus substratos ibéricos que o distinguem sobremaneira dos dialetos de tipo provençal. Tanto é verdade que nas *Leys d'amor* se lê: “*Apelam lengatge estranh coma frances, engles, espanhol,*

gasco, lombard". Por outro lado, mantém pontos de contato com o catalão e o aragonês. Conta com vários dialetos.

O aranês foi declarado idioma cooficial em 28 de junho de 1990. É falado no Vale de Arão (la Vall d'Aran) de parilha com o catalão e o castelhano.

O Vale de Arão é uma comarca espanhola situada nos Pireneus centrais, no noroeste da Catalunha. Sua capital é Vielha.

11. Valão

Falado na Valônia (Bélgica e Picardia francesa), e residualmente, no estado americano de Wisconsin.

12. Provençal

No Sul da França. São cinco os grupos de dialetos provençais:

- a) grupo provençal (ou meio-provençal) de Agen a Nice;
- b) grupo languedociano-guinês;
- c) grupo aquitano;
- d) grupo auverniano-limosino;
- e) grupo alpino-delfinês.

13. Franco-Provençal

Nos altos vales alpinos italianos, desde o Grande São Bernardo até os afluentes do Pó, na Suíça Romanda, e na França Meridional (no Sul dos Departamentos do Doubs e do Jura, nos Departamento do Ain, do Ródano, e do Loira, no Norte do Dione, no Isère, na Saboia e Alta-Saboia.

Conta com uma variedade expressiva de dialetos.

Cerca de 100 mil pessoas falam o Franco-Provençal.

É difícil estabelecer os limites precisos do franco-provençal, principalmente à medida que se avança para o norte. Mais difícil ainda é traçar uma linha divisória rigorosa entre o franco-provençal e o provençal.

A expressão franco-provençal foi utilizada pela primeira vez por G. Isaia Ascoli, em 1874, nos *Schizzi franco-provenzali*.

Alguns linguístas preferem o termo francoprovençal – e não franco-provençal.

A padronização do idioma deu-se em 1998 com a publicação de *Parlons francoprovençal – une langue méconnue*.

14. As línguas românicas faladas na Itália

As línguas românicas faladas na Itália são independentes, oriundas diretamente do latim, com seus dialetos e subdialetos.

A Itália – antes da unificação, ocorrida em 1861, com o *Risorgimento* italiano – era dividida em diversos reinos, com línguas e dialetos próprios.

O italiano atual é derivado do toscano, especialmente do florentino, e se impôs como língua oficial em virtude do prestígio cultural de Florença, berço do maior escritor italiano – Dante Alighieri, autor da *Divina Comédia*.

O italiano é a língua que mais se aproxima do latim, depois do sardo.

15. Italiano

É falado nas seguintes regiões:

- a) na República Italiana;
- b) na República de San Marino;
- c) no Vaticano;
- d) na Suíça Italiana (cantão Ticino e os quatro vales: Calanca, Mesocco ou Mesalcingo, Bregaglia e Poschiano no cantão dos Grisões);
- e) na Córsega;
- f) na Veneza Giulia e na Ístria, sob o domínio político iugoslavo a partir da Segunda Guerra Mundial;
- g) nos principais centros da costa dálmata;
- h) em alguns pontos de Nice;
- i) em parte do Principado de Mônaco;
- j) em Malta, como uma espécie de língua de cultura.

É de notar que a Itália é um país de emigração por excelência, e há vários núcleos de cultura italiana espalhados no mundo, principalmente nos Estados Unidos, na Argentina, no Brasil.

16. Sardo

Falado na Sardenha. É uma língua de tipo arcaico, e a que mais se assemelha ao latim entre todas as línguas românicas. Subdivide-se em quatro variedades dialetais principais:

- a) logudorês, falado em Logudoro;
- b) campidanês, no Campidano;
- c) galurês, na Galura;
- d) sassarês, em Sássari. (11)

O logudorês é o mais representativo porque, durante muito tempo, foi usado como uma espécie de “vulgar ilustre” por poetas e escritores sardos. Giovanni Campus, citado por Tagliavini, enfoca três variedades do logudorês:

- a) variedade meridional (Núoro); (12)
- b) variedade central (Bonorva);
- c) variedade setentrional (Ozieri).

17. Corso

Falado na Córsega e no norte da Sardenha. Os principais dialetos são: o ultramontano e o cismontano. Os primeiros textos genuinamente corsos datam do século XVII.

18. Vêneto

Domínio linguístico:

1. Norte da Itália
2. Croácia
3. Eslovênia
4. Romênia (Tulcea)
5. México (Chipilo e Colônia Manuel González)
6. Brasil

Em 28 de março de 2007, o Conselho Regional do Vêneto reconheceu, oficialmente, o Vêneto como língua. O vêneto não deve ser confundido com o venético, idioma já extinto, falado na região do Vêneto (século VI a.C).

Na época do apogeu, que coincidiu com a República de Veneza, era utilizado como língua franca no Mediterrâneo.

O vêneto ainda não dispõe de um sistema de escrita oficial, apesar das tentativas para padronizá-la.

No México, os falantes do vêneto em Chipito empregam um sistema com base na ortografia espanhola. C. Mackay propôs um sistema de escrita que segue o alfabeto italiano.

No Brasil, a variante da língua vêneto é denominada talian, em vigor nos estados do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo e, em menor número, em São Paulo e no Paraná.

Os municípios de Bento Gonçalves e Serafina Corrêa oficializaram o talian no serviço público. Rio Grande do Sul e Santa Catarina são Estados em que o talian goza de *status* de patrimônio linguístico, e é falado por cerca de 500 mil pessoas.

19. Reto-românico ou rético

Falado no cantão dos Grisões, na Suíça e no Tirol (Áustria e Itália) e no Friul (Itália). Até os primórdios do século XIX foi também empregado em parte na Ístria. Nos Grisões há quatro variedades, cada uma englobando vários dialetos:

a) o romanche engadinês ou ladino, com os dialetos da Alta e Baixa Engadina e do vale Mustair;

b) o romanche renano: o *sursilvan* (vale do Reno anterior), o *sutsilvan* (Schams, Domlescheg) e o *surmiran* (Oberhalbstein, Unterhalbstein, Bergun-Filisur).

Em 20 de fevereiro de 1938, o reto-românico foi reconhecido oficialmente como a quarta língua da Confederação Helvética. (13)

20. Piemontês

É falado no norte da Itália, Piemonte, por cerca de 2 milhões de falantes. O piemontês foi reconhecido como língua independente por muitos linguistas de renome. A Itália o reconhece como língua regional.

21. Genovês, lígure ou liguriano

Falado na Itália ((Ligúria), na França (Menton) e em Mônaco.

O monegasco é o principal dialeto.

22. Dalmático ou Dálmata

Idioma extinto, seu domínio estendia-se na região litorânea do Adriático, na Dalmácia, de Veglia a Ragusa. Foi perdendo terreno gradativamente para o eslavo e, em menor escala, para o albanês, no sul. Além disso, a influência vêneto se fez sentir de maneira avassaladora, contribuindo para que o dalmático ficasse reduzido a verdadeiras ilhas linguísticas. As novas gerações descuraram por completo do aprendizado da língua românica. O último conhecedor do antigo velhoto, Antônio Udina, o “Burbur”, morreu vítima de uma explosão de dinamite de uma mina, quando trabalhava na construção de uma estrada, em 10 de junho de 1898, com 77 anos de idade.

O dalmático deu origem a duas ramificações: o ragusano, documentado em textos medievais e o veglioto, de Veglia.

O maior estudioso do idioma foi Matteo Bartoli (1873-1946) que escreveu **Das Dalmatische**, publicado em Viena, em 1906. Felizmente, o linguista italiano ainda teve tempo de recolher valiosas informações sobre a língua, em entrevistas com Antônio Udina.

A descoberta científica do dalmático é mérito do linguista Bernardino Biondelle, tornada pública em 1842.

23. Romeno (14)

Subdivide-se em quatro principais dialetos:

- a) daco-romeno, falado na Romênia, Bessarábia e parte de Bucovina, parte do Banato (pertencente à Iugoslávia), em alguns pontos da Hungria e da Bulgária; O daco-romeno, por sua vez, subdivide-se em várias variedades dialetais;
- b) mácedo-romeno (ou aromeno), falado em vários pontos da península balcânica: na Albânia, na Iugoslávia, na Grécia, na Bulgária;
- c) megleno-romeno (ou meglenítico), falado em parte de Salonica, na Ásia Menor, em Dobrúgia e Nanta;
- d) istro-romeno, falado em pontos da Ístria, e nas vizinhanças do monte Maggiore, perto de Fiume.

24. Moldavo, moldávio ou moldavano

O moldávio é considerado pelos linguistas soviéticos, entre os quais se incluem M. Sergievskij, como uma unidade à parte, independente do romeno. Alguns linguistas da atualidade partilham da mesma opinião. É falado por cerca de três milhões de indivíduos no território da ex-República Soviética Socialista Moldava, no distrito moldávio de Kirovograd e em certas localidades da Ucrânia. Escrito com alfabeto latino (exceto no período compreendido entre os anos 1944 a 1989, quando se adotou o alfabeto cirílico).

25. Línguas ou dialetos?

As duas opiniões brigam. Entram nessa categoria várias línguas ou dialetos (ver nota 5).

Em seu artigo *Plurilingüismo y contacto de lenguas en la Romania Europea*, o professor Francisco Fernández Rei, da Universidade de Santiago de Compostela, traz a seguinte informação a respeito

Lingüísticamente resulta prácticamente imposible definir lengua y dialecto con criterios absolutamente válidos, porque lo que esencialmente define esos conceptos son criterios extralingüísticos, entre los cuales ocupa un papel relevante la conciencia de una comunidade de poseer un idioma propio, diferente de sus vecinos, signo de identidad, que trata de mantener elaborándolo y extendiendo su uso cuando se trata de idiomas minorizados.

En Lombardía y Apulia se hablan dialectos latinos mutuamente incomprensibles, con menos fenómenos en común entre sí que los existentes entre la lengua española y la portuguesa, pero se consideran dialectos italianos. El noruego y el sueco son dos lenguas tan similares entre sí como los dialectos alemanes de Turingia y Sajonia; y si se cruza en la región del Bajo Rin el confín entre Alemania y Holanda, apenas se percibe diferencia lingüística, a pesar de que el dialecto hablado al este del confín se considera alemán y el hablado en el este holandés. Tras siglos de autónomo desarrollo político y cultural el español y el portugués se convirtieron en lenguas distintas, al igual que el noruego y el sueco, el holandés y el alemán (Schlösser 2001, p. 120).

26. Quantas e quais são as línguas românicas?

No artigo citado, lê-se textualmente:

Nacimiento y reconocimiento de nuevas lenguas románicas

Al analizar el estatus teórico y el valor ideológico del concepto de variación en la romanística, Bochmann (1985) afirmaba que el romanista se encontraba en una situación paradójica por no estar definido claramente su objeto de investigación, las lenguas románicas. Preguntas no irrelevantes como cuantas hay y cuales son no tienen una respuesta exacta, porque desde la publicación de la *Grammatik* de Diez de 1836 nacieron nuevas lenguas al modificarse los criterios con que definir las.

La importancia política del reconocimiento o no reconocimiento de las lenguas se incrementó de modo imprevisto, por lo que en la romanística existe actualmente un amplio espectro de formas lingüísticas, sin que se salven de la problemática las “grandes” lenguas románicas.

Falta dizer que as línguas regionais estão em vias de desaparecimento, pressionadas pela língua oficial.

OS TEXTOS MAIS ANTIGOS DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

I – Francês

O mais antigo documento contínuo é constituído pelos célebres juramentos de Estrasburgo, de meados do século IX, vazado em vulgar romance. Refere-se a um pacto entre Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo, contra o irmão Lotário, filhos de Luís, o Piedoso. O pacto, celebrado nas cercanias de Estrasburgo, após a batalha de Fontenoy-en-Puisaye (25/6/84) resultou na paz de Verdun imposta *manu militari* ao irmão dissidente.

Luís, o Germânico, era soberano da parte oriental do Império franco (de domínio linguístico alemão) e Carlos, o Calvo, da parte ocidental (de domínio linguístico galo-romance).

Durante a cerimônia de prestação de juramento, ficou assentado que Luís utilizaria o idioma francês em sua alocução; e Carlos, o alemão. (Os chefes dos exércitos respectivos, entretanto, prestaram juramento em sua própria língua.) A reprodução dos textos consta da *História* de Nitardo, primo dos reis adversários, e testemunha ocular dos acontecimentos.

Seguem, na íntegra, os juramentos de Estrasburgo:

.. Cumque Karolus haec eadem uerba romana lingua perorasset, Lodhuuicus, quoniam maior natu erat, prior haec deinde se seruaturum testatus est: Pro Deo amur et pro cristian poblo et nostro commun saluament, d'ist di in auant, in quant Deus sauir et podir me dunat, si saluarai eo cist meon fradre Karlo, et in a(d)judha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra saluar dift, in o quid il mi altresi fazet, et ab Ludher nul plaid nunquam prindra qui, meon uol, cist meon fradre Karle in damno sit.

Quod cum Lodhuuicus explessset, Karolus teudisca lingua sic haec eadem uerba testatus est: In Godes minna ind in thes cristianes folches ind unser bedhero gehaltnissi, fon thesemo dage frammordes, so fram so mir Got gewizci indi mahd furgibit, so hald ih thesan minan brudher, soso man mit rehtu sinan brucher scal, in thiuhaz er mig so sama duo, indi mit Ludheren in nohheiniu thing ne gegango, the, minan willon, imo ce scadhen uerdhen.

Sacramentum autem quod utrorumque populus quique propria lingua testatus est, romana lingua sic se habet: Si Lodhuuigs sagrament, que son fradre Karlo iurat, conseruat, et Karlus, meos sendra, de suo part non los tanit, si io returnar non l'int pois, ne io ne neuls cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Lodhuuig nun li iu er.

Teudisca autem lingua: Oba Karl then eid, then er sinemo brudher Ludhuuige gesuor geleistit, indi Ludhuuig, min herro, then er imo gesuor forbrihchit, ob ih inan es irwenden ne mag, noh thero nohhein, then ih es inwenden mag, uuidhar Karle imo ce follusti ne uuirhdhit.

Quanto à exegese da interpretação dos textos, na parte relativa à linguagem, é ponto pacífico que o dialeto empregado para a redação do texto da representação alemã foi uma das variedades do francês renano. Entretanto, a identificação do dialeto da parte francesa apresenta uma série de dificuldades, e apesar de várias hipóteses aventadas por especialistas na matéria, não foi possível chegar a uma conclusão definitiva sobre o assunto. O dialeto seria de procedência setentrional (Picardia), ou de sudoeste (pictavino), ou de sudeste (franco-provençal)? A questão resta inconclusiva...

A Sequência de Santa Eulália

Trata-se de uma composição de cunho religioso, composta de 29 versos. Foi descoberta por Fallersleben em princípios do século XIX, na Biblioteca do convento beneditino de Saint-Amand e trasladado em 1791 para a biblioteca de Valenciennes, onde se mantém num códice.

Não se pode fixar com precisão a data de sua composição. Mas há um dado muito importante que lança luzes sobre a matéria. Trata-se de uma poesia alemã (15) que consta do manuscrito de Valenciennes, em honra de Luís III, da França, cujo tema exalta a vitória sobre os normandos na batalha de Saucourt, em 3 de agosto de 881.

Provavelmente, a Sequência de Santa Eulália teria sido escrita por algum frade do monastério de Saint-Amand, lugar de sua origem geográfica.

Eis a reprodução de parte do texto, de importância inestimável:

Buona pulcella fut Eulalia,
bel auret corps, bellezour anima.
Uoldrent la ueintre li Deo inimi,
uoldrent la faire diaule seruir.
Elle non eskoltet les mals conselliers,
qu'elle Deo raneiet chi maent sus en ciel,
Ne por or ne ned argent ne paramenz,
por manatce regiel ne preiement;
Niule cose non la pouret omque pleier
la polle sempre non amast lo Deo menestier...

Continuam a aparecer textos literários em épocas subsequentes, podendo-se mencionar, entre os mais antigos, a Paixão de Cristo e a Vida de São Lodegário (Vie de Saint Léger), cuja época de composição aproximada é o ano 1000, e cuja linguagem denota forte influência da língua d'oc.

No final do século XI, vem à luz a célebre Chanson de Roland, poema épico de autor anônimo, obra-prima das canções de gesta da literatura francesa. Há duas versões da Chanson de Roland: a anglo-normanda e a franco-italiana.

Tagliavini coteja alguns versos em ambas as versões. (16)

Rollan à messo l'olifant a sa boce.
Impinçi il ben, per gran virtù lo toce;
Grand quindes leugue la vox contra responde,
Çarlo l'olde et ses compagnon stretute.
Ço dis li roi: "Batailla fa nostri home!"
Et Ganelon responde a lo incontro:
"Se un altro lo disesse, el semblaria mençoigne!"
Rollant ad mis l'olifan a sa buche,
Empeint le ben, par grant vertu le sunet.
Halt sunt li pui e la voiz est mult lunge,
Karles l'oït et ses cumpaignes tutes.
Ço dit li reis: "Bataille funt nostre hume!"
E Guenelun li respundit encuntre
"S'altrel desist, ia semblast grand mençunge".

Pela escassez de dados, é inviável reconstruir a língua em que foram vazados os textos no original. De todas as formas, o veículo de expressão utilizado foi o francês literário.

A fim de dar uma ideia do grande poema épico, transcrevemos a seguir alguns trechos do capítulo CXXXIV.

Li quens Rollant par peine et par ahans,
Par grant dulong sunet sun olifan.
Par mi la buche en salt fors li cler sancs;

De sun cervel le temple en est rumpant.
 Del corn qu'il tient l'oïe en est mult grant:
 Karles l'entend ki est as porz passant;
 Naines li duc l'oïod, si l'escultent li Franc.
 Ce dist li reis: "Jo oi le corn Rollant!
 Unc nel sunat, se ne fust cumbatant."
 Guenes respont: "De bataille est il nient.
 Ja estes veiz et fluriz et blancs;
 Par tels paroles vus resemblez enfant;
 Asez savez le grant orgoill Rollant!
 Co est merveille que Deus le soefret tant:
 Ja prist il Noples seinz le vostre comant.
 Fors s'en eissirent li Sarrazins dedenz,
 Sis cumbatirent al bon vassal Rollant.
 Puis od les ewes lavat les prez del sanc.
 Pur cel le fist, ne fust [ap]arissant.
 Pur un sul levre vait tute jur cornant.
 Devant ses pers voit il ore gabant.
 Suz cel n'ad gent ki l'osast querre en champ.
 Gar chevalcez; pur qu'alez arestant?
 Tere Major mult est loinz ca devant".

II – Franco-provençal

Não chegou a produzir uma literatura digna de nota, notadamente por causa da importância do francês, que exerceu forte pressão cultural no território linguístico franco-provençal. Na Saboia, os dialetos locais foram obnubilados pelo latim, pelos menos durante certo tempo.

No século XI, há a registrar um fragmento de um poema sobre Alexandre Magno, encontrado em um manuscrito da Biblioteca Laurenciana de Florença no século passado. Traduzido na Idade Média pelo pároco Lamprecht, o qual atribuía ao frade Alberico de Bensaçon a autoria do poema. Mas prevalecem muitas dúvidas a respeito, inclusive de ordem linguística.

Há outros documentos, de escasso valor literário, mas de grande importância para o estudo da língua: a Lista dos Vassalos do Conde de Forez (século XIII), uma ata jurídica de Neuchâtel (1265), um documento sobre a administração dos condes de Vienne (1276), etc.

Entre os textos literários mais antigos encontram-se os seguintes: Lenda de São Bartolomeu (século XIII) em dialeto lionês; La Vieille Lavandière de Grenoble (século XVI) e Lo Banquet de la Faye, da mesma época, ambos atribuídos a Laurent de Briançon; a Chanson de l'Escalade de Genève (século XVII), etc.

Um extrato de Chanson de l'Escalade de Genève:

On vo dera qu'etai cela canaille.
 Lou Savoyar contre noutra mouraille
 Trai eitiellé on dressia et plianta,
 Et par iqué dou san y son monta.
 Etian antra, veniron u courdegarda,
 Yo i firon onna ruda montada.
 Is avion tenaillé et marté
 Qu'étivon fai avoi du boun acié."

III – Provençal

Os documentos mais antigos referem-se aos juramentos de fidelidade: do castelo de Lautrec (985 e 989), de Guilherme IV. de Montpellier (1059) e da abadia de Lerins.

Merece referência especial o documento de Rodez, o primeiro escrito no gênero em sua totalidade em vulgar provençal, com data de 1102. Abaixo discriminado, um excerto do referido documento.

In nomine Domini nostri Iesu Christi. Carta que fecit facere Ademaro Odo de tota sua honore.. Tota equesta honor qu'aissi es scripja qu'Ademars Odt á et tota l'altra que scripja no es qu'Ademars á, los feusals et las aventuras e las domengaduras c'a ni avenir li devo, assi con aquesta honres scripja es tota ni clerches legir la i pot, assi la dona Ademars Odt a Willemma se filla vocatda, ed at Arnal, fil de Chidernelz, et al(z) efanz c'Arnalz de Guillema aura, essez doas versanas que gadanet de Ramun Passarode...

Outro documento de valor incomensurável – e que constitui a atestação literária mais remota do Provençal – é o Boecis, ou Poema de Boécio, do qual restou um fragmento de 257 decassílabos, escrito por volta do ano 1000, em lemosino.

A amostra apresentada é a seguinte:

Donz fo Boecis, corps ag [e] bo e pró[s].
cui tan amet Torquator Mallios.
De sapiencia no fo trop nuallos;
tant en retenc que de tót no'n fo blos.
Tan bo esemple en laiset entre nos,
no cuid qu'e Roma om de so saber fos.

Coms fo de Roma, e ac ta gran ualor
Aprob Mallio, lo rei emperador:
el era'l meler de tota la onor.
de tot l'emperl'l tenien per senor.
Mas d'una causa u nom auia genzor:
de sapiencia l'apellauen doctor.

Outro texto pertencente à fase arcaica da língua refere-se à tradução dos capítulos 13-17 do Evangelho de São João, que remonta provavelmente ao século XI. O referido texto está preservado em um manuscrito do British Museum.

XIII, 1. Aván lo día festál della Pásca sabía lo Salvádre que la sóa óra vé que traspásse d'anquést mún au páer. Cum agués amát los sós chi éren el mún, en la fi los amét. 2. E fâcha la céna, cum diábles ja agués més eu cór que Júdas lo traís. 3. sabens que lo páer li donéth tótas cháusas a sas más e que de Déu eissit he a Déu vái. 4. léva de la céna e páusa sos vestiméns. E cum ac présa la lóala, preceis s'én. 5 D'aquí aprés més l'áiga en la cóncha e enquéth a lavár los pés déus disciples e estérzer ab la tóalia de que éra céins. 6. Dunc vénc a sáin Péire, e díiss li Péir: “Dóm, tu me lávas los pés?”. 7 Respondét li Jesús e díiss li: “Zo que eu fáz, tu no sábs aóra, mas póis o sabrás”. 8. Díiss li Péir: “Ja no mé lavarás los pés”. Respondet li Jesús: “Si éu nó'l lavarái, non aurás párt ab mé”. 9. Díiss li Péir: “Dóm, no solamén los pés, mas neéps las más e lo cháp”. 10. Díiss li Jesús: “Céll chi es lavát non a besóin que láu mas los pés, mas toz és néptes. E voz esz néptes, mas no túih”.

Dos séculos XI e XII aportaram duas poesias de cunho religioso, preservadas em um manuscrito da Bibliothèque Nationale de Paris. Os textos continuam a aparecer, mas é com a poesia trovadoresca, inaugurada por Guilherme IX, duque de Aquitânia, que atinge o ápice a literatura provençal, e que sabidamente exerceu grande influência nas cortes da Europa. Seus mais ilustres representantes são: Arnaut Daniel, Bernart de Ventadorn, Marcabru, Guiraut de Borneilh, Bertran de Born, Rimbaut de Vaqueiras, etc.

Entretanto, após a fase trovadoresca, a literatura provençal passou por um longo período de obscurantismo e decadência. Somente no século passado, sob a égide da sociedade Félibrige, que se criou um movimento destinado a restaurar a língua como instrumento de uma literatura expressiva, à cuja frente se encontravam os seguintes poetas: Roumanille, Aubanel e Mistral, que utilizavam dialetos de suas próprias regiões.

O francês tem exercido, continuamente, forte pressão, até mesmo contra os redutos mais conservadores do provençal, e foi uma das causas, se não a principal, da decadência da língua.

IV. – Gascão

São muito escassos os documentos referentes à fase inicial. Há um *descort* da autoria de Rimbaut de Vaqueiras, do final do século XII, escrito em várias línguas, inclusive em Gascão:

Dauna, io mi rent a bos,
 Coar sotz la mes bon'e bera,
 q'anc hos, e gaillard'e pros,
 Ab que no.m hossetz tan hera.
 Mout abetz beras haissos
 e color hresqu'e noera.
 Boste son, e sl'bs agos
nom destrengora hiera.

No que tange à prosa, consta o registro das atas da *commanderie du Temple* de Montsaunès, contidos em pergaminhos depositados no arquivo de Toulouse. A ata mais antiga é datada de setembro de 1179. Segue a amostra de um trecho:

Sciendum quod Gilem de Codz empena totz los dreitz que en la dezma de la Puiola auie els que auier ideuie, de la font deirer la borda entro a Montsalnes, an Gilem de la Gairiga, qui comanair era al die, e als alters frais de la mason de Montsalnes, per VIII. sol., d'aqera martror en V. ans...

Conservados num manuscrito da Biblioteca de Madrid encontram-se os textos em gascão da tradução da *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso.

Igualmente dignos de menção são os textos gascões do *Livro de Ouro* de Baiona.

V. – Valão

Le Théâtre Liégeois, óperas cômicas, do século 18, constitui o documento mais importante.

VI – Catalão

O provençal exerceu grande influência sobre a poesia catalã em seus primórdios, não só pelo prestígio da língua na época como também pelo estreitamento de relações políticas que adveio da união matrimonial de Berenguer III, conde de Barcelona, com Dolcia ou Dolcetta, herdeira do condado de Provença.

Entre os trovadores catalães mais representativos da época, e que utilizaram o idioma provençal como instrumento de expressão artística, sobressaem os seguintes: Raimon Vidal de Besalù, Guerau de Cabrera, etc.

Mas foi com Ramon Llull (1235-1315) que tanto a poesia quanto a prosa passaram para um plano superior, com personalidade própria, independentes do Provençal.

O primeiro texto em prosa escrito em catalão é um fragmento de um livro de homílias da igreja de Organyà, da diocese de Urgel (Urgell), cujo período de composição remonta ao início do século XIII ou final do século XII. Uma breve amostra do texto:

Dominica in LX-a. In illo tempore, cum turba plurima convenirent et de civitatibus properarent ad Iesum, dixit per similitudinem: Exit qui seminat seminare semen suum. Seinor, nostre Seinor dix aquesta paraula per semblant, et el esposa per si el ex. Aquel qui ix seminar la sua sement, e dementre que semenava, la sua sement cadeg prob de la via e fo calzigad, e.ls ocells del ciel mengaren aquela sement: Aquest seminador dix nostre Seinor que son los maestros de sent'eglesia, [la sement e] la predicacio de Iesu Crist. Los auzels del cel qui mengaren aquela son los diables qui tolen la paraula de Deu de coratge d'om per mal e peccatz e per males obres. Et aliut cecidit super petram et natum aruit, quia non habebat humorem. Aquela sement qui cadeg sobre la pedra fo seca per zo car no i avia humor, demostra la paraula de Deu qui cad el cor del om e ven diable e la tol del cor per zo qur no a humor de caritat en si..."

VII – Espanhol

Os documentos mais antigos referem-se às Glosas Emilianenses e Glosas Silenses, do século X, de caráter híbrido (latino-espanhol). As primeiras provêm do mosteiro de San Millan de la Cogolla (Logronho) e estão depositadas na Biblioteca da Academia de História de Madri. As segundas, inseridas num manuscrito do mosteiro de Santo Domingo de Silos (Castela), estão conservados na Biblioteca do Bristh Museum.

Cronologicamente, o documento mais antigo em romance vulgar, e escrito em dialeto leonês, é uma lista de gastos elaborada pelo despenseiro do convento de San Justo e Pastor de Rozulea, provavelmente de 980. Merecem referência especial as composições líricas em árabe e em hebraico, de autoria de poetas hispano-árabes e hispano-hebraicos.

No século XII surge a obra-prima da poesia épica castelhana: o *Cantar de Mio Cid*, de autor anônimo, escrito na província de Sória em dialeto castelhano, com algumas influências aragonesas. O magno poema, copiado em 1307 por Pedro Abad, só se tornou conhecido em 1779, quando foi publicado por Tomás Antônio Sánchez (Colección de Poesías Antiguas Castellanas).

O *Cantar de Mio Cid* divide-se em três Cantos: “*Cantar del Destierro*”, “*Cantar de las Bodas*”, e “*Cantar de Corpes*”. O nome Cid provém do árabe e significa senhor, chefe. O poema exalta as façanhas heróicas de Rodrigo Días de Vivar, o Cid Campeador, vencedor de mouros. Composto por volta de 1140, é o primeiro monumento das literaturas ibéricas, com 3735 versos.

Sirva de amostra o seguinte trecho:

Todos son adobados quando mio Çid esto ovo fablado;
Las armas avién presas e sedién sobre los cavallos.
Vi[di]eron la cuesta yuso la fuerça de los francos;
al fondón de la cuesta, çerca es de'llaño,
mandólos ferir mio Çid, el que en buen ora nasco

VIII – Ladino

O documento mais antigo genuinamente ladino é um fragmento de um sermão, de início do século XII, com tradução interlinear latina. O texto em ladino é o seguinte:

Afunda nos des time tres causas, kare frares, per aquilla tuttlo seulo perdudo; aquil is gurdus et quil homo mopotesille et arcullus, ki fai diabulus per aquillas tres causas ille primaris homo cannao. Si plaida ille diauolus: in quali die quo uo manducado de quil linas, si uene sua uirtu fos ouli. Nus timuno semper aquillas tres periuras causas, sicu ueni Adam perdudus intins inferno, ne no ueniamo si perdudi. Prendamus ieiunia contra quilla curda, prendamus umilanz[a] contra contenia. Aquill a sauir è, ki nus a christiani ueni[mo n]o-minai. Angeli Dei aquill auem nos wardadura si quil sipse Salvator dis: ueridade dico vos aquill illi angeli...”

A literatura propriamente dita começa bem mais tarde com Gian Travers (1483-1563), de cunho religioso. Sua obra mais representativa é a *Canzun de la guerra dalg Chiasté d’Musch*, escrita em dialeto da Alta Engadina, cujos versos iniciais são os seguintes:

Dalg tschiel e terra omnipotaint Dieu
dom gratzchia da cumplier lg’ perpöest mieu,
Da te scodunn oera dëss gnir cumanzeda,
Per havair bun metz et meildra glivreda.
Avaunt me he eau piglio da quinter
Quaunt la guerra nas ho duos ans do da fer;
A la praisa dalg Chiasté da Clavena vöelg cumanzer,
Et sainza dubbi la pura vardaet user”

Outro autor digno de menção é Jachim Bifrum, que traduziu para o reto-românico o Novo Testamento, obra publicada em 1560, e de grande importância para o estudo da língua na época. Como o antecessor, escrevia em dialeto característico da Alta Engadina.

Et dis a ses discipuls: Vos cour nu s'daia conturbël. Vos craiais in dieu, craiè er in mè. 2. In la chiesa da mes bab sun bgierras maschuns. Che schi fus otergin schi haues eau dit à uus. eau uing à parderschèr à uus un loe. 3. Mu scheau min uing à parderschèr à uus un loe, schi tuorn eau darchio à prender uus tiers mè, che innua ch'èau 4. uing, uus sappias, et sappias la uia. 5. Thomas dis agli: Signer nus nu sauain innua che tu uaes, et co pudains sauair la uia? 6. Iesus dis agli: Eau sun la via, et la uardaet, el la uitta. Vngiun nu uain tiers l'g bab, upoeia che saia trêz mè. 7. Schi uus hauesses cunschieu me, schi hauesses schert cunschieu er mêz bab. Et huossa cunschais el, et hauais uis aquèl. 8. Philippus dis agli: Signer amoussa a nus l'g bab schi hauains auuonda.

Os primeiros textos em dialeto da região da Sobresselva aparecem em princípios do século XVIII, com Gion Antoni Calvenzan, Steffan e Luci Gabriel.

No que concerne ao ladino central, não há testemunhos literários no período arcaico. O documento mais antigo de que se tem notícias é um registro pastoral de Laces, em Val Venosta, do século XIV. Mas o referido texto se perdeu, e sobraram apenas algumas frases. Em rigor, somente no século XVIII é que se encontram as primeiras manifestações escritas do ladino central.

Em compensação, no que se refere ao Friul (parte oriental), há uma literatura relativamente expressiva. O texto friulano mais antigo remonta ao século XIII: – é um registro de Cividade.

No terreno da poesia, a mais antiga é a *Piruç myó doç inculturit*, de 1380, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Piruç myó doç inculturit
quant yo chi vyot dut stoy ardit,
Per vo mi ven tant ardiment
e si furç soy di grant vigor
ch'io no crot fa dipartiment
mai del to doç lial amor
per manaço ni per timor
çi chu nul si metto a strit.
Piruç myo doç...

IX – Português e galego

Como foi salientado, em seus primórdios o galego e o português constituíam uma unidade linguística.

Eis um testemunho em vulgar, datado de 1193:

In Christi nomine, Amen. Eu Eluira Sanchiz offeyro o meu corpo áas virtudes de Sam Saluador do moensteyro de Vayram, e offeyro co'no meu corpo todo o herdamento que eu ey en Centegãus e as tres quartas do padroadigo d'essa eygleyga e todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sextas como todo u outro herdamento: que u aia u moensteyro de Vayram por en saecula saeculorum Amem.

Bastante fecunda foi a lírica galaico-portuguesa, cujos textos estão conservados em vários cancioneiros (do Vaticano, Colloci Brancuti, da Ajuda, etc.).

Eis uma poesia característica da época, da autoria do rei Dom Denis, um dos mais ilustres representantes do movimento:

Senhor fremosa e de mui loução
coraçom, e queredes-vos doer
de mi, pecador, que vos sei querer
melhor ca mi; pero são certão
que mi queredes peor d'outra rem,
pero, senhor, quero-vos eu tal bem.

Qual maior poss', e o mais encoberto
 que eu posso; e sei de Brancafrol
 que lhi nom ouve Flores tal amor
 qual vos eu ei; e pero são certo
 que mi queredes peor d'outra rem;
 pero, senhor, quero-vos eu tal bem
 Qual maior poss', e o mui namorado
 Tristam sei bem que nom amou Iseu
 quant'eu vos amo, esto certo sei eu;
 e con tod'esto sei, mao pecado!
 que mi queredes peor d'outra rem;
 pero, senhor, quero-vos eu tal bem
 Qual maior poss', e tod'aquest'avem
 a mim, coitad' e que perdi o sem.

X – Sardo

São abundantes os textos antigos em vulgar. Há um documento muito interessante, datado de 1080-1085, redigido em logodurês, e preservado no Archivio de Stato de Pisa. Eis a reprodução na íntegra.

In nomine Domini amen. Ego iudice Mariano de Lacon fazo ista carta ad onore de omnes homines de Pisas pro xu toloneu ci mi pecterunt: e ego donolislu pro ca lis so ego amicu caru e itsos a mimi; ci nullu imperatore ci lu aet potestare istu locu de non (n)apat comiatu de leuarelis toloneu in placitu: de non occidere pisanu ingratis: e ccausa ipsoro ci lis aem leuare ingratis, de facerlis iustitia inperatore ci nce aet exere intu locu. E ccando mi petterum su toloneu, ligatarios ci mi mandarum homines ammicos meos de Pisas, fuit Falceri e Azulinu e Manfridi, ed ego fecindelis carta pro honore de xu piscopu Gelardu e de Ocu Biscomte e de omnes consolos de Pisas: e ffecila pro honore de omnes ammicos meos de Pisas; Guidu de Uabilonia e ILio su frate, Repaldinu e Gelardu, e Iannellu, e Ualduinu, e Bernardu de Conizo, Francardu e Dodimundu e Brunu e rRannuzu, e Uernardu de Garulectu e tTornulu, pro sianta in onore mea ed in aiutoriu de xu locu meu. Custu placitu lis feci per sacramentu ego e domnicellu Petru de Serra, e Gostantine de Azzen e Uoso Ueccessu e Dorgotori de Ussam en Niscoli su frate [e n]-Niscoli de Zor [i e] Mariane de Ussam...

De grande importância linguística é um documento escrito entre 1089 e 1103, em caracteres gregos, oriundo da igreja de São Saturnino, na diocese de Cagliari, conservado nos Archives Départementales des Bouches-du-Rhône, de Marselha.

Documentos de maior extensão são os *condaghe*, que tratam de assuntos jurídicos. Os mais importantes são os seguintes: *condaghe* di San Michele di Salvenor, *condaghe* di San Nicola de Trullas, *condaghe* de S. Maria di Bonàrcado, *condaghe* di S. Pietro di Silki.

Como exemplo, eis um trecho de um *condaghe* (S. Pietro di Silki):

Ego Martinus p[res]b[ite]r et priore de s[an]c[t]u Nichola de Trullas ci ponio in istu codice su cantu 'nce parai et in donu et in prezu. Camporailli a cComita de Bosobe et assos f[ratres] su saltu de Serra de iugale abe su badu d'Uras; et d'essit totube bia usce apprope dessu bulbare de Formicosu, ube se furcan sas bias, et lebat totube sa bia manca usce a funtana d'Ulumos et collat totube su ribu usce assu badu ube fuit sa petra ficta, ube iunpan sos de Puzupassaris a cKelemuli, et abe su badu lebat directu isce ad agitu de ianas, abinde totube bias usce assu ribu siccu, ube parziam de pare cum sos de Azen et falat totube ribu usce assu badu d'Uras eccludet. et deibilis II iuga de domatos et III caballos curiaces et XVI vaccas et CXXX berbeces. T[estes]; donnu Petru de Serra, ci fuit curatore, et Petru Zancis maiore de scolca et Gosantine Capiza et Furatu Icali et Janne Serrenti."

XI – Dalmático

São poucos e destituídos de valor literário os documentos em vulgar. Digno de menção é um testamento do século X, registrado por Giovanni Lucio (Historia di Dalmazil et in particolare di Traù, Spalato e Sebenico), conforme indica Bartoli (*Das Dalmatische*).

Um inventário de Ragusa, de 1280, acusa a presença de vários elementos dalmáticos inseridos no texto.

Dois cartas do século XIV. constituem os mais antigos textos contínuos do dalmático.

A primeira, de 1325, abaixo reproduzida, foi escrita por Todru de Format de Zara, endereçada ao honorável Ser Pon, autoridade de Ragusa, em defesa de seu filho Francisco, a propósito de uma dívida:

Al nome de Diu amen; 1397 de lulu. Item anchora facuue e sauri ch'eu 'n uiaiu [che nu iaiu] sichirisi per fortuna in Anchona. Pare me charisimu facuue a sauri che parun del nauiliu Aligiritu non è pagatu del nolu, perchi non poti chatar dinari di pagar lu nolu, salu' àno abudi duhati in pireçencia di Polu Dobirovacu. Saldada la raçun in pireçencia di Polu Dobirovacu, resta-i dar duchati X: pireguue daçi tigi. Vostiru fiol Firanchisch saluta in Anchona.

(A ser Cholane de Fanfona, dada a Çara).

A segunda, de 1397, escrita por um Francisco de Fanfona, quando se encontrava em Âncona, dirigida a seu pai, em Zara. É a seguinte, na íntegra:

A ser Pon unuriuol canceler de Ragusa, Todru de Format d'Çara saluduui cun oni uostro unur. A mi fo ditu qui lu frar d'maistru Nocola Murar si dimanda rasun nanti la curti de Ragusa contra Franciscu, meu fiol de s.XX de g'r li qual auia dat maistru Nicola a Franciscu p. dur li a mi. Undi posu dir cun oni uiritat quil ar frar de maistru Nicola num fe-ço quil diuia e fe vilania a far tal dimandasun a Franciscu: qui plu unur era so di mandar a mi una litera dimandandumi qui e di quili s.XX d'g'r, quil manda maistru Nicola p. Franciscu, e s-eu nu li auisi ditu la uiritat, pois nu li mancaua a di[man]dar d'Franciscu. Ma eu si lu do a sauir a uoi...

XII – Italiano

Cronologicamente, as fórmulas de juramento constituem os documentos mais antigos do vulgar: as do placito de Cápua (960), de Teano (963), e de Sessa Aurunca (963).

Uma inscrição do século IX, encontrada numa catacumba romana de Commodilla, numa cripta em honra de São Félix e Adáutto (basilichetta) contém elementos vulgares: *Non dicere ille secreta a bboce*.

Outra inscrição, de fins do século XI, da basílica inferior de D. Clemente, aponta mais elementos vulgares.

Sisinium: Fili dele pute, traite.

Gosmarius: Albertel, trai

(Albertellus): Falite dereto colo palo, Carvoncelle.

(Sanctus Clemens): Duritiam cordis vestris [in saxa conversa est, et cum saxa deos aestimatis] saxa trahere meruistis.

Podemos citar ainda uma fórmula de confissão umbra do século XI, da Biblioteca Vallicelliana de Roma, procedente do mosteiro de Sant'Eutizio de Norcia.

Domine mea culpa. Confessu so ad mesenior Domonideu et ad matdonna sancta Maria et ad san Mychael archangelu et ad san Iohanne Baptista et ad san Petru et Paulu et ad omnes sancti et sancte Dei, de omnia mea culpa et de omnia mea peccata, ket io feci da lu battismu meu usque in ista hora...

Do século XII consta o *Ritmo* laurenciano, da Biblioteca Laurenziana de Florença, oriunda originalmente da paróquia de Signa.

Salva lo vescovo senato,

lo mellior c'umque sia na[to],

[...] ora fue sagrato

tutt'alumma'l cericato.

Né Fisolaco né Cato

non fue si ringratiato
 E'l papa'ha.ll [...-ato]
 per suo drudo plu privato.
 Suo gentile vesconvato
 ben'è cresciuto e melliorato.

O poeta Raimbaut de Vaqueiras em seu *descort* multilingue emprega o italiano na segunda copla:

Io son quel que ben non aio,
 ni jamai non l'averò.
 ni per april ni per maio,

Da lavra do mesmo autor, anterior a 1194, há o diálogo bilíngue, entre um trovador provençal e uma dama genovesa, cujas personagens utilizam suas próprias línguas. A primeira estrofe é a seguinte:

Jujar, voi no sé corteso,
 qe me chaidejai de zo,
 qe niente no farò.
 Ance fossi voi apeso!
 vostr'amia no serò.
 Certo, ja ve scanerò
 proenzal malaurao!
 Tal enojo ve dirò;
 sozo, mozo, escalvao!
 Ni za voi no amerò,
 q'e' voi no sé, ben lo so.
 Andai via, frar', en tempo millorado.

XIII – Romeno

A Dácia foi conquistada por Trajano em 106 d.C., e permaneceu 115 anos sob domínio romano. Com as invasões eslavas ocorridas nos séculos VI e VII, a língua manteve a estrutura latina, mas o léxico foi bastante influenciado por aportes eslavos e, mais tarde, turcos, húngaros, helênicos e franceses.

Tem uma característica toda especial: é a única língua latina que conservou as declinações.

Em virtude de sua posição geográfica e sobretudo pela influência cultural bizantino-eslava, a evolução da língua romena apresenta uma série de peculiaridades, que muito a diferencia do ciclo evolutivo das outras línguas congêneres. Para começar, as primeiras manifestações literárias aparecem só tardiamente, enquanto que algumas das línguas latinas já haviam produzido verdadeiras obras-primas da literatura mundial. O que vale dizer que a literatura romena em seus primórdios é inexpressiva, principalmente levando-se em conta que inexistiu uma literatura medieval. Os primeiros textos restringiam-se à tradução de obras religiosas (evangelhos e catecismos), além de livros de caráter popular como a história de Alexandre Magno.

Nos textos mais antigos, escritos em eslaviano ou médio-búlgaro, aparece uma ou outra palavra romena, além de influências sintáticas de fonte autóctone. O texto mais antigo eslaviano-romeno, de 1352, é o de uma inscrição em uma das paredes da igreja Curtea de Arges, sobre a morte do príncipe Basarab.

O primeiro documento em língua romena é uma carta de 1521, escrita em cirílico pelo boiardo Neaesu de Cimpulung e endereçada ao juiz Hans Bekner de Brasov, e preservado no arquivo de Brasov. Eis a reprodução em caracteres latinos:

Mudromu i plemenitomu i cistitomu i b(o)gomdarovannomu Zupan Hanas Begner ot Brasov. mnog(o) zdravie ot Neksul ot Dlagopole.

I pak dau stire do(m)nĭetale za lucrul Turcilor, cum amu auzit eu ca imparatul au esit den Sofĭja si aimintrea nu e, si seau dus in sus pre Dunare. I pak sa stĭi domnĭiata ca au venit un om de la Nicopoe de mĭe meu spus ca au vazut cu ochĭi loi ca au trecut ceale corabĭi ce stĭi si domnĭiata pre Dunare in sus. I pak sa stĭi ca бага den tote orasele cate 50 de omin sa fĭe in ajutor in corabĭi. I pak sa stĭi cumu seau prinsu neste mester den T(a)rigrad cum voru treace aceale corabĭi la locul cela strimtul ce stĭi si domnĭiata. I pak spui domnĭetale de lucrul lu Mahamet beg cum amu auzit de boiari ce santu megĭias si de genere-mĭu Negre cumu iau dat imparatul slobozĭe lu Mahamet beg pre io-i va fi voia pren Teara rumaneasca iara elu sa treaca. I pak sa stĭi domnĭiata ca are frica mare si Basarabu de acel lotru de Mahamet beg mai vartos de domnĭele vostre. I pak spui domnĭetale ca mai marele mĭu de ce amu inteles, sĭ eu. Eu spui domnĭetale, iara domnĭiata esti inteleptu si aceste cuvinte sa tĭi domnĭiata la tine, sa nu stĭie umin multi, si domnĭele vostre sa va paziti cum stiti mai bine. I B(og) te veselit, amin.

Outros documentos antigos, de cunho religioso, são os seguintes manuscritos: o Códice de Veronet, o saltério Psaltirea Scheiana, o saltério Veronet e o saltério Hurmuzachi.

Constitui um marco bastante expressivo um fragmento de um hinário religioso calvinista, impresso em 1570, no qual é utilizada por primeira vez a grafia latina, com ortografia húngara aplicada ao romeno. Como exemplo, uma amostra do trecho:

Ia depre noy tu domne mania ta; Si czele grele pedepsze à tale; nu grebi pre noy tu sze ne noy gtzudet; pren gresala nosztra.
Sze uey fy platnik dupe uina nosztre; numa [= nuwa] rename nyme enaynte ta' nu ua szufferi necze czaste lume pedepszatura ta.

No século XIX a escola latinista da Transilvânia introduziu de maneira definitiva o alfabeto latino, em detrimento do cirílico.

XIV. – Mirandês

É uma língua de forte tradição oral. Somente com José Leite de Vasconcelos, em 1882, é que começou a ser estudada e fixada em escrita. A obra de José Leite de Vasconcelos – **Estudos de Filologia Mirandesa e o Dialecto Mirandês** – constitui a obra mais notável no que se refere ao idioma Mirandês.

Somente em 1999 é que foi fixada a ortografia do Mirandês, com a **Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa**, elabora por quatro linguistas renomados.

XV. – Corso

Do século XIV, consta a crônica de Giovanni Della Gorda (1388-1464).

XVI – Aragonês

O aragonês originou-se no século VIII. As *Glosas Emilianenses*, do século XI, constituem a primeira manifestação escrita nas línguas aragonesa e basca. Do século XIII podem se citar algumas obras escritas mescladas em aragonês e espanhol: *Razón feita d'amor*, *Lo libre dels Tres Reys d'Orient* e a *Bida de Santa María Egipcíaca*.

Nunca chegou a alcançar o prestígio literário de suas coirmãs. (17)

XVII – Asturiano ou bable, asturo-leonês ou, simplesmente, leonês

O primeiro texto em asturiano data do século X, notícias de Kesos. Do século XII, consta o primeiro texto legal: *Fueru d'Avilés*, de 1085. Outro documento é o *Fueru d'Uviéu*, de 1145.

Em 1981, foi criada a Academia da Língua Asturiana.

NOTAS

1. Frederico Diez teve o mérito de adaptar às línguas neolatinas o método histórico-comparativo introduzido por Franz Bopp para as línguas indo-europeias e por Jakob Grimm para as germânicas. Diez publicou uma obra clássica – *Gramática das Línguas Românicas*, em três volumes, e traduzida para o francês por A. Brachet, G. Paris e A. Morel Fatio – Além do *Dicionário Etimológico das Línguas Românicas*. Diez é considerado o fundador não só da linguística, mas também da filologia românica no sentido mais vasto (*Le Origini delle Lingue Neolatine*, Carlo Tagliavini, Pàtron, Bologna, 1969, p. 10).
2. *Le Origini delle Lingue Neolatine*, *op. cit.*, pp. 11 e 351.
3. Além da *Gramática das Línguas Românicas* (Leipzig, 1890-1902), Meyer-Lubke publicou o *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg, Winter, 1911-1920).
4. A classificação de Meyer-Lubke foi exposta no livro *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, Heidelberg, 1920, p. 17. O livro de W. Meyer-Lübke – *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* – constitui um marco importante na história da lexicografia românica.
5. Para uma visão abrangente das línguas românicas minoritárias faladas na França e na Itália, ler *Línguas e Dialetos Românicos e Germânicos*, de Adovaldo Fernandes Sampaio, Goiânia: Kelps, 2010.
6. Martins Sarmiento, *Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega*, Galaxia, Vigo, p. 43. Para um estudo interessante sobre o assunto, ler *Opúsculos Lingüísticos Gallegos del Siglo XVIII*, J. L. Pensado, Galaxia, 1974.
7. William J. Entwistle, *As Línguas da Espanha: Castelhana, Catalão, Vasco e Galego-Português*, p. 359.
8. Note-se que há, em galego, vocábulos que apresentam duas formas – uma proveniente do português, outra do espanhol.
 - Xeral < Geral e Xeneral < General
 - Remorso < Remorso e Remordimento < Remordimiento
 - Chapéu < Chapéu e Sombrero < Sombrero. Foram registradas as diversas aceções e grafias vigentes nas regiões, dentro do panorama da geografia linguística galega. Os dialetos principais – que correspondem aos dialetos falados nas quatro províncias: Lugo, Pontevedra, Orense, La Coruña – foram postos em cotejo, para melhor situá-los dentro de um contexto global – o que veio locupletar, ao menos parcialmente, a falta de um atlas linguístico.
9. Martins Sarmiento, *Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega*, *op. cit.*, p. 38-9. O autor se propôs fixar-se na segunda categoria.
10. Para maiores informações a respeito, ler *Le Français dans Tous les Sens*, Henriette Walter, capítulo 3, *Le Français en France*, pp. 195-222 e capítulo 4, *Le Français hors de France*, pp. 225-271.
11. A maioria dos romanistas classifica os dois dialetos setentrionais da Sardenha entre os do italiano (= toscano) e não entre os do sardo (plural vocálico, e não sigmático; artigo definido derivado de *illu* e não de *ipsu*, etc.

“La Sardegna si caratterizza per la co-presenza di 4 principali diassistemi: 2 sardi (campidanese e logudorese) e 2 non-sardi (gallurese e sassarese). La non-partecipazione dei dialetti settentrionali dell’isola alla lingua sarda si basa su criteri tipologici e sociolinguistici. Sia il sassarese che il gallurese presentano molteplici strutture linguistiche divergenti da qual che viene considerato tradizionalmente il tipo linguistico autenticamente sardo (ad es. l’articolo *lu*, contro *su*; il futuro sintetico o saldato difronte a quello analitico o composto con *apo*, *apu*; l’assenza di -s finale nel plurale.” (Eduardo Blasco Ferrer, *La Lingua Sarda Contemporanea*, Cagliari, Dalla Torre, 1986, p. 20.)

“I dialetti di tipo gallurese-sassarese si avvicinano molto ai dialetti corsi, i quali, come si vedrà più oltre, sono di tipo toscano.” (*Le Origini delle Lingue Neolatine*, *op. cit.*, p. 330.)

É preciso salientar o fato de que a linguística românica foi grandemente enriquecida com a introdução, com base científica, do estudo da dialetologia, com a contribuição de Francisco Cherubini, Giovanni Spano, Gabrielle Rosa e Graziadio Isaia Ascoli.

O atlas linguístico reveste-se de grande utilidade para o estudo de dialetologia. O primeiro atlas linguístico de grande dimensão foi elaborado por Jules Gilliéron, o *Atlas Linguístico da França*. “Gilliéron coloca em primeiro plano os conceitos, não de todo novos, mas pela primeira vez aplicados em larga escala e com método novo de *homofonia* e de *etimologia popular*.” (*Le Origini delle Lingue Neolatine*, *op. cit.*, p. 27.)
12. Alguns autores consideram o nuorês como uma variedade separada. É o dialeto sardo que mais se aproxima do latim.
13. A consulta foi feita por voto popular, e os resultados apresentados foram os seguintes: 512.129 votos a favor e 52.267 contra.
14. Os vocábulos romeno e romanche (reto-românico) provêm do vocábulo Roma.
15. *Einen Kuning weiz ih, heissit her Hluduig*.
16. *Le Origini delle Lingue Neolatine*, *op. cit.*, p. 490.
17. Antes da romanização, as terras do vale do Ebro e dos Pireneus centrais eram povoadas por tribos ibéricas, celtibéricas e bascas. A romanização dessa região ocorreu do século 2 a.C. ao 6 d.C. Inicialmente, o latim

vulgar e depois o românico cumpriram a tarefa contínua – lenta, mas inexorável – de substituir os falares ibéricos e bascos. O substrato basco-ibérico deixou marcas consideráveis na fonética, na morfologia e no léxico do aragonês. O latim que se propagou pelo vale do Ebro era, a largos traços, o da faixa mediterrânea da Península Ibérica: o latim da Tarragona. Daí as coincidências fonéticas, morfológicas, léxicas e sintáticas entre os diversos falares românicos da área: catalão e occitano (gascão), de um lado, em alguns aspectos, e castelhano, de outro lado, e em outros aspectos. Situado, pois, entre o catalão, o occitano e o castelhano, o aragonês apresenta-se como uma língua românica que conserva traços do ibero-românico (ou hispano-românico), ao mesmo tempo que participa das características linguísticas do norte e do leste da Península. (Línguas e Dialectos Românicos e Germânicos, op. cit., p. 171)

**DICIONÁRIO
ARANÊS-PORTUGUÊS**

© REPRODUÇÃO AUTORIZADA, ILIMITADAMENTE,
DESDE QUE CITADO O NOME DO AUTOR.

Declaro, para os devidos fins, que renuncio, perpetuamente, a todos os direitos autorais que me são devidos, em favor das editoras e entidades públicas e privadas que desejarem publicar os meus livros. Ainda no que concerne estritamente aos meus direitos autorais, autorizo as editoras e entidades públicas e privadas a publicarem os meus livros sem consulta prévia a mim ou aos meus descendentes.

Todos os livros das **Obras Completas** * poderão ser reproduzidos livremente, sem ônus, por parte das bibliotecas, das universidades, dos professores, dos alunos e do público em geral – sem a necessidade de consulta ao autor.

* com exceção da **Obra Poética de Lorca e João Guimarães Rosa – Cartas a William Agel de Mello**, cujos direitos autorais pertencem aos herdeiros.

email para correspondência: williamagel@hotmail.com
site: www.williamageldemello.com

ABREVIATURAS

adj. adjectiu
adv. advèrbi
art. contr. article contractat
dem. demonstratiu
f. femenin
fam. familiar
interj. interjeccion
loc. adv. locucion adverbial
loc. conj. locucion conjonctiva
loc. prep. locucion preposicional
m. masculin
n. nòm
pl. plurau
prep. preposicion
pron. neu. pronòm nèutre
pron. per. pronòm personau
s. singular

ADVERTÊNCIAS

São bastante escassas as fontes lexicográficas do aranês. Por esse motivo, este pequeno dicionário aranês-português-aranês tomou por base as seguintes fontes:

- Petit diccionari aranés-castellano-catalán-francés, de Frederic Vergés Bartau, publicado sob a égide do Conselh Generau d’Aran.
- Vocabulari basic der aranés (variante occitana), publicado pelo Institut d’estudis aranesi e da academia aranesa dera lengua occitana.
- Vocabulari bàsic català-occità, publicado pela Generalitat de Catalunya, departament de política lingüística.
- Vocabulari aranés de Josèp Condò Sambeat.
- El parlar de la Vall d’Aran e o Vocabulario Aranés de Joan Coromines.
- Diccionari de mila Mots de Jacme Taupiac.

Não é função de um pequeno trabalho como este apresentar sinônimos, nem dar a origem dos vocábulos e demais informações a respeito. Isto cabe a um dicionário propriamente dito. O objetivo é dar, para cada vocábulo de uma língua, outro vocábulo na outra língua. Ou seja: 1 vocábulo em aranês deve corresponder a 1 vocábulo em português – e vice-versa. É lógico que, quando um vocábulo em uma língua tem 2 ou mais significados diferentes, é preciso dar os correspondentes na outra.

As demais línguas românicas faladas na Península Ibérica foram contempladas no Dicionário Geral das Línguas Românicas e no Dicionário Geral das Línguas Românicas da Península Ibérica, de minha autoria.

Tem muitas lacunas este pequeno dicionário aranês-português-aranês, mas pelo menos teve o mérito de ser o primeiro do mundo.

Oxalá possa despertar o interesse pela língua aranesa no Brasil e em Portugal, duas línguas da família neolatina, com muitas afinidades e trocas em comum.

W. A. M.

A

- a on, adv. onde
a, ad, ada, prep. a
a, f. a
abac m. ábaco
abadia, f. abadia
abaishar, v. abaixar
abaixar eth prètz, v. baratear
abandon, m. abandono
abandonar, v. abandonar
abans / abantes, adv. antes
abàter, v. abater
abelha, f. abelha
abelhard, m. zângão
abelhèr, m. colmeia
abil, a, adj. hábil
abilesa (-esa), f. habilidade
abiletat, f. habilidade
abisme, m. abismo
abitacion / cramba, f. quarto
(de dormir)
abitança, f. domicílio
abitant, a/ poblant, a/ estatjant,
a, n. habitante
abitat / demorar v. residir 2.
habitar
abituat / acostumar v.
acostumar
abitud f. costume
abonament m. abono
abonatge, m. abono
abòr / tardor (f.), m. outono
aborrir, v. aborrecer
abraçada / abraç (m.), f. abraço
abracament, f. abreviação
abracar, v. abreviar
abreujament, m. abreviação
abreujar v. abreviar
abreviacion, f. abreviação 2.
abreviatura
abric, m. abrigo 2. sobretudo
(peça de vestir)
abrigar, v. abrigar
abrismar, v. destruir
abriu, m. abril
absorbir, v. absorver
abús, m. abuso
ac/ec/'c/at/'t, pron. neu. o
acabar, v. acabar
acaishalar/nhacar, v. morder
acalhauar, v. apedrejar
acalhaument, m.
apedrejamento
acampar/amassar, v. reunir
acantierar/apilerar, v. acumular
acaptar/caperar, v. tapar
acarar, v. confrontar
accedir, v. aceder
accent, v. acento
acceptar, v. aceitar
accès, m. acesso
accident m. acidente
acetilèn, m. acetileno
acha f. agá
achèro, m. gigante
ací/ aciu/ acieu/ acient/ acitau,
adv. aqui
aciditat, f. acidez
açò, pron. isto
acompanhar, v. acompanhar
acorbaishar, v. encurvar
acòrd, acordi, m. acordo
acordar, v. concordar
acordeon, m. acordeão
acorropar, v. agrupar
acorsar/acaçar, v. perseguir
acostumar, avedar, abituat, v.
acostumar
acotir/acaçar, v. perseguir
acovardar, v. acovardar
acte, f. ato
actiu,-iva adj. ativo
activitat f. atividade
actor, m. ator
actuuu adj. atual
acuelh, m. acolhimento
acuelhement, m. recebimento
2. acolhimento
acuélher, v. acolher
ada, ad, a, prep. a
adaiguament, m. rego
adaiguar, v. regar
adaiguatge, m. rego
adamaiselat, ada, adj.
efeminado
adamaiselit, ida/afemelhit, ida,
adj. efeminado
adara/ara, adv. agora
adirar/hastiar/aborrir, v.
aborrecer
adishataz, interj. adeus, até
logo
adiu!, interj. adeus!
adiu, m. despedida
adméter, v. admitir
administrar v. administrar
administratiu, -iva adj.
administrativo
adocir, v. adoçar
adondaire, ra, m. domador
adondar, v. domar
adoptar, v. adotar
adornar, v. adornar
adreça, f. endereço
adret, a/adreit, a, adj. hábil
adretia, f. destreza
advèrbi, m. advérbio
adversitat/malur, f.
adversidade
aeropòrt m. aeroporto
afaitar/arrasar, v. fazer a barba
afeblir, v. debilitar
aflaquir, v. enfraquecer,
debilitar
aflaquit, ida, adj. débil, fraco
afortir/ahortir, v. fortalecer
afrairar/afrairir, v. fraternizar
afranquir, v. franquear
afront m. afronta
afrontar v. afrontar 2.
envergonhar
agaçant, a, adj. impertinente
agachada/uelhada, f. olhada
aganit, ida, adj./n. avaro
ager/ger adv. ontem
agla, f. água
aglomeracion f. aglomeração
agost/aost, m. agosto
agradable, bla/agradiu, iva adj.
agradável
agradant, a/ agradiu, iva/
plasentèr, a, adj. agradável
agradar, v. agradecer
agradós, osa, adj. agradável
agre, -a adj. azedo
agricultura f. agricultura

- agropar/acorropar/amassar, v.
agrupar
agropir-se/ajocar-se, agachar-se
agrumelar/ apilerar, m.
amontoar
aguachar/guardar, v. olhar
aguest, a; aguesti, tes, pron./
adj. este, esta, estes, estas
agulha, f. agulha
agulhada, f. agulhada
ahèr/ahar/afar, m. assunto 2.
ocupação, trabalho
ahíger v. unir
ahilhar, v. adotar
ahiscar/en.hiscar, v. incitar
ahlama/hlama/ahlam (m.),
lham f. chama
ahllamar/lhamar/cremar, v.
incendiar
ahllamatge/lhamatge, m.
incêndio
ai! interj. ai!
aidaguada/adaiguadís (m), f.
rego
aiga/aigua, f. água 2. aigua
senhada, água-benta
aigualada/arròs (m.)/arrosada,
f. rocio
aiguanha/aigualada/arròs (m.)
f. rocio
aiguar/adaiguar, v. regar
aimar/estimar, v. amar
aire, m. ar
airós, osa, adj. irascível
aishetat, ada, adj. apto
ajuda, f. ajuda
ajudant,-a m. ajudante
ajudar, v. ajudar
ajulhar-se, v. ajoelhar-se
ajuntament m. administração
local. Prefeitura
ala, f. asa
alabrena/salimana, f.
salamandra
alangorit, ida, adj. lânguido
alapor, f. insipidez
alara/alavetz, adv. então
alassar, v. fatigar
alassat, ada, adj. cansado
alavetz, adv. então
alcoòl m. álcool
alebadura/ plaga, f. ferida
alebar/ plagar/ peishar, v. ferir
aledar, v. respirar
alegressa (-esa)/alegretat, f.
alegria
alegria/alegror, f. alegria
alèm/achèro/ gigant, m.
gigante
alend, f. bafo
alend/alet, f. alento
alendada, f. alento, respiro
- alendament, m. respiração
alendar (fam.)/posar, v.
descansar
alendar/alenar, v. respirar
alestir/premanir, v. preparar
aleugir/aleugerir, v. aliviar
aleujar, v. aliviar
alhocardir, v. enlouquecer
alimentar/neurir, v. alimentar
alinhar, v. alinhar
alispar/amorassar, v. acariciar
alistada/causida/escuellhuda, f.
escolha, eleição
alistar/causir/escuélher, v.
elegir, escolher
almanac, m. almanaque
alongament, m. alongament
alongar, v. alongar
altitud f. altitude
alucar/alugar, v. acender
aluenhament, m.
distanciamento
aluenhar, v. afastar
alugader, m. isqueiro
alumenar/enlumenar, v.
iluminar
alumne, na/escolan, a, n. aluno
aluquet/luquet, m. fósforo
am, prep. em
amable, bla, adj. amável
amagadera/amagader/
amagatòri (m.) f. esconderijo
amagador/esconeder, m.
esconderijo
amagar/enconhar, escóner, v.
esconder
amagrir, v. emagrecer
amainadar, v. parir
amaisar, v. acalmar, aliviar
amanir/premanir/alestir, v.
preparar
amanit, ida/premanit, ida adj.
preparado
amantar/caperar, v. cobrir,
tampar
amassa, adv. juntamente, junto
amassar, v. juntar
amatigar, v. acalmar
ambaishador, m. embaixador
ambulància f. ambulância
amendriment, m. diminuição
amendrir, v. diminuir
amenudar/amendrir, v.
diminuir
american, -a adj./m. americano
amermar/amendrir, v. diminuir
ametha/ amètla, f. amêndoa
amiar v. conduzir, guiar
amistós, osa, adj. amistoso
amòina, f. esmola
amolaire, ra adj. impertinente
amolant, a/shordant, a, adj.
impertinente
- amolar, v. importunar, amolar
amolonar/acantierar, v.
amontoar, acumular
amontairar/apilerar, amontoar
amorassa, f. carícia
amorassa, f. carícia
amorassar/ amigadar, v.
acariciar
amortar/amorçar, v. apagar
ample, pla, adj. amplo
ampora/aviesse, aviege, f.
resina
an/annada (f), m. ano
anar, v. ir
ancian, -ana adj./m. ancião
anciar, v. envelhecer
andocien!, interj. adeus!
andús, ues, adj./pron. ambos
anet/anueit, f. esta noite
anèth, m. anel
angelenc, a, angélico
angle, m. ângulo
anglés,-a adj./m. inglês
angoisha, f. angústia
angónia, f. angústia
angost, m. desfiladeiro
anhèth, èra, m. cordeiro
anheua/anheva/anhua/ anhiva,
f. gengiva
anima f. alma
animau m. animal
anin-anan, loc. adv. devagar
aniversari, m. aniversário
annada/ an (m.), f. ano
anolh, m. cria da vaca com
mais de 1 ano
anotacion, f. anotação
ansèra/ ansa, f. asa
ànsia, f. ânsia
antic, -a adj. antigo
apalancar/apolancar/emparar,
v. apoiar
aparéisher, v. aparecer
aparelh, m. aparelho
apatzar, v. acalmar
apauquir/amendrir, v. diminuir
apauriment/apraubiment, m.
empobrecimento
aperar, v. chamar
apercéber v. perceber
apetissar, v. apetecer
apiejar/emparar, v. apoiar
apit, m. aipo
aplaudir, v. aplaudir
apletar, v. recolher
apoiridir, v. apodrecer
apoiridir, v. apodrecer
apolancar/apalancar/emparar,
v. apoiar
apolidir/emberir/emberogir, v.
embelezar
apolidir/ornar/ondrar, v.
adornar

apondre, v. acrescentar
 apraiar v. consertar
 apraubida/apraubiment (m), f.
 empobrecimento
 apraubiment/apauriment, m.
 empobrecimento
 apréner, v. aprender
 après/dempús, adv. depois
 apressament/apropament, m.
 aproximação
 apressar, v. apressar 2.
 aproximar
 aprestar/premanir, v. preparar
 apròp, adv. perto
 apropament/apressament, m.
 aproximação
 apropar/apressar, v. aproximar
 aprovedir/provedir, v.
 abastecer
 apte, ta/ dable, bla, adj. apto
 apuar/emparar, v. apoiar
 aqueri, res d'aquiu delà, pron.
 dem. aqueles, aquelas
 aqueri, res... d'aquiu delà, adj.
 dem. aqueles, aquelas

aquerir, v. adquirir
 aquerò, pron. isso
 aqueth, era; aqueri, res, adj.
 dem. esse, essa, esses, essas
 aqueth, era; aqueri, res, pron.
 dem. esse, essa, esses, essas
 aquitau, adv. ali mesmo
 aquiu adv. ali, lá
 aquiu delà, adv. lá
 aquò/aquerò, pron. isso
 ar (diante de vogal), art. contr.
 ao
 ara excepcion de/sonque,
 exceptat, prep. exceto
 ara imprevista/ara surpresa,
 loc. adv. de improviso
 ara/adara, adv. agora
 arab, -a adj./m. e f. árabe
 arair/aret, m. arado
 aranha f. aranha
 ardor f. afã
 argüeitar/pistar/lucar, v.
 espreitar
 armari / limanda (f)/ cabinet,
 m. armário

arradim de colindra/pinson, m.
 groselha
 arradimèra, f. parra
 arraja, arratja, f. cizânia
 arratèra, f. armadilha
 arrefús, m. negativa
 arretier/arreténguer, v. reter
 arridera/ arrir f. riso
 arrrdolent, a / arridolèr, a adj.
 sorridente
 arròc, m. rochedo
 assolar, v. consolar
 assolidar, v. consolidar
 ath delà, adv. além
 atier, v. atender
 atrèir/ atirar, v. atrair
 auditor, m. tímpano
 aveudar, v. enviuvar
 avitzar, v. parafusar

B

b, f. b
 babaròt/ babau/ cuca (f) m.
 barata
 badinada, f. brincadeira
 badinaire, ra, adj./n. brincador
 badinar, v. brincar
 baishada, f. baixada
 baishar, v. abaixar
 balançar/ balandrar, v. balançar
 baleja/ grèra/ escampa, f.
 escova
 balòt/ escabòt, m. rebanho
 pequeno
 bambolha/ espompilh (m.)/
 boishòria, f. bolha
 bandejar, v. sacudir
 bandolejar, v. balançar
 banhadora/ banhader (m.),
 banhèra, f. banheira
 banhar, v. banhar
 banlègar, n. pl. arredores

baraire, a / dançaire, a n.
 bailarino
 barbèr, m. barbeiro
 barrar (es uelhs), v. fechar (os
 olhos)
 barrar, v. fechar
 barrulhaire, a / gandièr, a, adj./
 m. vagabundo
 bassac, f. sacudida
 batèsta/ düel/ combat m. duelo
 batúria, f. multidão
 bèc, m. bico
 bernet-pescaire/ ausèth blu, m.
 martim pescador
 besucaria/ arren (m.)/ fotesa, f.
 bagatela
 bet/ beletarraya, m. beterraba
 bibo/ pibo/ píbol, m. choupo
 bilha (de chocolate), f. pastilha
 de chocolate
 blequejar, v. tartamudear

bletarrava/ beletarrava, f.
 beterraba
 boèta, f. caixa para receber
 cartas
 bonser/ bonanet, interj. boa-
 noite
 bordilha/ sostre/ lordèra, f. lixo
 bordilhaire/ escampaire, m.
 lixeiro
 bornat/ brinhon/ brunhon, m.
 colmeia
 borrihlon/ bot dera cama/
 pompih, m. pantorrilha
 boteric/ boti, adj. anão
 boton, m. botão
 briaguèra/ peta/ monina, f.
 bebedeira
 brigalh/ bricalh, m. migalha
 brotoar, v. brotar
 bulbe/ cabòça (f.), m. bulbo

C

- c, f. c
 ça que la/ totum, adv. não obstante
 cabana, f. cabana
 cabedura/ cabença, f. cabimento
 cabelh, m. espiga
 càber, v. caber
 cabessa/ arair (m.), arado
 cabeste, m. cabresto
 cabinet/ limanda (f.), armário
 cabòça/ cabolha, f. bulbo
 cabordena/ pinson (m.), f. groselha
 cabuda/ cabença, f. cabimento
 caca f. cocô
 caça, f. caça
 caçaire, m. caçador
 caçar v. caçar
 cachar/ sarrar, v. apertar
 cachavièlha/ mala jadilha, f. pesadelo
 cacilha, f. caça
 caçum, m. caça
 cada, adj. cada
 cadea/ cadia, f. cadeia
 càder/ quèir, v. cair
 cadèth, m. cachorro
 cadia, f. serra (de montanha)
 cadièra/ cagira, f. cadeira
 caduda/ queiguda, f. queda
 cadun, ua, pron. ind. cada um
 cafè, m. café
 cagadur (fam.)/ aganit, ida, adj./n. avaro, pão-duro
 cagira/ cadiera, f. cadeira
 caièr/ quadèrn/ quasèrn, m. caderno
 caïn, a/ traite, a, tradidor, a, adj./n. traidor
 caire/ cuic, m. ângulo
 caish/cas, m. caso
 caisha, f. caixa
 caisheta des cartes f. recipiente para colocar cartas
 cajada, f. muleta
 calar/ mèter/ botar/ hicar/ plaçar, v. colocar, pôr
 calavre m. cadáver
 calcèr/ cauçada (f.)/ cauçura (f.), m. calçado
 calelha, f. farol
 caler, v. necessitar
 calh, m. coágulo 2. coalho
 calhada f. coalhada
 calhader/ calh/ cò, m. coalho
 calhar, v. coagular 2. coalhar
 calhàs, m. coágulo
 calhastre/ calh/ calhader, m. coalho
 calhastre/ calhat de sang, m. coágulo
 calhauèra f. plantação de peras
 calinejar/ amorassar, v. acariciar
 caliques/ gatalheues, f. pl. cócegas
 calla/ catla, f. codorniz
 calor/ caumàs (m.), f. calor
 calvícia/ cauvura, f. calvície
 cama, f. perna
 camadeta/ camada/ gessuda, f. excursão
 camalhon/ cambalhon/ pernilh, m. pernil
 cambi/ escambi, m. câmbio, substituição
 cambiada/ cambiadís (m.), f. câmbio
 cambiadís, issa, adj. versátil, inconstante
 cambiament, m. câmbio, mudança
 camiau/ caminau, m. caminho
 camin de hèr, m. via-férrea
 camin, m. caminho
 caminada, f. caminhada 2. passeio
 caminar v. caminhar
 caminòu (-òla), m. senda
 camion, m. caminhão
 camisa f. camisa
 camitòrt, a/ coish, a/ ranquet, adj./n. coxo
 camp, m. campo
 campana f. sino
 campanau, m. campanário
 campanhard, a/ campanhòu, òla, adj./n. camponês
 campanhòu, òla/ campanhard, a, adj./n. camponês
 campar, v. aparecer
 campar/ espiar, v. olhar 2. vigiar
 campion, a, m. campeão
 campionat m. campeonato
 can, canha, m. cachorro, cão
 cana/ cajada, f. muleta, bengala
 cana/ gargamèra/ gorja, f. garganta
 canari m. canário
 canau m. canal
 cançon/ canta, f. canção
 candelon, m. lâmpada 2. vela pequena
 canèr/ gotèr/ combana (f.) m. canal
 canèu/ tuèu, m. tubo
 canhisclar/ ganholar, v. latir
 canhotar, v. parir (a cadela)
 canon, m. canhão
 cansadera/ cansèra/ cansament (m), f. cansaço
 cansament, m. cansaço
 cansat, ada/ esquistat, ada, adj. cansado
 cant, m. canto 2. lado
 cant/ cornèr, m. rincão
 canta/ cançon, f. canção
 cantaire,-a m. cantor
 cantar v. cantar
 cantoadada, f. esquina
 cantre, m. cântaro
 cap de, adj. ind. nenhum, nenhuma
 cap per cap/ tròc, m. troca, permuta
 cap. m. cabeça 2. extremo
 cap/ capmèstre/ capdau, m. chefe
 capa, f. capa
 capable, adj. capaz
 capacitat, f. capacidade
 capbrutlar/ capvirar/ alhocardir, v. enlouquecer
 capdau/ capmèstre, m. chefe
 capdulh/ caplòc, f. capital (de um país, de um estado)
 capèla/ capèra/ gleisòla, f. capela
 caperar, v. cobrir 2. abrigar
 caperar/ acojar, v. sepultar
 capèth/ chapèu, m. chapéu
 capinaut, a, adj. orgulhoso 2. m. orgulho
 capir/ comprèner, v. compreender
 capitala/ capitau/ capital, f. capital
 capitar/ endonviar, v. acertar 2. adivinhar
 capitau, adj. capital
 caplòc/ capdulh, m. capital (de um país, de um estado)
 capmestrè/ cap/ capdau, m. chefe
 capsas, f. caixa
 capucha f. capuz
 capvirar-se, v. enlouquecer
 capvirat, ada/ capbrutlat, ada, adj. louco, doido
 car m. carro
 car, -a adj. caro

- cara f. cara
 caractèr, m. caráter
 caracterizar v. caracterizar
 carar, v. calar
 carataisha/ titàs (m.), f.
 máscara
 carbon, m. carvão
 carcanhar, v. inquietar 2.
 importunar
 carchòfa/ artichaut, f.
 alcachofra
 cardet, m. cardo
 carestièr, a/ caristièr, a, adj./n.
 avaro, pão-duro
 careta/ titàs/ masqueta, f.
 máscara
 cargar v. carregar
 cargòlh (-òlha), m. caracol
 cargue, m. cargo
 carilhon, m. bochecha
 carís, m. desfiladeiro
 carn/ carnalha, f. carne
 carnassèr, a, adj. carniceiro 2.
 carnívoro
 carnaval/ magràs, m. carnaval
 carnejaire, ra, adj. carniceiro
 carniassèr, a, n./adj. carniceiro
 2. carnívoro
 carrascla/ aucòla, f. perdiz
 branca
 carrèr/ carrèra (f.)/ carrièra,
 m. rua
 carrèr/ cop/ viatge, m. vez
 carrerada/ corsèra, f. senda
 carrerat/ carreret/ carreron, m.
 senda
 carretèra f. estrada
 carrièra/ carrèra/ carrer (m.),
 f. rua
 carriereta/ carreron (m.), f.
 beco
 carrinciada/ carrincladís (m.),
 f. rangido
 carrinciar/ carrincar, v. ranger
 carrincleg/ carrinciada (f.), m.
 rangido
 carrolha, f. espiga
 carròta, f. cenoura
 carta f. carta 2. cardápio
 cartèu/ panèu, m. letreiro
 cas/ caish, m. caso
 casa/ ostau (m.) maison, f.
 casa
 casc m. capacete
 cascant, a/ lord, a, adj. sujo
 cascantejar/ lordejar/ enlordir,
 v. sujar
 casèrna f. caserna
 caspa, f. escama (de peixe)
 casse/ casso, m. carvalho
 cassenhau, m. carvalhal
 castanha f. castanha
 castanhaire, m. vendedor de
 castanhas
 castèth, m. castelo 2.
 fortificação militar, forte
 castig/ puniment, m. castigo
 2. punição
 castigar v. castigar
 castigar/ punir, v. castigar 2.
 punir
 catalan, -a adj./m. catalão
 catar, v. excavar
 catèrva, f. caterva
 catla/ calla, f. codorniz
 catolic, -a adj. católico
 cauçar v. calçar
 caucèr m. calçado
 caucèr/ cauçadaura (f.) cauçura
 (f.), m. calçado
 cauceta/ michon, m. meia
 (vestuário)
 caud, a, adj. quente
 caudea/ caudia, f. cal
 caudèra f. caldeira
 caudheired/ caudred/
 tremoladera, f. calafrio
 cauhar, v. esquentar
 cauhatge, m. calefação
 cauilhar/ cavilhar, m. tornozelo
 caumatge, m. greve
 cauna/ tuta, f. caverna
 causa, f. coisa
 causida/ alistada/ escuelhuda,
 f. eleição, escolha
 causir/ alistar/ escuelher, v.
 escolher, eleger
 cauva/ tuta, f. cova
 cauvura/ calvícia, f. calvice
 cavala, f. égua
 cavalam/ cavalham/ cavalum,
 adj. cavalari
 cavalièr m. cavaleiro
 cavèrna, f. caverna
 ce f. ce
 ceba, f. cebola 2. bulbo
 cèc, cèga/ orb, a, adj./n. cego
 celebrar/ hestejar, v. celebrar,
 festejar
 celh m. espessura
 celh, m. espessura, grossura
 celha/ cilha, f. sobrançelha
 cellula, f. célula
 cendre, m. cinza
 cendrèr, m. cinzeiro
 centelha, f. centelha
 centime m. cêntimo
 centimètre, m. centímetro
 centrar v. centralizar
 centrau adj. central
 centre, m. centro
 cera, f. cera
 cèrca, f. pesquisa
 cercadís/ cercament, m. buscar
 cercar, v. buscar
 cercle, m. círculo
 cerida, f. cereja
 ceridèr/ cerisèr, m. cerejeira
 cernalha shishangla, f.
 lagartixa
 certament, loc. adv. sem
 dúvida
 cervèth, m. cérebro
 cèrvi, m. veado
 cèu dera boca, m. paladar
 cèu, m. céu
 chafre/ subernóm, m.
 sobrenome
 champanha m. champanhe
 chapèu/ capèth, m. chapéu
 chaueta/ peta/ monina/
 briaguèra, f. bebedeira
 chaupar, v. molhar
 chegrin, m. pena
 chemineia/ humenèja/
 tumenèja, f. chaminé
 chena/ cade/ cadia, f. cadeia
 chepicar/ carcanhar/
 enquimerar, v. inquietar
 chicar, v. mastigar tabaco
 chicolate delit, m. chocolate
 (na xícara)
 chinés,-a adj./m. chinês
 chivau/ shivau, m. cavalo
 choriç m. chouriço
 chorrèra/ pish (m.), f. cascata
 chorreta, f. troglodita
 chorrupar, v. chupar 2. sorver
 chuc, m. suco
 chucar, v. chupar 2. mamar 3.
 beber
 chucós, osa, adj. que tem suco
 churlar, v. beber 2. chupar
 cimalh, m. cimo
 ciment m. cimento
 cincau, adj. quinto
 cine/ cinèma, m. cinema
 ciratge, m. betume
 circunstància/ entremieja, f.
 circunstância
 circular, v. circular, transitar
 cirurgian, a/ çurgent, a, m.
 cirurgiã
 ciscle, m. cerco
 cisèus/ estalhants, f. pl. tesoura
 cistèr/ tistèr, m. cesto
 citron/ limon, m. limão
 ciutat/ vila, f. cidade
 civiu adj. civil
 clac/ bromit, m. ruído
 clarejar, v. clarear
 clarrinclejar, v. ranger
 clarulha, f. claro
 classic,-a adj. clássico
 clau, f. chave
 clau, m. cravo
 clauadura/ sarralha/ pan (m.),
 f. fechadura

- clauar v. fechar com chave
claurar, v. fechar com chave
claxon m. buzina
client, -a m. cliente
clima m. clima
clinica f. clínica
cloc, a, adj. vazio, oco
clòt/ cava (f.)/ tomba (f.), m.
porão
clòt/ horat, m. depressão 2.
cavidade
clòt/ hòssa, m. tumba
clotut, uda, adj. profundo 2.
côncavo
club m. clube
clucar (es uelhs), v. fechar (os
olhos)
clusa/ carís (m.)/ gorguèra, f.
desfiladeiro
çò, art neu. o
cò/ calh/ colistre, m. coalho
coa/ coda, f. rabo
cobejar/ cobessejar, v.
ambicionar
cobrar, v. cobrar
còca f. coca
cochar v. coalhar
code, m. cotovelo
còder/ hèr a còder/ còser, v.
cozinhar
codina, f. cozinha
codinar/ cosinar, v. cozinhar
codinèr, a/ cosinèr, a, n.
cozinheiro
coeire, m. cobre
coet m. foguete
còga, f. ocase
cogant, m. ocase 2. ocidente
coget/ cojardet/ cocurla (f.), m.
abóbora
cogitar, v. pensar 2. planejar
3. urdir
cogitós, osa/ pensiu, a, adj.
meditabundo
cogòt, m. nuca
coheissar/ coheissar, v.
confessar
coheissor m. confessor
còila/ vim/ vime, f. vime
coish, a/ ranquet, a, tòrt, a,
adj./n. coxo
coishejar, v. mancar
coja, v. abóbora
cojardet/ coget/ cocuria, f.
abóbora
colader, m. filtro
colar, v. coalhar 2. manar
colerós, osa/ colerut, uda, adj.
colérico, irascível
colha/ arrupa, f. ruga
colha/ colhoèra/ borsonada, f.
escroto
colharet m. colar
- colhoèra (fam.), m. covarde
colhon/ boton/ testicul, m.
testículo, colhão
colhonada (fam.) / badinada, f.
brincadeira
colistrar/ colar, v. coalhar
colistre/ cò, m. coalho
collègi, m. colégio
colom m. pombo
colònia f. colônia
color m. cor
colossau, adj. colossal
com/ coma/ quin, adv. como
coma un floc de bones
èrbes, (fam.), loc. adv. de
improviso
coma/ con, adv. como
comana/ comission, f. encargo
comanda, f. pedido
comandament, m. mandato
comandar, v. comandar,
mandar 2. prescrever
comarca f. comarca
combat, m. combate
combàter, v. combater
comdat m. condado
comde, m. conde
començament/ prumeria (f.)
debuta, m. começo, princípio
començar/ emprincipiar, v.
começar, principiar
comerçant, a, adj./n.
comerciante
comerciau adj. comercial
comestible, bla/ minjadís, issa,
adj. comestível
comforma adj. conforme
comission, f. comissão 2.
encargo
comitat/ comitè, m. comitê
companh,-a m. acompanhante
comparança/ comparason/
comparèr (m.), f.
comparaçã
compartir v. compartilhar
compassion f. compaixão
compausar, v. compor
compdar, v. contar
compde de (en) / en torn de
/ en sòrta de, loc. adv. em
lugar de
compde m. conta
compladença, f. deleite
complèt, a, adj. completo
complèt, a/ sancer, a, adj.
inteiro
complètament adv.
completamente
complicat,-ada adj.
complicado
compositor, -tritz m.
compositor
- compréner, concéber, v.
compreender 2. conceber
compromés/ compromís, m.
compromisso
comun, -a adj. m. comum
comunicar v. comunicar
comunitat f. comunidade
con.hessar/ coheissar, v.
confessar
concernir/ tânher, v. concernir
concludir, v. concluir
concordar/ acordar/
correspóner, v. concordar
concors m. concurso
condar, v. contar, narrar
conde, m. conto
condicion f. condição
condolences, f. pl.
condolências
conductor,-a m. condutor
condusir/ amiar, v. conduzir
coneishment/ coneishenca
(f.), m. conhecimento
conéisher/ conéguer, v.
conhecer 2. distinguir
conéisher/ vejaire, f. opinião
confiança/ fidança/ hidança, f.
confiança
confinh, m. confim, limite
confirmar v. confirmar
confit/ mochet, m. bombom
confront, m. comparação 2.
limite
congosta/ delèit (m.), shaut
(m.), f. alegria
conhac m. conhaque
conilh, a, n. coelho
conilh,-a m. coelho
conjugason, f. conjugação
connectar v. conectar
conquista f. conquista
conquistar v. conquistar
conselh/ cosselh, v. conselho
conselhar/ cosselhar, v.
aconselhar
conseqüência f. consequência
consèrva f. conserva
considerar v. considerar
consolar/ plànher, v. consolar
constitucion f. constituição
constituïr v. constituir
construisir/ construir/ bastir, v.
construir
consumir, v. consumir
contacte m. contato
contemporanèu, èa, adj.
contemporâneo
content, a, adj. contente
content/ gòi/ alegror (f.), m.
alegria
contèsta f. resposta
contier, v. conter
contier, v. conter

- continent m. continente
 continuament, m. continuação
 contorn, m. contorno 2.
 perímetro
 contornèr/ contorn, m.
 perímetro
 contra prep. contra
 contrari, -ària adj. contrário
 contròtle m. controle
 contunh (de), loc. adv. sem
 cessar
 contunhar/ continuar, v.
 continuar
 convèncer, v. convencer
 convengut/ acòrd, m. acordo
 convèrsa, f. conversa
 convidar, v. convidar
 convier v. convir
 còp d'aire, m. rajada
 còp de pè, m. coice
 còp de uelh/ uelhada, m.
 olhada
 còp m. golpe
 còp sec, adv. de repente
 còp/ pausa (f.)/ moment/
 passada (f.), m. momento
 còp/ viatge/ carrèr, m. vez,
 ocasião
 copadís, issa/ brusc, a, adj.
 frágil 2. quebradiço
 copanòdes/ copaesquilhòts, m.
 quebra-nozes
 copar, v. quebrar 2.
 interromper
 coquèla, f. caçarola
 còr, m. coração 2. coragem
 coratge, m. coragem
 corba, f. curva
 corbàs/ corbaish, m. corvo
 còrda, f. corda
 cordar, v. atar 2. abotoar 3.
 ligar
 cordon/ correg, m. cordão
 còrna, f. corno
 cornèr/ còrn, m. rincão
 cornishon, m. pepino
 corona f. coroa
 corporat, ada/ corporent, a/
 corsat, ada, adj. corpulento
 corrau m. curral
 correder, m. corredor 2. viela
 corredor, -a m. corredor
 (pessoa que corre em
 torneios)
 correg, m. cordão 2. correia
 corregir, v. corrigir
 correja/ correg (m.), f. correia
 correjon, m. cordão 2. correia
 pequena
 corrent m. corrente
 corrent, -a adj. corrente, usual
 còrrer, v. correr 2. deslizar
- correspóner/ acordar, v.
 corresponder 2. concordar
 corròp m. grupo
 cors m. curso
 corsa f. corrida
 corsat, ada/ corporat, ada, adj.
 corpulento
 corsatge/ cossatge/ corporança,
 f. corpulência
 corsejar/ acaçar, v. perseguir
 corsèra, f. senda
 corsilhar, v. considerar 2.
 refletir
 corsilhós, osa/ cogitós,
 osa, adj. pensativo 2.
 meditabundo
 cort/ bòrda, f. estábulo
 cóser, v. costurar
 cosin, ia, m. primo
 cossí/ quin/ com/ coma, adv.
 como
 còsta/ arribentor/ pinent, f.
 declive
 còsta/ pala, f. ladeira
 còsta/ pujau (m.), f. costa
 costana, f. viga mestra
 costar v. custar
 costum/ costuma (f.)/ usança
 (f.), m. costume
 costurèr/ sarte, m. alfaiate
 cotèth/ guinhauet, m. faca
 còth, m. pescoço
 còth/ galet/ pitrau, m. seio
 cothitòrta/ cothturca, f.
 torcicolo
 cothivirar, v. destruir
 coton, m. algodão
 còva/ tuta, f. cova
 covard, -a adj. covarde
 craba, f. cabra
 crabèr m. pastor de ovelhas
 crabòt, a, m. cabrito
 cracar, v. ranger 2. quebrar
 crambèr, a, m. garção
 crambra, f. quarto (de dormir)
 cranc, m. caranguejo
 creacion f. criação
 crear v. criar
 crèbacòr, m. angústia
 crebar (fam.), morrer
 crebar, v. explorar 2.
 arrebentar
 crec/ tuta (f.) bauma (f.), m.
 gruta
 credença, f. crença
 credent, a, adj./n. crente
 créder/ creir/ créser, v. crer
 crehença/ cranhença, f. temor
 creion/ gredon, m. lápis
 creir/ créder/ créser, v. crer 2.
 obedecer
 créisher, v. crescer 2.
 aumentar
- creishuda, f. aumento 2.
 aluvião
 creishuda, f. crescimento
 cremar/ ahllamar/ hllamar, v.
 arder
 cremar/ usclar/ bruslar, v.
 queimar
 crepuscul/ luscre/ solei
 cognant, m. crepúsculo,
 ocase
 cric lheuadís, m. gato
 cricar/ cruishir, v. quebrar 2.
 esmagar
 cridar, v. chamar 2. gritar 3.
 renhir
 crion, m. lápis
 crisi f. crise
 cristal, m. cristal
 cristian,-a adj./m. cristão
 cristianar, v. batizar 2.
 cristianizar
 crit m. grito
 croishida, f. rangido
 croishir/ cracar, v. ranger
 croishir/ petar, v. quebrar
 crompa, f. compra
 crompar, v. comprar
 cronometre, m. cronômetro
 crosca, f. cortiça 2. côdea
 crotz/ creu, f. cruz
 crotzada, f. cruzada
 crotzament, m. encruzilhada
 crotzar, v. cruzar 2. mestiçar
 cru, a, adj. cru
 crum/ broma (f.)/ brom, m.
 nuvem
 cu m. cu
 cub, m. cubo
 cubertar, v. cobrir
 cubertar/ caperar/ curbir, v.
 recobrir
 cubertor, m. ação de cobrir
 cuca/ babau (m.), f. barata
 cuedar, v. cuidar 2. tratar bem
 cueisha, f. coxa
 cuélher era peta, v. embebedar-
 se
 cuélher páur (hèr), v.
 atemorizar 2. acovardar
 cuélher pietat, v. compadecer
 cuélher, v. colher 2. recolher
 cuélher/ arturar/ detier, v. deter
 cuelheta/ cuelhuda/ recòlta, f.
 colheita
 cuelhuda (fam.)/ peleja/ horra/
 gorra, f. discussão
 cuer, m. couro
 cuert, a/ brac, a, adj. curto
 cuic, m. ângulo
 culhèr, m. colher de madeira
 culhèra, f. colher
 culminant, -a adj. culminante
 cultura f. cultura

culturau adj. cultural
 cunh, m. ângulo 2. esquina
 cunhat, -ada adj. cunhado
 cunhèra/ brêç (m.)/ cua, f.
 berço
 cunherar, v. embaiar

curar, v. limpar 2. esvaziar 3.
 podar
 curat, ada/ aulòc, a/ tohut, uda,
 adj. vazio 2. oco
 curbir, v. cobrir 2. fecundar
 curbir/ caperar/ corbir/
 amantar, v. tampar

çurgent/ cirurgian, m. cirurgiaão
 curiós,-osa adj. curioso
 cusson/ quisson, m. carcoma
 cuu-sarat (fam.)/ aganit, ida,
 adj./n. avaro, pão-duro

D

d, f. d
 d'aciú a, prep. desde
 d'ala vetz entà, prep. desde
 então
 d'ora/ lèu, adv. cedo
 dab/ tamb/ damb, prep. com
 dable, bla, adj. apto
 damaisèla/ madamisèla, f.
 senhoria
 damb/ tamb/ entamb, prep.
 com
 damnatge/ daumatge/ mau, m.
 dano
 damnatgeu, a/ damnatjós, osa,
 adj. danoso
 dançar v. dançar
 dançar/ barar, v. dançar
 dangièr/ perih, m. perigo
 dar trabalh/ emplegar/
 emboishar, v. empregar
 dar/ balhar, v. dar 2. entregar
 darrèr, a, adj. último
 darrèr, adv. detrás
 dat, m. dado
 data f. data
 datar v. datar
 dauant/ davant/ deuant/
 devant, adv. /prep. diante
 dauath/ davath / baish, adv.
 abaixo
 dauma/ mastressa/ patrona, f.
 senhora
 daurida/ dubertura, f. abertura
 daurider, m. abridor
 dauriment, m. abertura
 daurir/ héner/ estarnar, v.
 fender
 daurir/ orbrir, v. abrir
 daurit, ida/ dubèrt, a, adj.
 aberto
 de bon hèr/ aisit, ida, adj. fácil
 de bon tier, adj. manejável
 de cap tà, prep. em direção a
 de choina (pan), m. pão branco
 de franc, adv. grátis
 de mau hèr / malaisit, ida, adj.
 difícil

de mau hèr/ malaisit, ida, adj.
 difícil
 de patac/ còp sec, loc. adv. de
 repente
 de prèssa loc. adv. depressa
 de ressabud, loc. adv. de
 improviso
 de ressabuda, loc. adv. de
 improviso
 de tira, adv. em seguida
 de, d', prep. de
 debanar, v. desenrolar 2.
 dobar
 debanar/ destropar, v.
 desenvolver
 debiar/ camisherar, v. dobar
 decadéncia, f. decadência
 decebement/ decebuda (f.), m.
 decepção
 decéber/ enganhar, v.
 decepcionar
 decebuda, f. decepção
 decebuda/ florinada/ mocada,
 m. desengano
 decidir/ determinar, v. decidir
 decréisher/ amendir/
 desmeséisher, v. diminuir
 deféner/ emparar, v. proteger
 deféner/ virar, v. defender
 defesa f. defesa
 definir v. definir
 defuntar/ morir, v. morrer
 degalhar/ estropiar/ abismar, v.
 estragar
 degrèu, m. pesar
 deguens/ laguens, m. dentro
 degun/ arrès, pron. ind.
 ninguém
 dehòra de/ exceptat/ sonque,
 prep. exceto
 dehòra, adv. fora
 dehúger, v. fugir 2. evitar 3.
 recusar
 deisha/ deishadesa, f.
 abandono
 deisha/ prèst (m.), f.
 empréstimo

deishadesa/ deisha/
 descuedança, f. abandono
 deishar d'anar, v. descansar 2.
 soltar
 deishar d'anar/ tier, v. apoiar
 deishar de cornèr/ acornerar, v.
 encantoar
 deishar, v. deixar 2. abandonar
 deishar/ legar, v. legar
 deishar-se d'anar, v. abater-se
 deishes/ bilhèstres, f. pl.
 desperdícios 2. restos
 dejà/ ja, adv. já
 dejós (eth), m. a parte inferior
 dejós de (ath), loc. prep.
 debaixo de
 dejós, adv. debaixo
 dejosterrar/ desenterrar, v.
 desenterrar, exumar
 dejun, m. jejum
 delà, adv. lá, de lá, dali
 delàger de sers, adv. anteontem
 à noite
 delàger, adv. anteontem
 delànet, adv. ontem à noite
 delavaci/ bategat/ borrat, m.
 aguaceiro
 delavantdarrèr, a, adj.
 antepenúltimo
 delegar, v. delegar
 delèit, m. deleite
 delèri/ in, m. afã
 delicat, ada, adj. frágil
 delictè/ malahèita/ malchèita,
 m. delito
 delir, v. apagar 2. destruir
 delir/ hóner, v. derreter 2.
 dissolver
 deluns, m. segunda-feira
 deman/ doman, adv. amanhã
 demanar/ pelodir, v. pedir
 demantau/ devantau, m.
 avental
 demès/ demei, m. excesso
 demest/ enter/ entre, prep.
 entre

- demingar/ amendir/ amenudar, v. diminuir
demora, f. demora, espera 2. espreita
demorança/ demora, f. quarto (de dormir) 2. domicílio
demorar, v. demorar 2. residir
demorar/ estar, v. ficar
dempús alavetz, loc. adv. a partir de então
dempús/ après/ arron/ apuish, adv. depois
denquia/ enquia/ dinc a, prep. até
dens, -a adj. denso
dent aueranèr, m. dente canino
dent, m. dente
dentejar/ nhacar, v. morder
dentilha, f. lentilha
departament m. departamento
depausar, v. depositar 2. depor
depéner v. depender
deplan, m. nível
depriment, a/ descoratjant, a, adj. deprimente
deputat, m. deputado
der (diante de vogal), art. contr. do
dera, art. contr. da
derrotlar/ desvolopar, v. desenvolver
des, art. contr. dos, das
des.hèir/ esmolinar, v. desfazer
des.holar, v. desinchar
desagradament/ desengust, m. desgosto
desalendar/ desalenar, v. sufocar
desamagar/ desnichar, descurbir, v. descobrir
desamarar/ dissòlver/ delir/ hèr a hóner, v. dissolver
desaparéisher, v. desaparecer
desarraisar/ desarrigar, v. arrancar
desatencion/ descuet (m.), f. descuido
desatent/ desengust, m. desgosto
desauantatge, m. desvantagem
desaubediment, m. desobediência
desaubedir/ non creir pas, v. desobedecer
desaunor, m. desonra 2. mancha
desaviar/ desvirar/ desviar, v. desviar
desaviar/ hòraviar/ pèrder, v. extraviar 2. perder
desbarganar/ des.hèir, v. desfazer
desbarrar/ daurir, v. abrir
desbastiment/ esbauç, m. demolição
desbastir/ esbauçar, v. demolir
desbastir/ hèr a queir/ desapitar, v. demolir
desbotoar/ descordar, v. desabotoar
desbrembada/ descuet (m.), f. descuido
desbrembadís, issa, adj. esquecidiço
desbrembar/ desbrombar, v. esquecer
desbrembe, v. esquecimento
desburrar/ despintar, v. desnatar
descaminar/ hòraviar, v. extraviar
descans m. descanso
descaperar, v. descobrir
descarnar/ amagrir, v. emagrecer
descatar/ desacogar, v. desenterrar
descauçar, v. descalçar
descéner, v. descer
descenuda, f. descida
desclanar, v. abrir uma porta com chave
descompde, m. desconto
desconéisher/ desconéguer, v. desconhecer
descòr/ hastic, m. asco, nojo
descoratjant, a, adj. deprimente
descoratjar-se, v. desanimar
descorderar/ descordar, v. desabotoar
descotar/ descunhar, v. descalçar
descreishment/ amendriment, m. decréscimo, diminuição
descreishença, f. descida
descreishença/ descreishuda, f. decréscimo
descripcion f. descrição
descriuer v. descrever
descubertar, v. descobrir 2. destampar
descuedada/ descuet, f. descuido
descuedança/ dèisha, f. abandono 2. negligência
descuet/ descuedada (f.), m. omissão 2. descuido
descurbir, v. descobrir
descurbir/ endonviar, v. inventar
deseme/ auents/ avents, m. dezembro
desempovassar/ boishar, v. tirar a poeira
desempuish/ d'alavetz/ d'aci, prep. desde
desencarir/ baishar eth prètz, v. baratear
desencoar, v. descobrir a cabeça
desenconhar/ desnishar, v. descobrir
desencuedar-se, v. descuidar
desencusa, f. desculpa 2. pretexto
desencusar, v. desculpar
desengust/ desagreu/ desagrat, m. desgosto
desengustar, v. desgostar
desenterrar/ desacogar/ dejosterrar, v. desenterrar
desfauc, m. desfalque
desfiamet/ desfis, m. desafio
desformar, v. deformar
desfortuna, f. infortúnio
desfortunat, ada/ malurós, osa, adj. desgraçado
desgèu/ destorrada (f.) destòr, m. degelo
desgordit, ida, adj. astuto
desgostant, a/ degustant, a, adj. repelente
desgraciat, ada/ malurós, osa, adj. desgraçado
designar v. designar
designar, v. desgnar
desir/ desirança (f.), m. desejo
desirança, f. desejo
desirar/ desiderar, v. desejar
deslaçar, v. desenlaçar 2. desabrochar
desleiau, adj. desleal
desmangoriar, v. estragar
desmangoriar/ espatracar, v. estragar
desmarinat, a/ desmandrengat, ada, adj. desalinhado
desmarrar/ arrincar, v. arrancar
desmesura/ demès (m.)/ dimei, f. excesso
desmesurat, ada, adj. colossal, gigantesco
desmoliment/ desbastiment, m. demolição
desmolir, v. destruir
desnaturar, v. desnaturalizar
desnidar/ desniderar (fam.), v. desalojar 2. mudar de lugar
desniderar (fam.)/ descurbir, v. descobrir
desnudar, v. desnudar 2. desatar
desobrat, ada/ esvagat, ada, adj. ocioso
desorde m. desordem
despachar-se/ esdegar-se, v. estar com pressa
despacientar, v. impacientar

- despariat, ada/ escarsèr, a, adj. ímpar 2. assimétrico
desparionat, ada, adj. ímpar
despartir v. repartir
despassar, v. sobressair 2. amainar
despatriament/ exili/ exilh, m. exílio
despèner, v. gastar
despièch/ despieit/ despriet, m. despeito
despient de (ath), loc. prep. apesar de
despientar/ esperluar, v. despentear
desplaser, m. desprazer
despolhat, ada/ nud, a, adj. nu
despopar, v. desmamar
despús/ dempús/ aprèp/ arron, adv. depois
desrotlar/ debanar, v. desenvolver
dessabor/ alapor, m. insípidez
dessenh, m. desenho 2. projeto
dessenhar, v. desenhar 2. projetar
dessensat, ada/ destracat, ada, adj. doido 2. desequilibrado
desseparar, v. isolar, separar 2. desunir
dessús, adv. em cima
dessús/ sus, prep. sobre
destalentar/ descoratjar, v. dissuadir 2. desanimar
destampar/ descaperar, v. destampar
destibar/ hloishar, v. afrouxar
destibat, ada/ hloish, a, adj. frouxo
destinar v. destinar
destirar/ destalentar/ descoratjar, v. dissuadir
destòr/ destorrada (f.)/ desgèu, m. degelo
destornar/ destalentar, v. dissuadir
destornar/ desvirar, v. desviar
destorrada/ destòr (m.) desgèu, f. degelo
destracar, v. estragar
destracar-se/ capvirar-se, v. enlouquecer
destric/ divertiment, m. diversão
destrigar/ destorbar, v. impedir 2. importunar 3. transtornar
destruccion f. destruição
destruir/ destrusir/ desruir, v. destruir
destrusir/ abrismar/ enruinar, v. destruir
- desunion/ desunida, f. desunião 2. discórdia
desvarganat, ada, adj. desalinhado
desvelhar, v. despertar
desvirar/ desviar/ destornar, v. desviar
desviolar/ debanar, v. desenvolver
desvistar, v. descobrir
desvolopament m. desenvolvimento
desvolopar, v. desenvolver
desvolopar/ desengolopar, v. desenvolver
det/ dit, m. dedo
determinar, v. decidir 2. determinar
detestar/ hastiar, v. detestar 2. aborrecer
deth/ deu (diante de consoante), art. contr. do
detier/ deténguer, v. deter
dètz, adj./m. dez
detzea f. dezena
detz-e-nau, adj./m. dezenove
detz-e-ueit, adj./m. dezoito
deuant/ devant/ dauant/ davant, adv. diante
deuath/ devath/ dejós, adv. debaixo
déuer/ déver, v. dever
deute, m. dívida
devantau/ demantau, m. avental
devarada/ baishada, f. baixada 2. descida
devarar, v. abaixar 2. descer
devarar/ baishar/ desmeréishir, v. decrescer, descer 2. abaixar
devertir v. divertir
devisar/ arrasoar, v. falar 2. bater papo
devòt, adj. devoto
dia/ jorn, m. dia
dialòg, m. diálogo
diari m. diário
diboishar/ dessenhar, v. desenhar
didau, m. dedal
díder non/ remir, v. negar
diferéncia f. diferença
diferent, -a adj. diferente
difícil, a/ malasait, ida, adj. difícil
dificultat/ trebuc (m.)/ bronc (m.), f. dificuldade
dificultós, osa, adj. difícil
difóner/ difusar, v. difundir
digitau adj. digital
dijaus, m. quinta-feira
dilhèu/ benlèu, adv. talvez
- dimars m. terça-feira
dimenge, m. domingo
dimenjada, f. fim de semana
dimension, f. dimensão
dimèrcles/ dimèrcs, m. quarta-feira
dinar m. comida 2. dinar (moeda árabe)
dinastia f. dinastia
dinc a/ enquia/ denquia, prep. até
dinèr, m. dinheiro
direccion f. direção
dirècte,-a adj. direto
director,-triz adj./m. diretor
dirigir v. dirigir
discòrdia, f. discórdia
discussão/ discuta/ cuelhuda, f. discussão
Disney f. Disney
dispensar/ exemplar, v. eximir
dissabte, m. sábado
dissolver/ delir, v. dissolver
distància f. distância
distincion f. distinção
distrèir, v. distrair
dit poç; dit pòdo, m. polegar
dit/ det, m. dedo
diu, m. deus
diuendres/ divés, m. sexta-feira
diuèrs,-a adj. diverso
divertiment/ esvagament/ esvagadís, m. diversão
divertir/ esvagar, v. distrair
division f. divisão
doana, f. alfândega
doanèr m. funcionário da alfândega
doble adj. dobro
doç, a, adj. doce 2. suave
doçament/ a plaser/ tot doc, adv. devagar, pouco a pouco
docha f. ducha
doctor,-a m. doutor
doctrina f. doutrina
document m. documento
dolent, a/ maishant, a, adj. mau
dolha/ dolhèr (m.), f. tomada
dolor f. dor
doman/ deman, adv. amanhã
domeni m. domínio
domicili/ demorança (f.) m. domicílio
dominar v. dominar
don m. dom 2. Título honorífico
donada, f. dado
donc/ donques, conj. então
dondaire, ra, m. domador
dondar/ dreçar, v. domar
donques/ donc, conj. então
dormir/ dromir, v. dormir

dotz/ hònt/ uelh (m.)/ sorsa, f.
manancial
dotzau, adj. num. duodécimo
dotzena f. dúzia
dralha, f. caminho, senda
drapèu/ banèra/ bandèra, m.
bandeira
dravar/ estacar, v. atar
dreçar, v. colocar 2. guardar
3. domar 4. educar
dreçar/ corregir, v. corrigir
drenar, v. drenar

dret (auer eth), v. ter a razão
dret m. direito
dret, -a adj. direito
dret/ arrason/ rason (f.), m.
razão
drin (un)/ un shinhau, loc. adv.
um pouco
drin/ shinhau, adv. pouco
drólla/ mainada, f. menina
drölle/ mainatge, m. menino
dromilhon, m. sonho
dromir/ dormir, v. dormir

dubèrt adj. aberto
dubertura f. abertura
dubertura, f. abertura
düel, m. duelo
duoden, m. duodeno
dur, a/ duro, ra, adj. duro
durant prep. durante
durar v. durar
dus, dues, adj. dois
dusau, adj. num. segundo

E

e, conj. e
e, f. e
eclesiastic, a, gleisèr, a, adj.
eclesiástico
economic, -a adj. econômico
ectara f. hectare
edart, m. casualidade
edat/ temps (m.), f. idade
edicion f. edição
edifici/ bastiment/ bastida (f.),
m. edifício
èfa f. efe
ègua/ cavala, f. égua
eish, m. eixo
eishame, m. enxame
eishèra/ sherèra, f. sovaco,
axila
eishordar v. incomodar,
molestar
ejacular/ eslinsar/ gisclar, v.
ejacular
eleccion/ causida/ alistada, f.
escolha
electric, -a adj. elétrico
electricitat f. eletricidade
electron, m. elétron
elegant, -a adj. elegante
elegir/ alistar/ causir/
escuélher, v. eleger, escolher
element m. elemento
elevar v. elevar
elicopèr, m. helicóptero
em, 'm; me, m', pron. pers. me
embaboquir/ embabucar, v.
assombrar, pasmar
embadoquit, ida, adj.
boquiaberto
embarrar, v. encerrar 2. cercar
3. rodear
embauc/ gargulh/ malh, m.
precipício

emberir/ emberogir, v.
embelezar
embestiar, v. embrutecer
embéur/ embéuer, v. absorver
embocadura, f. desembocadura
embocar, v. engolir
emboish/ emboisha (f.), m.
lugar de trabalho 2. tomada
emboishar, v. empregar, dar
trabalho
embolicar/ estropar, v.
envolver
emborrachar/ cuélher era peta,
v. embriagar
emborrassar, v. envolver
embosteraria, f. embuste
embrancament, embuste
embrancament, m. confluência
embrembar-se, v. lembrar-se
embriagar/ hartar, v. embriagar
embriaguesa/ -essa/ briaguèra,
f. embriaguez
emenda, f. multa
emmalir/ enforiscar, v.
enfurecer, irritar
emmantelar, v. envolver
emocion/ baticòr (m.), f.
emoção
emorràgia, f. hemorragia
empachar/ empedegar, v.
impedir
empara/ cajada, f. muleta
emparament, m. amparo 2.
proteção
emparar, v. apoiar 2. proteger
empassaire (fam.)/ gargamèra,
m. faringe
empedegar, v. impedir 2.
estorvar 3. travar
empediment/ empachament,
m. impedimento
empedir v. impedir

empedir/ empedegar, v.
impedir
empeirar/ empeiregar, v.
petrificar
empejorar, v. piorar
empenaïr-se, v. arrepender-se
empentàs/ empentassada, f.
(m.), empurrão
empentassar/empentassejar, v.
arrepender-se
empentassejar/ empentassar, v.
empurrar
emperaire, m. imperador
emperairitz, f. imperatriz
empèri, m. império
empestar, púder, v. feder
empeut, m. enxerto
empeutar, v. enxertar
empipautar/ enfordir, v. sujar
empipornar, v. sujar
empirir/ empejorar, v. piorar
emplaçar/ plaçar, v. situar
emplastar/ estronhar, v. acharar
emplaste, adj. inepto
emplastejar/ manejar, v.
manipular
emplàstic, adj. incapaz
emplec, m. emprego 2. cargo
3. função
emplec/ us/ usatge/ tenguda
(f.), m. uso
emplegar/ tier/ utilizar, v.
empregar 2. utilizar 3. usar
emplegat, ada, adj. e m.
empregado
emplenta (fam.), f. notícia
emplir/ aumplir, v. encher
empodoar, v. envenenar
empolancat, ada/ dijaus (fam.),
adj. intrometido
empontament/ empont, m.
andaime

- empontatge/ embastment, m.
andaime
- empossada/ empentàs, f.
empurrão
- empossar, v. empurrar
- emprincipiar/ entamenar, v.
começar
- empuntar, v. tropeçar 2.
titubear
- en bades, loc. adv. em vão
- en lòc de/ en torn de/ en sòrta
de, loc. prep. em vez de
- en plaça de/ en torn de/ en lòc
de, loc. prep. em vez de
- en plus d'aquò/ ath delà, adv.
além de
- en sòrta de/ en plaça de/ en
torn de, loc. prep. em vez de
- en torn de/ en lòc de, loc. prep.
em vez de
- en ua lucada, loc. adv. em um
piscar de olhos
- en un virament de uelhs, loc.
adv. em um piscar de olhos
- en un virat de man, loc. adv.
em um piscar de olhos
- en vaganaut/ en van, loc. adv.
em vão
- en van/ en vaganaut, loc. adv.
em vão
- en, prep. em
- en.hiscar/ ahiscar, v. incitar
- en.holiar/ alhocardir, v.
enlouquecer
- en.honsar/ enfonsar/ ahonsar,
v. afundar
- enaiguar/ negar, v. inundar
- encaborrit, ida/ testud, uda,
adj. obstinado
- encalamiat, ada, adj.
intrometido
- encamadar-se, v. apaixonar-se
- ençançar/ apressar/ apropar, v.
aproximar
- encangrenar, v. gangrenar
- encanhar/ en.hiscar, v. incitar
- encara que/ maugrat que, conj.
ainda que
- encara/ enqüera, adv. todavia,
ainda
- encargar/ encomanar, v.
encarregar
- encargat,-ada m. encarregado
- encargolhar/ entorniar, v.
enroscar
- encargue, m. encargo 2.
encomenda
- encèndi/ huec, m. incêndio
- encendiar/ ahlamar/ hlamar, v.
incendiar
- encens, m. incenso
- encensar, v. incensar
- encetar/ emprincipiar,
entamenar, v. iniciar
- encohar-se, v. cobrir a cabeça
- encolar/ apegar, v. pegar
- encolia, f. humor
- encomanar, v. encarregar
- enconha/ enconhalh, (m.), f.
esconderijo
- enconhar, v. esconder
- encontrada/ parçam (m.), f.
comarca
- encorniar/ cogitar, v. pensar
- encrotzar, v. cruzar
- enrumir-se/ embromar-se, v.
formar nuvens
- endica/ ensenhador, f. índice
- endominar/ endonviar, v.
acertar 2. adivinhar
- endonviador, a, m. adivinho
- endonviaire, ra, m. adivinho
- endonvialha/ endonvieta, f.
adivinhação
- endonviar/ endominar, v.
adivinhar
- endonviar/ inventar/ atrobar, v.
inventar
- endonvieta/ endomineta, f.
adivinhação
- endòs/ arrecès/ acès, m. abrigo
- endostar/ arrecessar, v. abrigar
- endravament m. problema,
complicação
- endravar-se/ estramuncar, v.
tropeçar
- endravat, ada (fam.)/
encalamiat, ada, adj.
intrometido
- endret, m. lugar 2. feixe
- enemic, -ga adj. inimigo
- energia f. energia
- enervar/ despacientar, v.
impacientar
- enfaishar/ estropar, v. envolver
- enferonir/ enforiscar/ enmalir,
v. enfurecer
- enfonrismar, v. enfurecer 2.
alvoroçar
- enfonsar/ en.honsar/ ahonar, v.
afundar
- enforiscar/ enforonhar, v.
enfurecer
- enganha, f. engano 2.
artimanha 3. armadilha
- enganhar/ enganar, v. enganar
- engarrapar, v. arrancar
- engatar (fam.), v. embriagar
- engenhaire, -a m. engenheiro
- engerbir/ torrar/ gelar/ gibiar,
v. gelar
- engolar/ engolir, v. engolir
- engolòpa/ envolòpa, f.
envelope
- engolopar/ envolopar, v.
envolver
- engrassir, v. engordar
- engreishar, v. engordar
- enguarda f. visão, vista
- engüeg, m. tédio
- engüeg/ engüeish, m. angústia
2. pesar 3. nostalgia
- engulhar v. passar o fio pelo
orifício da agulha
- enjòs, adv. abaixo
- enlà adv. neste lugar
- enlà luenh, m. longura
- enlardar, v. engordar
- enlinar/ hilar/ ahilar, v. afiar 2.
enfiar a agulha
- enlordir/ lordejar/ empipautar,
v. sujar
- enludir/ enluar, v. deslumbrar
2. fascinar
- enlumenar/ enlugejar, v.
iluminar
- ennautar, v. enaltecer
- ennegar/ enaiguar/ lacar/
negar, v. inundar
- enquèra que/ encara que, conj.
ainda que
- enquèra/ encara, adv. todavia
- enquia deman loc. adv. até
amanhã, até breve
- enquia ua auta, loc. adv. até
logo
- enquia/ entò/ dinc a/ denquia,
prep. até
- enquimerar, v. inquietar
- enraiadador/ frèn/ travader, v.
freio
- enregar/ arringlerar/ alinhar, v.
alinhar
- enroïnar, v. arruinar 2.
estragar 3. destruir
- enroïnar/ abrismar, v. arruinar
2. estragar 3. destruir
- enroïnar/ trincar/ copar, v.
quebrar
- enronar, v. inundar
- ensabonar, v. ensaboar
- ensabornar, v. sujar
- ensajar/ (as)sajar, v. tentar 2.
ensaiar
- ensajar/ esprovar, v. provar
- ensenhar, v. ensinar 2. indicar,
mostrar
- ensertar/ empeutar, v. enxertar
- ensús adv. na parte superior
- entà arren/ en vaganaut, loc.
adv. em vão
- entà deman loc. adv. até
amanhã
- entà dempús/ adishatz, loc.
adv. até logo

- entà dempús/ enquia dempús,
loc. adv. até logo, até mais tarde
- entà deuant, adv. adiante
- entà laguens, adv. dentro
- entà pr'amor de/ entà per'mor de,
loc. prep. a fim de
- entà que/ tà que, loc. conj. a fim de que, para que
- entà ua auta, loc. adv. até logo
- entà/ tà, prep. a, para, por
- entamb/ tamb/ damb, prep. com
- entecanir, v. debilitar, enfraquecer
- entecanit, ida, adj. debilitado, fraco
- entecar, v. debilitar, enfraquecer
- entecat, ada/ malautís, issa, adj. enfermo, doente
- enténer, v. ouvir 2. entender
- enter/ entre/ demest, prep. entre
- entermadit, ida/ entestardit, ida, adj. obstinado
- enternir, v. adaptar 2. aclimatar 3. arranjar
- enterrament m. enterro
- entestar/ emprincipiar/ entamenar, v. iniciar
- entièr, a/ sancer, a, adj. intacto
- entifonar/ calar/ hicar/ botar, v. pôr 2. meter
- entifonar/ ornat/ ondrar, v. adornar
- entornar-se'n, v. regressar
- entornejar/ enronglar, v. rodear 2. envolver
- entosiasta/ afogat, ada, adj. entusiasta
- entotaçò, adv. entretanto
- entrada f. entrada
- entrada/ nèira, f. vestíbulo
- entrampar/ estramuncar, v. tropeçar
- entrar v. entrar
- entratge, m. introdução
- entrauessar, v. cruzar, entrecruzar
- entrauessat, ada/ encalamiat, ada, adj. intrometido
- entregar/ liurar, v. entregar
- entrelaçament/ malhum/ hilat, m. rede
- entrelescada/ mòs (m.), f. sanduíche
- entremieja/ circunstància, f. circunstância
- entremiel, prep. entre
- entresenha/ indici (m.) senhau, f. indício
- envalar/ avalar, v. engolir
- enveja, f. inveja 2. desejo
- envejadura, f. concupiscência
- envejar, v. invejar
- envelopar/ engolopar, v. envolver
- envèrs m. inverso.
- enviada, f. envio
- enviar/ manar/ despediar, v. enviar
- envielhir/ hèr-se vielh, a, v. envelhecer
- eon/ bom, m. lago (de montanha)
- epòca, f. época
- equipa m. equipe
- equivocacion f. equívoco
- er (diante de vogal), art. o
- era, art. a
- era, pron. per. ela
- èrba seca/ hen (m.), f. feno
- èrba, f. erva
- eretatge m. herança
- eretèr/ ereu, a, n. herdeiro
- ereu, -a m. herdeiro
- èrha/ chegrin, f. pena
- erós, osa/ urós, osa, adj. feliz
- èrra f. erre
- errança/ erroz (m.), f. erro
- es entorns, m. pl. os arredores
- es mèns, es mies, adj. pos. os meus, as minhas
- es.hlor/ flor, f. flor
- es.hlorir/ florir, v. florescer
- es.huelhar/ esfuelhar, v. desfolhar
- esbandejar, v. balançar
- esbarrir/ hòraviar, v. extraviar
- esbauç, m. demolição
- esblancossit, ida, adj. pálido
- esbòc, m. esboço 2. desenho
- esbocinar, v. destroçar
- esbocinar/ trincar/ petar, v. quebrar
- esborniat, ada/ escucat, ada/ bòrni, a, adj. caolho, vesgo
- esbugassar/ esvaporar, v. evaporar
- escadença/ còp (m.), f. ocasião
- escafar/ esfaçar, v. apagar
- escala, f. escada
- escalèr, m. escada
- escalon, m. grau
- escambi, m. câmbio 2. intercâmbio 3. permuta
- escambiar, v. cambiar, intercambiar
- escampa/ grèra/ baleja, f. escova
- escampadissi/ sostre (s), pl. m. lixo
- escampaire, m. lixeiro
- escampar, v. varrer
- escampilhar/ difundir, v. divulgar, difundir
- escampilhar/ expandir/ esténer, v. estender
- escampurieta, viroleta/ campuleta, f. pirueta
- escanar (fam.)/ esquintar/ espisar, v. fatigar
- escanar/ esgorjar, v. estrangular 2. afogar 3. degolar
- escanauir, v. emagrecer 2. debilitar
- escanauit, ida/ escalhèr, adj. magro 2. fraco
- escanauit, ida/ eslaiat, ada, adj. lânguido
- escandilhar, v. brilhar, iluminar
- escanha/ madèisha, f. madeixa
- escantir/ escandir, v. apagar, extinguir
- escapar/ húger, v. escapar
- escara/ nòde, f. noz
- escarabilhat, ada/ aberit, ida, adj. esperto
- escaravisha/ chambre (m.), f. caranguejo
- escarbassar/ hèner, v. fender
- escarcantar, v. fender
- escarèr/ noguèr, m. noqueira
- escargòlh/ cargòlh, m. caracol
- escarni/ escarnida (f.), m. injúria
- escarrapadena (fam.), adj. (dedo) índico
- escartar, v. separar
- escartar/ horaviar, v. extraviar
- escàs, assa, adj. escasso
- escàs, assa/ aganit, ida, adj./n. avaro
- escaudar/ escautar, v. escaldar
- escauhar (fam.)/ despacientar/ enervar, v. impacientar
- escautar, v. esquentar
- esclairant, a/ ludent, a, adj. brilhante
- esclairar, v. iluminar
- esclapar/ copar, v. quebrar
- esclaquerat/ esclat d'arri, m. gargalhada
- esclarir/ hèr dia, v. clarear
- escopeta f. escopeta
- escórrer/ esquitlar/ eslingar/ eslurrar, v. escorregar
- escrasar/ avalir/ abrismar, v. destruir
- escrestar/ despintar, v. desnatar
- escrifassar/ escumunhar, v. renhir
- escriuer/ escríver, v. escrever
- escrivan, -a m. escritor, autor
- escucat, ada/ bòrni, ada, adj. caolho, vesgo

- escuélher/ alistar/ causir, v.
 escolher
 escuelhuda/ causida/ alistada,
 f. escolha
 escuralhar, limpar 2. podar
 escurir/ barrar era net (nueit),
 v. anoitecer
 escuritat/ escuror, f. escuridão
 escuro, ra/ escur, a, adj. escuro
 esdeburar-se/ esdegar-se/
 pressar-se, v. apresar
 esdegar/ hèr lèu, v. apressar 2.
 acelerar 3. abreviar
 esdegat, ada, adj. esperto 2.
 sagaz
 esdejoar, m. desjejum
 esdejoar, v. desjeuar
 esfòrç m. esforço
 esforiar/ espampariar, v.
 afugentar
 esforiar/ espantoriar/ hèr páur,
 v. assustar
 esgargamerar, v. degolar
 esgariar, v. extraviar 2. fatigar
 esgarnoishar/ esgarrapiar, v.
 unhar
 esgatussar, v. renhir 2. unhar
 esglaishar/ esmostar/
 estronhar, v. esmagar
 esglasiar/ espaurir/ esvarjar, v.
 assustar
 esglasiós, osa/ espantorian, a,
 adj. aterrador
 esgluma, f. espuma
 esglumèra, f. espuma
 esgorjar/ esgargamerar/
 escanar, v. degolar
 eshloishar/ hloishar, v.
 afrouxar
 eslaiat, ada/ esquintat, ada, adj.
 fraco 2. lânguido
 eslambrec/ lampit/ relampit,
 m. relâmpago
 eslangorit, ida/ alangorit, ida,
 adj. lânguido
 eslassir-se/ shamostar, v.
 murchar
 esléger/ alistar, v. eleger 2.
 escolher
 eslingada/ esguitlada/
 eslurrada, f. escorregão
 eslingar/ esguitlar/ eslurrar, v.
 escorregar
 eslinsar/ gisclar/ ejacular, v.
 ejacular
 eslipsar/ eslingar/ esguitlar, v.
 escorregar
 eslissader/ luja, m. trenó
 eslissar/ escòrrer, v. escorregar
 2. deslizar
 esluma/ esgluma, f. espuma
 eslumar, v. tirar a espuma ou
 espuma
 eslurrada/ eslingada/
 esguitlada, f. escorregão
 eslurrar/ eslingar/ esguitlar, v.
 escorregar 2. desmorar
 eslurras/ botàs/ laueg/ lavet, m.
 avalanche
 esmalhancament, m. cansaço
 esmalhancar/ esmalhar, v.
 cansar, fatigar
 esmalhancat, ada/ esquintat,
 ada, adj. cansado
 esmandrengat, ada/
 mauenjargat, ada, adj.
 desalinhado
 esmarrar/ pèrder/ hòraviar, v.
 extraviar
 esmavuda/ baticòr (m.), f.
 emoção
 èsme/ sen, m. juízo
 esmenda/ esmendament (m.),
 f. emenda
 esmeravilhar/ maravilhar,
 esmiraglar, v. maravilhar
 esmiejar (en dus), v. cortar em
 dois
 esmoguda/ emoción, f. emoção
 esmòla, f. molar
 esmolar, v. afiar
 esmolinament, f. demolição
 esmostar/ emplastar/ estronhar,
 v. amassar
 espaci m. espaço
 espaciós, osa, adj. espaçoso
 espada f. espada
 espadarnar/ héner/
 escarcanhar, v. fender
 espampariar, v. afugentar
 expandiment, m. extensão 2.
 expansão
 expandir, v. difundir 2. dilatar
 3. expandir
 expandit, ida, adj. vasto
 espanhòu, -la adj./m. espanhol
 espant/ esglàs, m. espanto,
 susto
 espantar/ esglasiar/ escarjar, v.
 espantar/ assustar
 espantorian, a/ esvarjable, bla,
 adj. aterrador
 espantoriar, v. afugentar 2.
 assustar, espantar
 esparadrap m. esparadrapo
 esparpalhar/ escampilhar
 espàrger, v. dispersar,
 espargir
 espartir, v. dividir 2. distribuir
 3. quebrar
 espatarnada, f. queda
 espatla, f. ombro
 espatlader/ embauç/ malh, m.
 despenhadeiro, precipício,
 abismo
 espatracar, v. estragar
 espaurir/ esglasiar, v. assustar
 espaurir/ espaurugar/
 espaventar, v. espantar
 espaurugar/ esvarjar/
 espampariar, v. assustar
 espaurugar/ esvarjar/
 espampariar, v. espantar
 espaventable, bla, adj.
 espantoso
 espaventós, osa/ esvariable,
 bla, adj. aterrador, espantoso
 espavordiment, m. espanto,
 terror
 espear, v. mancar
 espeat, ada/ coish, a/ ranquet,
 a, adj. manco, coxo
 espeçar, v. despedaçar
 espècia f. espécie
 especiau adj. especial
 espelonga/ espeluga, f. gruta
 esperit m. espírito
 esperlongar, v. prolongar 2.
 alongar
 esperluar/ despientar, v.
 despentear
 espés,-sa adj. espesso
 espessor/ celh, m. espessura
 espetar/ crebar, v. rebentar
 espia f. espinho
 espia m. espião
 espiar, m. olhada
 espiar, v. olhar, observar 2.
 vigiar
 espintar/ despintar, v. desnatar
 espirau/ torciròla, f. espiral
 espisament/ esquintament/
 cansament, m. cansaço
 espisar/ esquintar, v. cansar
 espisat, ada/ esquintat, ada,
 adj. cansado
 espitau, m. hospital
 esplinga, f. alfinete
 espolset/ bròssa (f.), m. escova
 espolsetar/ brossar, v. escovar
 espompilh/ boishòria (f.), m.
 bolha
 espompir, v. inchar 2. estender
 espòna, f. margem
 esponja f. esponja
 esponseta/ espolset (m.), f.
 escova
 espòrt, m. esporte
 esportiu adj. esportivo
 espós, -a. m. esposo
 espotir/ estornhar, v. amassar
 espotrangat, ada/
 esmandrengat, ada, adj.
 desalinhado
 espovassar/ boishar/
 desempovassar, v. tirar a
 poeira
 esprovar/ ensajar/ (as) sajar, v.
 provar 2. tentar

- espurgatòri, m. purgatório
 esquèr, ra/ quèr, ra, adj.
 esquerdo
 esquera/ esquira, f. chocalho
 esquerrèr, a, querrèr, a, adj.
 canhoto
 esquia, f. ombro
 esquiçament/ esquiçadura (f.),
 m. desgaste
 esquiçar, v. desgastar
 esquinçar, v. rasgar
 esquintament/ espisament/
 cansament, m. cansaço
 esquintar/ espisar/ cansar/
 escanar (fam.), cansar
 esquintat, ada/ espisat, ada,
 adj. cansado
 esquitlar/ eslingar/ eslurrar, v.
 escorregar
 èssa f. esse
 essenciau, adj. essencial
 èst/ autan, m. leste
 establir v. estabelecer
 estabordiment, m. enjoo
 estabordir/ estalamordir/
 estordir, v. aturdir
 estac/ ligam, m. nexo
 estacar, v. atar
 estacion/ gara, f. estação
 estalhants/ cisèus, m. pl.
 tesoura
 estampar, v. imprimir
 estampar/ emplastar/ estronhar,
 v. amassar
 estampir/ retronir, v. repercutir
 2. ressoar
 estanc, f. parada
 estancada, f. parada
 estanh, m. estanho
 estanho (de montanha), m.
 lago de montanha
 estar, v. ficar 2. tardar 3.
 residir
 estar-se/ passar-se'n, v. abster-
 se
 estat m. estado
 estatjant, a/ poblant, a, n.
 habitante
 estàtua f. estátua
 estatut m. estatuto
 estauvi/ estauviadís, m.
 poupança
 estauviament, m. poupança
 estauviar, v. poupar
 estavaniment/ estavanida, f.
 desmaio
 estela, f. estrela
 esténer/ estiéner, v. estender
 estenuda, f. extensão
 èster degrèu, v. estar pesaroso
 èster envejós de, v. ambicionar
 2. apetecer
 èster gessut de, v. descender
- èster mancat de, v. carecer
 èster, m. ser
 èster, v. ser
 estèrie, la, adj. estéril
 estibiat, ada/ tebés, esa, adj.
 tépedo
 estigar/ en.hiscar/ ahiscar, v.
 incitar
 estil m. estilo
 estimar/ aimar, v. amar 2.
 preferir
 estinatge/ estiuatge, m.
 veraneio
 estiu/ ostiu, m. verão
 estofar, v. afogar 2. asfixiar
 estofar/ escanar/ escorniolar, v.
 estrangular
 estomac, m. estômago
 estomagada, f. dor de
 estômago 2. angústia
 estona, f. momento
 estonable, bla, adj. estranho
 estonament, m. estranheza 2.
 surpresa
 estonant, a, adj. estranho
 estordiment, m. enjoo
 estornejar/ hèr a anar, v. agitar
 2. remover
 estornejar/ hèr a anar/ servir, v.
 manejar
 estornejar-se (fam.)/ esdegar-
 se, v. apressar
 estossegadera, f. tosse
 estossegar, v. tossir
 estovar, v. abrandar
 estrafalaria, f. engano
 estragat, ada/ ahamiat, ada,
 adj. faminto
 estrambordat, ada/ afogat, ada,
 adj. entusiasta
 estramuncar/ empuntar, v.
 tropeçar
 estrangèr, -a adj./m.
 estrangeiro
 estranh, a, adj. estranho
 estrapussar/ estramuncar/
 empuntar, v. tropeçar
 estraviar/ hòraviar/ desaviar, v.
 extraviar
 estrea, f. propina 2. prêmio
 estremèra, f. confins
 estremoniar/ estordir, v. aturdir
 estrènher, v. encolher 2.
 restringir
 estret, a, adj. estreito
 estrissar/ trissar, v. triturar
 estriuet, m. estribilho
 estrocejar, v. destroçar
 estroncar/ interròmper, v.
 interromper
 estronhar/ estampar, v. amassar
 estropar/ caperar, v. cobrir 2.
 envolver
- estropiar, v. estragar
 estropiat, ada/ esgarrat, ada,
 adj./n. estragado 2. inválido
 estrutura f. estrutura
 estualhar/ esperluar, v.
 despentear
 estudi, m. estudo 2. escola
 estudiant, -a m. estudante
 estudiar v. estudar
 estujar/ enconhar, v. esconder
 estupar/ amortar, v. apagar
 estupididat, f. estupidez
 esturment/ utís, m. instrumento
 2. ferramenta
 esvagadis/ esvagament, m.
 passatempo
 esvagadís/ lèser, m. ócio
 esvagament/ esvagadís, m.
 passatempo
 esvagar, v. distrair
 esvatat, ada/ desobrat, ada,
 adj. ocioso
 esvaniment/ malagana (f.)/
 languèri, m. desmaio
 esvaporar, v. evaporar
 esvarjable, bla/ espantorian, a,
 adj. aterrador
 esvarjar/ espantorian, v.
 assustar
 esvrentar, v. rebentar
 et, 't, te, t', pron. per. te
 etcètera (etc) adv. et cetera
 eth dehòra, m. exterior
 eth laguens, m. interior
 eth mèn, era, mia; es mèns, es
 mies, adj. pos. meu, minha,
 meus, minhas
 eth nòste, era nòsta; es nòsti/
 nòstes, adj. pos. nosso,
 nossa, nossos, nossas
 eth plen, m. lua cheia
 eth sòn, era sua; es sòns, es
 sues, adj. pos. seu, sua, seus,
 suas
 eth tòn, era tua; es tòns, es
 tues, adj. pos. teu, tua, teus,
 tuas
 eth vòste, èra vòsta; es vòstis/
 vòstes, adj. pos. vosso,
 vossa, vossos, vossas
 eth, art. o
 eth, pron. per. o
 europèu, -a adj./m. europeu
 eveniment, m. acontecimento
 evolucion f. evolução
 exceptat/ sonque, prep. exceto
 excès/ demès/ demei, m.
 excesso
 excursion/ gessuda/ camadeta,
 f. excursão
 exemple m. exemplo
 exemtar, v. eximir
 exercit m. exército

exilh/ exili/ despatriament, m.
 exílio
 existència f. existência
 existir v. existir
 expàrger, v. extender 2.
 propagar 3. espargir
 expedicion, f. envio

expèrt, -a m. experto
 explicar v. explicar
 exposicion f. exposição
 exprès, adv. adrede
 expression f. expressão
 exprimir v. exprimir
 exprimir, v. expressar

exterior, a/ de dehòra, adj.
 exterior
 exterior/ endehòra/ eth dehòra,
 m. exterior
 extrèir, v. extrair

F

f, f. f.
 fabrica/ usina, f. fábrica
 fabricar (fam.), v. fazer
 facil, a/ aisit, ida/ de bon hèr,
 adj. fácil
 faïçon/ manèra/ biais (m.), f.
 maneira
 faldiment/ despatriament, m.
 exílio
 familia, f. família
 famós, -a adj. famós
 fanau/ lampadari, m. farol
 fantastic, -a adj. fantástico
 farinx/ gargamera, f. faringe
 farmàcia f. farmácia
 farrat/ siata (f.), m. cubo
 farrèr m. ferreiro
 fatigar/ esquintar/ cansar, v.
 cansar
 faucom, m. falcão
 faus, sa, adj. falso
 fausnòm/ subernòm/ chafre,
 m. apodo
 faussada, m. erro
 faussar/ capvirar, v. tergiversar
 falta, f. falta, erro
 fautulh, m. sofá
 fe f. fé
 fèble, bla, adj. fraco, débil
 feblejar/ aflaquir, v.
 enfraquecer, debilitar
 feblesa, f. fraqueza
 fèbre/ frèbe/ herèbe, f. febre
 feda/ oelha/ aulha, f. ovelha
 felicitation f. felicitação
 felicitar v. felicitar
 felicitat f. felicidade
 femelha f. fêmea
 femenin, -a adj. feminino
 feniant, -a adj. preguiçoso,
 pessoa que não quer
 trabalhar
 fenianter/ guitèra, f. preguiça
 fenir, v. acabar, terminar
 festivau/ hestau, m. festival
 fidañça/ confiança/ hidañça, f.
 confiança

fidèlament, adv. fielmente
 fidèu, ela, adj./m. fiel
 figura f. figura
 filmar v. filmar
 fin f. fim
 fin finau loc. adv. término,
 acabamentoo
 fin, a, adj. fino 2. astuto
 finau adj./m. final
 fira/ hèira, f. feira
 fisic, -a adj./m. físico
 fisica, f. física
 fistonar/ ornar, v. adornar
 fistonar/ perfilar, v. perfilar
 fiuladís/ fiulament, m. assovio
 fiular, v. assobiar
 fiulet (fam.)/ escanautit, ida,
 adj. magro
 fiulet, m. assobio
 fixar/ assolidar, v. fixar
 fixar/ determinar, v. designar
 fixar/ tatjar, v. fixar
 flac, a/ fèble, bla, adj. fraco,
 débil
 flacar/ flaquir, v. debilitar-se
 flaira, f. cheiro
 flairar, v. cheirar
 flairejar, v. cheirar
 flairor/ aulor, f. cheiro
 flambuscar/ usclar/ ensolamar,
 v. chamuscar
 flaç/ saut/ guimbet (m.), salto
 flaquèr, m. cansaço
 flaüta f. flauta
 flècha f. flexa
 flèu/ ahèr/ ahar, m. assunto
 focar, v. colocar, pôr 2. pegar
 3. adornar
 floco de nhèu/ talabarda, f.
 floco
 flor de telh, f. tília
 flor/ es.lor/ lorica, f. flor
 florada/ floret (m.), f. flor
 florejar, v. florescer
 florida/ floriment (m.)/
 florison, f. florada
 florir, v. florescer

flotejar/ flotar, v. flutuar
 flume/ arriu, m. rio
 foet/ soriac/ hlagèth, m. látego
 foncion f. função
 fondacion f. fundação
 fondar v. fundar
 forastèr, -a adj./m. forasteiro
 fòrça de/ plan de/ hèra, adv.
 muito
 fòrça f. força
 fòrça/ hèra/ plan, adv. muito
 fòrça/ plan/ ben/ hòrt/ hèra,
 adv. muito
 formacion f. formação
 formar v. formar
 fornir/ provedir/ avitalhar, v.
 abastecer
 forqueta/ forquilha, f. garfo
 forquilha, f. garfo
 fòrt, -a adj. forte
 fortetat, f. força
 fortunós, osa/ eròs, osa/ urós,
 osa, adj. feliz
 fotbòl, m. futebol
 fotbolista m. jogador de
 futebol
 fotesa/ fotiròla, f. bagatela
 fotiròla/ fotesa, f. bagatela
 fotografia f. fotografia
 fragil, a/ brusc, a, adj. frágil
 fragosta/ jordon (m.), f.
 framboesa
 frair, ia, m. irmão
 frairau/ frairenu, adj. fraternal
 frairenu/ frairau, adj. fraternal
 frairosament/ frairaument, adv.
 fraternalmente
 franc m. franco (moeda)
 franc, -a adj. franco
 francés, -a adj./m. francês
 frare, m. frei
 fraternau/ frairau, adj. fraternal
 fraudar, v. fraudar
 fraudaria/ fraude, f. fraude
 frèbe/ fèbre/ herèbe, f. febre

freginar/ fregir, v. fritar
frèn/ travader, m. freio
fresc, -a adj. fresco
fretada, f. fricção
fretament, m. fricção
fricòt/ plat, m. prato

friser/ freginar/ fregir, v. fritar
frontèra/ termièra, f. fronteira
fruta/ heruta, f. fruta
frutar/ frutejar, v. frutificar
fuelha/ huelha, f. folha
funicular m. funicular

fuselatge m. fuselagem
fusion f. fusão
futur, a, adj. futuro
futur/ avier, m. futuro

G

g, f. g
gabiòla/ preson, f. prisão,
càrcere
gach, m. comida 2. víveres
gafes/ lunetes/ mericles, f. pl.
óculos
gahar/ cuélher, v. colher 2.
agarrar
gaimant, a/ amistós, osa, adj.
amável
galet/ godilh/ pisharròt, m.
jorro
galhoar/ germiar, v. germinar,
brotar
galopar, v. galopar
gambejar/ coishejar/ ranquejar,
v. mancar, coxear
gambús, usa, adj. pequeno
gancho, m. gancho
gandiadera, f. vagabundagem
gandiaire, ra, adj./m.
vagabundo
gandièr, a/ pòrc-gandier,
adj./m. vagabundo
gandol, adj. preguiçoso
ganhar/ guanhar, v. ganhar
ganhaular/ ganholar/ uglar, v.
latir
ganhòl, m. latido
ganitèc, m. esôfago
gara/ estacion, f. estação
garantida, f. garantia
garantir, v. garantir
garatge m. garagem
garbòt/ hèish/ amurada (f.), m.
feixe
garboth, m. multidão, tumulto
garça (fam.)/ puta/ gorrina/
gaudimèla, f. puta
gargalhar, v. expectorar
gargalhon, n. laringe
gargamèra/ empassaire (m.), f.
faringe 2. garganta
gargolha/ graula, f. rã
garguilh, m. abismo
garia, f. galinha
garia-bòrnia, f. galinha cega
(jogo de crianças)

garibaldièr, a, m. aventureiro
garièra/ poralher (m.), f.
galinheiro
garir/ guarir, v. curar
garon/ galhon/ grilhon, m.
germe
garrabusta/ arbilhon (m.), f.
arbusto
garrelejar/ ranquejar, v.
mancar, coxear
garrolha/ peleja, f. disputa
garròt/ balhon/ pau, m. bastão
gas m. gás
gascon, -a adj./m. gascão
gasolina f. gasolina
gasp/ flòc (m.), f. cacho
gastar/ despèner, v. gastar
gat, a, m. gato
gata/ peta/ monina/ chaueta, f.
embriaguez
gatalheus/ gatalhies/
gratilhons (m.), f. pl.
cócegas
gatar/ gatoar, v. parir (a gata)
gat-garièr, m. gato montês
gatge, m. garantia
gatièr, a/ aganit, ida/ sarrat,
ada (fam.), adj. avaro, pão-
duro
gatilop (fam.)/ astuto, a, adj.
astuto
gatilop, m. linco
gat-marti, m. marta
gaubi/ adretia, m. destreza
gaudimela/ garça/ puta/
gorrina, f. puta
gauèca/ gavèca/ cavèca, f.
coruja
gaujor/ gòi/ alegror, f. alegria
gaunha/ ganha/ gauta, f.
bochecha
ge f. ge
gèdra, f. hera
gelar/ torrar/ gibrar, gelar
gelat m. sorvete
gelèra, f. geladeira
gelibrar/ torrar/ gibrar, v. gelar

gemiment/ planhòt, m. queixa,
queixume, lamentação
gendre, m. genro
generalitat f. generalidade
Generalitat f. governo da
Catalunha
generalitats f. pl. palavras sem
valor
generalizar, v. generalizar
generau, adj. geral
gent f. gente
gentada/ garbolh (m.)/ catèrva,
f. multidão
gentiu, ila, adj. gracioso
gèr, m. janeiro
ger/ ager, adv. ontem
gèria, f. jarra
germà, ana/ frair, ia/ hrair, m.
irmão
germar/ galhoar/ germiar, v.
germinar
gèrme / galhon/ grilhon/ grelh,
m. germe
germiar/ germenar/ galhoar/
grilhoar, v. germinar
ges/ plastre/ gis/ guish, m.
gesso
gescuda, f. saída
gèsser, v. sair
gessuda, f. saída
gessuda/ camadeta/ passejada,
f. excursão
gèu/ tòr, m. gelo
gi f. jota
gibrar/ torrar/ gelibrar, v. gelar
gigant, a/ alèm, n. gigante
gigantàs, assa, adj. gigantesco
gigotada/ gimec (m.)/
passacada, f. sacudida
gigotar, v. sacudir
gimbert, m. salsa
gimèc/ gimegada (f.)/
bassacada (f.), m. sacudida
gimegada/ gimèc (m.)/ bassac
(m.), f. sacudida
gis/ plastre, f. gesso
gisclar/ eslinsar, v. ejacular. 2.
sair. 3. brotar. 4. surgir

- glapar/ engolir/ avalar, v.
engolir
glèisa, f. igreja
gleisèr, adj. eclesiástico
gleisòla/ capèla, f. capela
glòbe m. globo
globilhon, m. glóbulo
glomerar/ acorropar, v. agrupar
glopassada/ horrup (m.), f.
sorvo
gloriejar-se/ vantar-se, v.
jactar-se
gloriós, osa/ vamitos, osa, adj.
vaidoso
godilh/ gisclèt, m. jorro
gòi/ alegror/ gaujor (f.), m.
alegria
gòi/ gai, m. gozo, deleite
goja/ mozza, f. criada
gojat, a, m. moço
gòl m. gol
golard/ golut, uda, adj. guloso
golardia/ gorjaria, f. gula
golina/ malh (m.) espatlader
(m.), f. despenhadeiro
goludaria/ goluditge (m.), f.
gula
goludessa (-esa)/ gorjaria, f.
gula
goludessa/ goludèr (m.), f.
voracidade 2. avidez
golut, uda/ gorjut, uda/ golard,
a, adj. glutão
gorièr, a, adj. sujo
gorja, f. desfiladeiro. 2.
garganta
gorja/ carís (m.) angost (m.)
estret, f. desfiladeiro
gorjaria/ goludessa (-esa), f.
gula
gorjut, uda/ hartèra, adj.
guloso
gormand, a/ lec, a, adj. guloso
gòrra f. gorro
gorra/ horra/ peleja, f. briga
gorrar-se/ horrar-se/ pelejar-se,
v. brigar, lutar
gorrin, a, adj. lascivo
gorrina/ gaudimèla, f. puta
gosset, a/ can, canha, m.
cachorro
gost/ gust, m. sabor
gostar/ gustar/ tastar, v.
saborear
gota, f. gota
gotejadís/ shurmadís, m.
chuisco
gotejar/ shurmar, v. gotejar
gotèr/ pish/ chorrèra (f.), m.
cascata
gotilh, m. manancial
govèrn, m. governo
- governament, m. governo 2.
mandato
gràcia f. graça
gràcies/ mercés, f. pl. obrigado
graciós, osa/ miste, ta, adj.
gracioso
grad, m. grau
gramoniar/ cogitar, v. pensar
gran, a, adj. grande
gran, m. grão
granàs, assa, adj. vasto
granatge, m. cereal
granessa (-esa)/ granor/
grandor, f. grandeza
granetat/ grandetat, f. grandeza
granissa/ pèira, f. granizo
granmercé, f. obrigado
granor/ grandor, f. grandeza 2.
tamanho
grapaud/ harri, m. sapo
grapinhar, v. arranhar 2. furtar
gras, ssa, adj. gordo 2. fértil
3. fecundo
grasilha/ grielha/ gresilha/
greilha, f. grelha
grasilhar, v. tostar
gratacèu, m. arranha-céu
gratilhar/ gratalhar, v. fazer
cócegas
gratilhons/ gratils/ gatalheues
(f.), m. pl. cócegas
gratis/ de franc, adv. grátis
grats, m. pl. agradecimento
gratuítament, adv. grátis
grauadís/ graueg, m. granizo
graulha/ gargolha, f. rã
graüt, uda, adj. granuloso
grèc, -ga adj., m. e f. grego
gredon/ creion, m. lápis
grèish, m. gordura
grelh/ galhon/ grillh, m. germe
grelhar/ galhoar/ possar/
grilhar, v. germinar
grèra/ escampa/ baleja, f.
escola
gresilhon/ creishon/ greishon,
m. berro
grèu adj. grave
grilhar/ grillhoar/ possar, v.
germinar 2. brotar
grilhon/ galhon/ grillh, m.
germe
grimacejar/ hèr mimaròtes, v.
gesticular
gripet/ holet, m. duende
gripia/ gripiau (m.), f. presépio
gris, -a adj. gris
gronhar, v. grunhir (os porcos)
gropar/ acorropar, v. agrupar
gropir-se/ ajocar-se, v.
agachar-se
gròs, ssa, adj. gordo 2. grosso
grosella f. groselha
- grossor/ celh (m.), f. grossura
grossor/ granor/ grandor, f.
grandeza 2. tamanho
grua f. grua
grumèu/ calhastre/ calh, m.
coalho
guaire, adv. pouco
guaire, ra; guairi, res, adv.
quanto, quantos, quanta,
quantas
guanhar/ ganhar, v. ganhar
guant m. luva
guarar/ tier compde de/ cuedar,
v. cuidar
guardar/ campar/ espisar, v.
observar 2. examinar
guardar/ uelhada (f.), m.
olhada
guarir/ garir, v. curar
guarnir/ aprovedir/ provedir, v.
abastecer
guastar, v. abortar
guèrch, a/ bòrni, a/ guèrie, la,
adj. vesgo
guèrra, f. guerra
guidar v. guiar, indicar o
caminho
guidèr, m. seio
guidon, m. estandarte
guimbar, v. saltar
guimbet/ saut, m. salto
guinhaire, adj. (dedo) índico
guinhar/ campar/ puntejar, v.
aparecer
guinhauet/ cotèth, m. navalha
2. faca
guinhauetar/ guinhauetejar, v.
esfaquear
guinhauetejar/ escoterar, v.
esfaquear
guinsa, f. mecha
guish/ ges, m. gesso
guit, -a adj. preguiçoso, que
não gosta de trabalhar
guitarra f. guitarra
guitèra f. preguiça
gust/ gost, m. sabor

H

- h, f. h
 hada f. fada
 hai/ hau, m. faia
 haite m. capa de chuva
 halha, f. tocha
 halhassa/ henerècia/ henuda/
 hinèschia, f. rachadura
 hame/ hami, f. fome
 hanga, f. barro
 hanguèr/ hangàs, m. lodaçal
 hantauma, m. fantasma
 har/ hèr, v. fazer
 haraga/ hraga, f. morango
 hargar, v. forjar 2. fabricar 3.
 inventar
 haria, f. farinha
 hariar, f. fazer farinha
 harri/ grapaud, m. sapo
 hart, a, adj. farto 2. bêbado
 hartar, v. saciar 2. embebedar
 3. aborrecer
 hasan/ poth, m. galo
 hastiar/ auer en òdi, v.
 aborrecer
 hastiau/ hastigós, osa, adj.
 repelente
 hàstic, m. asco
 hastigós, osa/ hastiau, adj.
 repelente
 hastiós, osa/ hastigós, osa, adj.
 repelente 2. asqueroso
 haua, f. fava
 hauç/ hauça, f. foice
 hauda, f. saia
 haure/ ferrèr, m. ferreiro
 havòla/ mongeta, f. feijão
 heda, f. toucinho
 hèira/ fira, feira
 heired, a/ hred, a, adj./m. frio
 heiredar/ hredar, v. esfriar
 heiregada/ hregada, f. roçadura
 hèish/ amurada (f.), m. feixe
 hemna, f. mulher 2. fêmea
 hemnòt/ adamaiselit, ida, adj.
 efeminado
 hen/ erba seca (f.), m. feno
 henedura/ henuda/ clatenera, f.
 rachadura
 hèner/ escalapetar, v. rachar
 henerècia/ henuda/ clatenèra,
 f. rachadura 2. abertura
 hèr (es ueus), v. pôr
 hèr a anar, v. manejar
 hèr a anar, v. utilizar 2.
 remover 3. tratar
 hèr a còder/ còder, v. cozer
 hèr a conéisher, v. difundir 2.
 manifestar
 hèr a cuélher/ páur, v. assustar
 hèr a delir/ hèr a des.hèir, v.
 dissolver
 hèr a díder, v. comunicar
 hèr a hóner/ delir, v. dissolver
 2. derreter 3. fundir
 hèr a hóner/ espatracar, v.
 estragar
 hèr a húger/ espaventar/
 acaçar, v. afugentar
 hèr a mauméter, v. desfazer
 hèr a péisher, v. pastar
 hèr a quèir, v. abater
 hèr a quèir/ esbauçar, v.
 derrubar 2. demolir
 hèr a servir/ tier/ hèr a anar/
 emplegar, v. empregar 2.
 usar, utilizar
 hèr a veir, v. fingir, simular
 hèr a vier hòi, v. enlouquecer
 hèr a vier, v. aproximar 2.
 trazer 3. chamar
 hèr arrèpe, v. retroceder
 hèr ath/ ...ara/ ...as, v. jogar
 hèr aulor/ flaira, v. cheirar
 hèr dia, v. clarear
 hèr dò (u), v. lamentar
 hèr ençà/ apressar, v.
 aproximar
 hèr endeuant/ auançar, v.
 adiantar
 hèr enlà/ aluenhar, v. afastar
 hèr era barba/ arrasar, v. fazer
 a barba
 hèr era palanquèra, v.
 ziguezaguear
 hèr falhita, v. quebrar
 hèr jadhila, v. pernoitar
 hèr lèu/ esdegar, v. apressar
 hèr lum, v. iluminar
 hèr mès lèu, v. apressar 2.
 abreviar
 hèr net/ nueit, v. anoitecer
 hèr punt/ opausar, v. opor
 hèr solaç/ ahocar, v.
 acompanhar
 hèr terra, v. morrer
 hèr tu per tu/ persutar, v.
 insistir
 hèr un torn, v. passear
 hèr/ har, v. fazer
 hera/ plan/ fòrça, adv. muito
 herèbe/ hrèbe/ fèbre/ frèbe, f.
 febre
 hered, a/ heired, a/ hred, a,
 adj./m. frio
 heredar/ hredar, v. esfriar
 herèisho/ herèishe/ hreisho, m.
 freixo
 hereishura, f. pulmão
 hereuèr m. fevereiro
 hereuèr/ heurèr, m. fevereiro
 herida/ alebadura/ plaga, f.
 ferida
 herir/ alebar, v. ferir
 herit, -da adj. ferido
 herotge, ja, adj. horroroso 2.
 feroz. 3. cruel
 herrada/ farrat/ siata, f. cubo
 herralha/ herratalha, f.
 herralha/ herratalha, f. sucata
 herrós, osa, adj. ferroso
 hèr-se a seguir, v. trazer
 hèr-se a servir de, v. utilizar
 hèr-se a valer, v. jactar-se
 hèr-se de dia/ trincar eth dia, v.
 amanhecer
 hèr-se sòn, v. usurpar
 hèr-se tamb, v. tratar 2.
 frequentar
 hèr-se vielh/ envelhir, v.
 envelhecer
 heruta/ fruta, f. fruta
 hèsta, f. festa, feriado
 hestar/ hestejar, v. festejar 2.
 celebrar
 hestau/ hestejada (f.), m.
 festival
 hestejada/ hestau (m.), f.
 festival
 hestejar, v. cortejar 2. celebrar
 hèt/ hèit/ eveniment, m.
 acontecimento 2. feito
 hèta/ hèita, f. feito 2. assunto
 3. acontecimento
 hèta/ hèita/ proesa/ valentia, f.
 façanha
 hèu, m. fel
 hialat/ hilat, m. rede
 hicar/ calar/ botar/ méter, v.
 pôr, colocar
 hicar/ calar/ clatjar/ tatjar, v.
 introduzir 2. fincar
 hidança/ fidança/ confiança, f.
 confiança
 hiems, m. esterco
 hièstra, f. janela
 higa, f. figo
 híger/ ajustar, v. acrescentar
 hilada/ reng (m.)/ hilèra, f. fila
 hilar/ ahilar/ enlinar, v. amolar,
 afiar
 hilat/ hialat, m. rede
 hilèra f. fileira
 hilh, a, m. filho

hilhòla, f. broto
 hilhòu, òla/ hilhuc, a, m.
 afilhado
 hilhuc, a/ hilhòu, òla, m.
 afilhado
 hilhuquèra, f. nutriz
 hiscar, v. atçar os cachorros
 hisson m. flexa 2. V. flècha
 hitge, m. fígado
 hiu, m. fio
 hlagèth/ soriac, m. látego
 hlama/ alhama, f. chama
 hllamar/ ahlamar, v. incendiar
 hllamatge/ ahlamatge, m.
 incêndio
 hloish, a, adj. frouxo
 hloishar, v. afrouxar
 hlor/ lorica/ flor, f. flor
 hlorica/ es.lor/ flor, f. flor
 hloridor/ holridor, f. mofo
 hoet/ hlagèth/ soriac, m. látego
 hòi, a/ hou, òla/ lhòco, ca
 adj./m. louco
 hoishina/ horca, f. forca
 hòl, -a adj. louco, doido
 holador, f. inflamação
 holadura, f. inchaço
 holar, v. inchar
 holastrada/ lhocardada, f.
 extravagância
 holet, m. duende
 holia/ lhocaria, f. loucura
 hóner, v. fundir

hóner/ delir, v. fundir 2.
 derreter
 hons, m. fundo
 honsejar/ aprehondir/
 aprigondir, m. aprofundar
 hònt/ hont, f. fonte
 hòrabandir/ despatriar, v.
 desterrar 2. expulsar
 horadar/ traucar, v. esburacar
 horat/ trauc, m. buraco
 horat/ tuta (f.) m. madrigueira
 hòraviar, v. extraviar 2.
 perder-se
 horaviat/ corsèra (f.) m. senda
 horc de camins/ horcalh, m.
 bifurcação
 horc, f. bifurcação 2. bosque
 horc/ horquet/ sauth, m.
 bosque
 horcada, f. confluência
 horcadis, m. encruzilhada
 horcalh, m. bifurcação
 horcat, m. tridente
 horgar, v. afiar
 hormatge/ hromatge, m. queijo
 hormatjaria/ hromatjaria, f.
 queijaria
 horment/ hroment, m. trigo
 hormiga f. formiga
 hormiguèr, m. formigueiro
 horn, m. forno
 hornàs, m. forno dos ferreiros
 hornet, m. fogão

hornet/ horc/ saut/ bòsc, m.
 bosque
 horra/ gorra/ peleja, f. briga
 horrar/ gorrar/ engarroir, v.
 brigar
 hòrt/ plan/ hèra, adv. muito
 hortor, f. acidez
 hotèl m. hotel
 hotjar, v. cavar
 hraga/ haraga, f. morango
 hrair/ frair, m. irmão
 hrèita/ besonh (m.), f.
 necessidade
 huec, m. fogo 2. incêndio
 huelha/ fuelha, f. folha
 huelham/ huelhum/ huelhatge,
 m. folhagem
 huelheton/ panòstic, m. folheto
 huelhon/ petala (f.), m. pétala
 húger/ huéger, v. escapar
 hujuda, f. fugida
 hum, m. fumo
 humar/ pipar, v. fumar
 humenèja/ tumenèja, f.
 chaminé
 humerar, acantierar/ apilerar, v.
 amontoar
 husta, f. madeira
 hustaria, f. carpintaria
 hustèr, m. carpinteiro

I

i pron. denota o lugar ou a
 direção
 i, f. i
 idèa/ idèia, f. ideia
 identitat f. identidade
 ideós, osa, adj. fantasioso
 idolar/ udolar, v. gritar 2. uivar
 ièria/ iscla, f. ilha
 ieu/ jo, pron. per. eu
 illuminar/ allumenar, v.
 iluminar
 imaginar v. imaginar
 imatge f. imagem
 impermeable m. capa de chuva
 importància f. importância
 important, -a adj. importante
 impossible, -a adj. impossível
 impotent, a/ esgarrat, ada,
 adj./n. inválido 2. impotente
 impotent, a/ incapable, bla,
 adj. incapaz 2. impotente

imprecís, isa, adj. impreciso
 imprevedença, f. imprevisão
 imprimir/ estampar, v.
 imprimir
 in.hèrn/ lunfèrn, m. inferno
 inapercebut, uda, adj.
 desaperecebido
 incapable, bla/ impotent, a,
 adj. incapaz
 incha/ afogadura, f. afã
 independència f.
 independência
 independent, -a adj.
 independente
 indesbrenbable, bla, adj.
 inesquecível
 indèx/ ensenhador/ endica (f.)
 m. índice
 indicar v. indicar
 indice, m. indício

indigestion/ estomagada, f.
 indigestão
 indústria f. indústria
 industriau adj. industrial
 inepte, ta/ pòcvau, adj. inepto
 infant, -a m. infante
 infidèu, èla, adj. infiel
 infirmièr, -a m. enfermeiro
 influència f. influência
 informar/ hèr a saber/
 assabentar, v. informar
 iniciar/ imprincipiar/
 entamenar, v. iniciar
 injeccion f. injeção
 injúria/ escarni (m.), f. injúria
 innocent, a, adj./n. inocente
 innocentitge/ pegaria (f.), m.
 estupidez
 inondar/ negar/ lacar/ enaiguar,
 v. inundar

inscríuer/ inscriver, v.
inscrever
insècte/ babau, m. inseto
insistir/ persutar/ hèr tu per tu,
v. insistir
insolentaria, f. insolência
insorreccion/ susmauta/
suslheua, f. insurreição,
rebelião
installar v. instalar
institucion f. instituição
institut m. instituto
intacte, ta/ sancer, a, adj.
intacto
integrar v. integrar
intelligent, -a adj. inteligente

interès m. interesse
interessant, -a adj. interessante
interessar v. interessar
interior, a, adj. interior
internet m. internet
interpausar, v. interpor
interròmper/ copar, v.
interromper
intestin/ budèth, m. intestino
introdusir/ calar, v. introduzir
inutil, -a adj. inútil
invalid, a, adj./n. inválido
invasion f. invasão
invent m. invento
inventar/ endonviar, v. inventar
ira f. ira

iranja, f. laranja
ireua, f. nora
ironda/ arongla/ aurongla, f.
andorinha
irongleta/ arongleta, f.
andorinha
irós, osa, adj. irascível
iscla/ isola/ ièria/ illa, f. ilha
isla f. ilha
isolar, v. isolar
istòria f. história
istoric, -a adj. histórico
italian, -a adj./m. italiano
iuèrn/ uvèrn, m. inverno
izèda f. ze

J

j, f. j
ja, adv. já
jàder, v. jazer. 2. descançar
jadilha, f. alojamento 2. forma
de dormir
jadiment, m. jazida
jamai/ jamès/ jamei, adj.
nunca, jamais
jamès/ jamai/ jamei, adv.
nunca, jamais
jansana, f. genciana
japonés,-esa adj./m. japonês
jardin m. jardim
jargar, v. vestir
jaune, na/ auriòu, òla, adj./n.
amarelo
jo, pron. per. eu 2. me
joata, f. jugo
jòc, m. jogo
joc/ garièra (f.) poralhèr, m.
galinheiro
joen, a/ gojat, a, adj. jovem

joenença/ joença, f. juventude
joenèr/ joenessa (-esa), f.
juventude
joenessa (-esa)/ joenença, f.
juventude
joentura/ joenença, f.
juventude
jòga/ jòc (m.), f. jogo
jogador, -a m. jogador
jogar v. jogar
joguet m. brinquedo
jòia, f. joia
joielèr, -a m. joalheiro
jolh, m. joelho
jordon/ aligardon, m.
framboesa
jorn/ dia, m. dia
jornau m. pagamento do dia
jos, prep. abaixo
joule, m. julho
jovença/ joenença/ joenessa, f.
juventude

joentura/ jovença/ joenença,
f. juventude
joentut, f. juventude
judici m. juízo
judici, m. juízo
judiu, -iva adj./m. judeu, judia
julh (vlh)/ junsèga, m. julho
jun/ joata (f.), m. jugo
junh, m. junho
júnher, v. juntar 2. acrescentar
junhsèga/ julh/ juriòl, m. julho
juntar/ amassar, v. juntar
juriol / junsèga/ julh (vhl), m.
julho
just, -a adj. justo
jutge,-ssa m. juiz
jutjament, m. juízo
jutjar, v. julgar
jutjat m. fórum
juxtapausar, v. justapor

L

l, f. l
la, pron. per. a
labada/ labassa, f. lousa
labassa/ labada, f. lousa
laç, m. laço
lac, m. lago
lacar/ negar, v. inundar
lacet, m. laço

lagrema/ lèrme (m.), f. lágrima
lagremós, osa/ lermós, osa,
adj. lacrimoso
laguens/ deguens, adv. dentro
lairar, v. ladrar
lairet/ lairement, m. latido
laironici/ panatòri, m. roubo
laituga/ leituga, m. alface

lajuèr, a/ leugèr, a, adj. ágil,
ligeiro
lampa/ lampada, f. lâmpada
lampada, f. fulgor
lampada/ lampa, f. lâmpada
lampant, a/ ludent, a, adj.
brilhante
lampejar/ lúder, v. brilhar

- lampesa, f. lâmpada
lampit/ relampit/ eslambrec,
m. relâmpago
lan, f. lâ
lança f. lança
lançar, v. lançar
land en land (de), loc. adv. de
par em par
languiment, m. abatimento 2.
nostalgia
languina/ languison, f.
melancolia
lanha/ desengust/ desatent, f.
desgosto
lantèrna, f. farol
lapin, a/ conilh, a, m. coelho
lard, m. toucinho
lardent, a/ arderós, osa/ afogat,
ada, adj. entusiasta
lardor, f. calor
lardós, osa, adj. gorduroso
larèr, m. lareira
laringe/ gargalhon, f. laringe
lasciu, a, adj. lascivo
laspan, m. zona
laspanada, f. choque, golpe
lassèra/ cansament (m.), f.
cansaço
latin, -a adj./m. latino
latin, m. latim
latitud f. latitude
lauadaria/ lauaria/ lavaria, f.
lavanderia
lauamans, m. lavabo
lauaneta/ menina/ belina, f.
narciso
laud/ laueg/ laveg/ lauet/ lavet,
m. avalanche
laudança/ laudada/ laudament,
(m.), f. louvor
laudar/ lausenjar, louvar
lauer/ lavar, v. lavar
lauraire, -a m. lavrador
laurar, v. arar
laurèr, m. laurel
lausangèr, a/ vantaire, ra,
adj./n. adulator
lausenjar/ laudar, v. alabar
lauseta, f. cotovia
lavabo, m. lavabo
le, l', pron. per. o
lèbe/ lèbre, f. lebre
lebris/ brigalh, m. vestígio 2.
despojos
lec, a/ gorjut, uda, adj. guloso
lecacuí (fam.), m. adulator
lecar, v. lamber
lecatopins (fam.), adj. (dedo)
índico
leçon/ leiçon, f. lição
lèd, a/ lèg, èja, adj. feio
lèg, eja, lèd, a, adj. feio
legar, v. legar
legedor, a/ liegedor, a, adj.
leitor
legenda, f. lenda
léger/ liéger, v. ler
legum/ legumatge, m. legume
legumatge/ legum, m. legume
lei f. lei
leiau, adj. leal
leiçon/ leçon, f. lição
lèit, f. leite
leitaria, f. leiteria
leitassèr, a, adj./m. leiteiro
leitenc, a/ leitós, osa, adj.
leitoso
leitèr, a, adj. e m. leiteiro
leitós, osa/ leitenc, a, adj.
leitoso
leituga/ laituga, f. alface
lelejar, v. delirar
leliquejar, v. lamber
lemosin, -a adj. limosino
lençòu/ linçò (u), m. lençol
lengua/ lenga f. língua
Lenguadòc m. língua d'oc
lenguatejar, v. lamber 2.
mover a língua
lenha, f. lenha
lenhaire, -a m. lenhador
lent, -a adj. lento
lentor, f. lentidão
lera (fam.)/ pacient, a, adj.
tranquilo
lera, f. manteiguera
lèrm/ lèrt (d'un ueu), m. clara
(de ovo)
lèrma/ lèrme (m.), f. lágrima
lèrme, m. lágrima 2. choro
lermejar/ lermar, v. lacrimejar
2. chorar
lermós, osa/ lagremós, osa,
adj. lacrimoso
léser, m. ócio
lèst, a/ leugèr, a, adj. ágil
letra f. letra
letrut, uda adj. letrado
lèu non..., adv. apenas
lèu, adv. em seguida
lèu, adv. pronto 2. quase
leugèr, a/ laugèr, a/ lèst, a, adj.
ágil 2. ligeiro 3. leve
levame/ lhèute, m. levedura
levar/ lheuar, v. levantar
lhet/ liet/ lièit, m. leiteo, cama
lheuant/ levant/ autan, m. leste
lheuar/ levar, v. levantar
lheuar/ salvar/ dreçar, v.
guardar 2. colocar
lhocaria/ holia, f. loucura
lhòco, ca/ hòl, a/ hòu, ola,
adj./n. louco
li/au, pron. per. lhe
liat/ sarpát/ madat, m. molho
libe/ libre, m. livro
libertat, f. liberdade
libet/ libret, m. livreto
libre/ libe, m. livro
libret/ libet, m. folheto
lic, a/ lit, a/ guit, a, n. pato
liéger/ léger, v. ler
lièit/ lhet/ liet, m. leiteo, cama
ligam/ estac, m. nexo
limacós, osa/ limercós, osa,
adj. viscoso
limanda/ armari (m.)/ cabinet
(m.), f. armário
limercada/ limorca, f. alga
limercós, osa/ melicós, osa,
adj. viscoso
limit/ tèrmiera/ termiari, m.
limite
limitar v. limitar
limon/ citron, m. limão
limorca/ limercada, f. alga
limós, osa/ limercós, osa /
melicós, osa, adj. viscoso
limpiar/ netejar, v. limpar
límpio, -a adj. limpo
lindau, m. umbral
lingüistic, -a adj. linguístico
lingüistica f. linguística
linha, f. linha
linhatge, f. linhagem
lipet, a/ lec, a, adj. guloso
lipós, osa/ limercós/ osa, adj.
viscoso
liquid m. líquido
lisar/ esguitlar/ eslingar/
eslurrar, v. escorregar
lista f. lista
listra, f. faixa 2. zona
lit, a/ lic, a/ guit, a, n. pato
literatura f. literatura
litre m. litro
lits/ litsa/ alist/ laueg (m.)/
eslur, f. avalanche
litsa/ lits/ alists/ laueg (m.)
lavet, f. avalanche
liurar, v. entregar
liure, adj. livre
llincò (u), m. lençol
lo, pron. per. o
lòc de (en)/ entorn de, loc.
prep. em lugar de
lòc m. lugar
lòc, m. lugar
localizacion f. localização
locau adj./m. local
loganha/ paciència/ lentor, f.
lentidão
logar v. alugar
logar/ arrendar, v. alugar
long, a, adj. longo
longada f. longitude
longada/ longor, f. longitude
longitud f. longitude
lop, m. lobo

lord, a/ pipaut, a, adj. sujo
 lordaria, f. sujeira
 lordejar/ enlordir, v. sujar
 lordères, f. pl. lixo
 losat/ tet/ teit, m. teto
 lua, f. lua
 luada/ luason, f. luação
 lúbia/ libia, f. trenó
 lucada, f. olhada
 lucar, v. espreitar 2. espiar
 ludent, a, adj. brilhante
 ludentor, f. brilho
 ludentós, osa, adj. brilhante
 luder/ lusir, v. brilhar

ludèrna/ lutzencramba, f. vagalume
 ludèrt/ lausèrt, m. lagarto
 ludrejar, v. brilhar
 luenh, adv. longe
 luenhença, f. lonjura
 luenhor, f. lonjura
 lugrejent, a/ lampant, a, adj. brilhante
 lugrejar/ lampejar
 luja, m. trenó
 lum/ lutz, luz
 lumedan/ lindau, m. umbral

lunetes/ mericles (m.), f. pl. óculos
 lunfèrn/ in.hèrn
 lusc, a/ luc, a, adj./n. míope
 luscre/ còga (f), m. ocase
 lusir/ lúder/ lugrejar, v. brilhar
 lustror/ ludentor, f. brilho
 luta, f. luta
 lutar, v.
 lutz, f. luz 2. claridade 3. brilho
 lutzencramba/ ludèrna, f. vagalume

M

m, f. m.
 madama, f. senhora
 madameta, adj. efeminado
 madamisèla/ damaisela, f. senhorita
 madeish, a/ medish, a, adj. mesmo
 madur, a/ madut, ura, adj. maduro
 maganha/ horra/ gorra, f. disputa
 magazin, m. loja
 magràs, m. carnaval
 magrassada/ holatada, f. extravagância
 magre, a/ escanautit, ida, adj. magro
 magritge/ magror (m.), f. magreza
 mai, m. maio
 mai/ mès/ mei, adv. mais
 mainada, f. menina
 mainadar, v. parir, dar à luz
 mainadesa, f. menina
 mainat/ mainatge, m. menino
 mainatge/ mainat, m. menino
 mainatgenc, a/ mainadenc, a, adj. infantil
 mainatjon, m. neném, bebê
 mair grana/ mairia/ mare/ mia (fam.), avó
 mair, f. mãe
 mairam/ bestiar, m. gado
 mairastra, f. madrastra
 mairia, f. avó
 mairitz, f. nutriz
 mair-sénher/ mairia/ mare/ nòna, f. avó
 maishant, a/ dolent, a/ marrit, ida, adj. mau

maishina/ maquina, f. máquina
 maison, estau (m.)/ casa, f. casa
 maitiada, f. madrugada
 maitiau, adj. matutino
 maitin, m. manhã
 major/ màger, adj. maior
 majoritat f. maioria
 maladeta, f. maldição 2. malefício
 maladit, a/ maudit, a/ esconjurat, ada, adj./n. maldito
 maladret, a/ bastrús, ussa, adj. torpe
 malagana, f. desmaio
 malaheitós/ maufactor/ mauhassèr, adj. malfeitor
 malahèta, f. delito
 malaisit, ida/ de mau hèr, adj. difícil
 malajadilha, f. pesadelo
 malastre/ malur, f. adversidade
 malastrós, osa/ malurós, osa, adj. desgraçado
 malaut, a, adj./m. doente, enfermo
 malautia, f. doença, enfermidade
 malestruc, uga/ bastrús, ussa, adj. torpe
 maleta, f. maleta
 malh m. malho
 malh, m. penhasco, abismo
 malhar, v. malhar
 malheda, f. serra 2. penhasco
 malhum, m. rede
 malon, m. ladrilho
 malur/ malastre/ desfortuna (f.), m. desgraça

malurós, osa/ malerós, osa, adj. desgraçado
 mama, f. mamãe
 mambrusa, f. estorvo
 man, f. mão
 manadís/ manament, envio
 manament, m. mandato
 manar, v. mandar 2. enviar 3. ordenar
 manat/ sarpat, m. punhado
 manca, f. falta
 mancar, v. faltar 2. carecer
 manchar, v. manchar
 mandat, m. mandato
 mandòrra/ truha/ trufa, f. batata
 manefle, fla/ maneflaire, ra/ lecacuús, adj./n. puxa-saco, adulator
 manejadís/ hèr a anar, v. manejar
 manèra/ faizon/ manierà/ biais, f. maneira
 mange/ asta (f.)/ manjo, m. manga (de camisa)
 mania/ tissa, f. ojeriza
 manierà/ manèra/ faizon, f. maneira
 manifestar, v. manifestar
 manja, f. manga (de camisa)
 mano, na/ estèrie, la, adj. estéril
 mantier/ mantièner, v. manter
 mantornar/ virar, v. girar
 mapa f. mapa
 maquina, f. máquina 2. instrumento
 maquinhoar/ shamar, urdir
 mar, f. mar
 març, m. março
 marcha f. marcha

- marchar v. marchar
 mare/ mairia/ mair-sénher/
 nòna, f. avó
 mareg/ malagana (f.), m. enjoo
 maria-chorra/ chorreta, m.
 troglodita
 maridar, v. casar
 maridat, -ada adj. casado
 maridatge m. núpcias,
 casamento
 maridatge, m. casamento
 marin, -a adj. marinho
 marinèr, -a m. marinheiro
 maritim, -a adj. marítimo
 marme, m. mármore
 marrit somi/ malajadilha (f.),
 m. pesadelo
 marrit, ida/ dolent, a/
 maishant, adj. mau
 martèn/ temardut, uda, adj.
 obstinado
 marteror f. festa de todos os
 santos
 marteror/ martror, m. festa de
 todos os santos
 martèth, m. martelo
 mas/ mès, conj. adv. mas,
 porém
 masca, f. máscara 2. disfarce
 mascara, f. mancha
 mascle m. macho
 masculin adj. masculino
 masculin, a, adj. masculino
 massa/ tròp, adv. demasiado
 massanguit, ida/ moishet, a,
 adj. dócil
 matalàs, m. colchão
 matèria f. matéria
 materiau, adj. material
 matritz/ mairitz, f. matriz
 mau dera tèrra, m. epilepsia
 mau, m. mal 2. dor
 mauaisit, ida/ de mau hèr/
 malaisit, ida, adj. difícil
 maubiaishut, uda/ maladret, a,
 adj. torpe
 maucapsat, ada, m. malfeitor
 maucontentament/ desatent, m.
 desgosto
 maudíder, v. maldizer 2.
 criticar
 maudit, a/ maladit, a adj.
 maldito, ta
 mauenjargat, ada/ maujargat,
 ada, adj. desalinado
 maufactor, a/ maucapsat, ada,
 adj./m. malfeitor
 maufidança/ mensfidança, f.
 desconfiança
 maufidar-se/ mensfidà's, v.
 desconfiar
 maugrat prep. apesar de
- maugrat que, loc. conj. ainda
 que
 mauhassèr, a/ damatgèu, a, adj.
 prejudicial
 mauméter, hèr a hóner/
 espatracar, v. estragar,
 deteriorar
 mauparlar, v. difamar
 mausapiós, osa, adj.
 susceptível
 mausòn/ malajadilha (f.), m.
 pesadelo
 mauversacion, f. malversação
 mauvestèr, a/ maucapsat, ada,
 m. malfeitor
 màver/ mòir/ botjar, v. mover
 maxim adj. máximo
 me, m', em, 'm, pron. per. me
 mecanic, -a adj. mecânico
 meddia/ mieidia, m. meio-dia
 meddia/ sud, m. sul
 meddiada, f. sesta
 medecina f. medicina
 meidia/ meddia, m. meio-dia
 mejan/ miel, m. meio
 melhor/ mielhor/ miélher/ mès
 bon, adj. melhor
 melhorament/ melhoraça (f.),
 m. melhora
 melicós, osa/ lipós, osa, adj.
 viscoso
 melon d'aigua m. melancia
 melon, m. melão
 membre m. membro
 memòria f. memória
 mèn, mia, mèn, mies, pron.
 pos. meu, minha, meus,
 minhas
 menaçar/ miaçar, v. ameaçar
 mendre, adj. mínimo
 menestrau/ mestierau, m.
 artesão
 menina/ lauaneta/ belina, f.
 narciso
 menprètz/ mesprètz, m.
 menosprezo
 mens, adv. menos
 menspredar/ mespredar, v.
 menosprezar
 mentar/ mentàver, v.
 mencionar
 mentida/ messorga, f. mentira
 mentit, m. embuste
 mentretant/ en tòt açò, adv.
 entretanto
 menuta f. minuto
 maravilha, f. maravilha
 mèrca, f. marca
 mercar, v. marcar
 mercat m. mercado
 mercejar/ arregraïr, v.
 agradecer
 mèrci/ mercès, f. pl. obrigado
- mèrda f. merda
 mericles, m. pl. óculos
 merinjana/ aubergina, f.
 berinjala
 meritau v. merecer
 mes m. mês
 mès/ mas, conj. mas, porém
 mès/ mei/ mai, adv. mas
 mespredar/ menspredar, v.
 desprezar, menosprezar
 mesprez/ mensprez, m.
 desprezo
 messatgèr, m. criado
 messorga, f. mentira
 mestier, m. profissão
 mestierau/ menestrau, m.
 artesão
 mestrar (era taula) v. servir à
 mesa
 mèstre, tra, m. mestre 2. dono
 mestressa f. proprietária de um
 negócio
 mesura, f. medida
 metau, m. metal
 méter capensús, v. transtornar
 méter/ calar eth huec, v.
 incendiar
 méter/ hicar/ botar/ calar, v.
 pôr, colocar
 mètge,-essa m. médico
 mètre, m. metro
 mètro, m. metrô
 mèu, f. mel
 mia (fam.)/ mairia/ mare/
 mair-sénher / nona, f. avó
 miar/ amiar, v. levar 2. guiar
 michon, m. meia
 mida/ mesura, f. medida
 midalha, f. medalha
 mieg, eja/ miei, eja, adj. meio
 miei, eja/ mieg, eja, adj. meio
 miei/ mejan, m. meio
 mieilòc/ mitan m. centro
 miejanet/ miejanueit, f. meia-
 noite
 miejon/ besson, oa, adj./n.
 gêmeo
 migra/ chegrin (m.), f. pena
 migrar/ enquimerar, v.
 inquietar
 migrós, osa, adj. inquieto
 mijò/ mujòu, m. gema
 milhòc, m. milho
 milhocar, m. milharal
 milion m. milhão
 militar, a adj./m. militar
 mina f. mina
 minerau, adj./m. mineral
 minim, -a adj. mínimo
 minimós/ osa, adj. minucioso
 ministre, -a m. ministro
 minjada f. comida
 minjadís, issa, adj. comestível

- minjador/ salon, m. sala de jantar
 minjar, m. comida
 minjar, v. comer
 miòpe, pa/ lusc, a, adj./n. míope
 miralh m. espelho
 miralhar, v. refletir
 missau, m. missal
 mission f. missão
 mitan/ mieilòc, m. centro
 mitat f. metade
 mitralhada/ mitralhatge (m.), f. rajada
 mitralhatge/ mitralhada (f.), m. rajada
 miular v. miar
 mòble, m. móvel
 mocader/ mocador, m. lenço
 mocador/ mocader, m. lenço
 mochet m. bombom
 mòda f. moda
 modelhoar, v. acumular
 modelhon, m. acúmulo
 moderar, v. moderar
 modèrn, -a adj. moderno
 moftar, v. abrandar
 mòfle, fla/ trende, da, adj. brando
 mòina, f. esmola
 mòir, v. mover
 moish, a/ moishet, a, adj. dócil
 mojanquèr/ moràs/ hanhàs/ moracar, v. poça
 mòla, f. moinho
 mòler, v. moer
 molèstia f. incômodo, perturbação
 mòlher, v. ordenhar
 molin/ mòla (f.), m. moinho
 molinar, v. moer
 molinet, f. piraeta
 mollèr, a, m. moleiro
 molon/ cantièr, m. montão
 moma/ pipa/ monaca/ jogalha, f. boneca
 momeut, m. momento
 mon, ma; mes, adj. pos. meu, minha, meus, minhas
 mon/ mond, m. mundo
 mona/ peta/ monina/ chaueta, f. embriaguez
 monaca/ pipa/ moma, m. boneco
 moneda f. moeda
 monge, m. monge
 mongeta, f. feijão
 mongolic, -a adj./m. mongólico
 monina/ chaueta/ peta, f. embriaguez
 monstre m. monstro
 montanha, f. montanha
 montanhut, uda, adj. montanhoso
 montar/ pujar, v. subir
 montilha, d. duna
 monument m. monumento
 moquira/ mèca/ naric (m.), f. moco
 moracar/ moràs/ hanhàs, f. poça
 moralh dera cama/ bot dera cama, m. pantorrilha
 moreno, na/ brun, a, adj. moreno
 moret, a/ brun, a/ morèu, a, adj. moreno
 morir/ crebar (fam.), v. morrer
 morralet, m. mochila
 mòrt, a adj. morto
 mort, f. morte
 mortificar, v. mortificar
 mòs, m. sanduíche
 mos, mo', pron. per. nos
 mòs/ nhac/ nhacada (f.), m. mordida
 mosca f. mosca
 moscalhon/ mosquilhon (m.), mosquito
 mosquet/ perfum, m. perfume
 mosquilh/ moscalhon, m. mosquito
 mosquilhon/ moscalhon/ mosquit, m mosquito
 mossa, f. musgo
 mossa/ mossardeta/ goja, f. criada, empregada
 mossardet, m. criado
 mossegada, f. mordida 2. sanduíche
 mossegar, v. morder
 mosso, m. empregado, criado
 mossur, m. senhor
 mostacha, f. bigode
 mostrar/ amuishar, v. mostrar 2. manifestar
 mot, m. palavra, vocábulo
 mòta, f. cacho
 moth, a/ trende, da, adj. brando
 moth/ medoth, m. tétano
 motiu m. motivo
 motle, m. molde
 mòto f. moto
 moton, m. carneiro
 motor m. motor
 moviment m. movimento
 multa/ esmenda, f. multa
 multiplicar v. multiplicar
 multitud/ catèrva, f. multidão
 mund, a, adj. miúdo
 municipalitat f. municipalidade
 municipau adj. municipal
 municipi m. município
 mur/ paredau, m. muro
 muscle, m. músculo 2. ombro
 musèu m. museu
 music m. músico
 musica, f. música
 musulman, -a adj./m. muçulmano
 mut, -da adj./m. mudo

N

- n, f. n
 nacion f. nação
 nacionalizar, v. nacionalizar
 nadar v. nadar
 Nadau, m. Natal
 nafra/ plaga, f. ferida 2. chaga
 nafradura/ plaga/ alebadura, f. ferida
 nafrar/ plagar, v. ferir
 nano, na, adj./n. anão
 naric, m. muco
 narigós, osa, adj. mucoso
 nas, m. nariz
 nat, nada/ cap de, adj. nada, nenhum
 natura, f. vulva 2. natureza
 naturau adj. natural
 nau (de glèisa), f. nave (de igreja)
 nau cents, adj./n. novecentos
 nau, a, adj. novo
 nau, adj./n. nove
 nau, f. navio 2. barco
 naua/ emplant, f. notícia
 nauanta/ navanta, adj./n. noventa
 nauau, adj./n. nono
 nauèth, èra, adj. recente 2. novato

nauridós, osa/ neuridós, osa,
 adj. nutritivo
 naurir/ neurir, v. alimentar,
 nutrir
 naut, a, adj. alto
 naut, adv. em cima
 nautada/ nautor/ auçada, f.
 altura
 nautar/ auçar, v. levantar
 nautor, f. altura
 navaga, f. navalha
 naviri/ naviu, m. navio
 naviu/ naviri, m. navio
 ne, conj. nem
 ne, n', en, 'n, adv. pron. dele,
 dela, disso
 nebot, -oda m. sobrinho
 necèra/ besonh (m.) f.
 necessidade
 nèci, a/ pèc, ega, adj. estúpido
 necior, f. estupidez
 necitge, m. estupidez
 negar/ lacar/ enaiguar, v.
 inundar 2. submergir
 negligència, f. negligência
 negòci m. negócio
 nèira/ entrada (m.), entrada,
 vestíbulo
 neishensa, f. nascimento
 nèisher/ vàder, v. nascer
 nenè/ nenon/ mainatjon, m.
 bebê
 nere, ra, adj. negro
 neretat/ neror/ nerum (m.), f.
 negrura
 neror/ nerum (m.)/ nerura/
 neretat, f. negrura
 nèrvi, m. nervo
 nerviós,-osa adj. nervoso
 nerviut, uda, adj. musculoso
 2. nervudo

net de Nadau, f. noite de Natal
 net, -a adj. limpo, asseado
 net/ nueit, f. noite
 netejar/ limpiar, v. limpar
 nèu/ nhèu, f. neve
 neuridós, osa/ nauridós, osa,
 adj. nutritivo
 neurir/ naurir, v. alimentar,
 nutrir
 neurir/ tier, v. criar 2. manter
 neuritud, f. alimento
 nevera/ gelèra, f. geladeira
 nèxe/ estac/ ligam, m. nexo
 nhac/ nhacada (f.) mós (m.)
 mordida
 nhacada/ nhac (m.)/ mós (m.),
 f. mordida
 nhacar, v. morder
 nhadèr/ poralhèr/ garièra (f.),
 m. galinheiro
 nharro, rra, adj. pequeno
 nhèu/ nèu, f. neve
 nheuar/ nevar, v. nevar
 nheuejar/ nheurarrejar/
 nevejar, v. nevar em pouca
 quantidade
 nhoquet, m. buquê
 nin, m. ninho
 nina f. pupila
 ninet/ nenè/ mainatjon, m.
 bebê
 nivèu/ deplan, m. nível
 Nobel m. Nobel
 noça/ nõça, f. casamento
 nõde/ escara, noz
 noguèr/ escarèr/ martoquèr, m.
 noqueira
 nom/ nòm, m. nome
 nòm/ nom, m. nome
 nombre, m. número
 nombrós, a adj. numeroso

nomentar/ nommar, v.
 denominar 2. mencionar
 nommar/ nomentar, v.
 denominar 2. mencionar
 non auer pas/ cap, adv. carecer
 non escotar pas/ cap, v.
 desobedecer
 non poder pas/ cap veir, v.
 aborrecer
 non voler pas/ cap creir, v.
 desobedecer
 non, adv. não
 non... pas/ cap guaire, adv.
 pouco
 nõna/ mairia/ mare/ mair/
 mair-sènher, f. avó
 nonèster/ nonarren, n. nada
 norarren/ nonèster, m. nada
 nõrd m. norte
 normau adj. normal
 nosati, tes/ nosautes, tas, pron.
 per. nós
 nostalgia/ trapar mens (m.), f.
 nostalgia
 nõste, ta, nosti, tes, pron. pos.
 nosso, nossa, nossos, nossas
 notícia/ emplant, f. notícia
 noveme, m. novembro
 nõvi, -a m. noivo
 noviau, adj. nupcial
 nud, a, adj. nu
 nud, m. nó
 nudessa/ nudetat/ nudèra, f.
 nudez
 nueit/ net, f. noite
 nueitejar/ hèr net/ barrar era
 net, v. anoitecer
 numèro, m. número (fascículo
 ou publicação)
 numerotar, v. numerar

O

o conj. ou
 o, f. o
 objectiu m. objetivo
 objectiu, -va adj. objetivo
 obligacion f. obrigação
 obligar v. obrigar
 òbra f. obra
 obrador/ talhèr/ atelièr, m.
 oficina
 obratge, m. tarefa
 obrejar, v. fazer obras, fazer
 tarefas, trabalhar
 obrèr, ra, m. trabalhador
 observar, v. observar

obtenguda, f. obtenção
 obténguer/ obtier/ obtiéner, v.
 obter
 obtier/ obténguer/ obtiéner, v.
 obter
 òc, adv. sim
 occidentau adj./m. ocidental
 occitan, a, adj./n. occitano
 òci/ léser, m. ócio
 octobre, m. outubro
 ocupacion/ emplec (m.), f.
 emprego
 oelha/ aulha, feda, f. ovelha
 oelham/ aulham, m. gado lanar

oelhèr, -a m. pastor de ovelhas
 oféner/ ofensar, v. ofender
 ofensar/ oféner, v. ofender
 ofici, m. ofício
 oficiau adj. oficial
 oficina f. escritório
 òla interj. olá
 òli, m. azeite
 olièra, f. azeiteira
 oliva, f. azeitona
 olòc, a/ aulòc, a/ tohut, uda,
 adj. oco 2. vazio
 òm, pron. ind. se
 ombra, f. sombra

ombriha, f. penumbra
 òme/ òmi, m. homem
 omenenc, a, adj. varonil
 omission, f. omissão
 on (a), adv. onde
 oncle, m. tio
 ondrar/ fistonar/ atriuetar, v.
 adornar
 onzau, adj./n. undécimo
 opausar, v. opor
 operacion f. operação
 opinion/ vejaire (m.), f.
 opinião
 oportun, a, adj. oportuno
 oposicion f. oposição
 òr/ aur, m. ouro
 ora f. hora

orau, adj. oral
 òrb, a, adj./n. cego
 orde f. ordem, sociedade
 religiosa
 orde/ reng/ renga (f.), m. fila
 organizacion f. organização
 organizar, v. organizar
 orgulh/ capinaut (m.), orgulho
 orgulhança/ capinaut (m.), f.
 orgulho
 orientau adj./m. oriental
 origina f. origem
 oriò, adj. cor de ouro,
 amarelado
 orizont/ pè deth cèu, m.
 horizonte

ornar/ entifonar/ fisonar/
 atriuetar, v. adornar
 ors/ os/ mascarèt (fam.), m.
 urso
 os/ ors, m. urso
 òs/ uas, m. osso
 ostau/ casa (f.), maison, m.
 casa 2. pensão, hotel
 ostiu/ estiu, m. verão
 ostiuar/ estiuar, v. veranear
 otrajar, v. ofender, ultrajar
 otratge, m. ultrajem
 otratjós, osa, adj. ultrajoso
 oxigèn, m. oxigênio
 ozòn, m. ozônio

P

p. f. p
 paciência, f. paciência
 patient, -a adj./m. paciente
 padegar/ solatjar/ adocir, v.
 aliviar 2. acalmar
 padena/ padèra, f. frigideira
 padenar, v. fritar
 padera/ padena, f. frigideira
 paelha f. paelha
 paga, f. pagamento
 pagar v. pagar
 page m. pagem
 pagés,-esa m. roceiro
 pagina/ plana, f. página
 pair gran/ pairin/ pin/ pare, m.
 avô
 pair, m. pai
 pairastre, m. padrasto
 pairin, m. padrinho
 pairin/ pare/ pair-sénher/ pin
 (fam.), avô
 pair-sénher/ aujòus (pl.), m.
 antepassado pl. antepassados
 país/ parçan, m. país 2. região
 3. comarca
 paishèra, m. canal 2. dique
 paishon/ pau/ balhon, m.
 bengala 2. bastão
 pala, f. ladeira
 pala/ còsta, f. costa
 paladar/ cèu dera boca, m.
 paladar
 palai m. palácio
 palanquejar/ ranquejar, v.
 mancar, coxear
 palha, f. palha
 palhassa/ pantre, m. palhaço
 paliuar, v. saborear

palle, lla/ esblancossit, ida,
 adj. pálido
 palma, f. palma
 paloma, f. pomba
 pamparruga/ perruca, f. peruca
 pamparrut, uda/ pançarrut,
 uda, adj. barrigudo
 pan, m. pão
 pan/ clauadura (f.), m.
 fechadura
 pana, f. pane
 panadèr, -a m. padeiro
 panador, a/ lairon, oa/ panaire,
 ra, n. ladrão
 panaire, ra/ lairon, oa, n.
 ladrão
 panar, v. roubar
 panatòri/ laironici, m. roubo
 pancarta, f. letreiro
 panèu, m. letreiro
 panòstic/ huelheton, m. folheto
 pansauèc/ passauèc/ passavèc,
 m. papoula
 pansavèc (t), m. papoula
 pantalon m. calças (de
 vestuário)
 pantèish, m. gemido
 pantre/ palhassa, m. palhaço
 papa, m. papai 2. papa
 paparòc/ passauèc, m. papoula
 papèr, m. papel
 paperalha/ paperame (m.), f.
 papelada
 papo, m. espantalho
 paquet, m. embrulho
 parada f. parada
 paraigües m. guarda-chuva
 param, m. artimanha

paraqueigudes m. paraquedas
 parar, v. preparar 2. colocar 3.
 deter
 parat/ entremieja (f.), m.
 circunstância
 paraula f. palavra
 paraulum, m. verbosidade
 parc m. parque
 parçan, f. região 2. comarca
 parcatge, m. estacionamento
 pardessús, m. sobretudo
 pare/ pair, m. pai
 pare/ pin/ pairin/ pair-sénher,
 m. avô
 paredau, m. muro
 paredèr, m. pedreiro
 paréisher/ campar/ puntejar, v.
 aparecer
 parelh/ parelhat, m. par
 parelhat/ parelh, m. par
 parent, -a m. parente
 paret, f. parede
 parièr, a/ pariu, iva, adj.
 semelhante, igual
 parlament m. parlamento
 parlar, v. falar
 parlatòri/ parlicada (f.), m.
 conversaço
 parpalhòla/ parpalhòu (m.), f.
 mariposa
 parrabastar/ capvirar, v.
 transtornar
 parrabastatge, m. transtorno
 parroquet m. papagaio
 parruat/ escabòt, m. atalho
 part/ partida, f. parte
 partatjar/ partir/ micipartir, v.
 repartir

- partejar v. festejar
 partèra, f. parteira
 participar v. participar
 particular, -a adj. particular
 partida/ part, f. parte
 partir v. partir
 partit m. partido
 parva, f. comida
 pas tant/ mens, adv. menos
 pas, m. passo
 pas/ natura, f. vulva
 pasca, f. pascoa
 passada, f. travessia
 passada/ corsera, f. senda
 passapais/ gandièr, a, adj./m.
 vagabundo
 passapòrt m. passaporte
 passar er ostiu, v. veranear
 passar era clau/ clauar, v.
 fechar
 passar era grèra/ escampar, v.
 varrer
 passar manèta/ escancariar, v.
 corrigir
 passar, v. passar 2. circular 3.
 murchar
 passat m. passado
 passat, -ada adj. passado
 passatge/ pas, m. passagem
 passauèc/ passavèc/ pansauèc/
 pansavèc (t.), m. papoula
 passeg m. passeio
 passejar, hèr un torn, v. passear
 passir/ shamostar, v. murchar
 pasta tàs dents, f. dentifricio
 pasta, f. pasta
 pastor, a, m. pastor
 patac/ truc, m. golpe
 pataquejar/ trucar, v. golpear
 2. bater
 patinet m. patinete
 patir, v. sofrer
 patrimòni/ auviatge, m.
 patrimônio
 patron, m. patrão
 patz, f. paz
 pau/ balhon/ piòc, m. bengala
 2. bastão
 pauc/ pòc, adv. pouco
 paumon, m. pulmão
 paupar/ paupejar, v. apalpar
 paupeta/ perpèra, f. pálpebra
 páur, m. medo
 pauruc, -uga adj. medroso
 pausar/ méter/ calar/ botar/
 hicar, v. pôr
 pautassada/ esclau (m.)/ tralh
 (m.), f. pegada
 pautassejar/ coishejar/
 palanquejar, v. mancar,
 coxear
 pè deth cèu/ orizont, m.
 horizonte
- pè deth huec/ larèr, m. lareira
 pè, m. pé
 peada, f. pegada 2. vestígio
 pebe/ péber, m. pimenta
 peberòt/ piper, m. pimentão
 pèc, èga, adj. idiota, bobo
 pèca, f. falta 2. erro 3. defeito
 pèça, f. peça
 pecic/ pecigada, m. beliscão
 pecigada/ pecic (m.), f.
 beliscão
 pedaçar/ pedacejar, v.
 remendar
 pedacejar/ pedaçar, v.
 remendar
 pegaria/ peguessa, f. estupidez
 pegós, osa/ melicós, osa, adj.
 viscoso
 peguejada/ badinada, f.
 brincadeira
 peguejar, v. dizer ou fazer
 besteira
 peguessa/ pegaria, f. estupidez
 peguito, ta, adj./n. gênio
 pèira de barrina/ pèira frejau,
 f. granito
 peira de hilar, f. mó
 peira de huec, f. sílex
 pèira frejau/ pèira de barrina,
 granito
 pèira, f. pedra
 pèira/ granissa, f. granizo
 peirat/ cauçada (f.), m. calçada
 2. pavimento
 peirèra f. pedreira
 peish, m. peixe
 pèisher, v. pastar
 peitrina/ piech (m.)/ pitrau
 (m.), f. peito
 pejor/ piri/ petjor/ sordeish,
 adj. pior
 pejar/ petjorar, v. piorar
 pela/ crosca, f. cortiça
 pelegrinatge/ romiuatge/
 sentoratge, m. peregrinação
 peleja/ esgatussada, f. disputa
 pelejar, v. brigar
 pelha/ pelhòt (m.), f. saia
 pellicula f. película. 2. filme
 pelodir v. pedir
 pelòi, a, adj. idiota, bobo
 pena, f. pena 2. tristeza
 pendent/ durant, prep. durante
 penent/ pala (f.), m. ladeira
 péner/ penjar, v. pendurar
 penetrar/ calar, v. penetrar
 penjar/ pèner, v. pendurar
 pensable, bla, adj. imaginável
 pensada/ pensar (m.), f.
 opinião 2. pensamento
 pensament m. pensamento
 pensar/ cogitar, v. pensar
- pensatiu, iva/ pensós, osa, adj.
 pensativo
 pensiu, iva/ cogitós, osa, adj.
 meditabundo
 pentacosta, m. pentecostes
 pentura, f. pintura
 per çò que/ plan que, loc. conj.
 porque 2. já que
 per, prep. por
 per'mor de/ pr'amor de, loc.
 prep. por, por causa de
 per'mor que/ pr'amor que,
 conj. porque, a fim de que
 pera, art. contr. pela
 percaça, f. expulsão
 percaçar, v. expulsar 2.
 perseguir
 percéber, v. perceber 2.
 distinguir
 percéber/ quectar, v. perceber
 2. cobrar 3. arrecadar
 pèrder er orèmus (fam.), v.
 impacientar
 pèrder, v. perder 2. extraviar
 perdic/ perditz, f. perdiz
 perdon, m. perdão
 perdonar v. perdoar
 perèr, m. pereira
 perfècte, ta/ perfèit, a, adj.
 perfeito
 perfilar/ fistonar, v. perfilar
 pergam/ pergamin, m.
 pergaminho
 perhum/ mosquet (m.),
 perfume
 pericle, m. raio
 perider/ malh, m. abismo
 perilh, m. perigo
 perilhós, -osa adj. perigoso
 perimètre/ contorn, m.
 perímetro
 periòde/ tempsada (f.), m.
 período 2. época
 perir, v. perecer
 perissa/ forradura, f. forro
 perlongar, v. prolongar
 perméter v. permitir
 permuta/ cap per cap (m.), f.
 permuta
 pernada/ cop de pè (m.), f.
 coice
 pernejar, v. escoicear
 pernilh/ camalhon/ cambalhon,
 m. presunto
 perpèra/ paupeta, f. pálpebra
 perque/ pr'amor que/ per'mor
 que, conj. porque
 perrec/ liròt, m. farrapo, trapo
 perròt, a/ polèi, a/ piòc, a, m.
 pavão
 perruca/ pamparruga, f. peruca
 perruquèr, -a m. cabeleireiro
 persec, m. pêssego

- persequèr, m. pessegueiro
 perseguir/ acaçar, v. perseguir
 persona, f. pessoa
 personatge m. personagem
 personau, adj./m. pessoal
 persutar/ targalhar, v. insistir
 pèrta de sang, f. hemorragia
 pèrta f. perda
 pertocar/ tânher, v. concernir
 2. incumbir 3. corresponder
 perturbatiu, iva, adj.
 subversivo
 pertusar/ calar, v. penetrar
 pertusar/ traucar/ taraiar, v.
 furar
 pervier, m. futuro, porvir
 pes, m. peso
 pes/ peths/ peus, art. contr.
 pelos, pelas
 pesar, m. pesar
 pescaire, -a m. pescador
 pescar v. pescar
 pesquèr/ pesquèra (f.), m.
 viveiro de peixes
 pesseta, f. peseta
 pèsta, f. peste
 peta/ monina/ engatada/ gata,
 f. bebedeira, embriaguez
 petaçar/ pedaçar, v. remendar
 petanèra/ monina/ peta, f.
 bebedeira, embriaguez
 petar, v. quebrar 2. morrer
 (fam.)
 peth (diante de consoante)/
 peu, art. contr. pelo
 pèth, f. pele 2. cortiça
 petit, a/ ponin, a/ pichon, a,
 adj. pequeno
 petjor/ pejor/ piri/ sordeish,
 adj. pior
 petròli m. petróleo
 peu, m. cabelo 2. pelo
 peublanc, m. cabelo branco
 pibo/ bibo/ pibol, m. choupo
 picaire, ra/ boscatèr, a, m.
 lenhador
 picanhar/ shordar, v. molestar
 2. inquietar
 picar de mans, v. aplaudir
 picar/ batanar/ tustar/
 pataquejar, v. palpitar
 pichèr, m. jarro
 pichon, a/ ponin, a/ petit, a,
 adj. pequeno
 picòta, f. varíola
 piech/ piet/ pitrau, m. peito
 pièger/ pejor/ petjor, adj. pior
 pièla/ pilèr (m.), f. montão
 pientar, v. pentear
 piente, m. pente
 pigresa/ guitèra/ feniantèr (m.),
 f. preguiça
 pijama m. pijama
- pilèr/ cantièr/ pilòt, m. montão
 pilhar, v. pilhar 2. tomar
 pilòt/ pilèr/ cantièr, m. montão
 pilòta f. pelota
 pimpar/ fistonar, v. adornar
 pin (fam.)/ pairin/ pare/ pair-
 sénher, m. avô
 pin, m. pinho
 pinçada/ nhac (m.)/ nhacada, f.
 mordida
 pinçar, v. morder 2. apertar 3.
 agarrar
 pinçar, v. morder 2. apertar. 3.
 agarrar
 pincèla/ puncèla, f. donzela 2.
 virgem
 pincelatge/ piucelatge, m.
 virgindade
 pincèu, pincel
 pinent, a/ arribent, a, adj.
 pendente
 pinent/ penent, m. costa 2.
 queda
 pinta, f. nata
 pintar v. pintar
 pintor, -a m. pintor
 pintor/ pintre, m. pintor
 pintre/ pintor, m. pintor
 piòc, a/ polòi, a/ perròt, a, m.
 pavão
 pioishar/ catar, v. cavar
 pipa f. cachimbo
 pipa/ moma, f. boneca
 pipaire, ra/ humaire, ra, adj.
 fumador
 pipar/ humar, v. fumar
 pipaut, a/ lord, a/ cascant, a,
 adj. sujo
 pipaut, a/ pipotàs, assa, adj.
 néscio 2. bobo
 pipèr/ peberòt, m. pimenteiro
 pipi m. pipi, xixi
 pipòt, m. boneco
 piquent, a, adj. picante
 piquet, m. ponto
 pirata m. pirata
 piri/ pejor/ petjor, adj. e m.
 pior
 piroar/ germiar/ galhoar, v.
 germinar
 pis m. andar (de um edifício)
 piscina f. piscina
 pish, f. urina 2. cascata
 pishadís dera broma/
 roginadís, m. chuvisco
 pishar (fam.), m. urinar 2.
 gotejar
 pishar era broma/ roginar/
 escopishar, v. chuviscar
 pisharròt/ godilh, m. jorro
 pistar/ èster ara demora, v.
 espreatar
- pistar/ susvelhar/ campar, v.
 vigiar
 pita/ bua/ shagata, f. chispa
 piterau/ pitrau/ piech, m. peito
 pitjar/ sarrar, v. apertar 2.
 prensar
 pitrau/ piterau/ piech, m. peito
 piuda/ pude, f. pulga
 plaça de (en)/ entorn de/ en lòc
 de, prep. em lugar de
 plaça, f. praça 2. assento
 plaçar v. instalar
 plaçar, v. colocar
 plaçar/ emboishar, v. empregar
 plaçar/ lheur/ dreçar, v.
 ordenar
 plàder/ plàser/ shautar, v.
 agradecer
 plafon/ solèr de naut, m. teto
 plaga/ plèisha/ alebadura, f.
 chaga 2. ferida
 plagar, v. ferir
 plaja, f. praia
 plan de, adj. muito
 plan que òc, loc. adv. sem
 dúvida
 plan segur, loc. adv.
 certamente
 plan te crei, loc. adv.
 certamente
 plan/ hèra/ hòrt, adv. muito
 plana, f. página
 planèr, a, adj. plano
 planeta f. planeta
 planh, m. lamento, queixa
 plànher, v. compadecer 2.
 deplorar
 planhós, osa/ planhiu, a/
 gemissent, a, adj. queixoso
 planta f. planta
 planvienguda/ planvenguda/
 benvenguda, f. boas-vindas
 plap/ plapa (f.), m. mancha
 plapa/ plap (m.), f. mancha
 plapar/ mirgalhar/ pigalhar, v.
 manchar
 plapegar, v. manchar
 plasent, a/ graciós, osa, adj.
 gracioso
 plasentèr, a/ cortés, esa, adj.
 agradável 2. cortês
 plasentèr, a/ plasent, a, adj.
 agradável 2. plácido
 plaser/ gòi, m. prazer
 plaste/ geish/ guish, m. gesso
 plat, m. prato
 plata f. prata
 plata/ platèu (m.), f. bandeja
 platan m. banana
 platz/ palai, m. palácio
 plàver/ plòir, v. chover
 plegar, v. dobrar 2. ordenar
 plegària/ pregària, f. romaria

- plegatiu, iva, adj. flexível 2.
 dócil
 pleish/ plaga, f. ferida 2. chaga
 pleishar/ plagar/ alebar, v. ferir
 plen, -ea adj. pleno, cheio
 plen, ea/ ia, adj. cheio
 plendenga, f. brinco
 plòir/ plòver/ plàver, v. chover
 ploja, f. chuva
 plombaire m. pessoa que
 fabrica ou vende lâmpadas,
 que faz trabalho de
 instalação de luz
 plorar/ bramar (fam.), v. chorar
 plorós, osa/ ploradís, issa, adj.
 lacrimoso
 plòver/ plòir, v. chover
 plovina/ rogina/ roginadís
 (m.), f. chuvisco
 pluma, f. pluma
 plurau, m. plural
 plus m. vantagem
 pneumatic, -a m. pneu
 poblacion/ poblacion, f.
 população
 poblant, a/ estatjant, a, n.
 habitante
 poble/ vilatge, m. aldeia
 poblòt/ bordalat, m. aldeia
 pòc/ pauc, adv. pouco
 pòcha, f. bolso
 poder/ pòsquer, v. poder
 pòdiom m. pódio
 pòdo, m. polegar
 podon/ posson, m. veneno
 poesia, f. poesia
 poèta, -essa m. poeta, poetisa
 pòga pòc/ a plaser, adv.
 devagar
 polhastre/ poret, m. frango
 policia m. polícia
 polidesa/ polidetat/ beresa, f.
 beleza
 polidor/ polidesa/ beresa/
 beutat, f. beleza
 polit, ida/ beròi, a, adj. bonito
 polit, -da adj. polido, educado,
 fino
 politic, -a adj./m. político
 politica f. política
 polòi, a/ perròt, a/ piòc, a, m.
 pavão
 polvareda, f. nuvem de poeira
 poma, f. maçã
 pomada f. pomada
 pompa, f. bomba
 pompièr, m. bombeiro
 ponchut, -uda adj. ponteagudo
 ponin, a/ pichon, a, adj.
 pequeno
 pont/ pònt, m. ponte
 pònt/ pont, m. ponte
 popa, f. teta, mama
 popar, v. mamar
 popenc, m. potro
 poblacion/ poblacion, f.
 população
 popular, -a adj. popular
 pora, f. galinha nova
 poralhèra/ garièra, f. galinheiro
 porcèth, èra, m. porco
 porc-gandièr, adj./n.
 vagabundo
 pòrc-singlar/ sanglièr, m.
 javali
 porèr/ poralhèr/ garièra (f.), m.
 galinheiro
 poret, m. frango
 poreton/ poric, m. pintainho
 porfiaire, ra, adj. perseverante
 porfiança, f. perseverança
 pòrge/ entrada (f.)/ nèira (f.),
 m. entrada, vestíbulo
 poric/ poreton, m. pintainho
 pòrt m. porto
 pòrta, f. porta
 pòrtamonedes m. carteira para
 moedas
 portar v. conduzir, carregar
 portar, v. levar 2. trazer
 portau, m. portal
 portèr, -a m. porteiro
 pòsa, f. repouso
 posar, v. esperar
 posar-se, v. descansar
 posicion f. posición
 poson/ podon, m. veneno
 pòsquer/ poder, v. poder
 possada, f. empurrão
 possar, v. empurrar 2. brotar
 possar/ en.hiscar, v. incitar
 possedir, v. possuir
 possession f. posse
 possible, -a adj. possível
 pòt, m. lábio
 poth/ hassan, m. galo
 potja, f. grama
 potjat, m. grama
 potoar/ punar, v. beijar
 poton/ punet, m. beijo
 potonar/ punar, v. beijar
 potz/ putz, m. poço
 pòur/ páur, f. medo
 povàs/ prova, m. poeira
 povassèra, f. nuvem de poeira
 povora, f. pólvora
 pr'amor de/ per'mor de, prep.
 por causa de
 pr'amor que/ per'mor que/
 porque, loc. conj. porque, já
 que
 practic, -a adj. prático
 practican, -a m. ajudante de
 médico
 pradaria/ pradera, f. pradaria
 prat, m. prado
 praube des crostets/
 mendicant, a, n. mendigo
 praube, ba/ praue, ua, adj./n.
 pobre
 praubesa/ praubetat/ praubèra,
 f. pobreza
 prebotjar, v. começar 2.
 promover
 precèpt, m. preceito 2.
 mandato
 predèra/ puta/ gorrina/
 gaudimèla, f. puta
 predíder, v. predizer
 prefàcia/ abans díder (m.), f.
 prólogo
 prefixe, m. prefixo
 pregària/ plegària, f. romaria
 pergunta f. perguntar
 prejudici/ damnatge/ tòrt, m.
 prejuízo
 premanida/ premaniment (m.),
 f. preparação
 premanir/ aprestar, v. preparar
 premanit, ida/ prèst, a, adj.
 pronto
 prèmi, m. prêmio
 premòir/ prebotjar, v.
 promover
 premsa f. imprensa
 préner/ prénguer, v. pegar
 prenhatge/ prenhetat (m.)/
 prenhessa, f. gravidez
 preocupar/ tormentar, v.
 preocupar
 prèp/ apròp, adv. perto
 pres, adj. prisioneiro
 preséncia, f. presença
 present, -a adj./m. presente
 present, m. presente
 presentar v. apresentar
 president, -a m. presidente
 presoèr, a, m. prisioneiro
 preson, f. prisão
 prèssa, f. pressa
 pressadament, adv. depressa
 pressant, a, adj. urgente
 pressar-se/ esdegar-se, v.
 apressar
 pression/ premuda, f. pressão
 prèst, -a adj. pronto, preparado
 prèst/ prestatge, m.
 empréstimo
 prestatge/ prèst, m.
 empréstimo
 presumit, -ida adj. presumido,
 vaidoso
 pretèxte/ desencusa (f.), m.
 pretexto
 prètz, m. preço
 prètzhèt, m. tarefa
 preveir/ prevéder, v. prever
 preveir/ previèner/ prevénguer,
 v. prevenir

prim, a/ magre, gra/ escanautit,
ida, adj. magro
prima/ primauera, f. primavera
primala, f. ovelha de 1 ano
primauera/ prima, f. primavera
primordiau, adj. capital,
primordial
prince, -essa m. príncipe
prince, m. príncipe
principau m. principado
principi m. princípio
pringond, a/ pregond, a/
prohond, a, adj. profundo
pro, adv. bastante
problèma m. problema
procès m. processo
produccion m. produção
produzir v. produzir
produzir/ produire, v. produzir
profession/ mestièr (m.), f.
profissão
professor, -a m. professor
profitar v. aproveitar
profitar/ profieitar, v.
aproveitar
prohond, a/ prigond, a, adj.
profundo
projècte, m. projeto
prològ/ prològue, m. prólogo
prométer v. prometer

prometut, uda, m./ adj. noivo
propagar/ expandir/
escampilhar, v. propagar
propici, ícia adj. propício
propietari, m. proprietário
proposar v. propor
pròpri, -a adj. próprio
proprietat f. propriedade
proteccion/ emparament (m.),
f. proteção
protegir/ emparar, v. proteger
prova/ povàs (m.), f. poeira, pó
provedir/ aprovedir, v.
abastecer
provençau adj./m. provençal
provier/ provénguer/
provièner, v. proceder 2.
descender
província f. província
provocacion, f. provocação
provocar v. provocar
prua, f. ameixa
pruèr/ pruèra (f.), m. ameixeira
prumèr, a/ purmèr, a, adj.
primeiro
public m. público
public, -a adj. público
publicar v. publicar
pude/ piuda, f. pulga

pudent, a/ pudentós, osa/
pudesenc, a, adj. fétido
pudentós, osa/ pudent, a/
pudesenc, a, adj. fétido
púder, v. feder
pudesenc, a/ pudent, a/
pudentós, osa, adj. fétido
pujada, f. subida 2. costa
pujar, v. subir
pujau/ tucò/ tucòu, m. colina 2.
montículo
punar/ potoar/ potonar, v.
beijar
punchar, v. instigar
punet/ poton, m. beijo
punh, m. punho
puniment, m. punição
punir, v. punir
punt/ piquet, m. ponto
punta deth dia/ trincar deth
dia, f. amanhecer
puntejar/ campar/ guinhar, v.
aparecer
pur, a/ blos, sa, adj. puro
purna/ bua/ shagata, f. fásca
pus, adv. mais
puta/ gaudimèla/ predèra, f.
puta
putz/ potz, m. poço

Q

q, f. q
qu'ei pro! inter. basta!
quadèrn/ quasèrn, m. caderno
quadrat m. quadrado
quadrupèda, adj./n.
quadrúpedo, da
qualque'un, quauqu'ua, pron.
ind. algum, alguma
quan, adv. quando
quareme, f. quaresma
quartìèr m. bairro
quasi/ lèu, adv. quase
quassevol/ quin que sigue, adj.
qualquer
quatau, adj. quarto
quate, adj./n. quatro
quauquarren, pron. ind. algo
quauquarrés, pron. ind. alguém
quauque, qua, quauqui, ques,
adj. ind. certo 2. algum

quauquedegun, pron. ind.
alguém
quauqui uns, quauques, ues/
quauqu'uns, quauqu'ues,
pron. ind. alguns, algumas
que, conj. que
quècta/ quista, f. coleta
quedar/ estar/ demorar, v. ficar
quehèr/ quehar/ coenta (f.), m.
ocupação
queiguda/ caduta, f. queda
quèir amorós/ encamardar-se,
v. enamorar-se
quèir/ càder, v. cair
queisha/ planhum (m.)/ plan
(m.), f. queixa
queishar v. queixar
quèr, ra/ esquèr, a, adj.
esquerdo
quèra, f. traça

querrèr, a/ esquerrèr, a, adj.
canhoto
qüestion f. questão
qui pron. quem
quichar/ sarrar/ pitjar, v.
apertar
quiet, -a adj. quieto
quiet, a/ lera (fam.), adj.
quieto, tranquilo
quilhar/ auçar, v. levantar
quilò, m. quilo
quilomètre, m. quilômetro
quimic, -a adj. químico
quimica, f. química
quin/ com, adv. como
quinsevolh, -a adj. qualquer
quiò/ tiò, adv. sim
quiòsc m. quiosque
quirnòcha, adj. bobo
quocient, m. quociente

R

r, f. r

rabadan, m. zagal
 rabanaria (fam.)/ lhocaria/
 holia, f. loucura
 ràbia/ rauja, f. raiva
 rabiós, adj. raivoso
 raça, f. raça
 ràdio f. rádio
 raflada, f. furto
 raflar, v. furtar
 raffle/ arravet, m. rabanete
 rajòu (de lum), m. raio
 rajòu (liquido), m. jorro
 rambalh/ guilha (f.), m.
 desordem
 rampòina/ horra/ gorra/ peleja,
 f. querela
 ranc, a/ ranquet, a/ coish, a/
 tòrt, a, adj./m. manco, coxo
 rancura, f. rancor
 ranquejar/ coishejar/
 palanquejar, v. mancar,
 coxear
 ranquet, a/ ranc, a/ coish, a,
 adj./n. manco, coxo
 rapiar/ rapinar, v. rapinar
 rapid, -a adj. rápido
 rapinar/ rapiar, v. arrebatat 2.
 colher
 rare, ra, adj. raro
 ras de (ath)/ athe cant de, loc.
 prep. ao lado de
 raser/ rasor, m. navalha
 rauba/ ròba, f. roupa
 raubaire, ra/ lairon, oa/
 panaire, ra, n. ladrão
 raubar/ panar, v. roubar
 raubatòri/ panatòri/ laironici,
 m. roubo
 rauja/ ràbia, f. raiva
 reale, la/ rar, a, adj. raro
 reauçar, v. realçar
 rebaishar, v. rebaixar
 rebastar/ mòlher, v. ordenhar
 rebàter, v. rebater 2. refletir
 rebellion/ susmauta/ suslhèua,
 f. rebelião
 reberèc, m. bico
 rebocada, f. refluxo
 rebomb/ reclam, m. eco
 rebòt, m. escova
 rebotar, v. escovar
 rebremança/ remembrança, f.
 lembrança, recordação
 rebrembar, v. recordar
 rebembe, m. recordação,
 lembrança
 recaptar/ caperar, v. abrigar

recéber, v. receber
 recent, a, adj. recente
 rechauchets, m. pl. restos 2.
 desperdícios
 reclam/ rebomb, m. eco
 recòlta/ cueelheta, f. colheita
 reconéisher/ arreconéisher, v.
 reconhecer
 reconhar, v. esconder
 recontorn, m. circunvolução
 recuélher, v. recolher
 recurrir, v. recobrir
 redaccion, f. redação
 redigir, v. redigir
 redon, a/ ardon, a, adj. redondo
 reflectir, v. refletir
 reflux/ rebocada (f.), m.
 refluxo
 refugi, m. refúgio
 recusar v. recusar
 rega, f. traço
 regardar/ tânher, v. concernir
 règim m. regime
 region/ parçan (m.), f. região
 regionau adj. regional
 regionau, adj. regional
 registre m. registro
 règne, m. reino
 regular, -a adj. regular
 rei, -na m. rei, rainha
 reiau adj. m. real
 reiau, adj. real
 reiaume, m. reino
 reinatge, m. reinado
 rejúnher, v. juntar
 relacion f. relação
 relampit/ lampit/ eslambrec,
 m. relâmpago
 relatiu,-iva adj. relativo
 relèu, m. relevo
 religion f. religião
 religiós, -a adj. religioso
 relòtge/ arlòtge, m. relógio
 relúder, v. brilhar
 remanar, v. remeter
 remèdi, m. remédio
 remèrca, f. anotação
 remesa, f. remessa
 reméter, v. remeter
 remir, v. negar
 remosigar (fam.)/ esquiçar, v.
 desgastar
 remosigar/ rosigar, v. roer
 remplaçar v. substituir
 rendement, m. rendimento
 rensenhamet/ donada (f.), m.
 dado
 repapier/ persutar, v. insistir

reparacion f. concerto
 repaus/ pòsa (f), m. repouso
 repausar/ posar, v. repousar
 repèish/ minjada/ gach, f.
 comida
 repervèri/ arrpervèri/ arreproèr,
 m. refrão
 repetir/ segondar, v. repetir
 repòtec, m. repulsa 2. réplica
 repotegada, f. resposta brusca
 2. correção
 representacion f. representação
 representar v. representar
 republica, f. república
 repugnant/ hastigós, osa, adj.
 repugnante
 requectar, v. arrecadar
 requista, f. investigação
 residir/ demorar/ estar, v.
 residir
 respècte m. respeito
 respirar/ alendar/ alenar, v.
 respirar
 respóner/ arrespóner, v.
 responder
 resposta f. resposta
 resquitar, v. ressarcir
 resson/ reclam/ rebomb, m.
 eco
 ressopet, m. lanche leve à
 noite
 rèsta f. resto
 restar/ estar, v. ficar
 restaurar v. restaurar
 resultat m. resultado
 resumir, v. resumir
 resumit, m. resumo
 resvenja/ resvenjadís (m.), f.
 vingança
 resvenjadís/ resvenja (f.), m.
 vingança
 resvenjadissa, f. vingança
 resvenjament/ resvenjança (f.),
 m. vingança
 retard, m. atraso
 retardar v. atrasar
 retengut, uda (fam.)/ aganit,
 ida, adj./n. avaro
 retetaire, -a m. encanador
 retirar v. retirar
 retombadura/ solatge (m.), f.
 sedimento
 retornar, v. retornar 2. devolver
 retreigut, uda/ retrèt, a/ retrèit,
 a, adj. discreto
 retronir, v. repercutir
 reünir/ amassar/ rejúnher, v.
 reunir

revèrs m. inverso
 revier, v. regressar 2. recobrar o sentido
 revier/ reviscolar, v. reviver
 revirada/ arrevirada, f. tradução
 revirar/ arrevirar, v. traduzir 2. registrar
 reviscolar/ arreviscolar, v. reanimar 2. reviver
 revista f. revista
 revitèri/ arrepervèri, m. refrão
 revlincar, v. torcer 2. dobrar
 revolucion/ revòuta, f. revolução
 revòuta/ revolucion, f. revolução
 revòuta/ susmauta, f. rebelião 2. motim

riba f. margem
 ric, -a adj. rico
 rieu, m. rio
 riflir/ raflar, v. furtar
 ris/ arròs, m. arroz
 risolet, a/ arridolet, a, adj. sorridente
 risque, m. perigo
 riu m. rio
 ròba/ rauba, f. roupa
 rocassut, uda/ malhocut, uda, adj. rochoso
 rodaire, ra/ gandiaire, ra, adj./n. vagabundo
 rodament de cap/ romia (f.), m. vertigem
 roginadís/ plovina (f.), m. chuvisco
 romadís de cap, m. enjoo

roman, -a adj./m. romano
 romatic, adj. reumático
 romatisme, m. reumatismo
 romia/ rodament de cap (m.), f. vertigem
 romieuatge/ plegària (f.), m. romaria
 rosar, v.regar
 rosigar/ remosigar, v. roer 2. desgastar
 rostir, v. assar 2. tostar 3. queimar
 rupa/ arrupa f. ruga
 rurau, adj. rural
 rus, -sa adj./m. russo
 rusca/ crosca, f. cortiça
 ruscar, v. lavar

S

s. f. s
 sa, adj. pos. seu, sua
 sabata, f. sapato
 sabatèr, -a m. sapateiro
 sabença, f. sabedoria 2. informação
 sabent, a/ sapient, a, adj./n. sábio
 sabentat/ sabença, f. sabedoria
 saber, v. saber
 saberut, uda, adj./n. entendido 2. experto
 sabièra, f. areal
 sable, m. areia
 sablós, osa/ sablut, uda, sablonós, osa, adj. arenoso
 sabon, m. sabão
 sabonada (fam.), f. repulsa
 sabor, m. sabor
 sac m. saco
 sacamand/ bandit, m. bandido
 sadorar/ assadorar/ hartar, v. saciar
 sadoritge/ sadorum, m. saciedade
 sadoth, ora/ assadorat, ada, adj. saciado
 sagerar, v. selar
 sagèth, m. selo
 sagna/ sagnadura/ sagnèra, f. hemorragia
 sagnadura/ sagnèra/ sagna, f. hemorragia
 sagnament, f. sangria 2. hemorragia

sagnar, v. sangrar 2. degolar
 sagnèra/ sagna/ sagnadura, f. hemorragia
 sajar/ assajar, v. ensaiar 2. ousar
 sajar/ tractar, v. tratar
 sala de banh, m. banheiro (local)
 salar. v. salgar
 salarga, f. salmoura
 salat, -ada adj. salgado
 salimana, f. salamandra
 saliu a f. saliva
 salon/ minjador, m. sala de jantar
 salòp, a/ lord, a/ pipaut, a, adj. sujo
 saloparia, f. sujeira, lixo 2. escória
 salopejar/ lordejar/ enlorder, v. sujar
 salopèr, m. sujeira
 saludar v. saudar
 salut/ santat, f. saúde
 salutós, osa, adj. saudável
 san, a/ sanitós, osa, adj. são
 sancer, a, adj. completo
 sancha, f. vasilha
 sandàlia f. sandália
 sang, f. sangue (de animais) 2. m. sangue (de pessoas)
 sangarrèra, f. sangria, hemorragia
 sanglièr/ sanglar, m. javali
 sanglot, m. soluço

sangsuga, f. sanguessuga
 sanís, issa/ sanitós, osa, são
 sant, -a adj./m. santo
 santet/ plegària (f.)
 romieuatge, m. romaria
 sàpia, f. sabor
 sapiença/ sapiència, f. sapiência
 sapiència/ sapiença, f. sapiência
 sapient, a/ sabent, a, adj./n. sábio
 sapientat, f. sabedoria
 sapo/ grapaud/ harri, m. sapo
 sardina f. sardinha
 sarralha/ pan (m.)/ clauadura, f. fechadura
 sarrar, v. apertar
 sarrar/ arropir/ aganchar, v. encolher
 sarrat/ tucò/ tucòu, m. colina
 sarte, m. alfaiate
 sason, f. estação
 sason, f. zelo
 satellit m. satélite
 sau, f. sal
 saumet, a/ somèr, a, n. burro
 saumet/ ase/ aso, m. asno
 saumetada, f. estupidez
 saumissord, a, adj. hipócrita
 saunei, sòn, m. sonho
 saunejar/ soniar, v. sonhar
 saussa, f. molho
 saut/ bòsc, m. bosque
 saut/ guimbet, m. salto

- sautar v. saltar
 sautarèth m. lagosta
 sautarèth/ sautidèth/ sautaprat, m. gafanhoto
 salvar, v. salvar 2. guardar 3. conservar
 sauvatge, atja, adj. selvagem
 scenari m. cenário
 ciência f. ciência
 scientific, -a adj. científico
 se (so) mès non, adv. pelo menos
 se te (vos, li, les) platz, loc. adv. por favor
 se, s', conj. se
 se, s', pron. per. se
 sec, a, adj. seco
 secalh/ secalhèr, adj. magro
 secalhèr/ secalh, adj. magro
 secar, v. secar
 secodida, f. sacudida
 secodir/ segotir, v. sacudir
 secors m. socorro
 sector m. setor
 secutar/ acaçar, v. perseguir
 seda f. seda
 sedença f. sede
 sediment/ solatge/ carrec, m. sedimento
 sedusent, a, adj. sedutor
 sègle, m. século
 segon/ segontes, prep. segundo
 segondar, v. repetir
 segotir/ secodir, v. sacudir 2. agitar
 següent, -a adj. seguinte
 seguir v. seguir
 segur, -a adj. seguro
 sèir-se/ setiar-se, v. sentar-se
 seishanta, adj./m. sessenta
 selho / sagèth, m. selo
 semafor m. semáforo
 semblable, bla, adj. semelhante
 semblança, f. semelhança
 semblar degrèu, v. pesar
 semblar v. parecer
 semblar, v. parecer
 seme, m. semente
 semente, f. semente
 semente, f. semente
 semialha, f. semente
 semiar v. semear
 semicalada/ tardor/ abòr, m. outono
 semonsa/ repotegada, f. repulsa
 sen, m. juízo
 sen, m. seio
 senat, ada/ senut, uda, adj. sensato
 senèstre, tra/ quèr, ra, adj. esquerdo
 senhalar/ sinhalar, v. sinalar
 senhau m. sinal
 senhau, f. sinal 2. índice
 sénher m. senhor
 sénher/ senhor, m. senhor
 senhor, -a m. senhor
 senhor/ sénher, m. senhor
 senhora/ dauna, f. senhora
 senhoreta/ madamisèla/ damaisèla, f. senhorita
 senon, conj. senão
 sens m. sentido, direção
 sens/ sense, prep. sem
 sensuau, adj. lascivo 2. sensual
 sentenciar, v. sentenciar
 sènter v. sentir
 sènter, v. cheirar, olfatear
 sentiment m. sentimento
 sentor, m. odor
 separar v. reparar
 sequèra/ sequèr (m.), f. seca
 ser/ vèspe, f. tarde 2. anoitecer 3. noite
 serada f. tarde
 seren adj. sereno
 seriós,-osa adj. sério
 sermonejar, v. grunhir
 serpentós, osa, adj. tortuoso
 sèr-se/ sèir-se/ assetiar-se, v. sentar-se
 servança, f. uso
 servir, v. conservar 2. observar
 servici, m. serviço
 servir, v. servir
 servir-se'n, v. utilizar
 sèt, adj./m. sete
 set, f. sede
 setau, adj. sétimo
 seteme, m. setembro
 sètge/ sèti, m. sítio
 sètia/ sièta, f. prato
 setmana, f. semana
 setmanèr, a, adj. semanal
 setze, adj./n. dezesseis
 seu, f. sebo
 seuva, f. selva
 sèxe, f. sexo
 shagata/ bua, f. fásca
 shaginar/ carcanhar/ chepicar, v. inquietar
 shamar/ cogitar, v. urdir
 shamarir/ shamostar, v. murchar
 shamostar/ shamarir, v. murchar
 sharramèu, m. cacho
 sharramostit, ida, adj. impertinente
 shautar, v. apetecer
 shaute, m. gosto 2. deleite
 shautièr, m. tarefa
 shecar, v. secar
 sherèra/ eishèra, f. sovaco
 shigardon, m. furúnculo
 shigarro, m. charuto
 shinhau (un)/ un drin, adv. um pouco
 shisclada, f. rangido
 shiscle/ motle, m. molde
 shisclet, m. rangido
 shishangla/ cernalha, f. lagartixa
 shiulet, m. assóvio
 shivau/ chivau, m. cavalo
 shomar, v. cheirar, olfatear
 shordaire, ra, adj. impertinente
 shordar/ amolar/ picanhar, v. molestar
 shordar/ enervar/ despacientar, v. impacientar
 shuar/ espavordir/ espampariar, v. afugentar
 shudor, m. suor
 shugar, v. secar
 shurlar, v. chupar
 shut, a/ shec, a, adj. seco
 sièis/ sies, adj./m. seis
 sies/ sièis, adj./m. seis
 siesau, adj. sexto
 sièta/ sètia, f. prato
 sièti/ sèti, m. assento
 signar v. assinar
 signatura, f. assinatura
 significar v. significar
 silenci m. silêncio
 simbèu m. emblema
 similaria/ similaritat, f. semelhança
 similaritat/ similaria, f. semelhança
 simpatic, -a adj. simpático
 simple adj. simples
 simplet, a/ ingenú, ua, adj. ingênuo
 simplitge/ simplor (m.), f. ingenuidade
 singular, -a adj. singular
 sinhaudèra/ tinòsela/ arrata-cauda, f. morcego
 sirventa, f. criada
 sistèma m. sistema
 site m. site (de internet)
 situacion f. situação
 situar v. situar
 sivans/ segon, prep. segundo
 so (se) mès non, loc. adv. pelo menos
 sò, m. soldo
 só/ solei/ solelh, m. sol
 soala/ tuta/ sovala/ espeluga, f. gruta
 soberan, m. cavalo de 2 anos
 sobrar, v. sobrar
 sobrenc, a, adj. supérfluo
 sòbri, a/ retengut, uda, temperat, adj. sóbrio

- sobtament/ còp sec, loc. adv.
subitamente
- sociau, adj. social
- societat f. sociedade
- sodar, v. soldar
- soent, loc. adv. amiúde
- soer, a, sogre, n. sogro
- sofle, fla, adj. suave
- sol, a/ solet, a, adj. só, sozinho
- solaciar/ solatjar, v. consolar 2.
aliviar
- solada/ solar (m.), f. capa
- solament/ sonque, adv.
somente
- solanca, f. gruta
- solar, -a adj. solar
- solat/ solada (f.), m. capa
- solatge/ carreg, m. sedimento
2. depósito
- solatjament/ solaç, m. consolo
2. alívio
- solatjar/ adocir/ padegar, v.
aliviar 2. acalmar
- soldat m. soldado
- solei gessent/ autan, m. leste
- solei/ solelh/ só, m. sol
- solelh / solei/ só, m. sol
- solelhenc, a/ soleienc, a, adj.
solar
- solèr de naut/ plafon, m. teto
- solèr, m. solo
- solesa/ solitud/ soletat, f.
solidão
- solet, a/ sol, a, adj. só
- solet, a/ unenc, a, adj. único
- solet/ sonque, adv. somente
- soletament, adv. somente
- soletat/ solesa/ solitut, f.
solidão
- solid, -a adj. sólido
- solide/ plan que òc, loc. adv.
sem dúvida
- solitud/ solesa/ soletat, f.
solidão
- solombre/ ombrilha (f.), m.
penumbra
- som/ cap, m. cimo
- soma f. soma
- somar v. somar
- somèr, a/ saumet, a, m. asno,
burro
- son, m. som 2. ruído
- sòn, saunei/ somi, m. sonho
- sòn, sua, adj. pos. seu, sua
- sòn, sua, pron. pos. seu, sua
- sòn/ som/ dromir (m.), f. sono
- sonar v. tocar (instrumento) 2.
tocar (a campanha)
- soniejar/ saunejar/ soniar, v.
sonhar
- sonque adv. somente
- sonque, prep. exceto
- sonque/ solet/ solament, adv.
somente
- sopa, f. sopa
- sople, pla/ doç, a/ sofle, fla,
adj. suave
- sople, pla/ sofle, fla, adj.
flexível 2. ligeiro 3.
manejável
- soquèr, m. sulco
- sorça, f. fonte
- sord, -a adj./m. surdo
- sordeish/ petjor/ peior, adj.
pior
- sorgentar, v. brotar
- soriac/ hlagèth, m. látego
- sorn, a/ escur, a, adj. escuro
- sorriscar, v. gritar
- sorriscle, m. grito
- sorrolh/ bronit, m. ruído
- sorrupear/ churlar, v. chupar
- sorsa/ uelh (m.)/ hònt/ dotz, f.
manancial
- sòrt f. sorte
- sòrta de (en)/ en torn de, loc.
prep. em lugar de
- sòs, m. dinheiro
- sosc/ sòn/ saunei/ somi, m.
sonho
- soscar, v. pensar 2. sonhar
- soscriuer/ soscriver, v.
subscrever
- sosmarin, m. submarino
- sostènguer/ sostier, v. aguentar
2. apoiar
- sosterranh, m. subterrâneo
- sostièner/ sostier/ sostènguer,
v. aguentar 2. apoiar
- sostier/ sostènguer/ sustièner,
v. aguentar 2. apoiar
- sostracada/ secodida/ bassac
(m.), f. sacudida
- sostracar/ bassacar/ secodir, m.
vibrar 2. sacudir
- sostre, m. lixo
- sovietic, -a adj./m. soviético
- subergèsser, v. sobressair
- subernòm/ chafre, m. apodo,
apelido
- suberpaga, f. gratificação
- subersaut, m. sobressalto,
susto
- suberviuença/ surbervivença,
f. sobrevivência
- subitament/ còp sec, loc. adv.
subitamente
- subtada/ suspresa, f. surpresa
- succedir v. suceder
- sucre, f. açúcar
- sud, m. sul
- sudar, v. suar
- sufisença, f. suficiência
- superfícia f. superfície
- superior, -a adj. superior
- supermercat m. supermercado
- surnòm/ chafre/ subernòm, m.
apodo, apelido
- sus, prep. sobre
- suslhèua/ susmauta/
suslheuament (m.), f.
sublevação 2. rebelião
- susmauta/ insurreccion,
revòuta, f. motim
- susprenent, a/ estonant, a, adj.
surpreendente
- suspresa/ substada, f. surpresa
- susvelhant, -a m. vigia
- susvelhar, v. vigiar

T

- t, f. t
- tà çò (que)/ a prepaus de/ sus,
loc. prep. a propósito de, em
relação a
- tà prep. localização no tempo
e no espaço 2. Atribuição 3.
finalidade
- tà que/ entà que, loc. conj. a
fim de que
- ta, adj. pos. teu, tua
- tabac, m. tabaco
- taça f. xícara
- taca/ plapa/ plap (m.), f.
mancha
- tacanharr, v. contrariar,
incomodar
- talabarna, f. floco de neve
- talabassut, uda/ blecassut, uda,
adj./n. tartamudo
- talament, adv. de tal forma
- talaranha, f. teia de aranha
- talent m. talento

- talhar/ bracar, v. cortar
 talhèr, m. oficina
 talhonar/ trissar, v. triturar
 talhús, m. talude
 tamb plaser, loc. adv. com
 muito prazer
 tamb tot aquerò/ ça que la/
 totum, adv. não obstante
 tamb/ damb/ entamb/ dab,
 prep. com
 tambor m. tambor
 tampanada/ truc (m.)/ patac
 (m.), f. golpe
 tampòc/ tampauc, adv.
 tampouco
 tampòc/ tanpauc, adv.
 tampouco
 tamponar/ tumar/ tustar/
 trebucar, v. chocar
 tan adv. tão
 tanben, adv. também
 tancar/ barrar, v. fechar
 tanhença, f. parentesco
 tanhent, a, adj. próximo 2.
 limitrofe
 tånher, v. concernir 2.
 incumbir 3. pertencer
 tanpauc/ tampòc, adv.
 tampouco
 tant adv. tanto
 tant que/ en tot que, adv.
 entretanto
 tapatge (fam.), m. revolução
 tapatge/ bronit, m. ruído
 tapir/ sarrar/ prestir, v. apertar
 tapoar, v. obstruir
 taquilha/ hiestron (m.), f.
 guichê
 tara/ entara, art. contr. para a
 tarcum/ tercum, m. escombros
 tardor/ semicalada (f.)/ abòr,
 m. outono
 targalhar/ persutar, v. insistir
 tartalh, m. murmúrio 2. ruído
 tartalhar, v. balbucear
 tartèr (fam.), adj. charlatão
 tàs/ entàs, art. contr. aos, às 2.
 pelos, pelas
 tastar, v. saborear
 tastatge/ tastament, m.
 degustação
 tau, adj. tal
 tauan/ tauàs/ tavan, m. tavão
 tauàs/ tauan/ tavan, m. tavão
 taula, f. mesa
 taulejada, f. banquete
 taure/ taur, m. touro
 taurir v. cobrir o touro a vaca
 tavan/ tauàs, m. tavão
 taxi m. táxi
 te, t', et, 't, pron. per. te
 teatre m. teatro
- tebeg, eja/ tebet, eda/ estibiat,
 ada, adj. túbio
 tebor/ tebesa (-essa)/ tebèr
 (m.), f. tibieza
 tecnic, -a adj./m. técnico
 teishedura, f. textura
 tèisher, v. tecer
 teishinèr, a/ teisseire, n.
 tecedor
 teit/ tet/ losat, m. telhado
 telaire, ra, n. tecedor
 telatge/ teishut, m. tecido
 teleferic m. teleférico
 telefon m. telefone
 telefon/ telefòne, m. telefone
 telefonar v. telefonar
 teleret, m. membrana
 television f. televisão
 television, m. televisão
 tèma, f. mania 2. capricho
 temardut, uda/ temassut, uda,
 adj. obstinado
 tematic, -a adj. temático
 temor/ cranhença (f.)/ páur, m.
 medo, temor
 temperar, v. moderar
 temperat, ada/ retengut, uda,
 adj. sóbrio
 tempèri, m. borrasca 2. disputa
 temple m. templo
 tempora, f. espaço de tempo,
 estação
 temporau, m. tempo
 desagradável
 temps, m. tempo 2. idade
 temps/ tempsada (f.) epòca
 (f.), m. época
 tempsada, m. período 2.
 temporada 3. época 4. lapso
 temptar/ sajar/ assajar, v. tentar
 tenca, f. panal de mel
 tenguda/ emplec (m.)/ us (m.)
 usatge (m.), f. uso
 ténher/ tintar, v. tingir
 tentacul, m. tentáculo
 teoria f. teoria
 terçon, adj. cavalo ou mula de
 3 anos
 tercum/ tarcum, m. escombros
 tèrme m. termo (vocábulo)
 tèrme, m. término
 termiada, f. delimitação
 termiari, m. término
 termièra, f. delimitação 2.
 fronteira
 termomètre, m. termômetro
 tèrra arguitla/ tèrragila, f.
 argila
 tèrra, f. terra 2. campo
 terradís/ terrador, m. território
 terrador/ terradís/ territòri, m.
 território
- tèrragila/ tèrra arguitla, m.
 argila
 tèrratrem, m. terremoto
 terren, m. terreno 2. campo
 terrible, -bla adj. terrível
 terrilha, f. pó
 territòri/ terrador, m. território
 tèsta, f. testa 2. cabeça
 testicul, m. testículo
 testut, uda/ temardut, uda, adj.
 obstinado
 tet/ losat/ teit, m. telhado
 teune, na/ prim, a, adj. magro
 tèxte m. texto
 ticò/ tucòu, m. colina
 tier compde!, inter. cuidado!
 tier compde, v. vigiar
 tier compde/ suenhar, v. cuidar
 tier, v. guardar 2. utilizar
 tier/ ténguer/ tièner, v. ter 2.
 aguentar
 tilha, f. fibra
 tilhós, osa, adj. fibroso
 timid, a/ vergonhós, osa, adj.
 tímido
 tinosèla/ tinhosèla/ sinhaudèra,
 f. morcego
 tinta, f. tinta
 tintar/ ténher, v. tingir
 tinturar, v. tingir
 tiò/ quiò, adv. sim
 tipa (fam.), m. tipo 2.
 indivíduo
 tir, m. tiro
 tir/ trèt/ barrinada (fam.), m.
 tiro
 tira (de), loc. adv. em seguida
 tiraboishon/ tiratap, m. saca-
 rolha
 tirada/ corsèra/ camin (m.), f.
 senda, caminho
 tiralonga, f. demora 2. atraso
 tirant tà/ entà, prep. em direção
 a
 tirar, v. atrair
 tirar/ trèir, v. extrair
 tira-sang/ sangsuga (f.), m.
 sanguessuga
 tirat de/ exceptat/ sonque, loc.
 prep. exato
 tiratap/ tiraboishon, m. saca-
 rolha
 tiratge, m. tiro
 tisnèr, a/ teishinèr, a, n. tecedor
 tistèr/ tistèth, m. cesto
 titàs, m. máscara 2. pessoa
 disfarçada
 títol m. título
 titolet/ accent, m. acento
 tobac/ tabac, m. tabaco
 tobogan m. tobogã
 tocant a/ tà çò de, loc. prep.
 quanto a

- tocant, adv. perto
 tocar, v. tocar 2. concernir 3.
 empurrar
 tòcho/ malon, m. tijolo
 tòcho/ paishon/ balhon, m.
 bastão
 todon, m. pomba
 tohut, uda/ vuet, eda, adj. oco
 2. vazio
 toia, f. rifa
 tomata, f. tomate
 tòn deth banh (fam.), adj./m.
 vagabundo
 ton, ta, adj. pos. teu, tua
 tòn, ta, pron. pos. teu, tua
 tonèrre/ pericle, m. raio
 tor, f. torre
 tòr/ gèu, m. gelo
 torb, m. vento forte com neve
 tòrcer, v. torcer 2. girar 3.
 dobrar
 torciròla/ espirau, f. espiral
 torisme m. turismo
 torista m. e f. turista
 tormentar/ enquimerar, migrar,
 v. inquietar
 torn (ath), adv. em redor
 torn de (en)/ en lòc de/ en sort
 de, loc. prep. em lugar de
 torn, m. giro 2. volta 3. curva
 torn/ contornèr/ contorn, m.
 perímetro
 tornar a dèder, v. repetir
 tornar a piroar/ víuer/ víver, v.
 reviver
 tornar a víuer/ víuer, víver,
 pioar, v. reviver
 tornar curbir/ caperar, v.
 recobrir
 tornar, v. regressar, voltar
 tornar/ vomegar/ anherar
 (fam.), v. vomitar
 tornar-se (hòl, lhòco), v.
 enlouquecer
 torrar/ gibrar, v. gelar
 torrolh/ gèu, m. gelo
 tòrt, m. culpa 2. prejuízo
 tortejar/ ranquejar/ coishejar,
 v. mancar, coxear
 tortuga f. tartaruga
 tortuós, osa/ serpentós, osa,
 adj. tortuoso
 tos/ tossiquèra, f. tosse
 tossiquèra/ tos, f. tosse
 tossir/ estossegar, v. tossir
 tòst, a/ torçut, uda, adj. torcido
 totemp/ totemp, adv.
 sempre
 totemp, adv.
 sempre
 tot doç/ a plaser / doçament,
 adv. devagar, pouco a pouco
 tot escàs, adv. apenas
- tot just, adv. apenas 2.
 precisamente
 tot, a, adj. todo, toda
 tot, pron. ind. todo
 totau, adj./m. total
 toti dus, toles dues/ andús/
 andues, adj. ambos, ambas
 toti, totes, adj. todos, todas
 totun açò/ cà que la, adv. não
 obstante
 tovalhòla f. toalha
 tovalhon m. guardanapo
 trabalh/ tribalh, m. trabalho 2.
 tarefa 3. emprego
 trabalhador, a, adj./n.
 trabalhador
 trabalhar/ tribalhar, v. trabalhar
 trabucar/ estramuncar, v.
 tropeçar
 traça/ adretia, f. destreza
 traça/ tralh (m.), f. vestígio
 tracanard, m. artimanha
 tractar, v. tratar
 tractor m. trator
 tradicion f. tradição
 tradicionau adj. tradicional
 tradidor, a/ traite, ta/ traïdor, a,
 adj./n. traidor
 trair, v. trair
 tradusir/ revirar, v. traduzir
 traïdor, a/ traditor, a/ traite, ta,
 adj./n. traidor
 traite, ta/ tradidor, a/ traïdor, a,
 adj./n. traidor
 trajècte, m. trajeto
 tralh/ traça (f.) / vestigi, m.
 vestígio
 tralha/ tralh (m.) / esclau (m.),
 f. rastro 2. pisada
 trambalejar, v. sacudir
 tranga, m. disfarce
 tranquil, illa/ lera (fam.), adj.
 tranquilo
 tranquillitat f. tranquilidade
 tranquillizar, v. tranquilizar
 transformar v. transformar
 trantalhar/ trantalhejar, v.
 titubear 2. vacilar 3. balançar
 trapa/ bocai (m.), f. armadilha
 trapadera, f. armadilha
 trapar/ tropar/ trobar, v.
 encontrar, achar
 trapèzi, m. trapézio
 trastocat, ada/ capbrutlat, ada,
 adj./n. louco
 trauc/ horat, m. buraco
 traucar/ horadar, v. esburacar
 trauessar/ crotzar, v. cruzar
 traufinhòl/ cès, m. ânus
 travader/ frèn, m. freio
 trebalhar, v. trabalhar
 trebuc, m. estorvo
- trebucar/ estramuncar, v.
 tropeçar
 trèir dehòra/ acaçar, v.
 afugentar
 trèir es talents, v. ressarcir
 trèir, v. tirar
 trèir/ tirar/ extrèir, v. extrair
 tremblament/ tremoladís, m.
 calafrio
 tremoladera, f. tremor
 tremoladera/ tremoladís (m.),
 f. tremor 2. trepidação
 tremoladís, m. calafrio 2.
 tremor
 tremolament/ tremoladera (f.),
 m. tremor
 tremolum/ tremblament/
 tremoladís, m. tremor 2.
 calafrio
 tremor, f. seísmo
 trèn/ trin, m. trem
 trena, f. trança
 trende, da, adj. mole
 trepader, m. passeio lateral da
 rua
 tresau, adj. terceiro
 tresaur/ tresòr, m. tesouro
 treslúder, v. brilhar 2. aparecer
 trespès m. tripé
 trestornat, ada/ capvirat, ada,
 adj./n. transtornado
 trèt/ barrinada (fam.), m. tiro
 treueta/ trueita/ traqueta, f. truta
 tribalh/ trabalh, m. trabalho
 triga/ causida/ escuelhuda/
 alistada, f. eleição 2. opção
 3. escolha
 triga/ retard (m.), f. atraso
 trigar/ escuelher/ alistar/
 causir, v. escolher
 trilhar/ mautar, v. rastrear
 trimar, v. correr
 trimesadèr/ trimestrau, adj.
 trimestre
 trimèstre, m. trimestre
 trin/ trèn, m. trem
 trinc, m. ferida 2. corte
 trincada (trincar) deth dia, f.
 amanhecer
 trincadís, issa/ brusc, a, adj.
 frágil
 trincaescars/ trincanòdes, m.
 quebra-nozes
 trincar eth dia, v. amanhecer
 trincar/ escalapetar, v. quebrar
 trincar/ espatlar/ espatracar, v.
 estragar
 trincar/ petar/ copar, v. quebrar
 2. destroçar
 tringòla, f. chocalho
 tripassut, uda/ tripard, a, adj.
 barrigudo

trissar/ brigalhar, v. triturar 2.
pulverizar
trist, -a adj. m. e f. triste
trobar/ trapar/ tropar, v.
encontrar 2. achar
tròç de pan (fam.)/ bravàs,
assa, adj. bonachão
tròca, f. troca
trompeta f. trombeta
tron/ pericle/ rugle, m. trovão
tròp/ massa, adv. demasiado
tropa f. tropa
tropar/ trapar/ trobar, v.
encontrar 2. achar
tropèth, m. rebanho

tròta, f. caminhada
truc/ esclafon, m. chocalho
truc/ patac, m. golpe 2. choque
truca de (a), loc. prep. por
força de
trucar de mans, v. aplaudir
trucar, v. golpear
truèita/ treueta/ truita, f. truta
trufa/ trunha/ mandòrra, f.
batata
truha/ trufa/ mandòrra, f.
batata
truita/ treueta/ traueta/ truèita,
f. truta
tu, pron. per. tu

tua, tues, pron. pos. tua, tuas
tub/ tuèu/ tudèu, m. tubo
tuc (montanha), m. pico
tucòla/ tucòlet (m.), f. colina
tucòlet/ tucòla (f.), m. colina
tudelaria/ canoada, f.
encanamento
tunèl m. túnel
tustar/ batanar/ pataquejar, v.
palpitar
tustarrada, f. golpe 2. choque
tustarrar, v. golpear 2. chocar
tustarrejar, v. golpear 2. chocar
tuta, f. gruta
tutoratge/ tutolatge, m. tutela

U

u, f. u
ua, art. uma
uart/ casau, m. horto
uas/ òs, m. osso
ucha, f. arca
ué/ aué/ uei, adv. hoje
ué/ uei/ uèi/ aué, adv. hoje
ueit cents, ueit centes, adj.
num. oitocentos, oitocentas
ueit, adj. oito
ueitanta, adj. oitenta
ueitau, adj. num. oitavo
uelh, m. olho
uelh/ capuret, m. repolho
uelh/ sorsa (f.)/ hònt (f.), m.
manancial
uelhada, f. olhada
uerdi, m. cevada
uet, ueda/ vuet, eda/ vuèit, a,
adj. vazio 2. oco
ueu, m. ovo
uglar/ ideolar/ udolar, v. uivar
ui! interj. ui!
uman, -a adj. humano
umi/ espatla (f.) muscle, m.
ombro
un cantièr/ un pialèr/ un
lishame, loc. adv. grande
quantidade

un goterèr/ un shinhau/ un
chirric, loc. adv. um pouco
un modelhon/ un pialèr/
un nhòc, loc. adv. grande
quantidade
un nhòc/ un cantièr/ un pialer,
loc. adv. grande quantidade
un pecic/ un goterèr/ un
shinhau, loc. adv. um pouco,
pequena quantidade
un shinhau/ un pecic/ un
goterèr/ un drin, loc. adv. um
pouco, pequena quantidade
un, art./n. um
unenc, a/ unic, a, adj. único
ungla, f. unha
unglassada, f. unhada
unglassejar, v. unhar
unic, a/ unenc, a, adj. único
union f. união
unir v. unir
unitat f. umidade
universau, adj. universal
universitat f. universidade
urban, -a adj. urbano
urgent, -a adj. urgente
urgent, a/ pressant, a, adj.
urgente
urós, osa/ erós, osa, adj. feliz

us/ emplec/ tenguda (f.), m.
uso
usament/ us/ usatge/ tenguda/
emplec, m. uso
usansa, f. costume
usar/ emplegar/ tier/ utilizar,
v. usar
usatge, m. uso
usatgèr, a/ usatjant, a, n.
usuário
usatjant, a/ usatgèr, a, n.
usuário
usclar, v. queimar
usina/ fabrica, f. fábrica
usosament/ erosament, adv.
felizmente
ustra/ ustri, f. ostra
usura, f. usura
usurpar, v. usurpar
utilizar/ tier/ emplegar, v.
utilizar
utís/ esturment, m. instrumento
2. ferramenta
uvèrn/ iuèrn, m. inverno

V

- v. f. v
vaca, f. vaca
vacança f. férias
vacuna, f. vacina
vàder/ nèisher, v. nascer
va-e-ven, m. vaivém
vaillet, m. criado
vaishèra (hèr), v. quebrar
 algum objeto
vaishèra, f. vasilha
vaishèth, m. barco 2. navio 3.
 recipiente
val/ vath, f. vale
valeishon, m. maleta
valença, f. valentia
valent, a/ coratjós, osa/
 avalentat, ada, adj./n. valente
valentia, f. valentia
valentós, osa, adj. valente
valer, v. valer
valisa, f. maleta
valor f. valor
vanitós, osa/ gloriós, osa, adj.
 vaidoso
vantador, a, adj./n. adulator
vantaire, ra/ bohabren, adj./n.
 fanfarrão
vantar, v. louvar 2. afagar
vantaria, f. afago
vantariou, òla/ bohabren,
 adj./n. fanfarrão
vantar-se, v. vangloriar-se
vantatge, m. louvor 2. afago
vapor/ bugàs (m.), f. vapor
vaquèr, m. vaqueiro
varietat f. variedade
vasso m. copo.
vasso/ veire, m. copo
vast, a/ espandit, ida/ granàs,
 assa, adj. vasto
vath/ val/ valea, f. vale
ve, 'vs/ vos, pron. per. vos
vea, f. veia
vedença, f. visão 2. vista
véder/ veir/ véser, v. ver
vederèr, m. pastor
vedèth, -èra m. boi ou vaca
 que tem menos de 1 ano
vedèth, èra, m. bezerro
vegada, f. rebanho
veïcul m. veículo
veïcul, m. veículo
veir/ véder/ véser, v. ver
veirau/ veire, m. vidro
veire/ vasso, m. copo
veire/ veirau, m. vidro
veishiga f. bexiga
velatge, m. velame
- velocitat f. velocidade
vena/ vea, f. veia
vèncer, v. vencer
venedor, -a m. vendedor
véner, v. vender
vénguer/ vier/ viéner, v. vir
vent/ aire, m. vento
ventabolhofes, adj./n.
 fanfarrão
ventada, f. rajada
ventalh, m. leque
vente/ vrente, m. vinte
ventecosut/ vsentecosut, adj.
 macérrimo
ventesca/ vrentesca, f. barriga
ventòria, f. rajada
verai, àia/ vertadèr, a, adj.
 verdadeiro
verbau, adj. verbal
vèrbe/ vèrb, m. verbo
verd, a, adj./n. verde
verdor/ verdugalh, f. verdor
verdugalh, m. verdor
vèrge/ pincèla, adj./n. virgem
vergonha, f. vergonha
vergonhós, osa, adj.
 vergonhoso 2. tímido
vèrme solitari, m. tênia
vèrme/ vèrmi, m. lombriga
vermelh, -a adj./m. vermelho
vèrmi de lutz/ lutzencramba
 (f.), m. f. vaga-lume
vèrmi/ vèrme, m. verme
vers, m. verso
versar/ manar/ virar, v. girar 2.
 transferir
version f. versão
vertadèr, a/ verai, ala, adj.
 verdadeiro
vertat, f. verdade
vertelha, f. rótula
vertige/ romia (f.), m. vertigem
vertuós, osa/ aunèst, a, adv.
 honesto 2. virtuoso
vertut, f. virtude
véser/ véder/ veir, v. ver
vesin, ia, n. vizinho
vesin, ia/ pròche, cha, adj.
 perto
vesinat, m. vizinhança
vèspe, f. vespa
vèspe m. véspera
vespèr/ vespatèra (f.), m.
 vespeiro
vessar/ barrejar, v. derramar
vestibul/ nèira (f.)/ entrada (f.),
 m. vestíbulo
vestigi, m. vestígio
- vestir v. vestir
vestit m. vestido
veu votz, f. voz
veudatge/ veudetat (f.), m.
 viuvez
veude, da, adj./n. viúvo
viatge, m. viagem
viatge/ còp/ carrèr, m. vez
viatgèr, -a m. viajante
viatjaire, -a m. viajante
 (pessoa que viaja para visitar
 sua clientela e vender seus
 produtos ou remédios, etc.)
viatjar v. viajar
vibora, f. víbora
vibrar/ tremolar, v. bibrar
victòria f. vitória
vida/ vita, f. vida
vielh, a, adj./n. velho
vielhèr, m. velhice
vielhessa (esa), f. velhice
vielhir/ vier vielh, v.
 envelhecer
vielhitge, m. velhice
vielhor/ vielhessa (esa), v.
 velhice
vielhós, osa, adj. senil
vielhum, m. velhice 2.
 decrepitude
viéner/ vénguer/ vier, v. vir
vier de, v. descender
vier vielh/ vielhir, v.
 envelhecer
vier/ vénguer/ viéner, v. vir
viet-dase/ aubergina, m.
 berinjela
vieudo, adj. viúvo
vigilar/ susvelhar, v. vigiar
vila f. vila
vila, f. cidade
vilatge/ pòble, m. aldeia, vila
vilatjòt/ bordalat, m. aldeia
viletat, f. vileza
vim/ vime/ vimi, m. vime
vime/ vim/ vimi, m. vime
vin, m. vinho
vinagre m. vinagre
vinha, f. videira
vinhau/ vinhèr, m. vinhedo
vint, adj./m. vinte
vintau, adj./n. vigésimo
vint-e-dus, adj./m. vinte e dois
vint-e-ueit, adj./m. vinte e oito
vintia/ vintea, f. vintena
vir/ vier/ vénguer, v. vir
virabarquin, m. virabrequim
virabocar, v. entornar,
 emborcar 2. inverter

- virada, f. giro 2. direção
 virada/ costume/ abitud, m. costume
 virada/ horcalh (m.), f. encruzilhada
 virada/ maregada, f. curva 2. viragem
 virada/ torn (m.), f. volta
 virament de cap/ romia (f.), m. enjoo
 virament, m. giro 2. rotação
 virar eth uelh (fam.), v. morrer
 virar, v. desviar 2. inclinar 3. separar
 virar, v. girar 2. torcer 3. proteger 4. defender
 virar/ revirar/ tradusir, v. traduzir
 viratge, m. giro 2. curva
 vira-vira, m. torniquete
 viril, a, adj. varonil
 viro, m. giro
 viròla/ virador (m.), f. veleta
 virolejar, v. girar
 viroleta/ campuleta/ escampurleta, f. pirueta
 viscós, osa/ lipós, osa/ limacós, osa, adj. viscoso
 visible, -a adj. visível
 vision/ vedença, f. visão
- visletós, osa, adj. violáceo
 visperon, m. aguilhão
 vista/ vedença, f. visão 2. vista
 vistacuert, a/ lusc, a/ vistaflac, a, adj./n. míope
 vistaflac, a/ lusc, a/ vistacuert, adj./n. míope
 viston, m. pupila
 vitra/ veire, f. vidro
 vitz (pè), f. videira
 viu, a, adj. vivo 2. ágil
 víuer/ víver, v. viver 2. subsistir 3. residir
 víver/ víuer, v. viver 2. residir 3. subsistir
 vocable/ mot, m. vocábulo
 vòl, m. voo
 volader/ espatlader/ malh/ escòrnacrabes, m. despenhadeiro
 volader/ garguilh, m. abismo
 volant m. volante
 voiar, v. voar
 volença/ voler (m.)/ volontat, f. vontade
 volent, adv. adrede
 voler, v. querer 2. consentir
 volontat f. vontade
 voludar, v. agitar 2. mover
- voludar-se (fam.), v. apressar-se
 volume/ volum, m. volume 2. tamanho
 vomegar, v. vomitar
 vop, f. raposa
 vòra/ cant (m.), f. margem
 vorruca, f. verruga
 vos, vo'/ ve, v', 'vs, pron. per. vós
 vosati, vosates/ vosautes, vosautas, pron. per. vós
 vòste, ta; vòsti, tes, pron. pos. vosso, vossa, vossos, vossas
 vòta/ vòuta, f. bóveda
 votz/ veu, f. voz
 vrenha/ verenha, f. vindima
 vrentàs/ ventàs, m. barriga
 vrente/ vente, m. ventre
 vrentecosut/ ventecosut, adj. magro
 vrentesca, f. barriga
 vrespalh m. lanche
 vrespalhar v. lanchar
 vrèspe m. véspera
 vriolin/ vriolon, m. violino
 vuedar/ vuèitar, v. esvaziar 2. Derramar
 vuet, eda/ vueit, a, adj. vazio 2. oco

Z

- z, f. z
 zèbra f. zebra
 zèro, adj./m. zero
 zòna, f. zona
 zonzonar/ bronir, v. zumbir
 zoologia f. zoologia

**DICIONÁRIO
PORTUGUÊS-ARANÊS**

**© REPRODUÇÃO AUTORIZADA, ILIMITADAMENTE,
DESDE QUE CITADO O NOME DO AUTOR.**

Declaro, para os devidos fins, que renuncio, perpetuamente, a todos os direitos autorais que me são devidos, em favor das editoras e entidades públicas e privadas que desejarem publicar os meus livros. Ainda no que concerne estritamente aos meus direitos autorais, autorizo as editoras e entidades públicas e privadas a publicarem os meus livros sem consulta prévia a mim ou aos meus descendentes.

Todos os livros das **Obras Completas** * poderão ser reproduzidos livremente, sem ônus, por parte das bibliotecas, das universidades, dos professores, dos alunos e do público em geral – sem a necessidade de consulta ao autor.

* com exceção da **Obra Poética de Lorca e João Guimarães Rosa – Cartas a William Agel de Mello**, cujos direitos autorais pertencem aos herdeiros.

email para correspondência: williamagel@hotmail.com
site: www.williamageldemello.com

ABREVIATURAS

adj. adjetivo
art. artigo
adv. advérbio
conj. conjunção
prep. preposição
pron. pronome
m. masculino
f. feminino
interj. interjeição
v. verbo

A

- a, art. era
a, f. a
a, m. a
a, prep. a, ad, ada 2. entà, tà (direcção)
ábaco m. abac
abadia, f. abadía
abaixar, v. abaishar, baishar
abaixo, adv. baish, dejós, enjós, dauath, davath
abandonar, v. abandonar
abandono, m. abandon
abastecer, v. aprovedir, avitalhar, provedir, fornir, guarnir
abater, v. abàter
abelha, f. abelha
aberto, adj. dubèrt
abertura, f. dubertura
abeto, m. avet, auet
abismo, m. abisme
abóboda, f. vòuta
abóbora, f. coja
abono, m. abonament, abonatge
aborrecer, v. aborrrir, hastiar, adirar, auer en òdi
abotoar, v. botoar
abraçar, v. abraçar
abraço, m. abraçada, braçada, abraç
abrandar, v. ablandar, atrendir
abrasar, v. usclar
abreviação, f. abreviacion, abreujament, abracament
abreviação/ abreviatura, f. abreviacion
abreviar, v. abraar, abreujar
abreviar, v. abraçar
abreviatura, f. abreviacion
abrigar, v. abrigar, arrecessar, endostar
abrigo, m. abric
abrigo/ sobretudo (peça de vestir), m. abric
abril, m. abriu
abrir, v. daurir
absorver, v. absorbir
abundância, f. abondor, abundante, adj. abondós
abuso, m. abús
abutre, m. arrian, butre
ac, ec, ‘c, at,’t, pron. o
acabar, v. acabar
açafraão, m. safran
acalmar, v. calmar, amaisar, amatigar, amigadar, aplatzar
ação, f. accion
acariciar, v. ballinar, amorassar, alispar
aceder, v. accedir
aceitar, v. acceptar
acelga, f. beleta
acender, v. alugar, alucar
acento, m. accent
acesso, m. accès
acetileno, m. acetilèn
achar, v. trobar, tropar, trapar
acidente m. accident
acidez, f. aciditat
acima, adv. naut
aço, m. acèr
acolher, v. acuélher
acolhimento, m. acuelh, acuelhment
acompanhante m. companh
acompanhar, v. acompanhar
aconselhar, v. conselhar
acontecer, v. subervier, susvier
acordeão, m. acordeon
acordo, m. acòrd, acordi
acossar, v. acaçar
acostumar, v. acostumar, avedar, abituar
acovardar, v. acovardar
acrescentar, v. apondre
açúcar, m. sucre
acumular, v. acantierar, apilerar
adequado, adj. apropiat
adeus!, interj. e m. adiu!, adishatz!, andossient
adeus, até logo, interj. adishataz
adiantamento, m. auanç, auança, auançament
adiantar, v. auançar, auantar
adiante, adv. entà deuant, dauant, devant, davant
adição, f. addicion
adivinhar, v. endonviar, endominar
adivinho, m. endonviaire
adjetivo, m. adjectiu
adjunto, m. adjunt
administração local/ Prefeitura m. ajuntament
administração, f. administracion
administrar v. administrar
administrativo adj. administratiu, -iva
admitir, v. adméter
adoçar, v. adocir
adormecer, v. adromir, adormir
adornar, v. adornar, apolidir, ornar, ondrar, atriquetar
adorno, m. adornament
adotar, v. adoptar
adotar, v. adoptar, aihilhar
adquirir, v. aquerir
adrede, adv. exprèssament
adulador, adj. vantaire, vantador
adular, v. vantar
adverbial, adj. adverbiau
advérbio, m. advèrbi
adversidade, f. adversitat, malur
advertência, f. avertiment
advogado, m. avocat
aéreo, adj. aerian, aerenc
aeródromo, m. aerodròm
aeroporto m. aeropòrt
afã, m. ardor
afastar, v. aluenhar
afeto, m. afècte
afronta m. afront
afrontar, v. afrontar
afrontar/ envergonhar v. afrontar
afugentar, v. hèr húger, acaçar
afundar, v. ahonsar
agá f. acha
agachar-se, v. agopir-se, ajocar-se

- agarrar, v. aganchar, arrapar
 agente adj. e s. 2. gen. agent
 ágil, adj. leugèr, lajuèr
 agitar, v. voludar
 aglomeração f. aglomeracion
 agora, adv. ara, adara
 agosto, m. agost, aost
 agradar, v. agradar
 agradável, adj. adradiu,
 agradant, agradós, agradable,
 plasentèr
 agradecer, v. arregraïr
 agradecimento,
 m. arregraïment,
 arreconeishença
 agrandar, v. agranir
 agreste, adj. agrèst
 agricultura f. agricultura
 agridoce, adj. agredoç
 agrupar, v. gropar, agropar,
 acorropar, amassar
 água/ água-benta, f. aigua
 senhada, aiga/aigua
 aguaceiro, m. flojat
 aguardar, v. demorar
 agudez, f. agudentor
 agudo, adj. agudent
 aguentar, v. sostier, sostènguer
 águia, f. agla
 agulha, f. agulha
 agulhada, f. agulhada
 ai! interj. ai!
 ainda, adv. encara, enquèra
 aipo, m. apit
 ajoelhar-se, v. ajulhar-se
 ajuda, f. ajuda
 ajudante de médico s. 2. gen.
 practicant
 ajudante s. 2 gen. ajudant,-a
 ajudar, v. ajudar
 alacrão, m. serpiu
 alambique, alambic
 álamo, m. pibo blanc
 alcachofra, f. carchòfa
 alcançar, v. arténher
 alçar, v. auçar
 álcool m. alcoól
 alcova, f. alcòva
 aldeia, f. vilatge, poblòt,
 borbalat
 aldrava, f. picapòrt
 alegria, f. alegria, alegretat,
 alegror, alegressa
 além, adv. athe de là
 alemão, adj. e m. aleman,
 alemand
 alento, m. alend, alet, bohar
 alento, respiro, f. alendada
 alface, f. laituga, leituga
 alfaiate, m. sarte
 alfândega, f. doana
 alfinete, m. esplinga
 alga, f. auga, limercada,
 limorca
 algo, pron. quauquarren, bèra
 causa
 algodão, m. coton
 alguém, pron. quauquarrés,
 quaquedegun
 algum, adj. e pron. quauque,
 quaqu'un
 alguns, algumas, pron. bèri
 uns, bères ues
 alheio, adj. es autí, d'austrú
 alho, m. alh
 ali mesmo, adv. aquitau
 ali, lá adv. aqui, aquitau
 alimária, f. besta damnatgeva,
 damnatjosa
 alimentação, f. alimentacion
 alimentar, v. alimentar, neurir
 alinhar, v. alinhar, arringlerar
 aliviar, v. aleujar, aleugir,
 aleugerir
 alma, f. anima, arma, amna
 almanaque, m. almanac
 alongamento, m. alongament,
 alongatge
 alongar, v. alongar,
 esperlongar
 altar m. autar
 altitude f. altitud
 alto, adj. naut
 altura, f. nautada, auçada,
 nautor
 alugar v. logar, arrendar
 aluguel, m. loguèr
 aluno, n. alumne, na/escolan, a
 amamentar, v. aleitar
 amanhã, adv. deman, doman
 amanhecer, m. trincada deth
 dia, punta de dia, auba
 amanhecer, v. trincar eth dia,
 hèr-se de dia
 amar, v. estimar, aimar
 amarelo, adj. jaune, auriò(u)
 amargo, adj. amargós,
 amargant
 amável, adj. amable, bla
 ambos, adj./pron. andús, ues
 ambulância f. ambulància
 ameaçar, v. menaçar, miaçar
 ameixa, f. prua
 ameixeira, f. pruèr, pruèra
 amêndoa, f. amelha, amètla
 americano adj. e m. american,
 -a
 amigo, adj. e m. amic
 amistoso, adj. amistós, osa
 amiúde, adv. soent
 amizade, f. amistat, amistança,
 amigança
 amontoar, v. apilerar, apielar,
 amontairar, agrumelar,
 apilerar
 amor, m. amor
 amortecer, v. amortir,
 amortesir
 amortizar, v. amortizar
 amplo, adj. ample, pla
 ampola, f. bochòria, bambolha,
 veishiga
 anão, adj. boteric/ boti
 anão, adj. e m. nano
 ancião, adj. e m. ancian
 andaime, m. empontament
 andar m. pis (de um edifício)
 andar, v. caminar
 andorinha, f. oroneta,
 ironqueta, ironda, arongla,
 aurongla, arongleta
 anel, m. anèth
 angélico, adj. angelenc
 ângulo, m. angle
 angústia, f. angoisha, angònia
 animal, m. animau
 aniversário, m. aniversari
 ano, m. an, annada
 anoitecer, v. hèr net, escurir,
 nueitejar, barrar era net
 (nueit)
 anotação, f. anotacion
 ânsia, f. ànsia
 ante, prep. deuant, devant,
 dauant, davant
 antemão (de), loc. adv.
 d'auança, d'avança
 anteontem, adv. delàger, delà
 ger
 antepassado, m. dauancèr,
 davancèr
 antepenúltimo, adj.
 delavandarrèr
 antes, adv. adès, abans, abantes
 antigo adj. antic, -a
 anual, adj. annau, annadèr
 ânus, m. cès, uelh deth cuu
 (fam.)
 anzol, m. ganchet, am, anquet
 ao (diante de vogal), art. contr.
 ar
 ao redor, loc. adv. ath torn, ath
 long torn
 ao, contr. da prep. a com o art.
 o, ath, as
 apagar, v. amortar, amorçar,
 escandir, escantir, atudar
 aparecer, v. aparéisher
 aparelho, m. aparelh
 apedrejamento, m.
 acalhaument
 apedrejar, v. acalhauar
 apertar, v. sarrar, atapir
 apesar de prep. maugrat
 apetecer, v. apetissar
 appetite, m. apetit
 aplaudir, v. aplaudir
 apodrecer, v. apoiridir

- apoiar, v. apuar, apalancar, apolancar, emparar, apiejar
 aposta, f. jòga, pariatge
 apóstrofe, m. apostròfe
 apreço, m. apreciacion, apreciada
 aprender, v. apréner
 aprendiz, s. 2 gen. aprendís, aprenedís
 apresentar v. presentar
 apressar/ aproximar, v. apressar
 aproveitar, v. profitar
 aproximação, m. apressament/ apropament
 aproximar, v. apropar/apressar
 apto, adj. aishetat, ada
 apto, adj. apte, ta/ dable, bla
 aquele, pron. aqueth
 aqueles, aquelas, pron. dem. aqueri, res d'aqui delà
 aqui, adv. aci/ aciu/ acieu/ acient/ acitau
 aquilo, pron. aquerò
 ar, m. aire
 árabe adj. e m. arab
 arado, m. arrair, àret
 arandela, f. anèra, nèra
 aranha f. aranha
 árbitro m. arbitre
 arbusto, m. arbilhon, arberòt, garrabusta
 arcada, f. arc vòta (vuota)
 arco m. arc
 arco-íris, m. arcolan
 arder, v. cremar, hllamar, bruslar
 ardor, m. ardor
 areia, f. sable
 argentino adj. e m. argentin
 argila, f. argèla, tèrragila
 argumento, m. argument
 árido, adj. secarós
 arma f. arma
 armada f. armada
 armadilha, f. arratèra
 armar v. armar
 armário, m. armari, limanda, cabinet
 arquiteto, m. arquitècte
 arrancar, v. arringar, arrincar, arreigar, arrigar
 arranha-céu, m. gratacèu
 arrecadar, v. recrubar, requectar, arrecaptar
 arredores, m. pl. banlègar
 arrepender-se, v. empenair-se
 arriscar, v. riscar
 arroio, m. arrinet
 arroz, m. arròs, ris
 arruinar, v. roeinar
 arte m. art
 artesão, m. artesan
- artificial, adj. artificiau
 artigo, m. article
 artimanha, f. param
 artista s. 2 gen. artista
 árvore, f. arbe
 asa, f. ansa, ansera, ala
 asco, m. hàstic
 asno, m. ase, aso, saumèt, somèr
 aspecto, m. aspècte
 áspero, adj. aspre
 asqueroso, adj. hastiós
 assaltar, v. assautar
 assalto, m. assaut
 assassino, m. assassin, mortier
 assembleia f. assemblada (reunião de pessoas)
 assim, adv. atau
 assinar v. signar
 assinatura, f. signatura
 associação f. associacion
 associar v. associar
 assovio, m. shiulet, fiulet, fiuladís, fiulament
 assunto/ ocupação, trabalho, m. ahèr/ahar/afar
 assustar, v. espantar
 astronauta s. 2 gen. astronauta
 astuto, adj. astut, gastilop
 atacar v. atacar
 atalho, m. camin de trauèssa
 ataque m. atac
 atarefado, adj. atrabalhit
 até amanhã loc. adv. entà deman
 até logo, loc. adv. entà ua auta, enquia ua auta
 até, prep. enquia, dinca, denquia 2. até logo, loc. adv. entà dempús
 atenção, f. atencion
 atender, v. atier
 aterrissar, v. aterrir
 atiçar os cachorros v. hiscar
 atitude, f. actitud
 atividade f. activitat
 ativo adj. e m. actiu
 atmosfera, f. atmosfèra
 ato, m. acte
 átomo, m. atòm
 ator, m. actor
 atraente, adj. atrasant
 atrair, v. atrèir, atirar
 atrás, adv. darrèr
 atrasar v. retardar
 atraso, m. retard
 atrativo, m. atractiu
 atravessar, v. trauessar
 atrevido, adj. atrevit
 atribuição f. atribucion
 atribuir, v. atribuir
 atriz, f. actriz
 atual adj. actuau
- atuar, v. actuar
 aumentar, v. aumentar
 aumento, m. aument
 aurora, f. auba deth maitin
 ausência, f. absència
 autônomo adj. autònom
 autor m. autor
 autoridade f. autoritat
 autorização, f. autorizacion
 autorizar, v. autorizar
 auxílio, m. auxili
 avançar, v. auançar, auantar
 avarento, adj. avariciós
 avaro, adj. avar, aganit
 avelã, f. aueran, averan, auran, auerás, averás
 avenida, f. avenguda, avienguda
 avental, m. devantau, demantau
 aventura f. aventura
 aviação, f. aviacion
 aviador m. aviador
 avião, m. avion
 avisar, v. avisar
 aviso, m. avís
 avó, f. mairia, mair-sénher, mia (fam.), mare, nona, mair grana, abuela
 avô, m. pairin, pair-sénher, pin (fam.), pare, pair gran, abuelo
 azedo adj. agre
 azeite, m. òli
 azeiteira, f. olièra
 azeitona, f. oliva
 azul, adj. e m. blau, ava, blu
 azulado, adj. bluenc
 azulejo, m. rajòla

B

- b, f. b
 baba, f. bauassa, baua, baussèra
 bacalhau m. bacalhà
 baço, m. mèussa
 bafo, f. alend
 bafo, m. baforado, bohada
 bagatela, f. besucaria/ arren/ fotesa
 bailar, v. barar
 bailarino, n. baraire, dançaire
 baile, m. balh, bailh
 bairro, m. barri, quartièr
 baixada, f. baishada
 baixesa, f. baishessa
 baixo, adj. baish
 bala f. bala
 balança f. balança
 balançar, v. balançar/ balandrar/ bandolejar
 balcão m. balcon
 balido, m. belèc
 banana f. banana, platan
 banco m. banc
 bandeira, f. bandèra, drapèu, banèra
 bandeja, f. plata, platèu
 bandido, m. bandit, brigand
 bandoleiro m. bandolèr
 banhar, v. banhar
 banheira, f. banhadora/ banhader, banhèra
 banheiro, m. sala de banh
 banho m. banh
 banquete, m. taulejada
 bar m. bar
 barão m. baron
 barata f. babaròt/ babau/ barbòta/ cuca
 baratear, v. abaishar eth prètz, desencarir
 barato, adj. de bon prètz
 barba f. barba
 barbeiro, m. barbèr
 barbudo adj. barbut
 barca f. barca
 barco, m. batèu, vaishèt, vaishèu, barco
 barômetro, m. baromètre
 baronesa, f. baronessa
 barranco, m. barranc, barrenc
 barreira, f. barrèra, barramenta
 barriga, f. ventresca, ventesca, ventàs, vrentàs, vrente, vente, bodena
 barro, m. hanga, baudra
 base f. basa
 basear v. basar
 basta!, interj. qu'ei pro!
 bastante, adv. pro
 bastão, m. baston, balhon, poison, barrot
 bataclã m. bataclam
 batalha f. batalha
 batalhar v. batalhar
 batata, f. truha, trufa, mandòrra
 bater, v. bàter
 batismo, m. batiég, batialhes (era hèsta)
 batizar, v. batiar, cristianar
 baú, m. mala, baú
 be m. be
 bêbado, adj. embriac, borracho
 bebê, m. nenè, ninet, nenon
 bebedeira, f. briaguèra/ peta/ monina
 beber, v. béuer, béver
 bebida, f. beuenda, bevenda
 beijar, v. potoar, potonar, punar
 beijo, m. poton, punet
 beleza, f. beresa, beutat, beror
 belga adj. e m. bèlga
 belo, adj. bèth
 bem, adv. ben, plan
 bem-vindo, adj. benvengut, benviengut
 benção, f. benediccion, benedida
 bendizer, v. benedir, benediser
 benefício, m. benefici
 berinjela, f. aubergina
 besteira f. bestiesa
 beterraba, f. bet/ beletarraya
 beterraba, f. bletarrava/ beletarrava
 bétula, f. bedoth
 betume, m. betum
 bexiga f. veishiga
 bezerro, m. vedèth
 bíceps, m. biceps
 bicho, m. bestiòta, bestionha
 bicicleta, f. bicicleta
 bico, m. bèc
 bigode, m. mostacha
 bilhete m. bilhet
 bisavô, m. arrèrpairin
 bisneto, m. arrèrhilh
 bispo, m. bisbe, avesque
 blasfêmia, f. blasfèmi
 bloquear, v. blocar
 blusa f. blosa
 boa-noite, interj. bonser/ bonanet
 boas-vindas, f. pl. benvenguda, planvenguda
 boca, f. boca
 bocejo, m. badalh, badalhon, badalhum, badalhament, badalhadera, badada
 bochecha, f. gauta, ganha, gaunha
 bodas, f. mòça
 bofetão, m. bohetada, boet
 boi ou vaca que tem menos de 1 ano m. e f. vedèth, -èra
 boi, m. bò (u), bueu
 bolha, f. bambolha/ espompilh/ boishòria
 bolsa de couro para beber vinho f. bota
 bolso, m. pòcha
 bom, adj. bon
 bomba, f. bomba
 bombardear, v. bombardar
 bombardeio, m. bombardament
 bombeiro, m. pompièr
 bombom m. mochet
 bonachão, adj. bravàs
 bonança, f. bonància
 boneca, f. canèth, moma
 boneco, m. pipòt, monaca
 bonito, adj. bèth, beròi
 boquiaberto, adj. embadoquit
 borbulha, f. bombolha
 bosque, m. bòsc
 bota f. bòta
 botão, m. boton
 botequim, m. botiquin
 bovino, adj. bovin, boïn
 braço, m. braç
 branco, adj. e m. blanc
 brasa f. brasa
 bretão adj. e m. breton
 breve, adj. brèu
 brilhante, adj. ludent, ludentós, lusent
 brilhar, v. lúder, relúder, treslúder
 brilho, m. ludentor
 brincadeira, f. badinada
 brincador, adj. badinaire, ra
 brincar, v. badinar
 brinco, m. plendenga
 britânico adj. e m. britanic
 bronze m. bronze
 brotar, v. brotoar
 bruxa, f. bruisha
 bulbo, m. bulbe/ cabòça
 burguês, m. borgés
 burro, m. saumet
 busca, f. cerca, cercadís, recèrca, cercament, cercatge
 buscar, v. cercar

C

- c, m. c
 cá, adv. aciu, aciu deça
 cabana, f. cabana
 cabeça, f. cap, tèsta
 cabeleireiro m. perruquèr
 cabelo, m. peu
 caber, v. càber
 cabra, f. craba
 cabresto, m. cabeste
 cabrito, m. crabòt
 caça, f. caça
 caçador, m. caçaire
 caçar v. caçar
 caçarola, f. caceròla
 cachimbo f. pipa
 cacho, m. nhòc, nhoquet
 cachorro, m. can, gosset
 cada, adj. e pron. cada
 cadáver m. calavre
 cadeia, f. cadea, cadia, chèna
 cadeira, f. cagira, cadièra
 caduco, adj. caduc
 café, m. café
 cair, v. càder, quèir
 caixa para receber cartas, f. boèta
 caixa, caisha
 cal, f. caudea, caudia
 calafrio, m. caud-heired, caud-hred, arreguilh, caudheired
 calar, v. carar
 calça m. pantalon (de vestuário)
 calçado, m. caucèr, cauçadura
 calçar v. cauçar
 caldeira f. caudèra
 calefação, f. cauhatge
 cálice, m. calici, calitz
 calor, m. calor
 calvície, f. calvícia, cauvura
 cama, f. lhet, lièit
 cambiar, v. cambiar, escambiar
 câmbio, cambi, escambi
 caminhada, f. caminhada, mautada
 caminhão, m. camion
 caminhar v. caminar
 caminho, m. camin, camiau
 camisa f. camisa
 campanário, m. campanau
 campeão, m. campion
 campeonato m. campionat
 campo, m. camp
 canal m. canau
 canário m. canari
 canção, f. cançon, canta
 candelabro, m. candelabre, candelèr
 cânhamo, m. canam
 canhão, m. canon
 canhoto, adj. esquerrèr, querrèr
 cansaço, m. cansamet
 cansado, adj. alassat, ada
 cansar, v. cansar
 cantar v. cantar
 cântaro, m. cantre
 canto, m. cant, canta
 cantor m. cantaire
 cão, m. can
 capa de chuva f. impermeable, haite
 capacete m. casc
 capaz, adj. capable
 capela, f. capèla
 capital, f. caplòc, capitau, capitala, capital
 capítulo, m. capitol
 capricho, m. caprici
 caprichoso, adj. capriciós
 captar, v. cuélher, préner
 capuz f. capucha
 cara f. cara
 caracol, m. cargòlh, cargòlha, escargòlh
 caracterizar v. caracterizar
 caramelo, m. caramel, caramèu
 caranguejo, m. crancau, cranque
 caráter, m. caractèr
 cárcere, m. preson
 carcinoma, m. quisson, cusson
 cardápio m. carta
 cardo, m. cardet
 carecer, v. mancar
 carga, f. carga
 cargo, m. cargue
 carícia, f. amorassa, ballina
 carnaval m. carnaval, magràs
 carne, f. carn, carnalha
 carneiro, m. moton
 carniceiro, m. carnissèr
 caro adj. car
 carpintaria, f. hustaria
 carpinteiro, m. hustèr
 carregar v. cargar
 carro m. car
 carteira para moedas f. pòrtamonedes
 cartilagem, f. cartilage
 carvalho, m. casso, casse
 carvão, m. carbon
 casa, f. casa, ostau, maison
 casado adj. maridat
 casamento, m. maridatge
 casar, v. maridar
 casca, f. casquell
 caserna f. casèrna
 caso, m. cas
 castanha f. castanha
 castelo, m. castèth
 castigar v. castigar
 castigo, m. castig
 casualidade, f. casualitat
 catalão adj. e m. catalan
 catálogo, m. catalòg
 católico adj. catolic
 catorze num. catorze
 caudilho, m. capdèth
 causa, f. causa
 causar, v. causar
 cavaleiro m. cavalièr
 cavalgada, f. cavaucada
 cavalo de 2 anos m. soberan
 cavalo ou mula de 3 anos adj. terçon
 cavalo, m. shivau, chivau
 caverna, f. cavèrna, bauma, tuta
 ce m. ce
 cebola, f. ceba
 ceder, v. cedir
 cedo, adv. d'ora, lèu
 cédula, f. cellula
 cego, adj. e m. ciègo, cèc
 cegueira, f. ceguetat, cecitat
 celebrar, v. celebrar
 cem num. cent
 cemitério, m. cementèri
 cenário m. scenari
 cenoura, f. carròta
 centeio, m. blat
 centelha f. centelha
 centímetro, m. centimètre
 cêntimo, m. sò, sòu
 central adj. centrau
 centralizar v. centrar
 centro, m. centre
 cera f. cera
 cerca, f. bergàs
 cerco, m. sètge, sieti, sèti
 cerebelo, m. cerveret
 cérebro, m. cervèth
 cereja, f. cerida
 certo, adj. cèrt, certan
 cerveja, f. cervesa, bièra, bièrra
 cervo, m. cèrvi
 cessar, v. cessar
 cetra, m. scèptre
 céu, m. cèu
 chama f. ahlama/hlama/ahlam (m.), lham

chama, f. ahlama, hlama, ahlam, hlam	coalhada f. calhada	compositor m. compositor
chamamento, m. cridament, aperament, aperada	coalhar, v. calhar, brossar	compra, f. crompa
chamar, v. cridar, aperar	cobiça, f. cobesia	comprar, v. crompar
chaminé, f. chemineia	cobrar, v. crubar	comprazer, v. complâder, complâser
champanhe m. champanha	cobre, m. coeire	compreender, v. compréner
chapéu, m. chapèu, capeth	cobrir o touro a vaca v. taurir	compromisso, compromés
charuto m. shigarro	cobrir, tampar, v. amantar/ caperar	comum adj. comun
chave, f. clau	coca f. còca	comunicar v. comunicar
chegar, v. arribar	cóccix, m. coccix	comunidade, f. comunautat
cheio, adj. plen	cocô f. caca	conceber, v. concéber
cheirar, v. aulorar, aulorejar	código, m. còdi, còde	conceder, v. concedir
cheiro, m. aulor	codorniz, f. catla, calla	concernir, v. concernir
chícara f. taça	coelho, m. comilh, lapin	concluir, v. concluir
chinês adj. e m. chinés	coice, m. pernada	concordar, v. concordar
chocolate, m. chicolate	coincidir, v. coïncidir	concurso m. concors
chorar, v. plorar	colaboração, f. collaboracion	condado m. comdat
choupo, m. bibo/ pibo/ píbol	colar m. colharet	conde, m. comde
chouriço m. choriç	colchão, m. matalàs	condenar, v. condemnar
chover, v. plòir, plàver, plòver	coleção, f. colleccion	condessa, f. condessa
chupar, v. chucar	colégio, m. collègi	condição f. condicion
chuva, f. ploja	colheita, f. cuelheta, cuelhuda, recòlta	condimentar, v. adobar, especiar
chuvisco, m. plovina, plavusquei	colher, f. culhèra	condolência, f. condolença
chuvoso, adj. plogiu, plojadís, plojós	colher, v. cuélher	condutor m. conductor
cicatrizar, v. cicatrizar	colmeia, f. abelhèr, caven, brinhon, brunhon	conduzir, guiar v. conduzir, amiar
cidadão, m. ciutadan	colmeia, f. bornat/ brinhon/ brunhon	conectar v. connectar
cidade, f. ciutat, vila	colocar, v. plaçar	confessar, v. cohessar, coheissar, con.hessar
ciência f. sciência	colônia f. colònia	confessor m. coheissor
científico adj. scientific	colossal, adj. colossau	confiança, f. confiança, fidança, hidança
cifra, f. chifra	coluna, f. colona	confirmar v. confirmar
cigarro, m. cigarreta	com, prep. tamb, damb, entamb	conflito, m. conflicte
cimento m. ciment	comarca f. comarca	conforme adj. comforma
cinco, num. cinc	combate, m. combat	confrontar, v. acarar
cinema, m. cine, cinèma	combater, v. combàter	confrontar, v. acarar
cínico, adj. cinic	começo, m. començament	confundir, v. confóner
cinquenta num. cinquanta	comer, v. minjar	conhaque m. conhac
cinza, f. cendre	comercial adj. comerciau	conhecer, v. conéisher
cinzeiro, m. cendrèr, brasèr	comerciante, adj. e s. 2 gen. comerciant	conhecimento, m. coneishment, coneishença
circo, m. circ	comerciar, v. começar	conjugação, f. conjugason
círculo, m. cercla	comércio, m. comèrç, comèrci	conjunção, f. conjoncion
circunscrever, v. circonscriuer, circonscriver	comestível adj. comestible	conjunto, m. conjunt, ensemble, ensem
circunstância, f. circunstância	comida, f. minjar, minjada, bioca, parva, bostifalha	conquista f. conquista
cirurgião, m. cirurgian	comigo, pron. tamb jo	conquistar v. conquistar
civil adj. civiu	comissão, f. comission	conseguir, v. arténher
cizânia, f. arraja, arratja, arratje	comitê, m. comitat	conselho, m. conselh
clarear, v. esclarir	como, conj. com, coma	consentir, v. consentir
claridade, f. claretat, clartat, claror, clarum	cômodo, adj. comòde	consequência f. consequência
claro, adj. clar	comovedor, adj. pertocant	consertar v. apraiar
classe, f. classa	compaixão f. compassion	conserto f. reparacion
clássico adj. classic	comparação, f. comparèr, comparason, comparança	conserva f. consèrva
cliente s. 2 gen. client	comparecer, v. comparéisher, comparir	conservar, v. salvar, servir
clima m. clima	compartilhar v. compartir	considerar v. considerar
clínica f. clinica	completo, adj. complet	consoante, f. consonante
clube m. club	complicado adj. complicat	consolar, v. assolar
coagular, v. coagular	compor, v. compausar	consolidar, v. assolidar
coágulo, m. bòstoc de sang, calhat de sang		

consolo, m. consolament,
consòu, consolación,
assolament
constituição f. constitucion
constituir v. constituïr
construir, v. construsir, bastir
conta m. compde
contar, v. compar (uma
quantidade) 2. condar (um
conto, uma história)
contato m. contacte
contemporâneo, adj.
contemporanèu
contente, adj. content
conter, v. contier
contestação, f. contèsta
contigo, pron. tamb tu
continente m. continent
continuar, v. continuar,
contunhar
conto, m. conde
contra prep. contra
contrair, v. contrèir
contrário adj. contrari
contratempo, m. mauparada
controle m. contròtle
convencer, v. convéncer,
convéncir
convidar, v. convidar
convir v. convier
copo m. vasso
cor f. color
coração, m. còr
corcunda, adj. e m. boçut,
gibós
corda, f. còrda
cordão, m. cordon

cordeiro, m. anèth
cordeiro, m. anhèth, èra
corno, m. còrna
coroa f. corona
corpo, m. còs
corpulento, adj. corporent,
corporat, corsat
correio, m. corrèu, corrèus
corrente f. corrent
corrente, usual adj. corrent
correr, v. còrrer
corrida f. corsa
corrigir, v. corregir
corromper, v. corròmper
cortar, v. talhar
corte, m. talh
cortejo, m. cortègi
corvo, m. corbàs, corbaish
coser, v. cóser
costas, f. pl. esquia
costela, f. costelha
costume f. abitud
costume, m. costum, costuma,
abitud
costurar, v. cóser
couro, m. cuer
cova, f. còva, cauva, cauna
covarde adj. covard
coxa, f. cueisha
coxear, v. coishejar
coxo, adj. coish
cozinha, f. codina, cueina,
cosina
cozinhar, v. cosinar, codinar
cozinheiro, m. cosinèr, codinèr
crânio, m. crani
crença, f. credença

crente, adj. e s. 2. gen. credent
crepúsculo, m. crepuscul
crer, v. creir, créder, créser
crescer, v., créisher
cria da vaca com mais de 1
ano, m. anolh
criação f. creacion
criado, m. mosso, mossardet
criar v. crear
crise f. crisi
cristal m. cristal
cristão adj. e m. cristian
cronômetro, m. cronomètre
cru, adj. cru
cruel, adj. crudèu
cruz, f. crotz, creu
cruzamento, m. crotzament
cruzar, v. crotzar, encrotzar
cu m. cu
cueca, f. calçotets, calçon
cuidado, m. e adj. e interj.
cuidado
cuidadoso, adj. cuedós
cuidar, v. cuedar
culminante adj. culminant
culpa, f. fauta, colpa
cultura f. cultura
cultural adj. culturau
cunhado m. cunhat
curar, v. garir, guarir, assauir
curioso, adj. curiós
curral m. corrau
curso m. cors
curtir, v. engiponar
curto, adj. cuert
curva, f. corba
custar v. costar

D

d, m. d
damasco, m. abricòt, aubricòt
dançar v. dançar, barar
dano, m. damnatge, daumatge
dar, v. dar, balhar
data f. data
datar v. datar
de improviso, loc. adv. ara
imprevista/ara surpresa
de, prep. de
debaixo, adv. dejós, devath
débil, adj. fèble, flac, aflaquit
débil, fraco, adj. aflaquit, ida
debilitar, v. afeblir, aflaquir,
flacar, feblejar
decepção, f. decepcion,
decebuda, decebement
decidir, v. decidir

décimo num. detzau
decremento, m.
descreishement,
descreishença, descreishuda
dedal, m. didau
dedo, m. dit, det
defender, v. deféner
defesa f. defensa
definir v. definir
degelo, m. desgèu
degolar, v. esgorjar
deixar, v. deishar
delito, m. delicte
demasiado, adv. massa, tròp
demolição, f. esbauçament
denominar, v. nomentar,
nommar, sosnomentar
denso adj. dens

dente, m. dent
dentro, adv. dedins
departamento m. departament
depende v. depéner
depois, adv. dempús, despús,
après, arron
depressa loc. adv. de prèssa
deprimente, adj. depriment
derramar, v. vessar
derreter, v. delir, hóner
desabotoar, v. desbotoar
desafio, m. desfis
desaparecer, v. desaparèisher
descalçar, v. descauçar
descansar, v. alendar (fam.)/
posar
descanso m. descans
descender, v. descéner

descobrir a cabeça v. desencoar	destreza, f. adretia, biaish, astruguesa	dissuadir, v. dissuadir
descobrir, v. descurbir	destruição f. destruccion	distância f. distància
desconfiança, f. maufidança, mesfidança	destruir, v. abrismar	distanciamento, m. aluenhament
desconhecer, v. desconéisher	destruir, v. destrusir, abrismar	distinção f. distincion
desconto, m. descompde	desvantagem, f. desauantatge	distrair, v. distrèir
descrever v. descriuer	desviar, v. desviar, desaviar, desvirar	diversão, f. divertiment
descrição f. descripcion	deter, v. detier	diverso adj. diuèrs
descuido, m. descuet	detrás, adv. darrèr	divertir v. devertir
desculpa, f. desencusa	deus, m. diu	dívida m. deute
desejar, v. desirar	devagar, adv. a plaser, anin- anan	divisão f. division
desejo, m. desir, desirança	devagar, loc. adv. anin-anan	dizer, v. díser, dider
desembocadura, f. desbocadura, embocadura, boquèra	dever, v. déuer, déver	do, contr. da prep. de com o art. o, deth, der, deu
desenhar, v. dessenhar, diboishar	devorar, v. golar, engolar	dobro m. doble
desenho, m. dessenh	devoto adj. devòt	doce, adj. doç
desenterrar, v. desenterrar	dez, num. dètz	dócil, adj. moish, moishet
desenvolver, v. desenvolver	dezembro, m. deceme	documento m. document
desenvolvimento m. desvolopament	dezenove, num. dètz-e-nau	doente, adj. e s. 2 gen. malaut
desfalque, m. desfauc	dezoito, num. dètz-e-ueit	dois, num. dus
desfazer, v. des.hèir	dia, m. dia, jorn	domador, m. adondaire, dondaire
desfiladeiro, m. angost	diálogo, m. dialòg	domar, v. adondar, dondar
desgastar, v. esguiçar	diário m. diari	domicílio, f. abitança
desgosto, m. desengust	difamar, v. enfamiar, infamar	dominar v. dominar
desgraçado, adj. desgraciat	diferença f. diferència	domingo, m. dimenge
designar, v. designar	diferente adj. diferent	domínio m. domeni
desinchar, v. des.holar	difícil, adj. difìcil	dono, m. proprietari, patron
desjejum, m. esdejuar	difundir, v. difòner, difusar	donzela, f. pincèla, piucèla, puncèla
desmaio, m. languèri, esvaniment	digital adj. digitau	dor f. dolor
desnudo, adj. nud	diminuição, f. amendriment	dormir, v. dormir, dromir
desobedecer, v. desaubedir	diminuição, m. amendriment	doutor m. doctor
desordem m. desorde	diminuir, v. amendir, amermar, apetirir, apauquir	doutrina f. doctrina
despedida, f. adiu, adius	dinastia f. dinastia	doze num. dotze
despeito, m. despièt, despièch, despièit	dinheiro, m. sòs, dinèr	ducha f. docha
despenhadeiro, m. espatlader, brespèra, malh	direção f. direccion	duelo m. batèsta/ düel/ combat
despentear, v. despientar	direito adj. dret	duna, f. montilha
despertar, v. desvelhar	direto adj. dirècte	duodeno, m. duoden
desprezar, v. mespredar, menspredar	diretor m. director	durante prep. durant
destinar v. destinar	dirigir v. dirigir	durar v. durar
destreza, f. adretia	discussão, f. discussion, discuta, batalhada	duro, adj. dur, duro
	disfarce, m. tranga	dúzia f. dotzena
	Disney f. Disney	
	disputa, f. peleja, maganha	
	dissolver, v. dissòlver	

E

- e, conj. e
e, m. e
eclesiástico, adj. eclesiástic
eco, m. resson, arretroniment,
reclam, retroniment
economia (poupança), f.
estauvi, estauviament
econômico adj. economic
economizar, v. estauviar
edição f. edicion
edifício, m. edifici, bastiment,
bastissa, bastida
efe m. èfa
efeminado, adj. adamaiselat,
ada
efeminado, adj. adamaiselit,
ida/afemelhit, ida
efeminado, adj. afemelhit,
adamiselit
égua, f. ègua, cavala
eixo, m. eish, axe
ejacular, v. ejacular
ela, pron. era
elegante adj. elegant
eleger, escolher, v. alistar/
causir/escuélher
eleger, v. elegir, esléger
eleição, f. eleccion
elemento m. element
eletricidade f. electricitat
elétrico adj. electric
elétron, m. electron
elevar v. elevar
em cima, adv. dessus
em direção a, prep. entà, tà, de
cap tà, tirant tà
em vez de, loc. adv. em torn
de, en loc de, en plaça de
em, prep. am
em, prep. en
emagrecer, v. amagrir, aprimir
embaixador, m. ambaishador
embelezar, v. emberir,
emberogir, apolidir
emblema m. simbèu
embriagar, v. embriagar,
emborrachar
embriaguez, f. embriaguesa
embuste, m. embosteraria
emenda, f. emendament
emoção, f. emocion, baticor
empobrecimento, m.
apraubiment, empraubiment,
apauriment, apraubida
empregado, adj. e m. emplegat
empregar, v. emplegar
emprego, m. emplec
empréstimo, m. prèst,
prestatge
empurrão, m. empossada,
possada
empurrar, v. empossar, possar,
butar
encabeçar, v. entestar
encanador m. retetaire
encargo, m. encargue
encarregado m. encargat
encarregar, v. encargar
encher, v. emplir, aumplir
encolher, v. aganchar, arropir
encruzilhada, f. encruzilhada
encurvar, v. acorbaishar
endereço, f. adreça
endereço, m. adreça
energia f. energia
enfermeiro m. infirmière
enfermidade, f. malautia
enfermo, adj. e m. malaut
enfraquecer, debilitar, v.
aflaquir
enfraquecer, v. aflquir
enfurecer, v. enforonhar
engenheiro m. engenhaire
engolir, v. engolir, englotar,
glapar, engorjar, avalar,
envalar, embocar
engordar, v. engrassir,
engreishar
enjoo, m. mareig, virement de
cap
enlouquecer, v. capvirar-se,
alhocadir
enquanto, adv. mentretant,
entot, tant que, ath temps
que.
enrugar, v. arropir, arroncillar
ensaboar v. ensabonar
então, adv. alara/alavetz
entardecer, v. ser, vèspe,
vrespada, vrèspe
entender, v. entèner
enterro m. enterrament
entrada f. entrada
entrar v. entrar
entre, prep. entre, enter
entregar, v. entregar, liurar
entretanto, adv. mentretant
entusiasta, adj. entosiasta,
arderós
envelhecer, v. envelhir,
vielhir, ancian
envenenar, v. empodoar
enviar, v. enviar, bajadar,
manar
envio, m. remessa, enviada
enviuvar, v. aveudar
envolver, v. envolopar
enxame, m. eishame
enxertar, v. ensertar
época, f. epòca
equipe f. equipa
equivoco f. equivocacion
erre m. èrra
erro, m. error
erva, f. èrba
esboço, m. esbòç
escada, f. escala, escaler
escapar, v. escapar
escasso, adj. escàs
esclarecer, v. esclarir, clarejar
escola, f. escòla
escolha, eleição, f. alistada/
causida/escuelhuda
escolha, f. alistada, causida,
escuelhuda
escolher, v. escuélher, causir,
alistar
escombros, m. pl. tarcum,
tercum
esconder, v. amagar, escóner,
enconhar
esconderijo f. amagadera/
amagader/amagatòri
esconderijo, m. amagador/
esconeder
escopeta f. escopeta
escova, f. baleja/ grèra/
escampa
escrever, v. escriuer, escrever
escritor m. escrivan
escritório m. burèu, oficina
escroto, m. colha, colhoèra,
borsonada
escurecer, v. escurir, escuredir
escuro, adj. escur, escuro
escutar, v. escotar
esforço m. esfòrç
esfriar, v. heredar, heiredar,
hredar
esgotar, v. acabar
esmola f. amòina, moina
espaço m. espaci
espada f. espada
espanhol adj. e m. espanhòu
espantalho m. papo
esparadrapo m. esparadrap
especial adj. especiau
espécie f. espècia
espelho m. miralhr
espera, f. demora, argüeit
esperar, v. demorar
espesso adj. espès
espessura m. celh

espião m. espia
 espiga, f. cabelh
 espiga, f. carrolha (de milhòc)
 espinho m. espia, aresta
 espiral, f. espirau
 espírito m. esperit
 esponja f. esponja
 esporte, m. espòrt
 esportivo adj. esportiu
 esposo m. espós
 espreitar, v. argüeitar, pistar,
 lucar
 espuma, f. esgluma,
 esglumera, esluma
 esquadra, f. escuaire
 esquecer, v. desbrembar,
 desbrombar
 esquecimento, m. desbrembe,
 desbromb
 esquentar, v. cauhar
 esquerdo, adj. esquèr, quèr
 esquina, f. cantonada
 esse m. èssa
 esse, essa, esses, essas, pron.
 dem. aqueth, era; aqueri, res
 esse, pron. aqueth
 esta noite, f. anet/anueit
 estabelecer v. establir
 estábulo, m. bòrda, cort

estação, f. estacion, gar (de
 trem) 2. sason (do ano)
 estacionamento, m. parcatge
 estado m. estat
 estanho m. estanh
 estátua f. estàtua
 estatuto m. estatut
 este, esta, estes, estas, pron./
 adj. aguest, a; aguesti, tes
 estender, v. esténer, estiéner
 esterco, m. hiems
 estilo m. estil
 estômago, m. estomac
 estorvo, m. embaràs, embràs
 estrada f. carretèra
 estrangeiro adj. e m. estrangèr
 estrangular, v. escanar
 estranho, adj. estranh
 estrela, f. estela, estrelha
 estribilho, m. estriuet, arrepir,
 estreuet
 estrutura f. estructura
 estudante s. 2 gen. estudiant
 estudar v. estudiar
 estupidez, f. estupiditat
 esvaziar, v. vuedar
 et cetera adv. etcètera (etc)
 eu, pron. jo, ieu
 europeu adj. e m. europèu

evaporar, v. esvaporar
 evolução f. evolucion
 excavar, v. catar
 excesso, m. excès
 exceto, prep. ara excepcion de/
 sonque, exceptat
 exceto, prep. exceptat, ara
 exception de
 excursão, f. excursion
 exemplo m. exemple
 exército m. exercit
 exílio, m. exili, exilh
 eximir, v. exemptar
 existência f. existència
 existir v. existir
 expectorar, v. escopir,
 gargalhar
 experto adj. expèrt
 explicar v. explicar
 exposição f. exposicion
 expressão f. expression
 exprimir v. exprimir
 exterior, adj. e m. exterior
 extrair v. extrèir
 extraviar, v. estraviar

F

f, m. f
 fábrica, f. fabrica, usina
 faca, f. cocut
 fácil, adj. facil
 fada f. hada
 faixa, f. hai, hau
 falar, v. parlar
 falcão m. faucom
 falso, adj. faus
 falta f. fauta
 faltar, v. mancar
 família, f. familia
 famosos adj. famós
 fantasma, m. hantauma
 fantástico adj. fantastic
 faringe, f. farinx
 farinha, f. haria
 farmácia f. farmàcia
 farol, m. fanau
 fatigar, v. fatigar, alassar
 fava f. haa
 favor (por) loc. adv. se te/vos/
 li/les platz
 fazer a barba, v. arrasar,
 barbejar, hèr era barba,
 afaitar

fazer, v. hèr, har
 fê f. fe
 febre, f. fèbre, frèbe, herèbe,
 hrèbe, fiebre
 fechar (os olhos), v. barrar (es
 uelhs)
 fechar com chave v. clauar
 fechar, v. barrar
 feijão, m. mongeta, havòla
 feio, adj. leg, lèd, laid
 feira, f. fira, hèira
 feito, m. hèit, hèt
 feixe, m. hèish
 fel, m. hèu
 felicidade f. felicitat
 felicitação f. felicitation
 felicitar v. felicitar
 feliz, adj. urós, erós
 fêmea f. femelha
 feminino adj. femenin
 fender, v. héner
 feno, m. hen, erba seca
 férias f. pl. vacança
 ferida, f. alebadura/ plaga
 ferida, f. herida, alebadura,
 plaga

ferido adj. herit
 ferir, v. alebar/ plagar/ peishar
 ferir, v. herir, alebar, plagar,
 peishar
 feroz, adj. herotge
 ferramenta, f. esturment, utís
 airina
 ferreiro m. farrèr
 ferro, m. hèr
 ferver, v. borir
 festa de todos os santos f.
 marteror
 festa, f. hèsta
 festejar v. partejar
 festival, m. festivau, hestau
 fevereiro, m. heurèr, hereuèr
 ficar, v. restar
 fígado, m. hitge
 figura f. figura
 fila, f. renh, reng, arrengada,
 hilada, arringlerada
 fileira f. hilèra
 filho, m. hilh
 filhote de ganso m. aucat
 filmar v. filmar
 fim m. fin

final adj. e m. finau
 fino adj. fin
 fio, m. hiu
 física f. física
 físico adj. físic, -a
 flamejar, v. ahlemejar
 flauta f. flaüta
 flexa, f. flêcha, hisson
 flor, f. flor
 florescer, v. florir, es.hlorir,
 florejar
 flutuar, v. flotar, flotejar
 fogo, m. huec
 foguete m. coet
 folha, f. fuelha, huelha
 folheto, m. libret, libet,
 panòstic, brocadura
 fome, f. hame, hami
 fonte f. sorça
 fora, adv. dehòra
 forasteiro adj. e m. forastèr
 força f. fôrça
 forma, f. horn
 formação f. formacion
 formar v. formar

formiga f. hormiga
 formigueiro m. hormiguèr
 formoso, adj. beròi, beth
 forno, m. horn
 fortalecer, v. afortir, ahortir
 fortalecer, v. afortir/ahortir
 forte adj. fòrt
 fórum m. jutjat
 fósforo, m. aluquet, luquet
 fósforo, m. aluquet/luquet
 fossa, f. hòssa
 fotografia f. fotografia
 fraco, adj. fèble, flac
 frágil, adj. fragil
 framboesa, f. fragosta, jordon,
 aligardon
 francês adj. e m. francés
 franco adj. franc
 frango, m. polhastre, poret
 franquear, v. afranquir
 fraqueza f. feblesa
 fraternal, adj. fraternau,
 frairau, frairenau
 fraternizar, v. afrairar, afrairir
 fraudar, v. fraudar

frei m. frare
 freio, m. fren
 fresco adj. fresc
 frigideira, f. padena, padera
 frio, adj. e m. hred, hered,
 heired
 fritar, v. fregir, freginar, friser
 fronteira, f. frontèra
 fruta, f. fruta, hruta, heruta
 fugir, v. húger, huéger
 fumar, v. humar, pipar
 fumo, m. hum
 função f. foncion
 funcionário da alfândega m.
 doanèr
 fundação f. fundacion
 fundar v. fondar
 fundo, adj. hons, prohond
 funicular m. funicular
 furtar, v. raubar, raflar
 furúnculo m. shigardon
 fusão f. fusion
 fuselagem f. fuselatge
 futebol, m. fotbòl
 futuro, m. e adj. futur

G

g. m. g
 gado, m. bestiau, bestiar,
 mairam
 galinha cega f. garia-bòrnia
 (jogo de crianças)
 galinha, f. garia, pora
 galinheiro, m. poralhèra, porèr,
 garièra
 galo, m. gal, hasan, poth
 galopar v. galopar
 gamo, m. dam
 gancho m. gancho
 gangrenar v. encangrenar
 ganhar, v. guanhar, ganhar
 ganso, m. auca
 garagem m. garatge
 garantia, f. garantida, gatge
 garfo, m. forqueta, forquilha,
 cotèth, guinhauet
 gargalhada, f. esclaquerat,
 arridalha
 garganta, f. gòrja
 garrafa f. botelha
 gás m. gas
 gascão adj. e m. gascon
 gasolina f. gasolina
 gastar, v. gastar, despéner
 gato, m. gat
 ge m. ge
 geladeira, f. nevèra

gelar, v. gelar, gibrar, gelibrar,
 engerbir
 gelo, m. gèu
 gêmeo, adj. e m. besson
 genciana f. jansana
 generalidade f. generalitat
 generalizar, v. generalizar
 gengiva, f. anheua, anheva,
 anhiua, anhiva
 gengiva, f. anheua/anheva/
 anhiua/ anhiva
 genro, m. gendre
 gente f. gent
 geral, adj. generau
 germe, m. gèrme
 germinar, v. germiar,
 germenar, germenar
 gesso, m. ges
 gigante, m. alèm/achèro/
 gigant
 girar, v. virar, tornejar
 giro, m. viratge, torn, virada,
 viro, tornatge
 globo m. glòbe
 glóbulo, m. globilhon
 gol m. gòl
 golpe m. còp
 gordo, adj. gras, gròs
 gordura, f. grèish
 gorro f. gòrra

gota, f. gota
 gotera, f. goterèr
 governo da Catalunha f.
 Generalitat
 graça f. gràcia
 gracioso, adj. graciós
 grama, f. potja, potjat
 grande, adj. gran
 grandeza, f. grandor, granor,
 granesa, granetat
 granito, m. pèira de barrina,
 pèira frejau
 granizo, m. pèira, granissa
 grão, m. gran
 grátis, adv. gratis
 grau, m. grad
 gravata, f. corbata, corvata
 grave adj. grèu
 grego adj. e m. grèc
 grelha, f. gresilha
 gritar, v. cridar
 grito m. crit
 groselha, f. arradim de
 colindra, pinson
 grosseiro, adj. grossièr, bast
 grossura, f. grossor, grossària
 grua f. grua
 grunhir v. gronhar (os porcos)
 grupo m. corròp
 gruta, f. tuta, bauma

guarda-chuva m. paraigües
 guardanapo m. tovalhon
 guerra, f. guèrra
 guiar, indicar o caminho v.
 guidar

guitarra f. guitarra
 gula, f. goludessa, gorjaria,
 goludaria, goluditge,
 golardia, goludessa

guloso, adj. golut, golard, lec,
 gorjut

H

h, f. h
 hábil, adj. abil, benadret, adret,
 adreit
 habilidade, f. abiletat, abilesa
 habitante, m. abitant, poblant,
 estatjant
 harmonia, f. armonia
 haver, v. aver, auer
 hectare m. ectara
 helicóptero, m. elicoptèr

hemorragia, f. emorràgia
 herança f. eretatge
 herdeiro, m. ereu, eretèr
 história f. istòria
 histórico adj. istoric
 hoje, adv. aué, ué, uei
 homem, m. òme, òmi
 honesto, adj. aunèst, aunèste
 honra, f. aunor
 hora f. ora

horizonte, m. orizon, pè deth
 cèu
 horto, m. uart
 hospital, m. espitau
 hotel m. hotèl
 humano adj. uman
 humor f. encolia

I

i, m. i
 idade, f. edat, atge
 ideal, adj. e m. ideau
 ideia, f. idèa, idèia
 identidade f. identitat
 idiota, adj. e m. pèc
 ignorante, adj. ignorant
 igreja, f. glèisa
 igual, adj. egal, igual, parièr,
 parion
 ilegal, adj. illegau
 ilha, f. isòla, isla, illa, ièrla,
 iscla
 iluminação, f. illuminacion,
 enluminada
 iluminar, v. illuminar,
 enluminar, aluminar,
 alumenar, enlumenar
 ilusão, f. illusion
 imagem f. imatge
 imaginar v. imaginar
 impacientar, despacientar
 impedir v. empedir
 imperador, m. emperaire
 imperfeito, adj. imperfècte,
 imperfèit
 império, m. empèri
 impertinente, adj. impertinent,
 agaçant, ardimand, shordant
 ímpeto, m. lanç
 importância f. importància

importante adj. important
 importunar, amolar, v. amolar
 impossível adj. impossible
 imprensa f. premsa
 imprimir, v. imprimir,
 estampar
 incapaz, adj. incapable
 incendiar, v. encendiar,
 ahlamar, lhmar, cremar
 incêndio, m. encèndi,
 ahlamatge, lhamatge
 incensar v. encensar
 incenso m. encens
 incitar, v. estigar, ahiscar,
 en.hiscar
 incrível, adj. incredible,
 incrediu
 incubar, v. coar
 incumbir, v. tânher, pertocar
 indenizar, v. indemnizar
 independência f.
 independência
 independente adj. independent
 indicar v. indicar
 índice, m. indici, endica, indèx
 indústria f. indústria
 industrial adj. industriau
 inepto, adj. inèpte, bastrús,
 ussa, pòcvau
 infante m. infant
 infantil, adj. enfantiu

inferno, m. lunfèrn, in.hern
 infiel, adj. infidèu
 inflar, v. holar
 influência f. influéncia
 inglês adj. e m. anglés
 iniciar, v. iniciar
 inimigo adj. e m. enemic
 injeção f. injeccion
 injúria, f. injúria
 inquietar, v. carcanhar
 inquieto, m. logatari
 insaciável, adj. insadorable
 inscrever, v. inscriúer,
 inscriúer
 inseto, m. insecte
 insipidez, f. alapor, dessabor
 insistir, v. insistir
 instalar v. installar, plaçar
 instigar, v. possar
 instituição f. institucion
 instituto m. institut
 instrumento, m. esturment,
 estrument
 insurreição, f. solevament
 intato, adj. intacte
 integrar v. integrar
 inteiro, adj. sancer
 inteligente adj. intelligent
 intentar, v. temptar
 Intercambiar, v. escambiar
 intercâmbio, m. escambi

interessante adj. interessant
 interessar v. interessar
 interesse m. interès
 interior, adj. e m. interior
 internacional, adj.
 internacionau
 internet m. internet
 interromper, v. interròmper
 intervalo, m. intervau
 intestino, m. intestin 2.
 intestino delgado, m. budèth

prim 3. intestino grosso, m.
 budèth gròs
 intimidar, v. miaçar, espaurir
 introduzir, v. introdusir
 inundar, v. inondar
 inútil adj. inutil
 inválido, adj. invalid
 invasão f. invasion
 inveja, f. enveja
 inventar, v. inventar, atrobar
 invento m. invent
 inverno, m. iuèrn, uvern

inverso m. revèrs, envèrs
 ir, v. anar
 ira f. ira
 irascível, adj. airós, irós
 irmão, m. frair, hrair, sòrre,
 germã, tai, (fam.)
 irreal, adj. irreau
 isolar, v. isolar
 isqueiro, m. alugader, briquet
 isso, pron. aquerò, aquò
 isto, pron. açò
 italiano adj. e m. italian

J

j, m. j
 já, adv. ja, dejà
 jactar-se, v. vantat-se
 jamais, adv. jamai, jamèi,
 jamès
 janeiro, m. gèr
 janela, f. hièstra
 jantar, m. sopar
 japonês adj. e m. japonés
 jardim m. jardin
 jarro, m. gèrra, gèrta
 jaula, f. gàbia, caujola
 javali, m. sanglièr, sanglar,
 porc-singlar

jazer, v. jàder
 jejum, m. dejun
 joalheiro m. joielèr
 joelho, m. jolh
 jogador de futebol m.
 fotbolista
 jogador m. jogador
 jogar v. jogar
 jogo, m. jòc, jòga
 joguete m. joguet
 joia, jòia, joièu, belòria
 jota m. gi
 jovem, adj. joen
 judeu, adj. e m. judiu

juiz m. jutge
 juízo m. judici
 julgar, v. jutjar
 julho, m. juriòl, julh, joule,
 junshega
 jungir, v. uncir
 junho, m. junh
 juntamente, junto, adv. amassa
 juntar, v. juntar, amassar
 justapor, v. juxtapausar
 justo adj. just
 juventude, f. joventut,
 joenessa, joenèr, joentura,
 joventura, joinessa, jovença

L

l, m. l
 lá, adv. delà, aqui, aqui delà
 lâ, f. lan
 lábio, m. pòt
 lacrimoso, adj. lermós,
 lagremós, plorós
 ladrão, m. lairon, raubaire
 ladrar, v. lairar, ganhaular,
 ganholar
 ladrilho, m. tòcho, malon
 lagartixa, f. shishangla,
 cernalha
 lago, m. lac
 lagosta m. sautarèth
 lágrima, f. lèrme, lèrma,
 lagrema
 lamber, v. lecar, leiquejar,
 lenguatejar
 lâmpada, f. lampada, lampa
 lança f. lança

lançar, v. lançar
 lancar v. vrespalhar
 lanche m. vrespalh
 lânguido, adj. languit,
 langorós, alangorit
 lápis, m. gredon, crion
 laranja, f. iranja
 laranjada, f. iranjada
 laranjeira, f. irangèr
 lareira, f. larèr
 largo, adj. larg, ample
 laringe, f. larix, gargamera,
 gargalhon
 lascivo, adj. lasciu
 lata, f. salèr, açou
 látigo, m. foet, hoet, soriac
 latido m. ganhòl
 latim m. latin
 latino adj. e m. latin
 latitude f. latitud

laurel, m. laurèr
 lavabo, m. lavabo
 lavanderia, f. lauadaria, lauaria
 lavar, v. lavar, lauar
 lavrador m. lauraire
 leal, adj. leiau
 lebre, f. lèbre, lèbe
 legar, v. legar
 lei f. lei
 leite, m. lèit
 leiteo (cama), m. lhet, lièit
 leitoso, adj. leitós, leitenc
 lembrar-se, v. bremsar-se,
 rebrembar-se, embrembar-
 se, arremoriar
 lenço, m. mocador, mocader
 lençol, m. linçò (u)
 lenda, f. legenda
 lenha, f. lenha

lenhador m. lenhaire, picaire,
boscater
lentidão, f. lentor
lento adj. lent
leque, m. ventalh
ler, v. léger, liéger
leste, m. èst, autan
letra f. letra
levantar, v. lheur, levar, auçar
levar, v. portar
leve, adj. leuger
lhe, pron. li, au
liberdade, f. libertat
lição, f. leçon, leçon
ligeiro, adj. leugèr
limão, m. limon, citron
limitar v. limitar
limite, m. limit
limosino adj. lemosin
limpar, v. limpiar

limpo adj. net
lince, m. gatilop
língua d'oc f. Lenguadòc
língua, f. lengua, lenga
linguística f. lingüística
linguístico adj. lingüistic
linha, f. linha
líquido m. liquid
lista f. lista
literatura f. literatura
litro m. litre
livre, adj. liure
livro, m. libre, libe
lixeiro, m. bordilhaire/
escampaire
lixo, m. bordilha/ sastre/
lordèra
lobo, m. lop
local adj. e m. locau
localização f. localizacion

loiro, adj. ròi
loja, f. botiga, tenda
lombriga, f. vèrme
longe, adv. luenh
longitude f. longitud
longo, adj. long
longura, f. luenhença, luenhor,
aluenhament
louco, adj. hòl, hòu, lhòco
loucura, f. lhocaria, holia
louvar, v. laudar, alabar
louvor, m. laudança,
laudament
lugar m. lòc
lutar, v. lutar
luva f. guant
luz, f. lum, lutz

M

m, m. m
maçã, f. poma
macho m. mascle
madeira, f. husta
madeixa, f. madèisha,
madaisha
madrasta, f. mairastra
madrinha, f. mairia
madrugar, v. maitiar
mãe, f. mair, mare
maestro, m. regent
magro, adj. magre, prim
maio, m. mai
maioridade f. majoritat
mais, adv. mès, mei, mai, pus
mal, m. mau
maldito, adj. maudit
maleta, f. maleta, valisa
malfeitor, adj. e m. maufactor
malhar v. malhar
malho m. malh
mamãe, f. mama
manancial, m. hònt, hont
mancha, f. taca
manchar v. manchar
mandato, m. mandat
maneira, f. manèra
manejar, v. manejar
manejável, adj. manejadís
manga, f. manja
manhã, f. maitin
manifestar, v. manifestar
manobra f. manòbre
manso, adj. doç, massanguit
manteiga, f. boder

manter, v. manter
mão, f. man
mapa f. mapa
máquina, f. maquina, maishina
mar, m. mar
maravilha, f. meraviglia
marcar, v. mercar
marcha f. marcha
marchar v. marchar
março, m. març
margem f. riba, bord, broa,
cant, arriba
marinheiro m. marinèr
marinho adj. marin
mariposa, f. parpalhòla,
parpalhòu, parpalhon
marítimo adj. maritim
mármore, m. marme
marrom, adj. ròi, marron
martelo, m. martèth
martim pescador, m. bernat-
pescaire/ ausèth blu
máscara, f. masca
masculino adj. masculin
mastigar tabaco v. chicar
matar, v. aucir
matéria f. matèria
material, adj. e m. materiau
matilha, f. canhada, canherada
mau, adj. dolent
máximo adj. maxim
me, pron. me, m', em, 'm
mecânico adj. mecanic
medalha, f. midalha
medicina f. medecina

médico m. mètge
meditabundo, adj. corsilhós,
cogitós
medo, m. páur, pòur
medroso adj. paurauc
meia (vestuário), f. cauceta,
michon
meia-noite, f. miejanet,
miejanueit
meio, adj. miei, mieg
meio, m. miei, mejan
meio-dia, m. mieidia, meddia
mel, m. mèu
melancia f. melon d'aigua
melancolia, f. malenconia,
languina, languisson
melão, m. melon
melhor, adj. e m. e adv.
melhor, mielhor, mès bon,
miélher
membro m. membre
memória f. memòria
mendigo, m. aumoinaire,
mendicant, amoinaire
menina, f. mainada, dròlla
meninice, f. mainadesa
menino, m. mainatge, dròlle,
gojat
menos, adv. mens, pas tant
mentira, f. mentida, mentit,
messorga
mercado m. mercat
merda f. mèrda
merecer v. meritar
mês m. mes

mesa, f. taula
 mesmo, adj. madeish
 mestiço, adj. e m. miejon,
 besson
 metade f. mitat
 metal, m. metau
 metro, m. mètre
 metrô, m. mètro
 meu, pron. mèn
 miar v. miular
 migalha, f. brigalh/ bricalh
 milhão num. milion
 milho, m. milhòc
 militar adj. e m. militar
 mina f. mina
 mineral, adj. e m. minerau
 mínimo adj. minim
 ministro m. ministre
 minuto f. menuta
 miolo, m. cervèth
 miope, adj. e m. miòpe,
 vistacuert, vistaflac
 missal, m. missau
 missão f. mission
 mochila, f. morralet, museta,
 blaça
 moço, m. gojat
 moda f. mòda
 moderno adj. modèrn
 moeda f. moneda

moer, v. mòler
 mofo, m. holoridor, hloridor
 moinho, m. molin, mòla
 molde, m. motle
 molhar, v. banhar
 momento, m. moment
 monge, m. monge
 mongólico adj. mongolic
 monstro m. monstre
 montanha, f. montanha
 monumento m. monument
 morango, m. fraga, hraga,
 ahraga
 morcego, m. arrata-cauda,
 tinosèla, tinhosèla
 morder, v. mossegar, dentejar,
 acaishalar, nhacar
 moreno, adj. moret, brun,
 moreno
 morrer, v. morir
 morte f. mort
 morto adj. mòrt
 mosca f. mosca
 mosquito, m. mosquit,
 mosquilh
 mostrar, v. ensenhar
 motim, m. susmauta,
 insurrecion
 motivo m. motiu
 moto f. mòto

motor m. motor
 móvel, m. moble
 mover, v. mòir, berugar,
 veludar, bolegar, botjar
 movimento m. moviment
 muçulmano adj. e m.
 musulman
 mudo adj. mut
 muito, adj. plan (de), força
 (de), molt
 muito, adv. e adj. plan, fôrça,
 hèra, hòrt, molt, benben
 muleta, f. cajada, cana
 mulher, f. hemna
 multa, f. multa, emenda
 multidão, f. batúria
 multiplicar v. multiplicar
 mundo, m. mon, mond
 municipal adj. municipau
 municipalidade f.
 municipalitat
 município m. municipi
 murchar, v. shamostar,
 shamarir
 muro, m. mur, paredau
 museu m. musèu
 musgo, m. mossa
 músico m. music

N

n, m. n
 nabo, m. nap
 nação f. nacion
 nacional, adj. nacionau
 nacionalizar, v. nacionalizar
 nada, adv. bric, pas, cap bric
 nada, adv. e pron. nonarren,
 nonèster, arren (quantidade
 ou intensidade mínima)
 nadar v. nadar
 não, adv. non
 narciso, m. menina, belina,
 launeta
 narigudo adj. nasut, nasardat
 nariz, m. nas
 narrar v. condar, racondar
 nascer, v. nèisher
 nascimento, m. neishment,
 neishença
 nata, f. pinta
 Natal, m. Nadau
 natural adj. naturau
 natureza, f. natura
 naufragar, v. naufragar

náusea, f. nausèa
 nave, f. nau
 navegar, v. navegar
 neblina, f. bromadís,
 bromassa, bromèra, broma
 necessário, adj. besonhós,
 necerós, necessari
 necessidade, f. besonh, hrèita
 necessitar, v. aver besonh, aver
 de besonh
 negar, v. remir
 negativa, f. arrefús
 negócio m. negòci
 negro, adj. e m. nere, nerós
 negrura, f. neror
 nem, conj. ne
 nenhum, adj. cap de
 nervo, m. nèrvi
 nervoso adj. nerviós
 néscio, adj. pèc
 neste lugar adv. enlà
 neto, m. arrèrhilh
 nevar, v. nheuar, nheuejar
 neve, f. nèu, nhèu

névoa, f. bromèra, bromatge,
 broma baisha
 nexo, m. nèxe
 ninguém pron. arrés, degun
 ninho, m. nin
 nível, m. nivèu
 nó, m. nuol
 Nobel m. Nobel
 nocivo, adj. nocible
 nogueira, f. noguèr
 noite, f. net, nueit 2. noite de
 Natal, net de Nadau
 noivo adj. e m. nòvi
 nome, m. nòm, nom
 nomeação, f. nomentament
 nono, num. nauau
 nora, f. ireua
 normal adj. normau
 norte m. nòrd
 nós, pron. nosati
 nosso, pron. nòste
 nostalgia, f. languiment,
 languisson, languina
 notícia, f. notícia

nove, num. nau
 novecentos, num. nau cents,
 nau centes
 novembro, m. noveme
 noventa, num. novanta,
 nauanta
 novo, adj. nau
 noz, f. nôde, escara

numerar, v. numerotar
 número, m. numèro, nombre
 numeroso adj. nombrós
 nunca, adv. jamai, jamès,
 jamei 2. nunca mais, bric
 mès
 nupcial, adj. noviau
 núpcias f. pl. maridatge

nutrir, v. naurir, neurir
 nutritivo, adj. nauridós,
 neuridós
 nutriz, f. neuricha
 nuvem, f. broma, bromalh

O

o, art. çò, çò de
 o, art. eth, er (antes de vogal)
 o, m. o
 o, pron. lo, le, l'
 o, pron. neu. ac/ec/'c/at/'t
 obcecar, v. emborniar,
 encaborniar
 obedecer, v. aubedir
 objetivo adj. objectiu
 objeto, m. objècte
 obra f. òbra
 obrigação f. obligacion
 obrigado, m. gràcies,
 granmercé, merci
 obrigar v. obligar
 obséquio, m. obsèqui
 observar, v. campar, espiar,
 auer present
 obstinado, adj. testut
 obter, v. obtier
 ocasião, f. ocasion
 acaso, m. còga
 occitano, m. e adj. occitan
 ocidental adj. occidentau
 ócio, m. oci, léser, arren-hèr
 oco, adj. bufèc/ vuet/ tohut
 ocorrer, v. arribar, succedir
 óculos, m. pl. gafes, lunetes,
 mericles
 ocupar, v. ocupar
 oeste, m. oèst
 ofender, v. ofensar
 oferecer, v. aufrir
 oficial, adj. oficiau
 ofício, m. mestièr 2. ofici
 ofuscar, v. enludernar,
 enlugarnar
 oitavo, num. ueitau
 oitenta, num. ueitanta
 oito, num. ueit
 oitocentos, num. ueit cents
 olá interj. òla
 olhada, f. uelhada, agachada
 olhar, v. guardar, espiar,
 aueitar, aguachar
 olho, m. uelh

oliveira, m. olivèr
 ombro, m. espatla
 omissão, f. omission
 onda, f. onada
 onde, adv. a on, on, onde
 ônibus m. autocar, autobús
 ontem, adv. ager, ger
 onze num. onze
 operação f. operacion
 operário, m. obrèr
 opinião, f. opinion
 opor v. opausar
 oportuno, adj. oportun
 oposição f. oposicion
 oposto, adj. opausat
 oral, adj. orau
 ordenar, v. lheuar
 orelha, f. aurelha
 organização f. organizacion
 organizar v. organizar
 orgulho, m. orgulh
 oriental adj. e m. orientau
 origem f. origina
 orla, f. vòra, aurèra
 orvalho, m. arròs, arrosada
 ou, conj. o
 ouro, m. òr, aur
 outono, m. tardor, abòr
 outro, adj. pron. e m. (un) aute
 outubro, m. octubre
 ouvido, m. audida
 ouvir, v. audir, sénter
 ovelha de 1 ano f. primala
 ovelha jovem f. anhèth, -èra
 ovelha ou vaca que não cria
 adj. bacieu
 ovelha, f. oelha, aulha
 ovo, m. ueu
 oxigênio, m. oxigèn
 ozônio, m. ozòn

P

p, m. p
 paciente adj. e s. 2 gen. pacient
 padeiro m. panadèr
 padrasto, m. pairastre

padrinho, m. pairin
 paelha f. paelha
 pagamento do dia m. jornau
 pagamento f. paga
 pagar v. pagar
 pagem m. page
 página, f. pagina, plana
 pai, pair, pare
 palácio m. palai
 paladar, m. paladar
 palavra f. paraula
 palavras sem valor f. pl.
 generalitats
 palha, f. palha
 palhaço, m. pantre
 pálido, adj. palle
 palma f. palma
 pálpebra, f. paupeta, perpera,
 paupadera
 pane, f. pana
 pantorrilha, f. borrihlon/ bot
 dera cama/ pompilh
 pão, m. pan
 papagaio m. parroquet
 papai, m. papa
 papel, m. papèr
 papoula, f. passauèc, pansauèc,
 passauèt, pansavèc, balòl,
 paparòc
 par, m. parelh, par
 para, f. arradimèra
 para, prep. tà, entà
 parada f. parada
 parafusar, v. avitzar
 parafusar, v. avitzar
 paraquedas m. paraqueigudes
 parecer v. semblar
 parede, f. paret
 parente m. parent
 parir, v. amainadar
 parlamento m. parlament
 parque m. parc
 parra, f. arradimèra
 parreira, f. arradimèra
 parte, f. part
 parteira f. partèra
 participar v. participar

- particular adj. particular
partida f. partida
partido m. partit
partir v. partir
páscoa, f. pasca
passadiço, m. correder
passado adj. passat
passado m. passat
passagem m. passatge
passaporte m. passapòrt
passar o fio pelo orifício da agulha v. engulhar
pássaro, m. audèth, ausèth
passear, v. passejar
passeio m. passeg
passo, m. pas
pasta f. pasta
pastar, v. pèisher
pastilha de chocolate, f. bilha (de chicolate)
pastor de ovelhas m. crabèr, oelhèr
pastor, m. pastor, vederèr
pata, f. pauta
patinete m. patinet
pato, m. lit, lic, guit
patrimônio, m. patrimòni, auviatge
pau, m. pau
pavão, m. polòi, perròt, piòc
paz, f. patz
pé, m. pè
peça, f. pèça
pedir, v. demanar, preloDIR
pedra, f. pèira
pedreira f. peirèra
pedreiro, m. paredèr
pegar, v. floCar
peito, m. piech, pitrau
peixe, m. peish
pele, f. pèlh
película f. pellicula
pelota f. pilòta
pena, f. pena
pêndulo de relógio m. balancièr
penetrar, v. penetrar
pensamento m. pensament
pensar, v. pensar, cogitar
pente, m. piente
pentear, v. pientar
penúltimo, adj. avantdarrèr
pepino, m. cornishon
pequeno, adj. petit, pequerin
perceber v. apercéber
perda f. pèrta
perdão, m. perdon
perder, v. pèrder
perdiz, f. perditz, perdic
perdoar v. perdonar
perecer, v. perir
pereira f. perèr
perfilar, v. perfilar
perfume, m. perhum
perguntar f. pergunta
perigo, m. perilh
perigoso adj. perilhós
perímetro, m. perimètre
permitir v. perméter
permuta, f. escambi
pernada, f. camardada
pernil, m. pernil
perseguir, v. perseguir, acaçar, acorsar, acotir
personagem m. personatge
pertencer, v. apertier, apertànher, apertier, atànher, tânher
perto, adv. apròp, près, prèp
peruca, f. perruca
pesadelo, m. mausòn, cachavièlha
pesar, v. pesar
pescador m. pescaire
pescar v. pescar
pescoço, m. còth
peseta f. pesseta
peso, m. pes
pêssego, m. persec
pessoa que fabrica ou vende lâmpadas, que faz trabalho de instalação de luz m. plombaire
pessoa, f. persona
pessoal, adj. personau
petróleo m. petròli
pico, m. tuc
pijama m. pijama
pimenta, f. viroleta, revirolet, pebe
pincel, m. pincèu
pintar v. pintar
pintor m. pintor
pintura f. pintura
pior adj. petjor, pejor
piorar, v. empeorar
pipi m. pipi
pirata m. pirata
piscina f. piscina
planeta f. planeta
plano, adj. planèr
planta f. planta
plantação de peras f. calhauèra
pleno adj. plen
pluma, f. pluma
plural, m. e adj. plurau
pneu m. pneumatic
poço, m. potz, putz
poder, v. poder, pósquer
pódio m. pòdiom
poesia, f. poesia
poeta m. poèta
poetisa, f. poetèssa
pois, conj. donc, donques
polegar, m. podo, dit pòc
polícia f. policia
polido adj. polit
política f. politica
político adj. politic
pólvora, f. povora
pomada f. pomada
pomba, f. paloma
pombo m. colom
ponte, f. pònt, pont
ponteagudo adj. ponchut
ponto, m. punt
popular adj. popular
por, prep. per
pôr, v. méter, pausar, hicar, botar
porco, m. porcèth, porc
porém, conj. mès, mas
porque, conj. pr' amor que, per' mor que, perquè, plan que
porta, f. pòrta
porteiro adj. portèr
porto m. pòrt
porvir, m. pervier, avier, avièner
posición f. posicion
posse f. possession
possível adj. possible
possuir, v. possedir
pouco, adv. pòc, pauc, non... pas, cap, guaire
povoado, m. pòble, vilatge
prado, m. prat
praia, f. praja
prata f. argent
prático adj. practic
prato, m. plat, sètia, sièta
prazer m. plaser
preço, m. prètz
predizer, v. prediser, predíder
prefeito, m. alcalde, baile
prefeitura m. ajuntament (administração local)
prefixo, m. prefixe
preguiça, f. pigresa, guitèra
preguiçoso adj. gandol, feniant, guit
prejudicial, adj. damnatjós
prejuízo, m. damnatge, prejudici
premio, m. premi
prender v. arturar
preparado, adj. amanit, premanit
preparar, v. premanir, aprestar, alestir, amanir
presença, f. preséncia
presente m. present
presépio, m. gripiou, gripia
presidente m. president
pressa, f. prèssa
pressão, f. pression
presumido adj. presumit
pretexto, m. pretèxt(e)

prever, v. previer
 primavera, f. primauera
 primeiro adj., m. e num.
 prumèr
 primo, m. cosin
 princesa, f. princessa
 principado m. principau
 príncipe m. prince
 princípio m. principi
 prisão, f. preson
 prisioneiro m. pres
 problema m. problèma 2.
 endravament
 processo m. procès
 produção m. produccion

produzir v. produsir
 professor m. professor
 profissão, f. profession,
 mestièr
 profundo, adj. prohond
 projeto, m. projecte
 prólogo, m. prològ
 prometer v. prométer
 promover, v. premòir
 pronto adj. prèst
 propor v. proporar
 propriedade f. propietat
 proprietária de um negócio f.
 mestressa
 proteger, v. protegir

provar, v. esprovar
 provençal adj. e m. provençau
 província f. província
 provocar v. provocar
 próximo, adj. pròplèu
 publicar v. publicar
 público adj. public
 público m. public
 pulga, f. piuda, pude
 pulmão, m. paumon
 punho, m. punh
 pupila f. nina
 purgatório m. espurgatòri
 puro, adj. blos, pur
 puta, f. puta

Q

q, m. q
 quadrado m. quadrat
 qual, pron. quau, qui, que
 qualidade, f. qualitat
 qualificação, f. qualificacion
 qualquer, adj. quausevolh,
 quinsevolh
 quando, adv. quan
 quantidade, f. quantitat
 quanto, adv. quaire
 quarenta num. quaranta
 quaresma f. quareme
 quarta-feira, m. dimèrcles,
 dimèrcs

quarto (de dormir), f. abitacion
 / cramba
 quarto (de dormir), m.
 abitacion, cramba
 quarto, adj. e m. quatau
 quase, adv. quasi, lèu
 quatro, num. quate
 que, conj. que, donc, donques
 quebrar, v. trincar, brisar
 queda, f. queiguda, caduta
 queijo, m. hormatge, hromatge
 queimar, v. cremar
 queixa, f. queish, planh
 queixar v. queishar

quem pron. qui
 quente, adj. caud
 querer, v. voler
 questão f. qüestion
 quieto adj. quiet
 química, f. quimica
 químico adj. quimic
 quinta-feira, m. dijaus
 quinto, num. cincau
 quiosque m. quiòsc

R

r, m. r
 rã, f. gargolha, graulha,
 granolha
 rabanete, m. arravet, raffle
 rabo, m. coda, coa
 rádio f. ràdio
 rainha f. reina
 raio, m. tonèrre, tron, arrai
 raiva, f. ràbia, rauja
 raivoso adj. rabiós
 raiz, f. arraic, arraítz
 rajada, f. ventada, ventòria,
 bohada
 ramo, m. arrama, branc,
 branca
 rápido adj. rapid

rascunho, m. brolhon, prumera
 man
 rastrear, v. trilhar, mautar
 rato, m. arrat
 razão, f. rason, arrason
 real, adj. e m. reiau
 realçar, v. reauçar
 rebaixar, v. rebaishar
 rebanho pequeno, m. balòt/
 escabòt
 rebanho, m. tropèth, vegada,
 arramada
 rebelião, f. rebellion
 rebentar, v. esvrentar
 receber, v. recéber
 recebimento/ acolhimento, m.
 acuelhement

recente, adj. recent
 recipiente para colocar cartas
 f. caisheta des cartes
 recobrir, v. recurrbir
 recolher, v. apletar
 recolher, v. recuélher, apletar
 reconhecer, v. reconéisher,
 arreconéisher
 recordar, v. rebrembar, (ar)
 memoriar
 recusar v. refusar
 redação, f. redaccion
 rede, f. hilat, hialat
 redigir, v. redigir
 redondo, adj. redon, ardon
 refletir, v. reflectir, miralhar
 refluxo, m. reflux

refrão, m. arrepervèri,
arrepoèr
refúgio, m. refugi
regar, v. arrosar, rosar,
adaiguar, aiguar
região, f. region
regime m. règim
regional adj. regionau
registro m. registre
rego, m. adaiguament,
adaiguatge, adaiguada,
adaiguadís
regressar, v. retornar
regular adj. regular
rei m. rei
reinado, m. reinatge
reino, m. reiaume
relação f. relacion
relâmpago, m. relampit,
lampit, eslabrec, beleg
relativo adj. relatiu
relevo, m. relèu
religião f. religion
religioso adj. e m. religiós
relógio, m. relòtge, arlòtge
remendar, v. pedaçar,
pedacejar, petaçar
remeter, v. reméter
reparar v. separar
repartir v. despartir
repente (de), loc. adv. còp sec

repetir, v. repetir
repouso, m. repaus
representação f. representacion
representar v. representar
república, f. republica
repulsa, f. repotèc, repotejada
residir/ habitar v. abitar /
demorar
resina, f. ampora/aviesse,
aviege
respeito m. respècte
respiração, f. alendada,
alendament
respirar, v. respirar, alendar,
alengar
responder, v. respóner,
arrespóner
resposta f. contèsta, responsa
ressarcir, v. resquitar
restaurar v. restaurar
resto m. rèsta
resultado m. resultat
resumo, m. resumit
reter, v. arretier, arreténguer
retirar v. retirar
retrocesso, m. arrèrpè,
reculament, arreculada, (ar)
reculatge
reumático adj. romatic
reumatismo m. romatisme

reunir, v. reünir, amassar,
acampar
revista f. revista
reviver, v. revier
revolução, f. revolucion
rico adj. ric
rifa, f. tòia
rim, m. arnelh
rio, m. arriu, flume, rieu, riu
rir, v. arrir, arríder
riso, m. arridera, arrir
roceiro m. pagés
rochedo, m. arròc
rocio, m. aigualada, arròs,
arrosada, aiguanha
roda, f. arròda
roer, v. rosigar
romano adj. e m. roman
romaria, f. romieuatge
romper, v. trincar
rótula, f. vertelha
roubar, v. raubar
roubo, m. raubatòri
roupa, f. ròba, rauba
rua, f. carrèr, carrèra, carrièra,
arua
ruga, f. arrupa, rupa, arua
ruído, m. sorroilh, bronit,
brunch
rural, adj. rurau
russo adj. e m. rus

S

s, m. s
sábado, m. dissabte
sabão, m. sabon
sabedoria, f. sabença,
sapiença, sapiência, sapientat
saber, v. saber, saupre
sábio, adj. e m. sabent, sapient,
saberut
sabor, m. sabor
saca-rolha, m. tiratap
saciar, v. hartar, assadorar,
sadorar, sadiar, arregolar
saco m. sac
sacudida, f. bassac
sacudir, v. bandejar
saída, f. gessuda
sair, v. gèsser
sal, m. sau
sala de jantar, f. minjador
salamandra, f. alabrena/
salimana
salamandra, f. salimana,
alabrena
salgado adj. salat

salgar v. salar
saliva f. saliuva
salsa m. gimbert
saltar v. sautar
salto, m. saut
salvar, v. salvar
sandália f. sandália
sanduíche, m. entrepan
sangue, m. sang
sanguessuga, f. sangsuga
santo adj. e m. sant
sapateiro m. sabatèr
sapatilha, f. simbosses
sapato, m. sabata
sapo, m. sapo
sarça, f. arrominguèra
sardinha f. sardina
satélite m. satellit
saudar v. saludar
se, conj. se, s'
se, pron. se, s'
seca, f. sequèra, sequèr
secar, v. secar
século, m. sègle

seda f. seda
sede f. set, sedença
sedimento, m. sediment
seguinte adj. següent
seguir v. seguir
segunda-feira, m. deluns
segundo, prep. e num. segon,
segontes
seguro adj. e m. segur
seis, num. sies, sièis
selo, m. sagèth
selvagem, adj. e m. sauvatge,
aurèste
sem, prep. sense, sens
semáforo m. semafor
semana, f. setmana
semblante m. semblant
semear v. semiar
semelhante, adj. semblable,
parièr
semente, f. seme, semença,
semençalha, semialha
sempre, adv. totemp, totemp
senão, conj. senon

senhor, m. sénher
 senhorita, f. madamisèla,
 damaisèla, senhoreta
 sentar-se, v. assetiar-se, sèir-se
 sentido m. sens
 sentimento m. sentiment
 sentir v. sénter
 ser, v. èster
 sereno adj. seren
 seringa, f. seringa
 sério adj. seriós
 servir a mesa, v. mestar era
 taula
 servir, v. servir
 sesta f. meddiada
 sete, num. sèt
 setembro, m. seteme
 setenta num. setanta
 sétimo, num. setau
 setor m. sector
 seu, adj. e pron. son, vòste
 sexo, m. sèxe
 sexta-feira, f. diuendres, divés
 significar v. significar
 silêncio m. silenci
 simpático adj. simpatic
 simples adj. simple
 sinal m. senhau
 singular adj. e m. singular
 sino f. campana
 sistema m. sistèma

site m. site (de internet)
 situação f. situacion
 situar v. situar
 sobancelha, f. celha, cilha
 sobrenome, m. cognom, nom
 de família
 sobretudo (peça de vestir) m.
 abric
 sobrevivência, f. suberviuença,
 subervivença, subervivência
 sobrinho m. nebot
 sociedade f. societat
 socorro m. secors
 sofá m. fautulh
 sofrer, v. patir
 sogro, m. suer, sògre, bèupair
 solar adj. solar
 soldado m. soldat
 soldar v. sodar
 soldo m. sò
 sólido adj. solid
 solo, m. solèr
 solução, m. sanglot
 soma f. soma
 somar v. somar
 sombra, f. ombrá
 sombrio, adj. umbrio
 somente adv. sonque
 sonhar, v. soniar, saunejar,
 soniejar
 sono, m. sòn, som, saunei

soprar, v. bohar, buhar
 sorridente, adj. arrialhat,
 arridolent, arridolèr
 sorte f. sòrt
 sorvete m. gelat
 sovaco, m. sherèra, eishèra
 soviético adj. e m. sovietic
 suar, v. sudar
 suave, adj. suau
 subir, v. pujar, montar
 submarino, m. sosmarin
 substituir v. remplaçar
 subterrâneo, m. sosterranh
 suceder v. succedir
 sucesso, m. eveniment
 suco, m. chuc
 sujar, v. enlordir, lordejar,
 salopejar
 sujo, adj. lord, salòp
 sul, m. sud
 sumo, m. chuc
 suor m. shudor
 superfície f. superfícia
 superior adj. e m. superior
 supermercado m. supermercat
 surdo adj. e m. sord
 surpresa, f. surpresa
 surrão, m. sarron
 susto, m. subersaut

T

t, m. t
 tabaco, m. tabac, tobac
 tabique, m. tenhat
 tacanho, adj. aganit, gatièr
 tal, pron. e adj. tau
 talento m. talent
 talvez, adv. dilhèu, benlèu
 tamanco, m. esclòp
 tamanho, m. granor
 também, adv. tanben
 tambor m. tambor
 tampouco, adv. tampòc,
 tampauc
 tanto adv. autan, tant
 tão adv. tan
 tapar, v. acaptar, caperar
 tapete, m. tapet, tapis
 tarde f. serada
 tarefa, f. obratge, prètzèt
 tartamudear, v. blequejar
 tartamudo, adj. blèc, blecassut,
 bret
 tartaruga f. tortuga
 tavão, m. tavan, tauan, tauàs

táxi m. taxi
 te, pron. te, t', et, 't
 teatro m. teatre
 tecedor, m. teishinèr
 tecer, v. tèisher
 técnico adj. e m. tecnic
 teia de aranha f. talaranha
 teleférico m. teleferic
 telefonar v. telefonar
 telefone m. telefon
 televisão f. television
 telhado, m. tet, teit
 temático adj. tematic
 temor, m. temor
 templo m. temple
 tempo, m. temps
 temporada, f. sason, tempsada
 tênia, f. vèrme solitari
 tenro, adj. tendre
 tentáculo, m. tentacul
 teoria f. teoria
 ter, v. aver, auer
 terça-feira m. dimars
 terceiro, adj. e num. tresau

termo m. tèrme (vocábulo)
 termômetro, m. termomètre
 terra, f. tèrra
 terremoto, m. tèrratrem
 território, m. territori
 terrível adj. terrible
 tesoura, f. estalhants, ciseus
 tesouro, m. tresòr, tresaur
 testículo, m. testicul
 teta, f. popa
 teto, m. tet
 teu, pron. tòn, tu
 texto m. tèxte
 tímido, adj. timid
 tímpano, m. auditor
 tímpano, m. auditor
 tingir, v. tintar, tinturar
 tinta f. tinta
 tio, m. oncle
 tirar a espuma ou espuma v.
 eslumar
 tirar, v. tirar, trèir
 tiro, m. tir, barrinada
 título m. títol

toalha f. tovalhòla
 tobogã m. tobogan
 tocar v. sonar (instrumento) (a
 campainha)
 todo, pron. tot
 tomar o desjejum, v. esdejuar
 tomar, v. préner
 tomate, m. tomata
 tomilho, m. timonet
 torcer, v. tòrcer
 torcicolo, m. cothitòrta,
 cohturca
 torre, f. tor
 tortuoso, adj. tortuós
 tosse, f. tos
 tossir, v. tossir
 total, adj. e m. totau
 toucinho, m. heda
 touro, m. taur, taure
 trabalhar v. trebalhar
 trabalho, m. trabalh, tribalh

tradição f. tradicion
 tradicional adj. tradicionau
 traduzir, v. tradusir
 traidor, adj. e m. traïdor,
 tradidor, traite
 trajeto, m. trajècte
 trança, f. trenc
 tranquilidade f. tranquillitat
 tranquilo, adj. tranquil
 transformar v. transformar
 trapézio, m. trapèzi
 tratar, v. tractar
 trator m. tractor
 travesseiro, m. coishinèra
 travessia, f. trauèssa
 trazer, v. portar
 trem, m. trèn
 tremor, m. tremor,
 tremoladera, tremolament,
 tremblament
 três num. tres

treze num. trefze
 tridente, m. horcat
 trigo, m. horment, hroment
 trimestre, m. trimèstre
 trinta num. trenta
 tripé m. trespès
 triste adj. trist
 triturar, v. estrissar, trissar,
 brigalhar, bricalhar
 trombeta f. trompeta
 tropa f. tropa
 trufa, f. truha nèra
 truta, f. trueta, trueita, traqueta
 tubo, m. tub
 tumba, f. hòssa, cavòt, clòt
 túnel m. tunèl
 turismo m. torisme
 turista s. 2 gen. torista
 tutano, m. moth, medoth,
 mesola

U

u, m. u
 ui! interj. ui!
 último, adj. darrèr
 ultrajar, v. otrajar
 um, art. e num. un
 umbigo, m. melic
 umidade f. unitat
 undécimo, num. onzau
 unha, f. unglá
 união f. union
 único, adj. unic, unenc

unir v. ahíger, unir
 universal, adj. universal
 universidade f. universitat
 universo, m. univèrs
 urbanizar, v. urbanizar
 urbano adj. urban
 urgente adj. urgent
 urina, f. aurina
 urinar, v. aurinar
 urinol m. bacin
 urtiga v. ortigar

usar, v. usar
 uso, m. us
 usuário, m. usatger
 usura f. usura
 usurpar, v. usurpar
 utensílio, m. ustensilha
 utilizar, v. utilizar
 uva, f. arradim
 úvula, f. uvula

V

v. m. v
 vaca, f. vaca
 vacina, f. vacuna
 vagabundo, adj./m.
 barrulhaire, gandièr
 vaga-lume, m. ludèrna, vèrmi
 de lutz, lutzemcramba
 vaidoso, adj. vanitós, bavard, a
 vaivém, m. va-e-ven
 vale, m. val, vau, vath
 valente, adj. valent
 valentia, f. valentia
 valor m. valor
 valorizar, v. avalorar

vantagem f. plus
 vão (em), loc. adv. en van
 vapor, m. bugor
 variedade f. varietat
 varíola f. pigòta
 varonil, adj. omenenc
 varrer, v. escobar, escobilhar,
 balejar, escampar
 vasilha, f. vaishèra, vaishèth
 vaso, m. vasso, veire
 vassoura, f. escampa, sastre
 vasto, adj. vast
 vazio, adj. vuet
 veado, m. cèrvi

vegetal, adj. e m. vegetau
 veículo m. veïcul
 veiga, f. cambon
 veleta, f. violeto
 velhice, f. vielhessa, vielhèr,
 vielhitge, vielhum
 velho, adj. e m. vielh
 velo, m. pelhasson
 velocidade f. velocitat
 vencer, v. véncer, vencir
 vendedor de castanhas m.
 castanhaire
 vendedor m. venedor
 vender, v. véner

veneno, m. posson, podon
 vento forte com neve m. torb
 vento, m. vent
 ventre, m. ventre, vente
 ver, v. veir, véder, véser
 veranear, v. ostiuar
 veraneio, m. ostiuatge
 verão, m. ostiu, estiu
 verbo, m. vèrb
 verdade, f. vertat
 verdadeiro, adj. vertadèr, verai
 verde, adj. e m. verd
 verdor, m. verdor, verdum
 verdura, f. verdura
 vergonha, f. vergonha
 vergonhoso, adj. vergonhós
 verme, m. vèrme, vermi
 vermelho adj. e m. vermelh,
 arroi
 verruga, f. vorruga
 versão f. version
 verso, m. vèrs
 vertigem, f. vertige
 vesgo, adj. bòrni, escucat
 vespa, f. vèspa
 véspera m. vèspe

vestíbulo, m. vestibul
 vestido m. vestit
 vestígio, m. vestigi
 vestir v. vestir
 viagem, f. viatge
 viajante m. viatgèr
 viajante m. viatjaire (pessoa
 que viaja para visitar sua
 clientela e vender seus
 produtos ou remédios, etc.)
 viajar v. viatjar
 vibrar, v. vibrar
 videira, f. vinha
 vidro, m. veire
 vigésimo, num. vintau
 vigia m. susvelhant
 vigiar, v. vigilar
 vila f. vila
 vileza, f. viletat
 vinagre m. vinagre
 vindima, f. vrenha, verenha
 vingança, f. resveja,
 resvenjament, resvenjadís,
 resvenjadissa, resvenjança
 vinha, f. vina
 vinho, m. vin

vinte e dois, num. vint-e-dus
 vinte e oito, num. vint-e-ueit
 vir, v. vier, viéner, vir, vénguer
 virgem, adj. e f. vèrge
 virtude, f. vertut
 visão, f. vision
 visão, vista f. enguarda
 viscoso, adj. viscós
 visível adj. visible
 vista, f. vista, vedença
 vitória f. victòria
 viúvo, adj. e m. veude, viudo,
 vieude
 viver, v. víver, víuer
 vizinhança m. vesinat
 vizinho, m. vesin
 voar, v. volar
 vocábulo, m. vocable
 volante m. volant
 volume, m. volume
 vomitar, v. vomegar
 vontade f. voluntat
 vos, pron. vos
 vós, pron. vosati, -es
 vosso, pron. vòste
 voz, f. votz, veu

Z

z, m. z
 zagal, m. rabadan
 zângão, m. abelhard
 zângão, m. abelhard

ze m. izèda
 zebra f. zèbra
 zelo, m. zèl
 zero, num. e m. zèro

zona, f. zòna
 zoologia f. zoologia
 zumbir, v. borrombejar,
 zonzonar

APÊNDICE

O IDIOMA PANLATINO

*William Agel de Mello, criador do idioma panlatino,
seu destino é vir a ser grandíssimo escritor.*

GUIMARÃES ROSA

*Na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem
constitui fator mais importante que qualquer outro.*

FERDINAND DE SAUSSURE

*Pela originalidade, o idioma panlatino constitui uma
experiência notável no fascinante universo das línguas.*

ANTÔNIO HOUAISS

*Para Guimarães Rosa, mestríssimo, que acompanhou
o espiralar e querer-ser do panlatino.*

Para Adriano da Gama Kury, mestre e amigo.

*Para Adovaldo Fernandes Sampaio, autor do livro
Línguas e Dialetos Românicos e Germânicos.*

PREFÁCIO

Professor Adriano da Gama Kury

O conceituado romancista B. E. Vidos, no capítulo IV. da 2ª parte do seu *Manual de Linguística Românica*, “Dialeto e Língua”, assim se expressa quanto ao processo de dissolução do latim:

Devia ser possível representar todo o processo de dissolução e respectivamente de reconstrução do latim até os atuais dialetos e línguas românicas como uma sucessão de mudanças e de conservações. Com o desenvolvimento do latim até os dialetos românicos a tradição linguística se dissolve; com o surgir das línguas nacionais se pisa novamente em terreno sólido, e se inicia de novo a tradição, mas uma tradição de outra espécie. (Traduzo da pág. 273 da tradução espanhola de Francisco de B. Moll, Madri, Aguilar, 1963.)

Mas seria errôneo pensar que, depois de formadas as línguas nacionais, o desenvolvimento houvesse chegado a um ponto morto. “A dissolução dialetal continua depois daquela data [século XV] até hoje em dia”, adverte.

É por causa dessa contínua diferenciação que os usuários de uma língua românica, salvo raras exceções, dificilmente conseguem compreender outra coirmã.

Foi pensando nessa dificuldade de intercompreensão que o diplomata-romancista William Agel de Mello ideou o *Idioma Panlatino*.

Revelando familiaridade com a bibliografia básica da Filologia Românica, o estudioso goiano oferece-nos um pequeno grande livro de leitura atraente e instrutiva – que indicarei prazerosamente como auxiliar prestimoso aos meus alunos de Filologia Românica.

Não se limita William Agel de Mello a expor-nos a teoria do *Idioma Panlatino*, no capítulo III, a que voltarei mais adiante.

Um dos mais extensos e eruditos capítulos é o 1º, “A classificação das línguas”, em que o autor nos apresenta, além de uma bem-elaborada sinopse da classificação das quase 3.000 línguas que se falam hoje no mundo, uma notícia mais detalhada do suaíli, língua da África falada por mais de 50 milhões de pessoas. São subtítulos importantes deste capítulo: “O parentesco entre as línguas” e “As línguas indo-europeias”.

O longo capítulo II é dedicado às línguas neolatinas, campo de especialização de William Agel de Mello, que já publicou numerosos dicionários médios bilíngues, pioneiros, como o catalão-português, o galego-português (e vice-versa), o romeno-português (e vice-versa), o sardo-português (e vice-versa), o reto-românico-português (e vice-versa).

Revelando o seu senso didático, o ator propõe, com o auxílio de excelente quadro sinóptico, uma classificação que leva em conta os aspectos que se quer pôr em evidência, desde o critério linguístico ao filológico-literário e ao geográfico. Este capítulo inclui os textos mais antigos das várias línguas românicas, o que lhe empresta caráter filológico de grande valia.

É no capítulo III, como já disse, que William Agel de Mello expõe sua teoria do Idioma Panlatino. Convém reproduzir um trecho fundamental do autor (pág. 90):

Em rigor, as línguas neolatinas são uma continuação natural e espontânea do latim vulgar, modificado por diversos fatores através dos tempos. Partindo de um tronco comum, em determinado momento histórico desmembraram-se da língua *mater*, seguindo seu curso evolutivo normal, independentemente. Partiram de um ponto unitário para a pluralidade de formas. O que se propõe agora é o contrário: trata-se do retorno à unidade partindo da pluralidade. A ideia básica é a convergência das línguas numa língua única. O idioma panlatino é, portanto, a síntese das línguas neolatinas.

Destaca o autor, duas páginas adiante, uma das finalidades do Panlatino: “servir de veículo de comunicação entre os povos que falam línguas afins”.

No subcapítulo “Formação dos vocábulos” vem exposto com clareza o método de se chegar à síntese desejável: põem-se em cotejo as várias línguas neolatinas para se obter um núcleo comum. O exemplo fornecido esclarece o processo: a comparação das denominações para *homem* leva ao denominador comum *hom*; usando-se a desinência -o para o masculino, tem-se a palavra *homo*. Juntando-se a este substantivo o adjetivo *bono*, obtido pelo mesmo processo, chega-se à expressão *homo bono*, que “traduz” homem bom e seus equivalentes nas demais línguas românicas.

Com regras fixas, estabelecidas com base em determinados paradigmas, o Panlatino põe cobro às irregularidades das línguas de formação natural. Desse modo, “mantém as virtudes das línguas afins e elimina as suas impropriedades”.

William demonstra que o mesmo procedimento pode aplicar-se a outras línguas de uma mesma família, para se chegar a uma língua-síntese: o pangermânico, o pan-eslavo, o pancéltico, etc. E exemplifica com longa lista de vocábulos de cinco línguas germânicas, a qual levaria ao pangermânico.

Estipuladas as regras, resta agora encontrar quem esteja disposto a pôr mãos à obra e partir para a elaboração do vocabulário e da gramática do Panlatino, tarefa que exigirá muito trabalho e dedicação, a mesma dedicação que William Agel de Mello tem demonstrado sobejamente no preparo dos dicionários bilíngues que vem publicando.

Não para no terceiro capítulo o livro de William Agel de Mello: no capítulo IV, “As línguas artificiais ou criadas” faz-nos a revelação surpreendente de que o número de línguas artificiais supera o das naturais: “Em sua tentativa de desbabelizar o mundo, os criadores de idiomas chegaram a resultados diametralmente opostos aos de seus ideais. De fato, o grande número de línguas artificiais apenas contribuiu para aumentar o porte do edifício bíblico”.

E de todas elas, acrescenta, apenas o esperanto “ultrapassou incólume a faixa etária dos 100 anos”.

Lembra, ainda, que é impensável uma língua universal, visto que são inconciliáveis os traços característicos dos três tipos de línguas existentes no mundo: as flexionais, as aglutinantes e as isolantes. E qualquer das línguas artificiais criadas (ou por criar) só servirá aos falantes de um desses tipos. Além disso, “os idiomas estão classificados de acordo com a família genealógica a que pertencem. Daí o espírito das línguas latinas, germânicas, etc”.

Examinam-se, a seguir, os vários defeitos do “Basic English”, cuja extrema simplificação “reduz a conversação a uma base de infantilismo. Satisfaz somente as exigências primárias do espírito humano”.

Outro subcapítulo trata dos “crioulos”, línguas mistas que têm como base o léxico de uma língua ocidental, adaptado parcialmente ao sistema gramatical de línguas locais, especialmente do oceano Índico e das Antilhas.

O último capítulo deste livro do incansável pesquisador William Agel de Mello intitula-se “A tradução”, e nele se trata particularmente da tradução mecânica, que, segundo tudo leva a crer, “será a solução final para o tormentoso problema de Babel”.

O autor dá-nos a conhecer, aí, uma experiência pioneira que levou a cabo: “dicionário falante ilustrado”, cujas características descreve e que o leitor interessado conhecerá percorrendo o capítulo.

Estão, pois, de parabéns os estudiosos com este novo livro de William Agel de Mello, que se afirma como um dos mais capazes *experts* nesse campo maravilhoso das línguas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	123
CAPÍTULO I	
A classificação das línguas	125
CAPÍTULO II	
As línguas neolatinas	151
CAPÍTULO III	
O idioma panlatino	175
CAPÍTULO IV	
As línguas artificiais ou criadas	187
CAPÍTULO V	
A tradução	193
CONCLUSÃO	199

INTRODUÇÃO

Um povo é a língua que fala. O estudo das línguas, (1) portanto, se reveste de grande interesse, não só pela matéria em si, como também porque constitui um veículo importante para conhecimento dos povos.

Pela teoria da realidade linguística, a língua falada por um indivíduo influenciará a sua percepção do mundo e seu comportamento subsequente. Esta teoria tem vários adeptos, entre os quais se destacam Edward Sapir, Benjamin Lee Whorf e Basil Bernstein.

Para Sapir, o mundo real é, em grande parte, construído de maneira inconsciente segundo os hábitos linguísticos do grupo. Os universos nos quais vivem as diferentes sociedades – continua o conceituado autor – são universos distintos, não somente o mesmo universo com etiquetas distintas. Assim, nós vemos e entendemos, mas percebemos de modo diferente, graças em grande parte porque os hábitos linguísticos de nossa comunidade nos predispõem a certas escolhas de interpretação.

Para Whorf, a nossa concepção do mundo, a maneira pela qual classificamos nossas experiências e conceituamos o nosso meio ambiente é, efetivamente, determinada por nossa língua.

No mundo, existem 2.796 línguas, que se classificam em 12 grupos (ou famílias linguísticas) principais e 50 grupos secundários. Como as línguas se agrupam de acordo com a família genealógica, a ideia básica é instituir, para cada família de línguas, uma língua-síntese – ou panlíngua. Assim, o panlatino é a síntese das línguas neolatinas; o pangermânico, das línguas germânicas; o pan-eslavo, das línguas eslavas, etc.

O idioma panlatino é uma experiência *sui generis*, e seus fundamentos vão explicitados no capítulo respectivo.

Em rigor, as línguas novilatinas são uma continuação natural e espontânea do latim vulgar, modificado por diversos fatores através dos tempos. Partindo de um tronco comum, em determinado momento histórico desmembraram-se da língua *mater*, seguindo seu curso evolutivo normal, de forma independente. Partiram de um ponto unitário para a pluralidade de formas. O que se propõe agora é o contrário: trata-se do retorno à unidade partindo da pluralidade. A ideia básica é a convergência das línguas numa língua única, a superlíngua. O idioma panlatino é, portanto, a síntese das línguas neolatinas.

O propósito do panlatino, do pangermânico, do pan-eslavo e de todas as panlínguas é servir de veículo de comunicação entre os povos que utilizam línguas afins.

Seu resultado é, em última análise, encurtar as distâncias na Torre de Babel, já que é impossível suprimi-las.

NOTAS

1. Em seu livro *Curso de Linguística Geral* Ferdinand de Saussure traça os limites entre língua e linguagem. “Mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; a cavaleiro, de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como interferir sua unidade.
A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.” (*Curso de Linguística Geral*, Ferdinand de Saussure, Cultrix, São Paulo, 12ª edição, p. 17.)

Capítulo 1

A CLASSIFICAÇÃO DAS LÍNGUAS

Partindo de um núcleo original, o gênero humano foi-se expandindo, em constantes correntes migratórias, povoando de forma gradativa as diversas regiões do globo terrestre. À medida que aumentava a distância entre os povos, e se impunha o isolamento pela falta de comunicações, apareciam novas línguas, ou se modificavam as primitivas a tal ponto que, com o tempo, acabavam por perder as suas características essenciais, e a nova forma de expressão adquiria personalidade própria, desmembrada de sua matriz. Não entra em cogitação neste contexto a teoria da língua original hipotética, um tronco comum do qual se teriam originado todas as línguas. É um problema insolúvel que se confunde com a própria origem do homem. (1)

Não só a distância e o isolamento, mas também – e sobretudo – o confronto entre populações autóctones, e estrangeiras, mormente nas guerras de conquista pela posse de território, constituiu um fator preponderante no que se refere à gênese das línguas. Neste caso, ou o vencedor impunha a sua língua, ou adotava a do vencido. De todos os modos, à língua prevalente incorporavam-se elementos da outra, ora sob a forma pura, ora sob a forma híbrida.

À proporção que aumentava a distância entre os homens, em ordem inversa alargavam-se as fundações de Babel. (2) Nesse sentido, o edifício foi construído em plano horizontal, e não vertical. A distância representava a altura na concepção arquitetônica. O avanço das hostes invasoras, ou a distância percorrida pelos fluxos migratórios, marcava os limites da construção do colosso. E a multiplicação das línguas, determinada por diversos fatores, modificava as características fisionômicas do edifício bíblico. E se as línguas estão a sofrer contínuas modificações no tempo, também a Torre de Babel está submetida de modo ininterrupto a toda sorte de transformações. Assim, pois, por suas características, a torre de Babel foi, é e será sempre um edifício inacabado, permanentemente em construção. Mas é um edifício eterno, em cuja construção colaboram, como mão-de-obra, todos os povos do planeta em geral, e cada indivíduo em particular.

Mas apesar da multiplicidade das línguas, cujo número é estimado em quase três mil, (3) elas só se organizam por meio de três tipos diferentes. Há, portanto, apenas três tipos de línguas: as flexionais, as aglutinantes e as isolantes, classificação proposta por Schleicher no século passado.

As línguas flexionais, flexivas, orgânicas ou amalgamantes consistem de elementos, ou palavras, que se agrupam em situações. Os elementos, conservando a sua identidade, relacionam-se com outros elementos. Nas línguas que pertencem ao tipo em apreço, tanto as alterações dos elementos colocados em diversas situações, quanto a própria estrutura das situações, são regidas por regras específicas, que variam de língua para língua.

As situações (frases – pensamentos) são constituídas pelo sujeito, objeto e predicado; embora às vezes, em determinadas situações, se tornem analiticamente difícil distingui-los. As línguas flexionais não são lógicas, *per se*, mas podem ser reduzíveis à lógica. Tais línguas

se realizam por meio dos cânones estabelecidos por um sistema de regras codificado peculiar a cada língua.

As línguas aglutinantes consistem de superpalavras (vale dizer, pensamentos). É a reunião de palavras e meias palavras dispostas de tal maneira que o resultado corresponde, *mutatis mutandis*, à formação de sentenças ou frases próprias das línguas flexionais. É a fusão ordenada de palavras e meias palavras (amiúde confundidas com os sufixos, prefixos e infixos das línguas do primeiro tipo) que se transformam em superpalavras.

Para ilustrar o enunciado, sirva de exemplo a superpalavra esquimó: *igdlorssuatsialiorfigssaliarqugamiuk*. O desdobramento da superpalavra apresenta o seguinte quadro: ig = casa, dlor = sufixo, ssu = grande, a = sufixo, tsia = intraduzível, lio = construir, r = sufixo, fi = lugar, gss = futuro, a = sufixo, lia = andar, r = sufixo, qu = mandar fazer, gam = quando ele para ele, iuk = final da superpalavra.

O exemplo em pauta, apresentado por Kaj Barket Smith, e traduzido para uma das línguas de tipo flexional, poderia confluir no seguinte resultado, de acordo com o próprio autor: “Aconteceu que ele pediu que vá ao lugar da construção futura da casa relativamente grande”. Para obter a tradução, lançou mão, em primeiro lugar, da observação do efeito causado na mente do interlocutor e, em segundo lugar, do processo analítico. (4)

Avessa à análise, a superpalavra simplesmente é. Não se configura nas línguas aglutinativas a situação de elementos. O que torna ainda mais estreito o canal de comunicação entre os dois tipos de línguas já estudados. Muitos outros exemplos poderiam ser arrolados no que tange à dificuldade (ou impossibilidade) de tradução entre as línguas. Mas o tema merece atenção especial, em outro contexto.

No alemão – língua flexiva de tendência aglutinante – vários componentes qualificativos se unem para formar uma só palavra. Por exemplo

- Einkommensteuerveranlagungskommission (comissão de tributação do imposto de renda);
- Donaudampfschiffsfahrtsgesellschaftskapitän (título do capitão da Companhia de Navegação a Vapor do Danúbio);
- Rechtschreibvereinfachung (simplificação da ortografia);
- Hochleistungsultrakurzwellengeradeausempfänger (receptor de circuito de ondas ultracurtas de alta capacidade).

O galês é pródigo no emprego de superpalavras. Sirva de exemplo o seguinte vocábulo, que designa uma parada de trem de uma cidadezinha do interior do país de Gales:

- Blañfairpwllgwyngyllgogerychwyrndrobwellandysiliogogoch (A Igreja de Santa Maria no Oco da Árvore de Avelãs Brancas Próximo ao Rápido Sorvedouro Junto à Igreja de São Dysilio Junto à Caverna Vermelha). (5)

Outro exemplo interessante é a palavra turca *çekoslovakyalilastiramadiklarimizdanmisiniz*.

As línguas isolantes ou monossilábicas formam-se por meio de elementos (sílabas) sem significado próprio, e que, uma vez reunidas em determinadas combinações, formam conjuntos de significados (pensamentos). A título de exemplo, a sílaba “chih” em cantonês pode significar, conforme a sua posição nos conjuntos: história, empregar, cadáver, mercado, exército, leão, confiar, servir alguém, poesia, tempo, saber, dar de presente, ser, sólido, perder, proclamar, olhar para, dez, levantar, pedra, geração, comer, casa, clã, começo, soltar, experimentar, negócio, potência, oficial, jurar, morrer, acontecer, etc. (6)

O conjunto composto pelas sílabas corresponde, de certo modo, às frases ou sentenças próprias das línguas de tipo flexível. Não há regras fixas para a formação de conjunto. A disposição das sílabas, dentro de um contexto, tendo por fio condutor a estética, é que estabelece o significado. Estruturalmente, portanto, carece de sentido a distinção clássica da frase composta de substantivo, adjetivo, pronome, verbo, etc.

O Kuo-yu, a variante setentrional do chinês (também conhecido como mandarim) que é hoje a língua oficial da República Popular da China, emprega quatro tons, frequentemente designados pelos números 1, 2, 3 e 4 em livros de ensino do chinês para estrangeiros. Os próprios chineses em geral aprendem os

tons quando aprendem o ideograma (símbolo chinês) para uma palavra. O primeiro tom chinês é alto e breve; o segundo é pronunciado como se faz uma pergunta, com elevação no final; o terceiro tom é como uma pergunta incrédula (“O quê-ê-ê?”); o quarto é pronunciado como se dá uma ordem (“Vá! Pare!”). Uma única palavra em chinês pode ter várias dezenas de significados, de modo que o tom empregado ao pronunciá-la enfatiza qual a denotação pretendida. O significado também é transmitido pelo contexto em que se usa a palavra.

Além do uso de tons para indicar o significado de uma palavra falada, o sistema de escrita chinês estabelece também o significado de cada palavra-sílaba. A palavra *chiang*, por exemplo, pode significar, de acordo com a maneira como é escrita e o tom em que é pronunciada, “ordenar”, “general”, “rio”, “molho de soja”, “mecânico”, cabelo”, “pena”, “áspero”, “arriscar-se”, “fingir”, “falsificado”. “chapéu”, “xícara”, “âncora”, “gato” ou “gatinho”. (O sobrenome de Mao Tsé-tung é escrito com o ideograma para cabelo. Em chinês, a repetição de ma quatro vezes com diferentes entonações significa: “Mamãe ralha com o cavalo” ($ma^1 - ma^1 - ma^4 - ma^3$). Se acrescentarmos o particípio interrogativo ma no final, teremos então cinco ma em seguida: $ma^1 - ma^1 - ma^4 - ma^3 - ma^1$, que significam: “A mamãe está ralhando com o cavalo?” (7)

No universo das línguas tonais, merece destaque especial o vietnamita, que emprega o alfabeto latino. No século XVI, missionários católicos portugueses, espanhóis, italianos e franceses, sob a orientação do Padre Alexandre de Rodes, introduziram um sistema ortográfico com base no alfabeto latino, o qual foi denominado *quo ngu*. Em 1651, foi publicado o primeiro dicionário vietnamita-português-latim. A partir de 1920, o referido sistema ortográfico foi adotado oficialmente. Desde o século IX, no Sudoeste asiático, era empregado o *chu nho*, de origem chinesa, embora os caracteres fossem pronunciados de maneira diversa em cada região. Como o vietnamita falado era diferente do *chu nho* e das línguas das outras áreas, no século XIII o *chu nho*, mesmo continuando a ser usado nos documentos oficiais, cedeu lugar ao *chu nom*, elaborado pelos intelectuais vietnamitas e utilizado nas obras literárias e documentos não oficiais.

O vocabulário vietnamita recebeu um aporte bastante significativo do chinês. O francês e o inglês contribuíram não só para enriquecer o vocabulário, mas também para, em alguns casos, mudar a estrutura da própria língua. Por exemplo: a montanha mais alta do Vietnã é denominada *Phan Si Pan*, mas às vezes também é escrita *Fansipan*. A letra f (que normalmente não existe no alfabeto) substituiu o ph. Além disso, o vietnamita é uma língua monossilábica. O nome do país, na forma convencional, é Viet Nam, mas também pode-se encontrar a grafia Vietnam. Palavras que consistem em mais de uma sílaba coexistem na língua.

Como o chinês, o vietnamita é uma língua tonal. O chinês tem 4 tons. O vietnamita tem 6, embora no Sul do país sejam utilizados apenas 5. O significado da palavra varia de acordo com a inflexão da voz. Por exemplo: *ma* significa fantasma, *má*, *mão*, *mã*, o que, *ma* com um acento semelhante ao ponto de interrogação colocado em cima da letra e sem o ponto, túmulo, *ma*, cavalo e *ma*, broto de arroz.

O alfabeto é constituído por 12 vogais que representam 11 variedades de sons e 28 consoantes que representam 21 variedades de sons.

As vogais são as seguintes: a, a, â, e, ê, I ou y, o, ô, o (como um ponto de interrogação em cima da letra), u e u (como um ponto de interrogação em cima da letra).

As consoantes são as seguintes: b ou p, c, k e q, ch, d (cortado por um traço em cima), d ou dz ou gi, g ou gh, h, kh, l, m, n, ng ou ngh, nh, ph, r, s, t, th, tr, v. e x.

A gramática normativa é simples. O plural e o gênero dos vocábulos não são indicados por sufixação, prefixação ou alterações. Por exemplo: *chào chi* (cumprimento dirigido a uma mulher) e *chào cac chi* (cumprimento dirigido a várias mulheres). A adição de *cac* indica o plural. Quanto aos verbos, a partícula *dang* (com um traço cortando o d) refere-se ao presente. A partícula *da* (com um traço cortando o d e um acento no a como um ponto de interrogação sem o ponto inferior), ao passado. E a partícula *se*, ao futuro. Em *cua* (com acento no u como um ponto de interrogação sem o ponto) há a noção de propriedade. Assim, *sách* (livro) *cua* (propriedade) *tôi* (eu) = meu livro.

Mais uma vez vem à baila a barreira intransponível que existe entre línguas que pertencem a tipos diferentes. O espírito lógico das línguas flexionais, com o método racional de

análise, não pode captar a essência das línguas isolantes, nem compreender, em sua plenitude, o método de composição dos elementos, dispostos esteticamente para produzir um significado específico, carentes de um sistema de regras.

Para complicar o quadro geral, línguas flexionais há que – como o alemão, por exemplo – seguem o paradigma próprio das línguas aglutinantes, em certas construções. A assertiva é também válida para o sânscrito. Já o inglês apresenta características de língua isolante, como é o caso do verbo *to get* que, conforme a preposição que lhe segue, varia bastante de sentido.

Um fato inegável é que as línguas se intercomunicam – umas influenciando outras e vice-versa. As línguas recebem afluxos os mais diversos, provenientes de várias origens, não excluindo línguas de tipos diferentes.

O que ocorre, às vezes, é que uma língua exerce tamanha influência sobre outra que esta última, eivada de estrangeirismos, acaba por perder a sua personalidade e se torna híbrida. Tal é o caso do japonês que, apesar de ser uma língua de tipo aglutinante, recebeu no curso dos séculos influxos maciços provenientes da língua chinesa, de tipo silábico ou isolante, que chegou ao ponto de descaracterizar-se, e entrar num processo de migração para uma zona intermediária.

No que se refere à distribuição geográfica das línguas, de modo geral as flexionais predominam no Ocidente, e as aglutinantes e isolantes no Oriente. Mais especificamente, no continente eurasiático, as línguas flexionais predominam nas penínsulas europeia e indiana; as aglutinantes, no Norte e Nordeste; e as isolantes, no Nordeste e Este. Mas há outras áreas do globo, inclusive continentes e arquipélagos, onde prevalecem línguas de tipo flexional e aglutinante.

O problema de classificação das línguas – que é da responsabilidade da linguística – tem suscitado as maiores discussões a respeito. E não foram poucos os glotólogos que se preocuparam mais sobre o assunto, propondo novas classificações.

Trombetti, por exemplo, preconizava a adoção de uma classificação geográfica das línguas. Seu sistema distribuía as línguas em quatro grupos:

- a) línguas da África (aí compreendidos o subgrupo banto sudanês e o camito-semítico); (8)
- b) línguas da Oceânia (incluídos os subgrupos dravídico-australiano e munda-polinésico);
- c) línguas da Eurásia (distinguindo-se os subgrupos caucásico, indo-europeu, uralo-altaico e indo-chinês);
- d) línguas da América.

Os quatro grupos ainda se bifurcam em dois grandes ramos: I – Austral (línguas da África e da Oceânia); e II – Boreal (línguas da Eurásia e da América; sendo que as últimas são todas boreais, por sua origem).

Dessa classificação, depreende-se que o autor teve em mira a conjugação do critério geográfico com o genealógico, sempre dentro do espírito monogênico das línguas.

Mais complexa é a teoria de Eduardo Sapir, exposta em seu livro *An Introduction to the Study of Speech*. Ao contrário de Schleicher, que partiu da estrutura vocabular para estabelecer a classificação das línguas, o elemento que serve de apoio para o enunciado de Sapir são as categorias gramaticais.

Segundo o eminente linguista, os idiomas estão submetidos a um processo de evolução e, dentro deste contexto, são passíveis de mudar de aspecto e da própria estrutura, em constante mutação. Não há que cogitar-se de uma classificação definitiva, mas o que prevalece é a transitoriedade classificatória para cada língua.

Escapa aos objetivos do presente trabalho dar um panorama da classificação das línguas. Mas apenas ressaltar que foram várias as tentativas neste particular. (9) Além disso, vale dizer que, mesmo pertencendo a um determinado tipo, línguas há que apresentam grandes diferenças, que as individualizam. Vamos dar um exemplo de uma língua africana – o suaíli.

O suaíli

O suaíli é uma das línguas mais importantes da África. É falada por cerca de 50 milhões de indivíduos, e seu domínio geográfico compreende a Tanzânia (em cujo território é a língua oficial), e parte dos seguintes países: Quênia, Uganda, Ruanda, Burúndi, Zaire, Zâmbia, Moçambique, Comor e Madagáscar.

O termo *suaíli* provém do árabe *sahila*, que significa costa. Originalmente era a língua falada nas costas da África Oriental. O prefixo *ki* – (em kisuahili) – é empregado para designar a classe de substantivos referente aos idiomas.

O suaíli é uma língua de tipo aglutinante, pertencente à família banta. Possui cerca de 20 dialetos, entre os quais merecem especial menção os seguintes: *kiunguja*, dialeto de Zanzibar, (10) com os subdialetos kihadi, jimrina, kingao, kipemba e kitumbatu; *kimvita*, dialeto de Mombaça, com o subdialeto kivumba; *kiamu*, dialeto da ilha de Lamu, com os subdialetos kisiu, kipate e kitikuu.

No que concerne à escrita, até meados do século dezenove era empregado o alfabeto árabe, embora fosse inapropriado para a transcrição de determinados fonemas da língua. A partir de então, foi adotado o alfabeto latino.

A estrutura fonética do suaíli, em termos comparativos, é mais simples que as que prevalecem nas outras línguas congêneres. Note-se, entretanto, que algumas consoantes, em palavras de origem árabe, só se encontram no suaíli. O suaíli tem 23 fonemas – 5 vogais e 18 consoantes.

O vocabulário, de origem banta, foi bastante influenciado por aportes de línguas estrangeiras, sobretudo o árabe.

É deveras interessante observar que, no processo de formação de palavras, novas formas derivam do material básico, por intermédio da prefixação e, em menor escala, da sufixação. Exemplo: *sema*, orador, deriva de *sema*, falar. *M* é o prefixo da primeira classe, privativo de seres humanos.

A sufixação dá-se de maneira geral a partir de uma forma verbal, e os sufixos mais empregados são os seguintes: *-e*, *-fu* (oi *-vu*), *-i*, *-o*, *-ji*, *-zi*. *Mkate*, fatia de pão; de *kate*, cortar.

Frases perifrásticas também muito contribuem para a formação de palavras. *Kitabu cha kuandikia*, caderno (livro para escrever).

Outras unidades léxicas são formadas pela junção de palavras independentes. Cada uma com um sentido, se consideradas separadamente. Uma vez juntas, adquirem um sentido específico. *Manachu*, estudante (de *mwano*, filho + *chuo*, escola).

A transferência de sentido é uma forma assaz empregada no processo formativo de palavras. Assim, *ndege*, pássaro, significa também avião.

Palavras de origem árabe. O vocabulário do suaíli foi enriquecido com aportes de origem árabe, por fatores de ordem histórica, o que não ocorreu nas outras línguas da família banta. Os empréstimos do árabe designam termos relativos à religião, jurisprudência, ao comércio e à navegação, ciência, etc. *Kadhi*, juiz; *elimu*, saber; *fedha*, dinheiro; *Allah*, Alá.

Algumas línguas indianas, de maneira especial o híndi, também penetraram no vocabulário do suaíli e dizem respeito a objetos de uso diário, nomes de plantas, objetos de adorno, culinária, navegação, etc. *Bajia*, bolo; *bali*, brinco.

Palavras de origem persa foram introduzidas, relativas à religião, navegação, comércio, etc. *Sagala*, navio à vela.

Por razões históricas, o português também deixou marcas no vocabulário, embora em proporção muito menor que as línguas precedentes. *Bendera*, bandeira; *meza*, mesa.

O alemão, no período da colonização germânica, contribuiu com alguns termos. *Daktari*, doutor.

Em virtude sobretudo da colonização, várias palavras inglesas permaneceram no suaíli. *Eropleni*, *motokaa*, *helicopta*, *jipe*, os meses do ano, etc.

Morfologia

A característica principal da estrutura gramatical das línguas bantas é o sistema de classificação nominal, estabelecido por intermédio da prefixação. “The presence of the nominal classification system governs word formation, all grammatical correlations and the syntactical structure of sentences, all the members of which must be unified in morphological and syntactical correspondences.” (11)

O suaíli se distingue das outras línguas congêneres por apresentar um número menor de classes de palavras, um sistema verbal mais simplificado e uma grande influência árabe na formação vocabular.

Meinhof estabelece 15 classes de palavras prevaletentes nas línguas da família banta. O suaíli não possui as classes 12, 13 e 14.

As categorias gramaticais são as seguintes: substantivos, adjetivos, numerais, pronomes e verbos. Advérbios, preposições e conjunções rigorosamente não constituem unidade à parte, mas são integradas dentro de outras categorias, com raras exceções.

A classificação nominal

1ª classe. Nesta classe enquadram-se as palavras que levam o prefixo *m* (ou *mw*, *mu*, antes de vogal). Referem-se a seres humanos. É designada como “a classe das pessoas”. *Mtu*, homem, pessoa; *msichana*, moça; *mzungu*, europeu; *mwalimu*, professor.

2ª classe. O prefixo é *wa* (ou *w* antes de vogal). Forma o plural dos substantivos inseridos na 1ª classe. *Watu*, homens, pessoas; *wasichana*, moças; *wazungu*, europeus; *walimu*, professores.

3ª classe. O prefixo é *m* (ou *mw*, *mu*, antes de vogal). É a chamada “classe das árvores”. Mas designa também plantas, madeira, produtos da madeira e de fibras vegetais. Além disso, algumas partes do corpo humano também estão incluídas nesta classe, assim como certos substantivos que designam fenômenos naturais. *Mti*, árvore; *mwezi*, mês.

4ª classe. O prefixo é *mi*. Forma o plural dos nomes da 3ª classe. *Miti*, árvore; *miezi*, meses.

5ª classe. O prefixo varia consideravelmente. É a “classe dos objetos redondos”. Designa: nomes de frutas, partes do corpo humano, algumas partes de plantas, etc. *Jani*, folha.

Com o prefixo *ji*, indicam aumentativo. *Mtu*, homem; *jitu*, gigante.

6ª classe. O prefixo é *ma*. Suas principais funções são as seguintes: a) forma o plural dos nomes da 5ª classe; b) forma o plural de alguns nomes de outras classes; c) aplica-se aos nomes coletivos. *Majitu*, gigantes.

7ª classe. O prefixo é *ki* (ou *ch* antes de vogal). É a chamada “classe das coisas”. Na presente categoria incluem-se: a) nomes dos objetos em geral; b) nomes dos idiomas; c) nomes que expressam determinadas características léxico-semânticas, inclusive tomadas em sentido pejorativo; d) alguns nomes que designam partes do corpo humano. *Kiswahili*, suaíli.

8ª classe. O prefixo é *vi* (ou *vy*). Expressa o plural dos nomes da 7ª classe.

9ª classe. O prefixo é *n* (antes de consoante, exceto *p*, *f*, *t*, *f*, *s*; antes de *b* e *v*) ou *ny* (antes de vogal) – e muitas outras palavras que não indicam prefixos específicos. Esta classe é conhecida como “a classe dos animais”. Mas designa também nomes de parentesco, nomes de países e continentes, de instrumentos musicais, de algumas plantas, de algumas partes do corpo humanos, etc.

10ª classe. É uma classe essencialmente gramatical. Forma o plural dos nomes que pertencem à 9ª classe e à 11ª classe e, em menor escala, de alguns nomes da 5ª classe. *Simba*, leão; *baba*, pai.

11ª classe. O prefixo é *u* (ou *w*). Refere-se aos objetos de forma alongada, nomes abstratos ou *pluralia tantum*, alguns nome de países, de fenômenos naturais, etc.

15ª classe. O prefixo é *ku* (ou *kw*). É uma classe gramatical por excelência, e diz respeito à categoria verbal na sua forma infinitiva. (12) *Kula*, comer.

16ª, 17ª, 18ª, classes. São as denominadas classes locativas, e diferem em muito das antecedentes. O prefixo característico da 16ª classe é *pa*, da 17ª é *ku*, e da 18ª é *mu*. Indicam relação de lugar.

O nome *bantu* foi introduzido por Bleek (1827-1875), que pode ser considerado o pai da filologia africana. É uma forma da palavra “povo”, que é usada por todas as línguas dessa família. (13) A grande maioria da população está classificada, linguisticamente, como pertencente ao grupo banto. Os outros grupos são: o nilótico e o nilo-hamítico, o iraqw, o mbulu, o cushítico e o click-speaking.

*

O parentesco entre as línguas

Antes de se plantear a questão do parentesco entre as línguas indo-europeias, alguns estudiosos já haviam chamado a atenção para as semelhanças léxicas que existiam entre determinadas línguas do Ocidente e outras do Oriente. Foram submetidas à análise várias palavras que evidenciavam uma procedência comum, de línguas indianas e europeias, de forma especial entre o grego e o latim. Entre o persa e o alemão. Entre o lituano e o latim. E outras experiências nesse sentido.

Coube a Coeurdoux pela primeira vez, cotejando palavras latinas, gregas e indianas, colocar em evidência que existia um vínculo estreito, original, entre as três línguas – vale dizer, pertenciam a um mesmo grupo linguístico. Procurou demonstrar que as semelhanças entre os referidos idiomas eram mais do que simples coincidência – ao contrário, vinham corroborar sua tese de que mantinham uma afinidade mais profunda entre si. Estas e outras reflexões expôs em Paris, em conferências proferidas em 1768, se bem que sua obra só fosse publicada em princípios do século XIX.

Nesse interregno, W. Jones chegara a resultados semelhantes, e suas pesquisas visavam atestar, de forma incontestável, que o gótico e o celta localizavam-se dentro de certos limites linguísticos que permitem a ilação de que ambos estavam ligados por parentesco de origem.

Mas foi somente com Schlegel, (14) nos primórdios do século XIX, que a questão adquiriu foros de princípio científico. Conforme se manifesta Francisco Villar, em sua obra *Lenguas y Pueblos Indoeuropeos*:

De acuerdo con las tendencias de la época, concibe a los indios como los creadores de la lengua y de la cultura – lengua y cultura que los pueblos europeos habrían aprendido de ellos -. Desde un punto de vista lingüístico, Schlegel tiene en su haber el hecho de haber cuñado y modelado ciertos términos y conceptos de los que más adelante iba a servirse la gramática comparada. (15)

O mérito de ter fundado a gramática comparada recai sobre Bopp (16) que, em 1816, publica um trabalho que enfoca a comparação da conjugação de verbo nas línguas indiana, latina, grega, germânica e persa. Obra essa que teve a merecida repercussão nos meios especializados. (17)

Entretanto, paralelamente ao trabalho empreendido por Bopp, Ramus Rask, dinamarquês de origem, havia chegado às mesmas conclusões no que tange ao ponto fundamental, se bem que sua obra estava circunscrita às línguas germânicas, ao latim, bem como às eslavas, bálticas e célticas. Seu estudo não abrangia as línguas indianas, ponto em que Bopp fixou sua atenção. A obra de Rask foi apresentada num concurso patrocinado pela Academia Dinamarquesa de Ciências, em 1814, com o propósito de lançar luzes sobre a origem das línguas germânicas.

A metodologia utilizada por Bopp abrangia, pela primeira vez, os sistemas gramaticais, em vez de restringir-se tão-somente ao léxico. A experiência nesse sentido era bastante significativa, já que ampliava sobremaneira o campo de ação da comparação interlingüística.

O primeiro erro, que contém em germe todos os outros, é que nas investigações, limitadas aliás às línguas indo-europeias, a Gramática comparada jamais se perguntou a que levavam as comparações que fazia, que significavam as analogias que descobria. Foi exclusivamente comparativa, em vez de histórica. Sem dúvida, a comparação constitui condição necessária de toda reconstrução histórica. Mas por si só não permite concluir nada. (18)

É de registrar que Bopp chegara aos resultados que culminaram com a criação da gramática comparada de maneira fortuita, pois o que objetivava era desvendar a origem das línguas, conforme se depreende da leitura de seus escritos.

A entrada da gramática comparada, no cenário da investigação com base científica, vinha proporcionar uma visão de conjunto das línguas indo-europeias por uma ótica especial, cujo escopo era demonstrar que havia uma afinidade entre as mesmas, ou seja, faziam parte de uma mesma família linguística.

Estava firmado, de modo definitivo, o conceito de parentesco entre as línguas. Em fase posterior, o método de investigação, mais aperfeiçoado, seria aplicado para detectar as semelhanças existentes entre outros grupos de idiomas genealógicamente afins.

O método comparativo aplicado à ciência da linguagem é responsável, pelo menos em grande parte, pelo conceito que rotula a língua como um organismo vivo, caracterizado pelas seguintes funções vitais: nascimento, crescimento e morte. Teoria essa que teve grande aceitação na época. Hoje o referido conceito está caduco, e sua menção só tem sentido num estudo retrospectivo da matéria.

Uma vez estabelecida a noção por via científica do parentesco entre as línguas, restava um problema de difícil solução: a própria razão de ser desse parentesco. Como explicar o fato de que povos de etnias as mais diversas, separados às vezes por enormes distâncias, falassem línguas que estivessem emparentadas entre si?

É preciso enfatizar que o problema permanece insolúvel até hoje, embora não fossem poucos os esforços no sentido de se apresentar uma explicação plausível. Teorias houve que tentaram deslindar o mistério: – a teoria da árvore genealógica e a teoria das ondas.

A teoria da árvore genealógica (*Stammbaumtheorie*), de Schleicher, oferece a imagem de uma árvore, constituída de um tronco (língua-mãe) e de ramificações (línguas derivadas) para explicar o parentesco entre as línguas. No caso específico das línguas indo-europeias, o idioma indo-europeu seria o idioma original, o “antepassado” do qual derivariam os idiomas modificados pela conjugação dos fatores tempo-espço. (19)

O idioma primitivo, que teria sido falado por volta do ano 3000 a.C., bifurcou-se em determinado momento histórico, passando a constituir duas unidades distintas: o ramo ocidental (grupo *centum*) e o ramo oriental (grupo *satem*). (20) Como numa reação em cadeia, as línguas derivadas foram subdividindo-se em outras, e assim sucessivamente.

Contribuição não menos significativa de Schleicher, no campo da linguística comparada, foi sua teoria da reconstrução de idioma ou idiomas originais. Pelo estudo comparado das línguas derivadas chegar-se-ia à origem comum, ou seja, à língua *mater*.

A teoria das ondas (*Wellentheorie*), de Johannes Schmidt, como o próprio nome está a indicar, recorre à imagem das ondas que, partindo de um ponto central, propagam-se cada vez com menor intensidade. A teoria de Schmidt foi exposta no opúsculo *Die Verwandtschaftsverhältnisse der indogermanischen Sprachen*, Weimar, Bohlau, 1872.

Consoante a explanação de Francisco Villar,

.. los defensores de la teoría de las ondas afirman que el cambio lingüístico se propaga a partir de un epicentro hacia zonas crecientemente distantes, y que todas aquellas zonas que son afectadas por un cambio determinado comparten, a partir del momento de su aceptación, un rasgo que las asemeja. Dichas semejanzas reciben el nombre de isoglosas. Cuando entre dos comunidades hablantes se dan numerosas isoglosas, sus respectivas lenguas presentan sensibles parecidos. Y a mayor parecido entre ambas, mayor será también la facilidad en la intercomunicación de isoglosas, por lo que, a la larga, dos lenguas geográficamente vecinas y con intercambios culturales, etc., tenderán, inevitablemente,

a parecerse cada vez más. Un ejemplo notable de este hecho lo ofrece el proceso de evolución de los dialectos griegos: al principio de su historia, y presumiblemente aún más en su prehistoria, mostraban rasgos notablemente discrepantes, pero tendieron progresivamente a asemejarse y nivelarse hasta lograr una forma homogénea en la llamada *koiné*.

De esta visión del cambio lingüístico, perfectamente correcta por lo demás, deducen sus defensores que la semejanza entre las lenguas indoeuropeas se debe exclusivamente a la progresiva extensión y comunicación de isoglosas entre las diversas comunidades hablantes, sin que sea necesario, por consiguiente, recurrir al supuesto de una comunidad originaria de todas las lenguas que presentan coincidencias (por muy profundas que éstas sean). Al contrario que en la hipótesis del árbol genealógico, aquí se parte de lo absolutamente heterogéneo hasta llegar, por aproximaciones sucesivas y progresivas, a la homogeneidad; e en este sentido son antitéticas. Pero, en cierto modo, resultan complementarias. En efecto, el hecho de admitir una comunidad de origen para las lenguas indoeuropeas, tal como postula la teoría del árbol genealógico, no obsta para que a la vez se pueda aceptar la extensión de innovaciones en una fase posterior a la escisión de la lengua común. Ello supone que las formas de una misma familia, por ejemplo, la indoeuropea, cuentan con una serie de rasgos comunes heredados de la época en que formaban una sola lengua, y que junto a esos rasgos existen otros, recientes, que se han extendido abarcando a una, dos o más de ellas, y diferenciándolas de las demás. Y al hacer conjugar las dos hipótesis adquirimos una nueva posibilidad de visión: no todo rasgo común ha de entenderse como necesariamente antiguo, sino que puede ser perfectamente reciente, debido a la extensión de una isoglosa con posterioridad a la época de comunidad. (21)

Em fase posterior, alguns linguistas inseriram modificações ora em uma ora em outra teoria, alterando consideravelmente o seu conceito primordial. Para Meillet, por exemplo, era inaceitável a ideia de que o idioma básico fosse unitário. Em vez disso, o que prevaleceria era uma acentuada tendência para a dialetização, o que descaracterizava o monolitismo lingüístico.

A aportação de Meillet, no entanto, dissecada em seus elementos constitutivos, equivale em última análise às línguas intermediárias da teoria da árvore genealógica. Sua originalidade consiste em detectar fragmentações dialetais dentro do âmbito do idioma matriz, contestando o princípio de unitariedade.

A teoria universalista. Os idiomas distribuem-se no universo lingüístico de acordo com a família genealógica a que pertencem. Assim, para usar de linguagem metafórica, são como os astros que ocupam o espaço cósmico, localizados dentro de sistemas solares, os quais, por sua vez, fazem parte integrante de galáxias determinadas. No caso específico das línguas latinas, a língua *mater* – o latim – é o centro em torno do qual gravitam os idiomas novilatinos. Assim como os planetas estão para o Sol, *mutatis mutandis* as línguas derivadas estão para a língua original. Os demais astros situados no espaço interplanetário – e, portanto, dentro do raio de ação, ou atração, de cada planeta – equivaleriam aos dialetos e demais variações lingüísticas. Da mesma maneira como se localizam na órbita da língua italiana as verdadeiras constelações dos vários dialetos itálicos. A proximidade e o afastamento dos planetas, dentro da órbita solar, equivaleria à proximidade ou ao afastamento das línguas em relação ao latim. A língua mais próxima do latim – o sardo – ocuparia a posição do planeta mais próximo do Sol. A posição de cada língua – dentro do plano sistêmico-lingüístico universal – seria determinada de acordo com sua maior ou menor semelhança com a língua matriz, tendo em vista as transformações que sofreram os idiomas no curso de sua evolução histórica. Tomando por base uma medida padrão, pode-se calcular a distância que separa cada língua do idioma central e, conseqüentemente, estabelecer a relação das línguas entre si, examinadas dentro de um conjunto lingüístico global. Considerando as galáxias como tipos de línguas – estabelecendo parâmetros hipotéticos – pode-se traçar o mapa do universo lingüístico. É óbvio que, quanto maior a distância cósmica, maior se torna a dificuldade de tradução entre as línguas. (Este tema será estudado no capítulo apropriado.)

O sistema em pauta tem a vantagem de proporcionar uma visão de conjunto do macrocosmo lingüístico, atribuindo a cada língua um lugar determinado, em correlação com outras línguas.

Assim como o universo se encaminha em direção ao ápex, as línguas, que estão em contínuo processo de mutação em sua evolução, vão ocupar um espaço futuro diferente do espaço que ocupam no seu estágio atual.

As línguas indo-europeias

O indo-europeu básico originou-se na Europa Central, há cerca de 25 mil anos. Com exceção do húngaro, finlandês, estoniano (línguas úgrico-altaicas) e basco, todas as línguas europeias fazem parte da família das indo-europeias. O basco, falado no Norte da Espanha e no Sudeste da França, é um idioma *sui-generis*, de origem ignota – com probabilidades de ser um remanescente de um idioma do tempo das cavernas – não mantém parentesco com nenhum outro idioma, com exceção de um bolsão linguístico, no Cáucaso. São as seguintes as referidas línguas:

– hitita – luvita I Anatólio – lício – lídio	—	– hitita hieroglífico
II Tocário – tocário B	—	– tocário A
III Indo-iraniano – iraniano	—	– índico
IV. Grego – aqueu – eólio – dórico	—	– jônico-ático
V. Ilírico – vêneto – messápico	—	– ilírico
VI Ítalo-celta – celta	—	– itálico
VII Germânico – setentrional ou nórdico – ocidental	—	– gótico
VIII Báltico – lituânio – letão	—	– velho-prussiano
IX Esloveno – oriental ou russo – ocidental	—	– meridional

- X Albanês
- XI Armênio
- XII Traco-frígio

Os linguistas têm boas razões para atribuir uma origem comum à grande parte das línguas da Europa e da Ásia: do inglês ao russo, ao albanês ou ao grego, do híndi ao persa, ao armênio ou ao curdo. É o que chamam de indo-europeu. Não se trata, porém, de uma língua atestada, pois não existe nenhum texto escrito em indo-europeu: essa língua comum remonta a uma época em que a escrita ainda não havia sido inventada.

Assim, o indo-europeu dos linguistas é uma língua reconstituída teoricamente a partir da comparação de línguas realmente atestadas. Eles constataram que havia muitas semelhanças surpreendentes, que não podiam ser mero fruto do acaso, entre diversas línguas: por exemplo, ‘mãe’ era *mater* em latim (ancestral do italiano), *mothar* em gótico (língua germânica com os registros mais antigos), *mathir* em velho-irlandês (língua céltica), *matar* na antiga língua da Índia.

Depois de estudarem um grande número de correspondências desse gênero, tanto no campo dos sons quanto no da gramática e do léxico, chegaram à conclusão de que línguas como o italiano, o alemão, o irlandês e o híndi poderiam ter se originado de um mesmo ancestral comum, que denominaram indo-europeu. (22)

I – Grupo anatólio

O primeiro contato com o hitita data de 1888, ocasião em que foram descobertas duas tábuas em Tell-el-Amarna. Alguns anos mais tarde, mais precisamente em 1906, W. Winckler localizou em Boghaskoy, na Capadócia, ruínas do império hitita, cuja Capital era denominada Hatti (ou Hattusas). Durante as escavações levadas a cabo, foram encontradas 13.000 tabuinhas de escrita cuneiforme. A descoberta revestiu-se de uma importância incomensurável, abrindo novas perspectivas para o estudo da gramática comparada.

Coube a Hrozny empreender o paciente trabalho de decifração dos textos, cujo resultado lhe valeu o reconhecimento dos glotólogos de todo o mundo. Ainda mais que foi ele quem chamou a atenção para o fato de a língua decifrada pertencer ao ramo indo-europeu de tipo *centum*.

No grupo anatólio classificam-se as seguintes línguas: o hitita, o luvita, o hitita hieroglífico, o lício e o lídio.

O luvita, cujos comprovantes faziam parte do acervo de Boghaskoy, era falado na Cilícia ocidental (Arvaza).

O hitita hieroglífico, cujos textos datáveis dos séculos IX e VIII foram localizados na Ásia Menor, foi estudado a fundo pelo linguista Meriggi.

O lício legou numerosas inscrições (bilíngues, em hitita e em grego) redigidas em caracteres gregos. A mais conhecida é a de Janto.

O lídio. Suas inscrições mais antigas datam do século IV. a. C., escritas num alfabeto originário do grego, encontradas em Sardes (Capital da Lídia).

II – Tocário

No fim da centúria passada, num monastério budista do Turquestão chinês foram encontrados manuscritos que datavam de um período que abrangia desde o século V. até o IX, uma descoberta de valor linguístico inestimável. Tais manuscritos foram catalogados como parte de um acervo que incluía: a) línguas conhecidas (sânscrito, chinês, mogol); b) línguas iranianas desconhecidas até então; e c) duas línguas não identificadas (A e B).

Estas últimas atraíram de maneira especial a atenção dos estudiosos. Os textos, que utilizavam um alfabeto de tipo brahmi, referiam-se a assuntos de natureza religiosa (budista). A tarefa de decifração empreendida pelos estudiosos viu-se grandemente facilitada pelo fato de os textos, tradução do sânscrito, permitirem o cotejo com uma língua conhecida.

O termo tocário foi acatado por sugestão de Wilhelm Muller. Entretanto, no que diz respeito ao tocário B, Meillet propôs a designação de kutcheano (*koutschéen*) visto que a maioria dos textos provinham de Kutcha. Mas que não vingou em outros meios, a não ser na escola francesa.

A descoberta do tocário teve enormes consequências para o estudo das línguas indo-europeias, inclusive no sentido de derrubar a teoria de que as línguas *centum* pertenciam ao bloco ocidental e as línguas *satem* ao bloco oriental. Ora, o tocário, *centum* por excelência, está localizado geograficamente na parte oriental, domínio das línguas *satem*.

III – Grupo indo-iraniano

O grupo está composto das línguas índicas e iranianas. Nas escavações de Boghaskoy (na Ásia Menor) foram dados à luz documentos indo-iranianos datáveis do século XIV. a.C.

I. Índico

O ramo índico é dividido em três modalidades: antigo, médio e moderno, de acordo com a época que representam.

O índico antigo

Corresponde ao sânscrito védico, próprio do período arcaico da língua, que engloba diversas modalidades. O Rigveda (Veda dos cânticos) é uma coletânea de hinos religiosos sacrificais, e a exegese dos textos conservados desta fase da língua encontra sérios entraves no que diz respeito à fixação das datas. Transmitidos durante séculos por tradição oral, a data dos textos não coincide com a data de sua produção original. Além do arcaísmo, o pracritismo é outra de suas características marcantes. Próprio do período que corresponde ao índico médio, a presença de pracritismos, detectada nos textos do sânscrito védico é explicada em parte por erros de copistas, mas também – e sobretudo – pelo fenômeno da coexistência de diferenças linguísticas entre as classes sociais. Os representantes da casta sacerdotal utilizavam uma língua do tipo índico antigo, aristocrática – o sânscrito – ao passo que as classes menos favorecidas na escala social falariam uma língua mais evoluída cronologicamente, e que se insere no contexto do índico médio – o prácrito. No século III a.C., o soberano budista Açoca escreveu textos lavrados em prácrito, suas célebres inscrições.

Além do Rigveda, compõem uma quadrilogia dos livros sagrados mais três coletâneas dos Vedas: Samaveda, Yajurveda e o Atharvaveda.

O Atharvaveda (Veda dos sacerdotes Atharvans) situado numa época bastante mais recente que o Rigveda, contém orações e fórmulas mágicas escritas em linguagem popular.

O estudo exegético dos vedas compreende os seguintes gêneros: Brahmanas, Ariniacas, Upanishad, Sutras.

No século IV. a.C., o célebre gramático Panini estudou a fundo a matéria. Estabelecida a distinção entre dois tipos de línguas: o chandah (instrumento dos cânticos ou hinos védicos) e o bhasa (língua falada).

O sânscrito clássico é portador de uma vasta e importante literatura, na qual se incluem as consagradas epopeias Mahabhárata e Ramayana. (23) Atualmente serve como veículo de comunicação entre os pandites da Índia, da mesma maneira como o latim foi utilizado pelos eruditos na Idade-Média.

Índico médio

Três são as fontes para o conhecimento do índico médio: a) as inscrições de Açoca; b) o páli e c) os prácritos.

As inscrições de Açoca, de natureza religiosa (budista) e espalhadas pelas províncias do Império, foram lavradas numa língua que apresenta variedades dialetais de acordo com a área específica.

O páli é língua do cânon búdico do Ceilão, cujas origens não foram ainda esclarecidas. Segundo a pré-dica budista, foi a língua empregada pelo próprio Buda; segundo a origem mítica, teria provindo de Bagadha, onde se localiza atualmente Bihar.

No que se refere à literatura, a coletânea de obras canônicas conhecida em Tipitaca, recolhida por tradição oral, foi escrita no início da era cristã.

Os prácritos são línguas populares específicas de cada região.

Índico novo

Na Índia, uma multiplicidade de línguas, com uma gama considerável de dialetalização, se espalha dentro de um vasto território de cerca de 5.500.000 km², com uma população estimada em 900 milhões de indivíduos.

Não se pode calcular com exatidão a época em que surgiu com características próprias o índico novo, mesmo porque as línguas desse grupo passam por um período normal de transição. Os textos mais antigos do bengáli devem pertencer ao século VIII. No século X há remanescentes literários do cingalês.

Toda essa complexidade dialetal se subordina a quatro grupos distintos, o de noroeste, o ocidental, o central e o oriental.

No grupo de noroeste o conjunto dialetal recebe a denominação de paisáci. Merece destaque especial o grupo cafir e o grupo darde.

No grupo ocidental sobressaem o guzerate, o marata, o lahnda e o síndhi.

No grupo central incluem-se o pendjâbi, o nepalês, o híndi ocidental e o híndi oriental.

O hindustâni, denominação sugerida pelo inglês Gilchrist em 1787, é a forma dialetal mais proeminente do híndi ocidental, com duas formas literárias: o úrdu (contém empréstimos do léxico persa, escrito com alfabeto árabe) e o híndi (com influência vocabular do sânscrito, escrito com alfabeto índico).

No grupo oriental situam-se o bengáli (na região de Calcutá e do delta do Ganges), o biári, o oriá e o assamês.

Em território insular, utiliza-se o cingalês na parte meridional do Ceilão.

Resta mencionar as línguas dos ciganos, emigrados da Índia por volta do século V. A partir do século XII assentaram-se em território europeu e, posteriormente, americano.

II. Iraniano

À semelhança do índico, o ramo iraniano reparte-se em três períodos históricos distintos: antigo, médio e novo.

Iraniano antigo

Duas línguas integram este ramo: o velho-persa e o avéstico.

O primeiro, idioma de Persis, é atestado por documentação epigráfica, inscrições dos soberanos Aquemênidas, nas quais se detectam influências do medo. As inscrições são trilíngues: em antigo persa, na língua de Ansan e em babilônico. E as principais foram gravadas na época de Ciro, Dario e Xerxes.

O avéstico, idioma utilizado para redigir os textos religiosos do masdeísmo, componente do avéstico, constitui a segunda língua do ramo. Integrado por duas partes: os gathas (cantos), pregação em forma de verso das doutrinas de Zoroastro, vazadas em língua que denota uma antiguidade comparável ao Rigveda; e o Avesta, que é uma coleção de hinos e prescrições rituais, compostas em diferentes estádios da língua.

Resta fazer menção a duas outras línguas de que temos pouquíssimo conhecimento, o medo e o cita, que completam o ramo do velho-persa.

Iraniano médio

Nos primórdios do século atual, foram descobertos textos e inscrições no Turquestão Oriental, especialmente em Turfão, descoberta essa que se revestiu da maior importância para o estudo do iraniano médio.

Dois grupos dialetais integram-no: o ocidental e o oriental.

O ocidental (ou pelévi, quando denomina a língua oficial do Estado e da igreja sassânida) apresenta dois dialetos: o parto (conhecido pelos manuscritos maniqueus, cuja datação é dos séculos VIII e IX) e o parsik (ou persa médio), que produziu uma literatura a ser levada em conta, de influência mazdeica e maniqueia.

Iraniano novo

O domínio linguístico das línguas iranianas abarca uma região que se estende dos vales do Pamir ao Curdistão e do Beluchistão e Afeganistão ao mar Cáspio.

A primeira em importância é o persa, língua-comum de uma esplêndida civilização, e portadora de uma literatura rica e variada. O persa moderno é escrito com alfabeto árabe, que também é utilizado por várias outras línguas que se subordinam ao grupo.

A propósito, cumpre registrar que a influência árabe foi paulatinamente impregnando o léxico do persa a ponto de suplantá-lo em número.

Entretanto, no século X, o célebre poeta Firdusi, o representante mais ilustre do período áureo da literatura persa, empregou um idioma castiço, isento de vocábulos forâneos.

Os textos mais antigos datam do século VIII.

Na atualidade, o persa é falado na quase totalidade do Afeganistão, e também no Turquestão, onde prevalece o tadjique, de caracteres latinos.

Além do persa, fazem parte do grupo do sudoeste o conjunto dialetal conhecido como fârsi e, secundariamente, o lúri e o cumzári.

No grupo do noroeste, merece menção o osseta, vigente em Ossétia (U.R.S.S.) e Geórgia, e escrito em alfabeto russo até 1924, depois substituído por caracteres latinos. Ocupava outrora grande parte do sul da Rússia, antes de o eslavo aí se estabelecer.

No grupo norte-ocidental, encontram-se os dialetos mazandarâni, o zaza, o balóci e o curdo (na região de Zagros) com variedades dialetais bem caracterizadas.

Ao iraniano oriental pertence o afegão e inúmeros dialetos pamirianos. O afegão, estabelecido como língua oficial do Afeganistão desde 1936, com ensino compulsório, é utilizado por uma terça parte dos habitantes. Entretanto, seu domínio linguístico atinge alguns pontos da Pérsia e da Índia Inglesa (região de Peshavar).

IV. – Grego

A dialetalização acentuada é uma das características mais notáveis do grupo grego, que está assim constituído: eólio, grupo do noroeste, dório, jônico-ático e o micênico.

No grupo aqueu, produto de invasões indo-europeias na Hélade, estão subordinados vários dialetos (arcádio, panfílio, cipriota, etc.).

No grupo eólio, registram-se inúmeros dialetos, entre os quais sobressaem o léssbio, o tessálio e o beócio. O primeiro vige na ilha de Lesbos, que produziu uma literatura digna de nota, especialmente nos séculos VII e VI a. C.

O grupo de noroeste conta com uma multiplicidade dialetal (o fócio, o eleu, o lócrio, etc.), que mantém uma afinidade mais profunda com os dialetos do grupo dórico.

O grupo dórico, constituído pelos seguintes dialetos principais: de Megara, Sicília, Siracusa, Creta, Corinto, Tarento, Rodes, Cós, Lacônia, etc.).

O grupo jônico-ático. O ático, principal variante dialetal, a língua de Atenas, converteu-se na língua literária mais importante do mundo antigo, e no veículo de comunicação comum para as nações gregas – a denominada *koiné*.

O micênico. No curso das escavações levadas a efeito no primeiro quartel do século, para localizar restos das civilizações cretense e micênica, foram encontrados documentos em três línguas desconhecidas. Aventou-se a hipótese de que fosse oriunda da civilização minóica. As outras duas receberam a designação de linear A e linear B, respectivamente.

Após algumas tentativas infrutíferas para decifração satisfatória das línguas, coube a Michael Ventris deslindar de maneira definitiva o segredo. Como consequência lógica, tornou-se possível detectar a origem indo-europeia da linear B, bem como precisar a sua tessitura arcaica micênica.

A fragmentação dialetal é uma característica do grupo grego. Com exceção do micênico e algumas inscrições cipriotas, estão todos escritos em alfabeto grego, que por sua vez provém do fenício. A escrita procede da direita para a esquerda. (24)

Os poemas homéricos – a *Iliada* e a *Odisseia* – ocupam uma posição ímpar no contexto. Constituem o clímax da literatura ocidental, seu ponto mais alto. Diversos dialetos intervêm em sua composição, de maneira especial o eólio e o jônico.

Os dialetos antigos convergiram para a *koiné diálektos*, a língua franca dos gregos, que por sua vez deu origem aos dialetos atuais, modificados pela ação do tempo concomitantemente com outros fatores. Embora alguns dialetos (o tsacônio e o maniota, por exemplo) mantenham resquícios de tendência arcaizante, em clara demonstração de sua procedência dos dialetos anteriores à *koiné*.

O grego falado na atualidade recebe a denominação de demótico, grego moderno ou romaico, com uma gama considerável de dialetos. O idioma é falado por dez milhões de pessoas aproximadamente, nas seguintes regiões: península helênica, ilhas jônicas e do Egeu. Por último, é preciso acentuar que há colônias gregas espalhadas pelo mundo (Rússia Meridional, África, Austrália, América do Sul e, sobretudo, Egito).

O grego moderno está mais próximo do grego antigo do que as línguas novilatinas em relação ao latim.

V. – Ilírico

O material coligido, consistente de topônimos e inscrições, está obnubilado por defeitos em virtude de imprecisões e lacunas na decifração.

Fazem parte do grupo, além do ilírico, o vêneto e o messápico.

Do vêneto restaram dezenas de inscrições recolhidas em Trieste, Mântua e Pádua, que datam dos séculos VI ao I a.C., escritas em etrusco.

O legado do messápico reduz-se a algumas inscrições que se situam no século IV. a.C., escritas em grego.

VI – Grupo ítalo-celta

Em virtude de uma série de coincidências e semelhanças que induziram durante algum tempo a erro classificatório, convencionou-se atrelar o grupo ítálico e o céltico numa unidade linguística, basea-do numa suposta comunidade de origem. Mas o pretenso caráter unitário do ítalo-celta não resistiu ao progresso dos estudos linguísticos, conforme se esforçou por demonstrar Marstrander, indo de encontro à teoria postulada pelo insigne indo-europeísta Meillet.

Grupo itálico

O grupo em apreço engloba as seguintes línguas: o osco, o úmbrio e o latim.

O osco, língua dos samnitas, era falada em Sâmnio, na Campânia, parte da Lucânia, Brúzio, Picenum, etc. Cerca de 200 inscrições compõem o acervo do osco, sendo as mais importantes as seguintes: Tábua Bantina e o Cipo de Abela (Cippus Abellanus). É usado o alfabeto latino, em alguns casos o grego, além de outro derivado do etrusco.

O úmbrio era falado numa área entre o Apenino e o Tibre, na antiga Úmbria, se bem que, tudo leva a crer que seu domínio era maior. O etrusco foi o elemento responsável que impôs pressão sobre o úmbrio, determinando o seu recuo geográfico.

Como testemunha documental do úmbrio restaram as notórias Tábuas Iguvinas, sete inscrições em bronze encontradas em 1444 nas cercanias de um teatro romano, transferidas para Gubbio em 1456, e cujo tema central são os rituais de um colégio sacerdotal (Frates Atiedii), escritas entre os séculos III e I a.C. Os alfabetos empregados são o latino e o etrusco.

Os dialetos *sabélicos*. São muito escassas as fontes de estudo dos dialetos em pauta – que se resumem em poucas inscrições – e, por conseguinte, bastante restrito o conhecimento que se tem dos mesmos. São as seguintes as variedades dialetais, que outrora eram faladas entre o Sâmnio e a Úmbria: o peligno, o sabino, o marrucino, o vestino, etc.

O latim suplanta de muito, por sua importância, as antecedentes. Originariamente compreendia tão-somente o dialeto de Roma e áreas circunvizinhas. Na fase arcaica contava com diversas variantes dialetais, cujos representantes mais ilustres são o falisco e o prenestino. O primeiro era falado em Falerii, e o segundo em Preneste.

A atestação literária mais antiga de que se tem notícia, além da fíbula prenestina, é a descoberta no Foro, em 1899. As Leis das XII Tábuas, em sua primeira versão, datam de 449 a.C. A fíbula prenestina, descoberta em 1871, apresenta os seguintes dizeres: “Manios med fhefhaked Numasioi”, cuja correspondência no latim comum é a seguinte: “Manius me fecit Numerio”, ou seja: “Mânio me fez para Numério”.

A extraordinária expansão do latim deveu-se à importância política de Roma, que chegou a dominar praticamente o mundo conhecido. O *sermo vulgaris*, transplantado para outras regiões pelos legionários romanos, sofreu transformações por uma série de fatores, e deu origem às línguas novilatinas, objeto de estudo do capítulo seguinte.

Grupo céltico

Os idiomas célticos obedecem à seguinte classificação: celta continental e celta insular.

Celta continental. Ocupavam, outrora, as línguas celtas uma área bastante extensa: Europa Central, as Gálias, Itália setentrional e península ibérica, apresentando como traço distintivo múltiplas formas dialetais, particularmente na península ibérica, onde as diferenças se faziam notar com maior intensidade. Atestam o fato várias inscrições (em alfabeto latino, grego ou etrusco) preservadas da época (séculos III, II, I a.C., e até mesmo nos primeiros decênios do século I d.C.).

Com o transcurso do tempo, e com a pressão irresistível do latim, as línguas célticas continentais foram cedendo terreno para as novas línguas que se impunham.

No que se refere ao celta insular, distinguem-se duas variedades: o grupo gaélico (ou goidélico) e o grupo britônico.

O primeiro, cujos vestígios mais antigos se situam no século V, legou numerosas inscrições, utilizando-se um sistema de escrita ogâmica, que muitos estudiosos procuraram relacionar com a forma rúnica.

É o irlandês o único sobrevivente do grupo gaélico, dividido em três ramos distintos: irlandês setentrional (em Donegal), irlandês meridional (em Munster) e irlandês ocidental (na região de Connaught, Galway, Mayo e ilhas Arran).

As primeiras manifestações literárias datam do século VIII ao século X, de cunho religioso. Após um período literário áureo, experimentou uma fase de decadência e obscurantismo, com o inglês ocupando os seus espaços. O movimento nacionalista, entretanto, fez renascer o interesse pelo idioma, instituindo o seu ensino compulsório na Irlanda (Eire).

Na Escócia e nas ilhas Hébridas, a língua introduzida pelos irlandeses no século V. ainda é praticada por um reduto da população, embora a tendência seja alçandorar-se em virtude da ativa e ininterrupta participação do inglês.

O manx, originário da ilha de Man, e que constituía uma variedade da família céltica, sucumbiu aos avanços do inglês, e hoje pertence à classificação das línguas mortas.

O grupo britônico. As línguas que compõem este grupo sofreram a influência do latim, devido à ocupação da região pelas hordas romanas, que durou cerca de três séculos (43-410).

Com as invasões germânicas, as línguas célticas foram re-cuando, vetoriadas em duas direções: País de Gales (Wales) e Cornualha (Cornwall). Outra corrente imigratória, buscando refúgio contra as invasões, fixou-se na Bretanha francesa.

O grupo britônico está dividido em três tipos: o galês, o córnico e o bretão.

O galês. Seu documento literário mais antigo restringe-se a uma glosa do século VIII. Na Idade Média apresenta uma literatura de importância considerável. Atualmente, é falado por mais de um milhão de pessoas.

O córnico. Glosas do século IX testemunham a sua existência na época. Não tendo resistido à pressão contínua do inglês, desde o século XVIII pertence à categoria das línguas não faladas.

O bretão (ou armoricano). Falado na Bretanha, na parte ocidental do território francês, com algumas variantes locais: cornualês, leonardo, tregonês e vanetês.

VII – Grupo germânico

Divisão do germânico

Desde os primórdios de sua transmissão escrita, o germânico se apresenta dividido em vários dialetos ou grupos de dialetos diferenciados entre si. Classificam-se em três grupos principais: germânico nórdico, germânico oriental e germânico ocidental, de acordo com a primitiva localização geográfica das tribos respectivas. (25)

As primeiras informações sobre os germanos nos foram fornecidas pelos relatos de escritores gregos e romanos, que se revestem de um valor incalculável para o conhecimento da língua no seu estágio inicial.

a) Grupo do germânico ocidental

O primeiro registro histórico, que trata do relacionamento com os germanos, diz respeito à viagem que Piteas de Massília empreendeu ao Norte da Europa, na segunda metade do século IV. a.C. Piteas estabeleceu contato com diversas tribos que integravam o grupo do germânico ocidental, entre as quais se incluía a dos teutões, na costa do mar do Norte.

Durante os dois séculos seguintes, o único ponto de referência para os romanos no que concerne aos germanos ocidentais foi a viagem de Piteas. A partir de então intensificaram-se os contatos entre os povos em apreço, o que permitiu um conhecimento mais profundo a respeito dos germanos. Sabe-se, por exemplo, à luz da História, que, a partir do segundo terço do último milênio a.C., a Alemanha Ocidental e Meridional encontravam-se em poder dos celtas. Tal afirmativa está confirmada por relatos de autores antigos, escavações arqueológicas, e por inúmeros topônimos, hidrônimos e orônimos celtas, que se encontram por todo o território situado ao Sul e a Oeste da Alemanha, e que se conservaram até hoje.

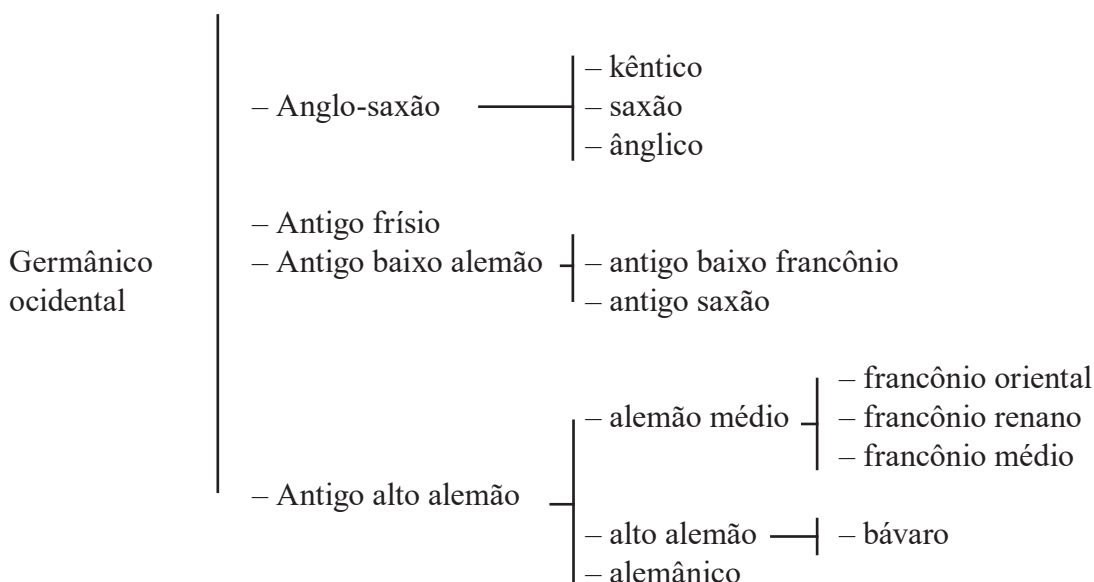
A primeira incursão dos germanos ocidentais em território celta é realizada por cimbrios e teutões. Entre os anos 120 e 115 a.C. saíram da Jutlândia, e comarcas vizinhas do Norte da Alemanha, e penetraram na Panônia, nas zonas alpinas, no Sul da Alemanha e na Gália.

Depois os germanos ocidentais dirigem-se para o sul, atravessando o Danúbio, e para o oeste, cruzando o Reno. Em 58 a.C. César derrota o exército de Ariovisto, na Gália.

Por volta do ano 100 a.C. os germanos ocidentais haviam-se estabelecido nas margens do Reno e do Danúbio. Estavam divididos em três grandes grupos, de acordo com a localização geográfica dos territórios que ocupavam: os istvaeones, na zona renana; os ingvaeones, na costa; e os herminones, na parte central do continente. Originariamente, compunham associações de caráter religioso e, mais tarde, político.

Representantes dos *istvaeones* são, entre outros, os seguintes: os batavos (da Holanda), os tréveros (de Tréveris), os queruscos, bructeros e camavos (da Westfália), os úbios (de Colônia), os usipetos e tectetos (da margem direita do Reno). Estas tribos formarão o grupo dos francos, que aparecem em 258 d.C.

Os ingvaeones compõem o grupo dos frísios (da margem esquerda do rio Ems, na costa do mar do Norte), os caucos (em território situado entre o Elba e o Ems) e os “povos Nerthus” (Holstein), dos quais os anglos serão os representantes mais ilustres. Um segmento do grupo ingvaeônico, composto em grande parte pelos caucos, aparecerão, a partir do século IV. a.D., com o nome de saxões.



Os herminanos são constituídos pelos suevos, cujo núcleo tribal era formado pelos semnones (de Brandemburgo).

No ano 449 d.C. os anglos e os saxões, seguindo o grande fluxo das migrações germânicas, estabeleceram-se na Bretanha, após submeter os celtas a seu domínio. A língua falada pelos anglos e saxões é denominada anglo-saxão ou antigo inglês. As diferenças dialetais, já existentes no seu núcleo de origem, acentuaram-se no território conquistado. Sobressaem três dialetos distintos: o kêntico, no sudoeste; o saxão, ao sul; e o ânglico, ao norte do Tâmis, subdividido em mércico e northúmbrico. (26)

O frísio atual (que deriva do antigo frísio) conservou-se como dialeto independente do germânico ocidental. Seu domínio linguístico abrange território situado nas costas do Mar do Norte, Schleswig e ilhas próximas.

O antigo baixo francônio, base do holandês moderno, originou-se dos dialetos falados pelos batavos e por tribos vizinhas.

O antigo saxão, o dialeto mais importante do Norte europeu, subdivide-se em quatro dialetos: o de Westfália, o dos engos, o de Ostfália e o dos nordalbingios.

O francônio oriental é falado em Wurzburg e Bamberg. O francônio renano, na zona do baixo Meno (Francfort e Magúncia) e na zona do alto Reno (Spira e Worms). O francônio médio subdivide-se em ripuário (Colônia) e francônio do Mosela (Tréveris).

O bávaro originou-se da língua falada pelos marcomanos suevos; e o alemânico, da língua dos semnones, que também são suevos.

O antigo alto alemão, o antigo baixo alemão e o anglo-saxão apresentam documentos escritos desde os séculos VIII e IX d.C. Os textos poéticos mais importantes são os seguintes: Beowulf (em anglo-saxão), Heliand (em antigo saxão), Hildebrandslied ou Muspilli (em antigo alto alemão). Os textos em prosa tratam de literatura religiosa e profana, traduções do latim, glosas, além de provérbios, bênçãos, etc.

O limite cronológico do antigo alto alemão é até o ano 1100. O do alemão medieval é de 1100 a 1500. A partir de 1500 é o domínio do alemão moderno. (27)

O antigo saxão acha-se documentado até mais ou menos o ano 1000 d.C.

O baixo alemão medieval, entre 1300 e 1500, experimenta uma fase de expansão, produzindo uma literatura abundante, pelos menos em termos comparativos.

A partir do século XVI tem início a decadência do baixo alemão como língua escrita, que passa a sobreviver como dialeto de tipo regional, circunscrito a algumas comarcas, e denominado *plattdeutsch*.

Finalmente, no que concerne ao frísio, os primeiros documentos são encontrados nos séculos XIII e XIV.

O germânico ocidental compreende o grupo insular e o grupo continental.

O grupo insular corresponde ao anglo-saxão, ou antigo inglês, predominante no território insular britânico nos séculos V e VI. Seus primeiros indícios literários datam dos séculos VIII e IX. O dinamarquês e o normando exerceram uma grande influência na formação histórica do idioma, mormente no que se refere ao léxico. Cumpre notar que numerosos vocábulos de origem latina foram incorporados no acervo do idioma em apreço por intermédio do normando.

Por algum tempo após a partida das últimas legiões romanas, a Inglaterra falou o anglo-saxão, uma língua germânica. As tribos germânicas, vindas da costa do mar do Norte entre a Holanda e a Dinamarca, haviam invadido e colonizado a Inglaterra e estabelecido seu idioma como a língua dominante. A língua celta original foi rechaçada para o País de Gales, a Escócia, a Cornualha, as ilhas costeiras e para a Irlanda, onde ainda sobrevive. Assim sendo, em 1066 o anglo-saxão como língua favorita recebeu um golpe quase fatal. Os franceses normandos invadiram a Inglaterra e Guilherme da Normandia derrotou e matou Haroldo da Inglaterra – um momento decisivo para a língua inglesa. Mais de metade do vocabulário inglês é hoje francês-normando e latino pela via francesa. (28)

A fusão do anglo-saxão com o francês-normando – consequência da batalha de Hastings em 1066 – proporcionou à língua inglesa o maior vocabulário do mundo: “a língua oferecia duas palavras em vez de uma para referir-se a várias ações e fenômenos – uma palavra saxônica básica e outra francesa mais formal e elegante”. (29)

De maneira geral, as palavras monossilábicas provêm do anglo-saxão, e as polissilábicas do normando-francês.

A língua inglesa, conta com mais de um milhão de vocábulos. É falada por mais de 300 milhões de falantes nativos, além de outros 200 milhões que a utilizam como segunda língua.

b) Grupo do germânico nórdico

Os germanos setentrionais, por se encontrarem mais afastados geograficamente, tiveram menos contato com os romanos, motivo pelo qual os escritores clássicos nos fornecem poucas notícias sobre os mesmos. Plínio faz referência aos *hilleviones*, nome que designava a todos os germanos do norte, indistintamente. Mas tarde Tácito escreve sobre os *sviones*, que habitavam nas vizinhanças do lago Mälär, na Suécia, e que depois passaram a constituir o grupo hegemônico. O nome *Sverige* (Suécia) provém de *sviar*. No século II d.C. os gautos aparecem nos relatos do geógrafo Ptolomeu. Seu nome subsiste na denominação atual de Gotemburgo (em sueco Göteborg), Capital da comarca Götaland. No século VI os escritores godos Jordanes e Procópio dão a conhecer a existência de outro grupo importante, os danis, dinamarqueses.

A forma mais antiga de germânico nórdico é o protonórdico, falado até 800 d.C., conforme atestam as inscrições rúnicas presentes em toda a Escandinávia e parte de Schleswig.

Durante a vigência da era viquingue (de 800 a 1050 d.C.) o germânico nórdico dá lugar ao antigo nórdico, que por sua vez evoluiu para o nórdico ocidental e o nórdico oriental. O nórdico ocidental desmembra-se em islandês e norueguês. E o nórdico oriental, em dinamarquês e sueco. O islandês foi o que alcançou maior projeção, por uma série de fatores favoráveis, entre os quais se inclui a contribuição da nobreza norueguesa, cujos representantes imigraram em massa por motivos de ordem política, empreendendo a colonização da Islândia durante a época da *landnama-tid* (ocupação do país), entre os anos de 872 e 930. Como nota Hanz Krahe:

A coincidência de uma série de circunstâncias favoráveis de índole diversa teve como resultado o florescimento de uma literatura extraordinariamente rica e de grande transcendência, pelo que, considerando o número de habitantes do país, não se tornou a produzir em nenhum outro lugar do mundo. (30)

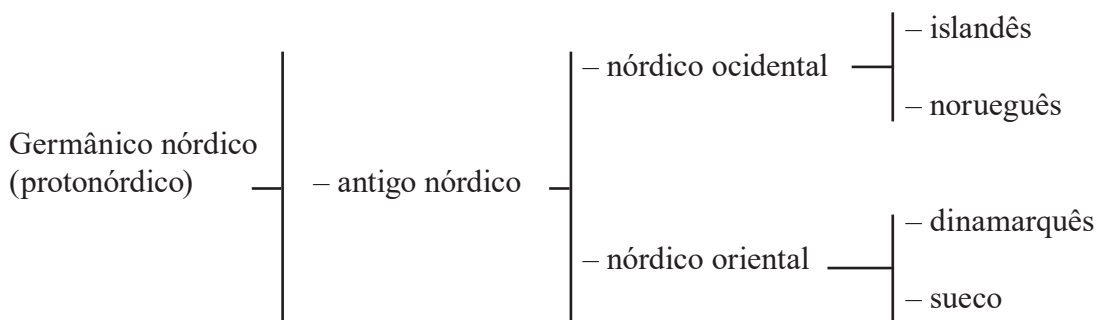
Cultivaram-se três gêneros literários de preferência: as sagas, os eddas, e a poesia dos escaldas. As sagas são histórias familiares escritas em prosa. Os eddas, poemas de autores anônimos, cujo tema central era hino aos deuses, lendas heróicas, etc. E a poesia dos escaldas, de estilo rebuscado.

O ano de 1500 representa a etapa de transição do antigo para o moderno islandês, do antigo para o moderno norueguês, do antigo para o moderno dinamarquês e do antigo para o moderno sueco. (31)

O norueguês tem uma característica toda especial: sofreu um processo de interrupção no que se refere à língua escrita no fim da Idade Média. Dessa época até o século XVIII, o ritmal, riksmal (língua híbrida constituída pelo norueguês e dinamarquês) passou a dominar todo o Sudoeste do território. Na parte oeste, entretanto, predomina o landsmal, língua escrita que tem por modelo dialetos arcaicos, e cujo incentivo se deve em grande medida ao partido democrata.

O islandês, mas do que as outras línguas congêneres, mantém laços estreitos de afinidade com a língua que lhe deu origem. É falado por cerca de 150.000 pessoas e se restringe à jurisdição territorial da Islândia.

Dialeto do dinamarquês, o feróico, vigente na ilha de Féroe, alcançou certa projeção.



c) Grupo do germânico oriental

As tribos que compunham os grupos dos germânicos orientais nos foram conhecidas por meio de escritores clássicos, a partir do século I d.C.: os godos, que formavam a tribo hegemônica, os burgundos, os vândalos, os gépidos, os esquivos e outros.

Os germanos orientais não permaneceram no território de origem, emigrando para outras partes do continente. No século II a.C. os esquivos chegaram até o mar Negro. No ano 150 d.C. os godos seguiram a mesma direção, e lograram fundar um grande império. Os godos ramificaram-se em dois grupos: os godos ocidentais (visigodos) e godos orientais (ostrogodos). Essa corrente migratória germânica é conhecida pelo nome de *Völkerwanderung*. Os godos orientais instalaram-se na Panônia, mas foram derrotados por Belisário e Narsés no ano de 553. Os godos ocidentais estabeleceram seu reino no Sul da França e em território

espanhol, o qual foi aniquilado pelos árabes em 711. Os vândalos foram derrotados na África. Os burgundos, na França. Enfim, os germanos orientais não conseguiram estabelecer-se de forma duradoura em nenhum lugar do continente. O último bastião dos godos, e do gótico, sucumbiu na Itália, antes do término do século adj. Os povos germânicos orientais desapareceram ou foram absorvidos pelos vencedores.

Não se conservaram monumentos linguísticos de grande extensão do germânico oriental, com exceção do gótico ocidental. Trata-se de uma tradução da Bíblia, de autoria do bispo godo Wulfila (ou Ulfila), do século IV.

Além do monumento literário que excede a todos os demais, do gótico restaram os seguintes testemunhos históricos:

a) topônimos na Escandinávia Meridional (Gottland, etc.), zona primeiramente habitada pelos godos;

b) três inscrições rúnicas do século III;

c) as *Skeireins*, obra exegetica referente ao Evangelho de São João;

d) duas cartas;

e) dois alfabetos;

f) um calendário;

g) nomes próprios (constantes de textos medievais);

h) vários vocábulos do gótico falado na Crimeia, do século XVI.

O germano oriental, que tem como seu lídimo representante o gótico, foi-se debilitando como língua viva, até desaparecer por completo na Crimeia, no século XVI.

VIII – Balto-eslavo

A pseudo unidade balto-eslava, defendida no passado inclusive por competentes comparatistas, cedeu lugar à escola cujo postulado aplica a tese da dualidade. Constituem ramos do indo-europeu que se desenvolveram paralelamente, sem que tal fato implique uma unidade linguística.

Báltico

São três as línguas que integram o grupo báltico: o antigo prussiano, o letão e o lituano.

O antigo prussiano, cujo domínio compreendia a Prússia Oriental, já no século XVII deixou de pertencer ao rol das línguas faladas.

A prova mais antiga da vitalidade da língua que nos foi transmitida é um vocabulário do século XIV, de oitocentas palavras aproximadamente.

O letão. Data do século XVI a tradução de um catecismo católico, a demonstração literária mais antiga de que se tem notícia. A cifra dos que utilizam o idioma ascende a mais de um milhão. O domínio linguístico compreende: Curlândia, Livônia Meridional, etc.

O lituano. A tradução de catecismo luterano, que data do século XVI, é o texto literário mais antigo que conhecemos. Cerca de três milhões de indivíduos praticam o idioma. E, fora de suas fronteiras naturais, há uma importante colônia de lituanos e seus descendentes que perfazem um total de meio milhão.

IX – Eslavo

A homogeneidade é uma das características mais marcantes das línguas eslavas, a par da grande semelhança que existe entre as mesmas. Classificam-se da seguinte forma: eslavo meridional, eslavo ocidental e eslavo oriental.

a) *Eslavo meridional.* Corresponde ao antigo eslavo, ou eslavo eclesiástico. Foram conservadas várias traduções do século IX, levadas a cabo pelos apóstolos Cirilo e Metódio,

e referem-se a textos de cunho religioso. O antigo eslavo utiliza dois tipos de alfabetos: o cirílico, derivado do grego, e ainda vigente para algumas línguas, e o glagolítico. O grupo está composto de três línguas distintas: o esloveno, o serbo-croata e o búlgaro.

O esloveno, que emprega o alfabeto latino, desde o século XVIII dispõe de uma literatura razoável. É falado na Estíria, na Caríntia, Carniola, Ístria e no Sul da antiga Áustria.

O serbo-croata, língua nacional da Iugoslávia, escrito com alfabeto latino por parte da população católica e com alfabeto cirílico pelos ortodoxos, já apresenta tímidas manifestações literárias desde o século XV. O *stokavacki*, base da língua literária, é o dialeto mais importante; em alfabeto latino ou cirílico, de acordo com a procedência do núcleo religioso que o utiliza.

O búlgaro, que se escreve em alfabeto cirílico, somente no século XIX é que adquire personalidade literária. Além da Bulgária, é empregado também em parte da Bessarábia e da Ucrânia, Dobrudja, Valáquia Meridional.

b) *Eslavo ocidental*. Estão incluídas neste grupo as seguintes línguas: o checo-eslovaco, o polonês e os dialetos *lekhitas*.

O checo-eslovaco, que apresenta textos em caracteres latinos que datam do século XIII, produziu uma literatura que alcançou notoriedade, de forma especial a partir do século XIX. Seus dialetos principais são o boêmio e o morávio.

O polonês usa o alfabeto latino, e seus primeiros textos datam do século XIV. Há uma gama de dialetos entre os quais se incluem o rutênio, o cracoviano, etc. Há uma numerosa colônia de poloneses nos Estados Unidos; e também na Inglaterra e no Brasil (mormente no Estado do Paraná).

Dialetos lekhitas. São os seguintes:

a) o *katchubo*, que apresenta uma grande afinidade com o polonês, falado na costa oeste de Dantzig;

b) o *polabo*, que deixou de ser falado no século XVIII;

c) o *eslovíncio*, que teve igual sorte do antecedente, e que até recentemente era falado em alguns pontos da Pomerânia;

d) o polonês que sofreu forte influência do alemão;

e) o *sorabo*, na Lusácia, e outros dialetos localizados na Alemanha, de caráter híbrido germano-polonês;

f) o eslavo oriental, que engloba o grande russo, o russo branco e o pequeno russo.

O grande russo afirma-se como língua literária no século XVIII, recebendo uma forte influência do antigo eslavo, inclusive no que concerne à adoção do alfabeto cirílico. O dialeto de Moscou impôs-se sobre todos os outros dialetos, a ponto de se converter em língua da União Soviética. O russo vai conquistando cada vez mais espaço, de modo especial na Europa e Ásia. Além disso, conta com uma literatura das mais importantes do mundo. Finalmente, o prestígio da Rússia como potência política, econômica, científica e cultural contribuiu para a difusão do idioma. É falado por um contingente de mais de 250 milhões de pessoas.

O russo branco é a língua oficial da Bielorrússia.

O pequeno russo, rutênio ou ucraniano é a língua oficial que prevalece na Ucrânia, empregado também na Rússia subcarpática, Bucovina e Galícia oriental.

X – Albanês

É controvertida a filiação do albanês. Nada que indique tratar-se com precisão de uma língua ilíria moderna, como já aventado por uma corrente de pensamento que invoca o fator geográfico para basear a sua teoria. Seu léxico está impregnado de vocábulos latinos, italianos, gregos, turcos e eslavos.

Hodiernamente, dois dialetos principais sobressaem: ao norte o guéguido ou guegue e ao sul o toscano ou tósquio. Mais de cinco milhões de pessoas falam a língua. Fora das fronteiras albanesas, variações de tipo toscano são empregadas em várias regiões da Itália: Calábria, Apúlia, Abruzos e Sicília.

Os documentos mais antigos (um vocabulário e uma fórmula batismal) datam do século XV.

XI – Armênio

Os manuscritos mais antigos encontrados datam do século IX (ou V, conforme preconiza outra corrente).

O alfabeto armênio, derivado em parte do grego, foi criado no século V, elaborado pelo missionário cristão Mesrob para contrarrestar a influência de igrejas forâneas (grega e turca) sobre a local.

Como reminiscência do período clássico sobrou uma tradução do Evangelho e obras do bispo Eznik de Kolb, de cunho religioso.

O armênio moderno, cujas origens remontam à Idade Média, apresenta várias formas dialetais na atualidade, e compreende dois ramos: o armênio ocidental e o oriental.

O idioma é falado por um contingente de quatro milhões e meio de pessoas, na Armênia, Geórgia, região do Don, e colônias de nacionais, na Ásia Menor, Turquia, Bulgária, Síria, nos Estados Unidos, na França, Inglaterra, etc.

XII – Traco-frígio

As fontes para o estudo das línguas que compõem o citado grupo são bastantes escassas.

Do frígio, além de nomes próprios transmitidos por intermédio do grego, foi preservada uma inscrição do século V. a.C., de interpretação duvidosa, gravada num anel de ouro em caracteres gregos.

O estoque vocabular que faz parte do frígio, encontrado em textos gregos, remonta aos séculos VII-VI a.C., e III-IV. a.C., respectivamente.

NOTAS

1. A propósito, leia-se *Elementi di Glottologia*, do professor Alfredo Trombetti, partidário do monogenismo linguístico.
2. A origem da palavra Babel pode ser encontrada no aramaico Bab-ilu – portão de Deus – o local que os gregos demoninavam Babilônia, onde se supõe ter sido construída a Torre de Babel original. Em hebraico, *bilbel* significa confusão, referência à dispersão das equipes de construtores da Torre que pretendia atingir o Céu, resultante das intransponíveis barreiras linguísticas. (Charles Berlitz, *As Línguas do Mundo*, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1988, p. 14.)
3. De acordo com a Academia Francesa, existem 2.796 línguas atualmente no mundo, que se classificam em 12 famílias importantes, além de outras 50. Os dialetos somam cerca de 8.000. São utilizadas mais de 400 escritas. Os idiomas mais falados são os seguintes: chinês, inglês, hindustâni, russo, espanhol, japonês, alemão, indonésio, português, francês, arábico.
4. Vilem Flusser, *Língua e Realidade*, Editora Herder, São Paulo, 1963, pp. 53-4.
5. *As Línguas do Mundo*, *op. cit.*, pp. 242-43.
6. *Ibidem*.
7. *Ibidem*, pp. 95-6. Quanto aos sistemas de escrita, Ferdinand de Saussure expõe com clareza:

“Existem somente dois sistemas de escrita:

1º – O sistema ideográfico, em que a palavra é representada por um signo único e estranho aos sons de que ela se compõe. Esse signo se relaciona com o conjunto da palavra, e por isso, indiretamente, com a ideia que exprime. O exemplo clássico deste sistema é a escrita chinesa.

2º – O sistema dito comumente fonético, que visa a reproduzir a série de sons que se sucedem na palavra. As escritas fonéticas são tanto silábicas como alfabéticas, vale dizer, baseadas nos elementos irredutíveis da palavra.

Além disso, as escritas ideográficas se tornam facilmente mistas: certos ideogramas, distanciados de seu valor inicial, terminam por representar sons isolados”. Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, Cultrix, São Paulo, p. 76.

No que tange ao desacordo entre a grafia e a pronúncia, Saussure dá a seguinte explicação: “Tais causas são numerosas; cuidaremos apenas das mais importantes.

Em primeiro lugar, a língua evolui sem cessar, ao passo que a escrita tende a permanecer imóvel. Segue-se que a grafia acaba por não mais corresponder àquilo que deve representar. Uma notação, coerente num momento dado, modifica-se o signo gráfico para conformá-lo às mudanças de pronúncia, mas depois se renuncia a isso. Foi o que aconteceu, em francês, no tocante a *oi*.

Pronunciava-se: Escrevia-se:
 no século XI.. 1. rei, lei rei, lei
 no século XIII.. 2. roi, loi roi, loi
 no século XIV.. 3. roè, loè roi, loi
 no século XIX.. 4. rwa, lwa roi, loi

Desse modo, até a segunda época levaram-se em conta as mudanças ocorridas na pronúncia; a uma etapa da história da língua corresponde uma etapa na da grafia. Mas a partir do século XIV, a escrita permaneceu estacionária, ao passo que a língua prosseguia sua evolução, e desde esse momento houve um desacordo sempre mais grave entre ela e sua ortografia. Por fim, como se continuasse a associar termos discordantes, o fato repercutiu sobre o próprio sistema da escrita: a expressão gráfica *oi* assumiu um valor estranho aos elementos de que se formara.

Poder-se-iam multiplicar indefinidamente os exemplos. Assim, por que escrever *mais* (*mas*) e *fait* (*fato*) quando pronunciamos *mè* e *fè*? Por que o *e* tem amiúde em francês o valor de *s*? Porque conservamos grafias que não têm mais razão de ser.

Essa causa age em todos os tempos; atualmente, o *l* palatal francês se convert em *jod*; os franceses pronunciam *essuyer*, *éveuyer*, *mouyer* como *essuyer*, *nettoyer*; mas continuamos a escrever *éveiller*, *mouiller*.

Outra causa de desacordo entre a grafia e a pronúncia: quando um povo toma emprestado a outro seu alfabeto, acontece frequentemente que os recursos desse sistema gráfico não se prestam adequadamente à sua nova função; tem-se de recorrer a expedientes; por exemplo, utilizar-se-ão duas letras para designar um só som. É o caso do *p* (fricativa dental surda) das línguas germânicas: como o alfabeto latino não oferece nenhum signo para representá-lo, ele é expresso pelo *th*". (*Ibidem*, p. 37-8.)

8. O grupo das línguas bantas – faladas por cerca de 70 milhões de indivíduos – é composto por mais de 90 línguas. Na África subsaariana, o número das línguas faladas ascende a quase 750. Algumas línguas africanas – xosa, zulo e koisan – caracterizam-se por utilizar estalidos.
9. O livro de A. Meillet e Marcel Cohen, *Les Langues du Monde* (Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, 1952) estuda o assunto com bastante acuidade e abrangência. Consultar também *Les Langues du Monde*, Marius Sala e Vintila-Radulsen, Petite Encyclopédie, Les Belles Lettres, Paris, 1984.
10. Zanzibar, outrora poderoso centro político, econômico e cultural, teve o seu dialeto bastante difundido nas regiões vizinhas, inclusive no Zaire, onde influenciou fortemente o dialeto Kingwana.
11. *The Swahili Language. Languages of Asia and Africa*, vol. 1. E. N. Myachina, Routledge and Kegan Paul, London, Boston and Henley, 1981.
12. Todos os verbos em suaili, no infinitivo, começam por *ku*, e só possuem 4 tempos: *na*, presente; *me*, perfeito; *li*, passado; *ta*, futuro.
13. Alice Werner, *Introductory Sketch of the Bantu Languages*, Kegan Paul, Trench, Trubner and Co., Ltd., London, E. P. Dutton and Co., New York, 1919.
14. Friederich Schlegel expôs sua teoria no livro *Über die Sprache und Weisheit der Indien*, Heidelberg, 1808.
15. Francisco Villar, *Lenguas y Pueblos Indoeuropeos*, Ediciones Istmo, 1971, Madrid p. 19.
16. Franz Bopp pode ser considerado o fundador da linguística histórica, com a publicação de sua obra *Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprachen*, Frankfurt, 1816.
17. O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da "Gramática comparada". Em 1816, numa obra intitulada *Sistema da Conjugação do Sânscrito*, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. Bopp não era o primeiro a assinalar tais afinidades e a admitir que todas essas línguas pertencem a uma única família; isso tinha sido feito antes dele, notadamente pelo orientalista inglês W. Jones; algumas afirmações isoladas, porém, não provam que em 1816 já houvessem sido compreendidas, de modo geral, a significação e a importância dessa verdade. Bopp não tem, pois, o mérito da descoberta de que o sânscrito é parente de certos idiomas da Europa e da Ásia, mas foi ele quem compreendeu que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma. Esclarecer uma língua por meio de outra, explicar as formas duma pelas formas de outra, eis o que não fôra ainda feito. (*Curso de Linguística Geral*, p. 8.)
18. *ibidem*, p. 10.
19. August Schleicher acreditava que as línguas eram "organismos naturais". *Die Darwinsche Theorie und die Sprachwissenschaft*, Weimar, 1873, p. 7.

20. As denominações *centum* e *satem* provêm do latim e do avéstico, respectivamente, e representam a forma pela qual é designado o numeral cem nas citadas línguas.
21. Francisco Villar, *Lenguas y Pueblos Indoeuropeos*, *op. cit.*
22. Henriette Walter, *A Aventura das Línguas no Ocidente*, Mandarin, São Paulo, 1997, p. 15.
23. Alguns denominam sânscrito épico, em virtude de certas particularidades.
24. Se bem que, numa fase anterior, é provável que o alfabeto usado tenha sido de tipo bustrofedon.
25. Matéria de natureza controvertida, as classificações variam segundo os critérios linguísticos tomados por base.
26. A ortografia do inglês atual provém do saxão ocidental. E a fonética inglesa sofrerá forte influência do ânglico. O inglês, em sua forma mais antiga (anglo-saxão), era falado como dialeto no reino de Wessex. O inglês moderno é a evolução natural do dialeto falado em Londres.
27. O inglês segue a mesma trajetória. As datas referidas servem de balizamento ou seja, a época de transição entre o anglo-saxão ou antigo inglês, o inglês médio e o inglês moderno.
28. A. Meillet e Marcel Cohen, *As Línguas do Mundo*, *op. cit.*, p. 31.
29. *Ibidem.*
31. Hans Krahe, *Linguística Germânica*, tradução espanhola, Ediciones Cátedra S.A., Madrid, 1977, p. 142.
31. Neste contexto, merece a menção especial um dialeto do antigo sueco, o antigo gútnico, na ilha de Gotland.

Capítulo II

AS LÍNGUAS NEOLATINAS

As línguas neolatinas constituem um grupo de línguas genética e genealogicamente afins, e que procedem de um tronco comum – o latim – o qual, por sua vez, se situa entre as línguas indo-europeias, mais propriamente no ramo *centum*.

Inexiste um consenso no que diz respeito à classificação das línguas românicas. E, quando se pretende a adoção de uma classificação definitiva, logo se estabelece a polémica em matéria controvertida.

Frederico Diez, (1) na sua monumental *Grammatik der romanischen Sprachen*, reconhecia o *status* de seis línguas latinas: o italiano e o valáquio (= romeno), o espanhol e o português, o provençal e o francês. Mas o critério utilizado por Diez, conforme comenta Tagliavini, “era fondato su basi non strettamente linguistiche, ma prevalentemente culturali e storiche”. (2) Levava em conta apenas as línguas que haviam atingido determinado grau de desenvolvimento literário.

A classificação de Meyer-Lubke, por outro lado, englobava nove línguas: romeno, dalmático, reto-romanche (=ladino), italiano, sardo, provençal, francês, espanhol, português. Meyer-Lubke negava, pelo exposto, o carácter de língua independente não somente ao catalão, mas também ao franco-provençal. (3) O próprio Mestre reconheceu o erro em que havia incorrido com respeito ao catalão, na sua monumental *Gramática das Línguas Românicas*, (4) considerando o catalão apenas como um dialeto provençal. Entretanto, em 1925, quando publicou *Das Katalanische*, retificou sua posição.

Tagliavini, mesmo reconhecendo os obstáculos de uma classificação rígida e sem defeitos, apresenta a seguinte classificação das línguas novilatinas:

a) Romeno ————— | Balcano-romanzo

b) Dalmático
Italiano ————— | Ítalo-romanzo
Sardo
Ladino

c) Francês
Franco-provençal ——— | Galo-romanzo
Provençal (e gascão)
Catalão

d) Espanhol
Português ————— | Ibero-romanzo

O dalmático e o catalão ocupam uma posição singular dentro do contexto neolatino.

O dalmático representa, no dizer de Tagliavini, a ponte de passagem entre o balcano-românico e o ítalo-românico. Embora faça parte integrante do segundo grupo por suas afinidades, não deixa de ser uma continuação do latim oriental, quer pela semelhança com o romeno, quer pelos pontos de contato que mantém com os elementos latinos do albanês.

O mesmo se pode dizer com relação ao catalão que, classificado no grupo galo-românico, também está ligado estreitamente com o ibero-românico, representando a zona intermediária entre os dois grupos.

Tendo em vista a dificuldade de se encontrar unanimidade na matéria, talvez não fosse demasiado propor uma classificação cujos tópicos ressaltassem a valorização dos aspectos que se quer pôr em evidência. Assim, as línguas da família neolatina poderiam ser classificadas da seguinte maneira:

1. Quanto ao número e à ordem geográfica (de Ocidente para Oriente): português, galego, mirandês, espanhol, asturiano, aragonês, catalão, francês, provençal, franco-provençal, gascão, valão, reto-românico, vêneto, genovês, piemontês, corso, sardo, italiano, dalmático, romeno.

Falta mencionar as outras línguas românicas minoritárias faladas na França (línguas *d'oc* e línguas *d'oïl*) e também na Itália, provenientes diretamente do latim. (5)

2. Quanto ao grupo a que estão vinculadas: balcânicas, itálicas, gálicas, ibéricas.

3. Quanto ao critério geográfico: continentais, peninsulares e insulares; orientais e ocidentais.

a) Continentais: francês, ladino, franco-provençal, provençal, gascão, valão;

b) Peninsulares: balcânicas: romeno;
itálicas: dalmático, italiano, piemontês,
genovês, vêneto e corso;
gálica: catalão;

ibéricas: espanhol, asturiano, aragonês,
português, mirandês, galego, catalão;

c) Insulares: sardo, corso;

d) Orientais: romeno, dalmático, italiano, piemontês,
genovês, vêneto;

e) Ocidentais: espanhol, asturiano, aragonês, português, galego, mirandês, catalão, provençal, franco-provençal, francês, ladino, sardo, corso;

4. Línguas intermediárias: dalmático e catalão.

DOMÍNIO LINGUÍSTICO

1. Português

a) na Europa: Portugal, ilha dos Açores e Madeira;

b) na África: Cabo Verde, Guiné, Moçambique, Angola, Zanzibar;

c) na Ásia: Macau, Goa, Damão, Malaca;

d) na Oceânia: Timor;

e) na América: Brasil;

f) alguns pontos da Espanha, na fronteira com Portugal: Ermisende, Alamedilha, San Martins de Trevejo, Eljas e Valverde del Fresno, Olivença.

2. Mirandês

O mirandês é falado por cerca de 15 mil pessoas, em Miranda do Douro, Vinioso e Mogadouro. Em 17 de setembro de 1998, foi reconhecido como língua oficial pelo Parlamento de Portugal. Mantém contato estreito com o asturo-leonês e o português. O mirandês tem três subdialetos (central ou normal, setentrional ou raiano, meridional ou sendinês).

No ano de 2008 foi estabelecida uma convenção ortográfica, sob a égide da Câmara Municipal de Miranda do Douro.

3. Espanhol

- a) na Europa: Espanha;
- b) na África: Saara Espanhol;
- c) na América: América Latina (exceto o Brasil e alguns países da América Central e Caribe);
- d) na península balcânica, mormente Salônica, falado pelos judeus espanhóis (sefardim), com características marcadamente arcaicas.

4. Aragonês

Falado em Aragão, Somontano, Sobrarbe e Ribagorça.

Menos de 25 mil pessoas falam o idioma e seu número tende a diminuir cada vez mais, pressionado pelo espanhol. É uma das línguas europeias ameaçadas de extinção, apesar dos esforços de entidades culturais, tais como o Consello d'a Fabla Aragonesa e a Academia do Aragonês.

O primeiro congresso para normalização do Aragonês foi realizado em Uesca, em 1987.

5. Asturiano ou bable, asturo-leonês ou, simplesmente, leonês

Falado nas Astúrias, partes de León, da Cantábria, de Salamanca, Zamora e Extremadura, por cerca de 100 mil pessoas. Durante a ditadura franquista, as línguas regionais espanholas sofreram uma impiedosa repressão. A partir de 1978, os movimentos nacionalistas, via entidades culturais, tomaram uma série de medidas para revigorar os referidos idiomas. Existem três variantes do asturiano: ocidental, central e oriental.

Não possui caráter oficial, mas está protegida pelo Estatuto de Autonomia e é de inclusão oficial no currículo escolar

6. Galego

Em determinado momento histórico, o galego e o português atuais constituíram uma unidade linguística: o galaico-português, ou galego-português. Entretanto, em meados do século XIV. desmembraram-se um outro, seguindo seu curso natural.

Em seu período de apogeu, o galego foi a língua convencional da lírica cortesã na Galiza e também em Castela.

Colocado sob a órbita política da Espanha, o galego sofreu uma verdadeira invasão de castelhanismos, no léxico, que substituíram vocábulos legitimamente galegos. Por outro lado, o espanhol, língua oficial, teve seu prestígio bastante aumentado, como representante de uma cultura superior, e também pelo fato de a Espanha ter sido uma das nações mais poderosas em determinada época.

O galego passou por uma fase de decadência e obscurantismo, e no curso dos séculos XVI, XVII e XVIII raríssimas vezes era empregado em documentos legais.

O Padre Sarmiento (*Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega*, página 43) queixava-se da falta de interesse pelo estudo do galego:

.. Pero quién querría dedicarse a este trabajo? Ninguno que no sea gallego jamás pensará en tal cosa, juzgándola inútil y árida. Los gallegos que salen fuera del reino están en la posición de hacer estudio en olvidar su lengua, y los que siempre viven y han vivido en él jamás han pensado en eso: de ahí viene el que hasta ahora no he visto una hoja siqueira en que se trate del idioma gallego, ni menos un pequeño *Diccionario de sus voces*.(6)

A influência da língua castelhana sobre o galego ainda continua constante e ininterruptamente. Como diz William J. Entwistle (*As Línguas da Espanha: Castelhana, Catalão, Vasco e Galego-Português*): “A estrada de ferro aproximou a região de Madri, e com isso aumentou a demanda de uma língua de maior utilidade que a local. As cidades maiores (Vigo, La Coruña, Santiago, Lugo) são centros de castelhanização, à parte de albergar pequenos grupos dedicados ao culto da língua; e o ensino é em espanhol”. (7)

A fragmentação dialetal mais a penetração maciça do espanhol induziram à pluralidade vocabular para expressão dos pensamentos, ou seja, as diversas grafias de que se reveste, por vezes, o mesmo vocábulo em galego. Exemplificando com os seguintes substantivos: *igreja, verão, abutre e arame*. Igrexa, egrexa, ilesia, eigrexa, eirexa; berán, berao, berau, bran, brao, brau; bóutere, boutre, brute, bruite, abutre; arame, alame, alamio, arambre, aráme, aramio.

Como o galego está imprensado entre o português e o espanhol, a ortografia reflete a tendência ora para uma ora para outra língua. Podem ser catalogados vocábulos tais como *nascimento e nacemento*, cuja procedência gráfica denota influência do português e do espanhol, respectivamente. (8)

O livro do professor Francisco Fernández Rei – *Dialectologia da Língua Galega* – publicado pela Edicións Xerais de Galicia, em 1990, veio preencher uma importante lacuna e esclarecer vários pontos a respeito.

Os trabalhos para a elaboração do primeiro *Atlas Lingüístico de Galicia*, sob a égide do Instituto da Língua Galega, começaram em novembro de 1974, e o professor Francisco Fernández Rei foi o coordenador e redator do primeiro volume.

O professor Francisco Fernández Rei em seu artigo *Galego oral e galego estándar. Consideracións sobre a codificación léxica e as variedades sociais*, informa:

A codificación do galego moderno

Ata a segunda metade do séc. XX en Galicia non existiu nin unha Academia nin ningunha individualidade que propuxesen un modelo lingüístico de referencia, o que explica que en ortografía e morfoloxía valesse case todo e en léxico todo e moito máis, se temos en conta as voces inventadas por moi diversos procedementos.

Nos anos 70 e comezos dos 80 do séc. XX houbo un florecemento de propostas de normas ortográficas e morfolóxicas (FERNÁNDEZ REI 2001: 534-538); pero cando o galego estendeu a súa produción literaria e, sobre todo, cando se lle abriron funcións novas e se converteu nos anos 80 en materia de ensino regrado non podía continuar a inexistencia dunha codificación oficial máis ou menos flexible. De aí o decreto 173/1982, do 17 de novembro da Xunta de Galicia, sobre a normativización da Lingua Galega, que no art. 1º dispoñía como “norma básica para a unidade ortográfica e morfolóxica da Lingua Galega” as Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego (ILG-RAG 1982) aprobadas o 3 de xullo de 1982 polo Instituto da Lingua Galega e a Real Academia Galega. O art. 2º do devandito decreto establecía que estas institucións “poderán, previo acordo conxunto, elevar á Xunta de Galicia cantas melloras estimen convenientes incorporar ás normas básicas”.

É óbvio que, desmembrado do português, palavras como saudade e mágua, o infinito pessoal, determinadas frases idiomáticas têm o mesmo significado em ambos. Entretanto, algumas palavras há de rara beleza, bastante expressivas, que traduzem uma realidade com os próprios meios, e que não encontram paralelo na língua de que se desprende. Eis uma contribuição do galego.

Outra particularidade tem o galego

...y es que no tiene voz ninguna morisca, pues aunque los moros han hecho sus irrupciones en Galicia, jamás hicieron pie fijo en ella, ni hubo allí jamás príncipe alguno o reyzuelo mahometano. No goza la lengua castellana de este privilegio, si bien el castellano muy antiguo estuvo tan limpio como el idioma gallego; pero después de las conquistas se llenó de voces moriscas o arábicas. (9)

7. Catalão

- a) território continental espanhol (na Catalunha: províncias de Barcelona, Tarragona, Gerona e Lérida);
- b) nas ilhas Baleares;
- c) no Principado de Andorra, onde é a língua oficial;
- d) no Departamento francês dos Pireneus Orientais, no Roussillon, Catalunha francesa;
- e) na cidade de Alguer (Alghero), localizada na parte ocidental da ilha da Sardenha.

8. Línguas românicas faladas na França: línguas *d'oc* ou occitano e línguas *d'oïl*

As línguas românicas faladas na França são independentes, oriundas diretamente do latim, com seus dialetos e subdialetos.

As línguas *d'oïl* são faladas na parte setentrional da França.

As línguas *d'oc* são os idiomas falados no Midi da França, do departamento da Gironda aos Altos-Alpes. As estimativas mais recentes apresentam o número de cerca de 2 milhões de usuários.

Na época dos trovadores, prevalecia uma certa unidade linguística, mas a partir do XIII século, as diferenças foram se acentuando, até confluir na fragmentação atual.

As divisões do occitano são as seguintes:

- o occitano setentrional, que compreende o limusino, o auvergnat e o provençal alpino;
- o occitano meridional (ou occitano médio), que engloba o languedociano, o provençal marítimo e o nicês (niçart);
- o gascão e o bearnês.

9. Francês

No século XVI, o francês passou a ser obrigatório para todos os textos jurídicos.

Em 1635, foi fundada a Academia Francesa.

O francês atual deriva do franciano, falado na Ilha de França (l'Île de France) e, graças a uma série de fatores, impôs-se sobre todas as outras línguas.

Língua oficial da França, o francês em determinado momento histórico desempenhou o papel de “língua universal”, a par do que está acontecendo com o inglês atualmente. Foi a língua diplomática até durante muito tempo, e gozou de um prestígio cultural sem par, constituindo-se mesmo em segunda língua dos intelectuais e artistas de todo o mundo.

O mundo francofônico é composto dos seguintes países: Argélia, Bélgica, Benin, Burúndi, Camboja, Camarões, Canadá, Comores, Djibúti, República Centrafricana, Costa do Marfim, França, Gabão, Guadalupe, Guiana, Haiti, Alto Volta, Laos, Líbano, Luxemburgo, Madagáscar, Mali, Marrocos, Martinica, Maurício, Maurítânia, Mônaco, Níger, Nova Caledônia, Vanuato, Polinésia, Reunião, Ruanda, Síria, Senegal, Seychelles, Suíça, Chade, Togo, Vietnã, Congo Kinshasa, Congo Brazavile, Guiné. (10)

10. Gascão

Falado na Gasconha. E também no Vale de Arán, na Espanha, onde recebe o nome de aranês, utilizado por cerca de 5 mil pessoas. O gascão, de arraigado conservadorismo morfológico, tem características próprias, principalmente levando-se em conta os seus substratos ibéricos que o distinguem sobremaneira dos dialetos de tipo provençal. Tanto é verdade que nas *Leys d'amor* se lê: “Apelam lengatge estranh coma frances, engles, espanhol, gasco, lombard”. Por outro lado, mantém pontos de contato com o catalão e o aragonês. Conta com vários dialetos.

11. Valão

Falado na Valônia (Bélgica e Picardia francesa), e residualmente, no estado americano de Wisconsin.

12. Provençal

No Sul da França. São cinco os grupos de dialetos provençais:

- a) grupo provençal (ou meio-provençal) de Agen a Nice;
- b) grupo languedociano-guinês;
- c) grupo aquitano;
- d) grupo auverniano-limosino;
- e) grupo alpino-delfinês.

13. Franco-Provençal

Nos altos vales alpinos italianos, desde o Grande São Bernardo até os afluentes do Pó, na Suíça Romanda, e na França Meridional (no Sul dos Departamentos do Doubs e do Jura, nos Departamentos do Ain, do Ródano, e do Loira, no Norte do Dione, no Isère, na Saboia e Alta-Saboia.

Conta com uma variedade expressiva de dialetos.

Cerca de 100 mil pessoas falam o Franco-Provençal.

É difícil estabelecer os limites precisos do franco-provençal, principalmente à medida que se avança para o norte. Mais difícil ainda é traçar uma linha divisória rigorosa entre o franco-provençal e o provençal.

A expressão franco-provençal foi utilizada pela primeira vez por G. Isaia Ascoli, em 1874, nos *Schizzi franco-provenzali*.

Alguns linguístas preferem o termo francoprovençal – e não franco-provençal.

A padronização do idioma deu-se em 1998 com a publicação de *Parlons francoprovençal – une langue méconnue*.

14. As línguas românicas faladas na Itália

As línguas românicas faladas na Itália são independentes, oriundas diretamente do latim, com seus dialetos e subdialetos.

A Itália – antes da unificação, ocorrida em 1861, com o *Risorgimento* italiano – era dividida em diversos reinos, com línguas e dialetos próprios.

O italiano atual é derivado do toscano, especialmente do florentino, e se impôs como língua oficial em virtude do prestígio cultural de Florença, berço do maior escritor italiano – Dante Alighieri, autor da *Divina Comédia*.

O italiano é a língua que mais se aproxima do latim, depois do sardo.

15. Italiano

É falado nas seguintes regiões:

- a) na República Italiana;
- b) na República de San Marino;
- c) no Vaticano;
- d) na Suíça Italiana (cantão Ticino e os quatro vales: Calanca, Mesocco ou Mesalcingo, Bregaglia e Poschiano no cantão dos Grisões);
- e) na Córsega;
- f) na Veneza Giulia e na Ístria, sob o domínio político iugoslavo a partir da Segunda Guerra Mundial;
- g) nos principais centros da costa dálmata;
- h) em alguns pontos de Nice;
- i) em parte do Principado de Mônaco;
- j) em Malta, como uma espécie de língua de cultura.

É de notar que a Itália é um país de emigração por excelência, e há vários núcleos de cultura italiana espalhados no mundo, principalmente nos Estados Unidos, na Argentina, no Brasil.

16. Sardo

Falado na Sardenha. É uma língua de tipo arcaico, e a que mais se assemelha ao latim entre todas as línguas românicas. Subdivide-se em quatro variedades dialetais principais:

- a) logudorês, falado em Logudoro;
- b) campidanês, no Campidano;
- c) galurês, na Galura;
- d) sassarês, em Sássari. (11)

O logudorês é o mais representativo porque, durante muito tempo, foi usado como uma espécie de “vulgar ilustre” por poetas e escritores sardos. Giovanni Campus, citado por Tagliavini, enfoca três variedades do logudorês:

- a) variedade meridional (Núoro); (12)
- b) variedade central (Bonorva);
- c) variedade setentrional (Ozieri).

17. Corso

Falado na Córsega e no norte da Sardenha. Os principais dialetos são: o ultramontano e o cismontano. Os primeiros textos genuinamente corsos datam do século XVII.

18. Vêneto

Domínio linguístico:

1. Norte da Itália
2. Croácia
3. Eslovênia

4. Romênia (Tulcea)
5. México (Chipilo e Colônia Manuel González)
6. Brasil

Em 28 de março de 2007, o Conselho Regional do Vêneto reconheceu, oficialmente, o Vêneto como língua. O vêneto não deve ser confundido com o venético, idioma já extinto, falado na região do Vêneto (século VI a.C).

Na época do apogeu, que coincidiu com a República de Veneza, era utilizado como língua franca no Mediterrâneo. O vêneto ainda não dispõe de um sistema de escrita oficial, apesar das tentativas para padronizá-la.

No México, os falantes do vêneto em Chipito empregam um sistema com base na ortografia espanhola. C. Mackay propôs um sistema de escrita que segue o alfabeto italiano.

No Brasil, a variante da língua vêneta é denominada talian, em vigor nos estados do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Espírito Santo e, em menor número, em São Paulo e no Paraná.

Os municípios de Bento Gonçalves e Serafina Corrêa oficializaram o talian no serviço público. Rio Grande do Sul e Santa Catarina são Estados em que o talian goza de *status* de patrimônio linguístico, e é falado por cerca de 500 mil pessoas.

19. Reto-românico ou rético

Falado no cantão dos Grisões, na Suíça e no Tirol (Áustria e Itália) e no Friul (Itália). Até os primórdios do século XIX foi também empregado em parte na Ístria. Nos Grisões há quatro variedades, cada uma englobando vários dialetos:

a) o romanche engadinês ou ladino, com os dialetos da Alta e Baixa Engadina e do vale Mustair;

b) o romanche renano: o *sursilvan* (vale do Reno anterior), o *sutsilvan* (Schams, Domlescheg) e o *surmiran* (Oberhalbstein, Unterhalbstein, Bergun-Filisur).

Em 20 de fevereiro de 1938, o reto-românico foi reconhecido oficialmente como a quarta língua da Confederação Helvética. (13)

20. Piemontês

É falado no norte da Itália, Piemonte, por cerca de 2 milhões de falantes. O piemontês foi reconhecido como língua independente por muitos linguistas de renome. A Itália o reconhece como língua regional.

21. Genovês, lígure ou liguriano

Falado na Itália ((Ligúria), na França (Menton) e em Mônaco.
O monegasco é o principal dialeto.

22. Dalmático ou Dálmata

Idioma extinto, seu domínio estendia-se na região litorânea do Adriático, na Dalmácia, de Veglia a Ragusa. Foi perdendo terreno gradativamente para o eslavo e, em menor escala, para o albanês, no sul. Além disso, a influência vêneta se fez sentir de maneira avassaladora, contribuindo para que o dalmático ficasse reduzido a verdadeiras ilhas linguísticas. As novas gerações descuraram por completo do aprendizado da língua românica. O último conhecedor do antigo velhoto, Antônio Udina, o “Burbur”, morreu vítima de uma explosão de dinamite de uma mina, quando trabalhava na construção de uma estrada, em 10 de junho de 1898, com 77 anos de idade.

O dalmático deu origem a duas ramificações: o ragusano, documentado em textos medievais e o veglioto, de Veglia.

O maior estudioso do idioma foi Matteo Bartoli (1873-1946) que escreveu **Das Dalmatische**, publicado em Viena, em 1906. Felizmente, o linguista italiano ainda teve tempo de recolher valiosas informações sobre a língua, em entrevistas com Antônio Udina.

A descoberta científica do dalmático é mérito do linguista Bernardino Biondelle, tornada pública em 1842.

23. Romeno (14)

Subdivide-se em quatro principais dialetos:

a) daco-romeno, falado na Romênia, Bessarábia e parte de Bucovina, parte do Banato (pertencente à Iugoslávia), em alguns pontos da Hungria e da Bulgária;

O daco-romeno, por sua vez, subdivide-se em várias variedades dialetais;

b) mácedo-romeno (ou aromeno), falado em vários pontos da península balcânica: na Albânia, na Iugoslávia, na Grécia, na Bulgária;

c) megleno-romeno (ou meglenítico), falado em parte de Salónica, na Ásia Menor, em Dobruja e Nanta;

d) istro-romeno, falado em pontos da Ístria, e nas vizinhanças do monte Maggiore, perto de Fiume.

24. Moldavo, moldávio ou moldavano

O moldávio é considerado pelos linguistas soviéticos, entre os quais se incluem M. Sergievskij, como uma unidade à parte, independente do romeno. Alguns linguistas da atualidade partilham da mesma opinião. É falado por cerca de três milhões de indivíduos no território da ex-República Soviética Socialista Moldava, no distrito moldávio de Kirovograd e em certas localidades da Ucrânia. Escrito com alfabeto latino (exceto no período compreendido entre os anos 1944 a 1989, quando se adotou o alfabeto cirílico).

25. Línguas ou dialetos?

As duas opiniões brigam. Entram nessa categoria várias línguas ou dialetos (ver nota 5).

Em seu artigo *Plurilingüismo y contacto de lenguas en la Romania Europea*, o professor Francisco Fernández Rei, da Universidade de Santiago de Compostela, traz a seguinte informação a respeito

Nacimiento y reconocimiento de nuevas lenguas románicas

Al analizar el estatus teórico y el valor ideológico del concepto de variación en la romanística, Bochmann (1985) afirmaba que el romanista se encontraba en una situación paradójica por no estar definido claramente su objeto de investigación, las lenguas románicas. Preguntas no irrelevantes como cuantas hay y cuales son no tienen una respuesta exacta, porque desde la publicación de la Grammatik de Diez de 1836 nacieron nuevas lenguas al modificarse los criterios con que definir las.

La importancia política del reconocimiento o no reconocimiento de las lenguas se incrementó de modo imprevisto, por lo que en la romanística existe actualmente un amplio espectro de formas lingüísticas, sin que se salven de la problemática las “grandes” lenguas románicas.

Falta dizer que as línguas regionais estão em vias de desaparecimento, pressionadas pela língua oficial.

26. Quantas e quais são as línguas românicas?

No artigo acima mencionado, lê-se:

Lingüísticamente resulta praticamente imposible definir lengua y dialecto con criterios absolutamente válidos, porque lo que esencialmente define esos conceptos son criterios extralingüísticos, entre los cuales ocupa un papel relevante la conciencia de una comunidade de poseer un idioma propio, diferente de sus vecinos, signo de identidad, que trata de mantener elaborándolo y extendiendo su uso cuando se trata de idiomas minorizados.

En Lombardía y Apulia se hablan dialectos latinos mutuamente incomprensibles, con menos fenómenos en común entre sí que los existentes entre la lengua española y la portuguesa, pero se consideran dialectos italianos. El noruego y el sueco son dos lenguas tan similares entre sí como los dialectos alemanes de Turingia y Sajonia; y si se cruza en la región del Bajo Rin el confín entre Alemania y Holanda, apenas se percibe diferencia lingüística, a pesar de que el dialecto hablado al este del confín se considera alemán y el hablado en el este holandés. Tras siglos de autónomo desarrollo político y cultural el español y el portugués se convirtieron en lenguas distintas, al igual que el noruego y el sueco, el holandés y el alemán (Schlösser 2001, p. 120).

O DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

“O maior conjunto lexicográfico românico do mundo centrado numa língua neolatina.”

Adovaldo Fernandes Sampaio, autor do livro *Línguas e dialetos românicos e germânicos*.

O balanço geral da lexicografia românica, tomada como um todo, assinala um *deficit* surpreendente; de fato, se excluirmos as principais línguas, as outras carecem de representatividade à altura neste setor. Pode-se dizer que a lexicografia, no campo românico, não acompanhou o progresso das pesquisas linguísticas verificadas em outras áreas. O português ocupa uma posição singular, a mais privilegiada de todas as línguas românicas, a única que se comunica diretamente com várias línguas coirmãs.

A consecução da obra (dicionários português-línguas românicas-português) custou ao autor, que trabalhou isoladamente todo o tempo, mais de 30 anos de ingentes esforços diários ininterruptos. *Nulla dies sine linea*. Persistência, idealismo, obstinação serviram de guias seguros para que o autor atingisse o objetivo proposto. Os referidos dicionários, bastante incompletos, é forçoso admiti-lo, até mesmo pelas próprias limitações bibliográficas e de natureza vária, pelo menos tiveram o mérito de, alguns deles, serem os primeiros no gênero, em toda a literatura românica mundial. Outros foram pioneiros em língua portuguesa.

Para a elaboração dos referidos dicionários, lançou mão da bibliografia especializada, além das pesquisas linguísticas *in loco*, percorrendo as diversas regiões dos países visitados para ter uma ideia de conjunto das modalidades regionais, o que lhe proporcionou um conhecimento mais apurado do espírito das línguas examinadas. Os vocábulos recolhidos foram objeto de acurada análise, a fim de propiciar aos dicionários bilíngues correspondentes exatos para cada termo. Infelizmente, não foi possível uma pesquisa que contemplasse uma listagem alfabética de frequência vocabular, limitação imposta pelo menos em parte pelas fontes consultadas.

Por essas e outras razões, a responsabilidade de fazer os dicionários completos, cuja necessidade premente o estudo das línguas românicas está a exigir, deveria recair sobre um grupo transnacional de lexicógrafos especializados, sob os auspícios dos governos das nações interessadas, ou de organismos internacionais para se levar a bom termo o objetivo comum. É de todo inadmissível que, até hoje, não se tenha feito uma obra completa sobre o assunto, não só por causa da afinidade histórico-linguística dos idiomas em foco, como também pela considerável importância da lexicografia nos últimos tempos. Digno de encômio o dicionário *Lexikon der romanistischen Linguistik*, em 11 volumes, de Günter Holtus, Michael Metzeltin e Christian Schmitt. (Tübingen: Max Niemeyer Verlag – 1988/2001).

Finalmente, possam estes dicionários português-línguas românicas-português servir de algum subsídio e estímulo para o estudo comparativo das línguas românicas.

São as seguintes línguas contempladas do Dicionário Geral das Línguas Românicas:

VOLUME VII – DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| 1. Aragonês-Português | 17. Latim-Português |
| 2. Português-Aragonês | 18. Português-Latim |
| 3. Aranês-Português | 19. Mirandês-Português |
| 4. Português-Aranês | 20. Português-Mirandês |
| 5. Asturiano-Português | 21. Provençal-Português |
| 6. Português-Asturiano | 22. Português-Provençal |
| 7. Catalão-Português | 23. Reto-Românico-Português |
| 8. Português-Catalão | 24. Português-Reto-Românico |
| 9. Espanhol-Português | 25. Romeno-Português |
| 10. Português-Espanhol | 26. Português-Romeno |
| 11. Francês-Português | 27. Sardo-Português |
| 12. Português-Francês | 28. Português-Sardo |
| 13. Galego-Português | |
| 14. Português-Galego | Apêndice |
| 15. Italiano-Português | O Idioma Panlatino |
| 16. Português-Italiano | |

**VOLUME VIII – DICIONÁRIO GERAL DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS
DA PENÍNSULA IBÉRICA**

1. Aragonês-Português
2. Português-Aragonês
3. Aranês-Português
4. Português-Aranês
5. Asturiano-Português
6. Português-Asturiano
7. Catalão-Português
8. Português-Catalão
9. Espanhol-Português
10. Português-Espanhol
11. Galego-Português
12. Português-Galego
13. Mirandês-Português
14. Português-Mirandês

Apêndice
O Idioma Panlatino

OS TEXTOS MAIS ANTIGOS DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

I – Francês

O mais antigo documento contínuo é constituído pelos célebres juramentos de Estrasburgo, de meados do século IX, vazado em vulgar romance. Refere-se a um pacto entre Luís, o Germânico, e Carlos, o Calvo, contra o irmão Lotário, filhos de Luís, o Piedoso. O pacto, celebrado nas cercanias de Estrasburgo, após a batalha de Fontenoy-en-Puisaye (25/6/84) resultou na paz de Verdun imposta *manu militari* ao irmão dissidente.

Luís, o Germânico, era soberano da parte oriental do Império franco (de domínio linguístico alemão) e Carlos, o Calvo, da parte ocidental (de domínio linguístico galo-romance).

Durante a cerimônia de prestação de juramento, ficou assentado que Luís utilizaria o idioma francês em sua alocução; e Carlos, o alemão. (Os chefes dos exércitos respectivos, entretanto, prestaram juramento em sua própria língua.) A reprodução dos textos consta da *História* de Nitardo, primo dos reis adversários, e testemunha ocular dos acontecimentos.

Seguem, na íntegra, os juramentos de Estraburgo:

.. Cumque Karolus haec eadem uerba romana lingua perorasset, Lodhuuicus, quoniam maior natu erat, prior haec deinde se seruaturum testatus est: Pro Deo amur et pro cristian poblo et nostro commun saluament, d'ist di in auant, in quant Deus sauir et podir me dunat, si saluarai eo cist meon fradre Karlo, et in a(d)judha et in cadhuna cosa, si cum om per dreit son fradra saluar dift, in o quid il mi altresí fazet, et ab Ludher nul plaid nunquam prindraí qui, meon uol, cist meon fradre Karle in damno sit.

Quod cum Lodhuuicus explesset, Karolus teudisca lingua sic haec eadem uerba testatus est: In Godes minna ind in thes cristianes folches ind unser bedhero gehaltmissi, fon thesemo dage frammordes, so fram so mir Got gewizci indí mahd furgibit, so hald ih thesan minan brudher, soso man mit rehtu sinan brucher scal, in thiú thaz er mig so sama duo, indí mit Ludheren in nohheiniu thing ne gegango, the, minan willon, imo ce scadhen uerdhen.

Sacramentum autem quod utrorumque populus quique propria lingua testatus est, romana lingua sic se habet: Si Lodhuuigs sacrament, que son fradre Karlo iurat, conseruat, et Karlus, meos sendra, de suo part non los tanit, si io returnar non l'int pois, ne io ne neuls cui eo returnar int pois, in nulla aiudha contra Lodhuuig nun li iu er.

Teudisca autem lingua: Oba Karl then eid, then er sinemo brudher Ludhuuige gesuor geleistit, indí Ludhuuig, min herro, then er imo gesuor forbrihchit, ob ih inan es irwenden ne mag, noh thero nohhein, then ih es inwenden mag, uuidhar Karle imo ce follusti ne uuiridhit.

Quanto à exegese da interpretação dos textos, na parte relativa à linguagem, é ponto pacífico que o dialeto empregado para a redação do texto da representação alemã foi uma das variedades do francão renano. Entretanto, a identificação do dialeto da parte francesa apresenta uma série de dificuldades, e apesar de várias hipóteses aventadas por especialistas na matéria, não foi possível chegar a uma conclusão definitiva sobre o assunto. O dialeto seria de procedência setentrional (Picardia), ou de sudoeste (pictavino), ou de sudeste (franco-provençal)? A questão resta inconclusiva...

A Sequência de Santa Eulália

Trata-se de uma composição de cunho religioso, composta de 29 versos. Foi descoberta por Fallersleben em princípios do século XIX, na Biblioteca do convento beneditino de Saint-Amand e trasladado em 1791 para a biblioteca de Valenciennes, onde se mantém num códice.

Não se pode fixar com precisão a data de sua composição. Mas há um dado muito importante que lança luzes sobre a matéria. Trata-se de uma poesia alemã (15) que consta do manuscrito de Valenciennes, em honra de Luís III, da França, cujo tema exalta a vitória sobre os normandos na batalha de Saucourt, em 3 de agosto de 881.

Provavelmente, a Sequência de Santa Eulália teria sido escrita por algum frade do monastério de Saint-Amand, lugar de sua origem geográfica.

Eis a reprodução de parte do texto, de importância inestimável:

Buona pulcella fut Eulalia,
 bel auret corps, bellezour anima.
 Uoldrent la ueintre li Deo inimi,
 uoldrent la faire diaule seruir.
 Elle non eskoltet les mals conselliers,
 qu'elle Deo raneiet chi maent sus en ciel,
 Ne por or ne ned argent ne paramenz,
 por manatce regiel ne priement;
 Niule cose non la pouret omque pleier
 la polle sempre non amast lo Deo menestier...

Continuam a aparecer textos literários em épocas subsequentes, podendo-se mencionar, entre os mais antigos, a Paixão de Cristo e a Vida de São Lodegário (Vie de Saint Léger), cuja época de composição aproximada é o ano 1000, e cuja linguagem denota forte influência da língua d'oc.

No final do século XI, vem à luz a célebre Chanson de Roland, poema épico de autor anônimo, obra-prima das canções de gesta da literatura francesa. Há duas versões da Chanson de Roland: a anglo-normanda e a franco-italiana.

Tagliavini coteja alguns versos em ambas as versões. (16)

Rollan à messo l'olifant a sa boce.
 Impinçi il ben, per gran virtù lo toce;
 Grand quindes leugue la vox contra responde,
 Çarlo l'olde et ses compaignon stretute.
 Ço dis li roi: "Batailla fa nostri home!"
 Et Ganelon responde a lo incontro:
 "Se un altro lo disesse, el sembraria mençoigne!"
 Rollant ad mis l'olifan a sa buche,
 Empeint le ben, par grant vertu le sunet.
 Halt sunt li pui e la voiz est mult lunge,
 Karles l'oït et ses cumpaignes tutes.
 Ço dit li reis: "Bataille funt nostre hume!"
 E Guenelun li respundit encuntre
 "S'altrel desist, ia semblast grand mençunge".

Pela escassez de dados, é inviável reconstruir a língua em que foram vazados os textos no original. De todas as formas, o veículo de expressão utilizado foi o francês literário.

A fim de dar uma ideia do grande poema épico, transcrevemos a seguir alguns trechos do capítulo CXXXIV.

Li quens Rollant par peine et par ahans,
 Par grant dulong sunet sun olifan.
 Par mi la buche en salt fors li cler sancs;
 De sun cervel le temple en est rumpant.
 Del corn qu'il tient l'oïe en est mult grant:
 Karles l'entend ki est as porz passant;
 Naines li duc l'oïod, si l'escultent li Franc.
 Ce dist li reis: "Jo oi le corn Rollant!
 Unc nel sunat, se ne fust combatant."
 Guenes respont: "De bataille est il nient.
 Ja estes veiz et fluriz et blancs;
 Par tels paroles vus resemblez enfant;
 Asez savez le grant orgoill Rollant!
 Co est merveille que Deus le soefret tant:
 Ja prist il Noples seinz le vostre comant.
 Fors s'en eissirent li Sarrazins dedenz,
 Sis combatirent al bon vassal Rollant.
 Puis od les ewes lavat les prez del sanc.

Pur cel le fist, ne fust [ap]arissant.
 Pur un sul levre vait tute jur cornant.
 Devant ses pers voit il ore gabant.
 Suz cel n'ad gent ki l'osast querre en champ.
 Gar chevalcez; pur qu'alez arestant?
 Tere Major mult est loinz ca devant”.

II – Franco-provençal

Não chegou a produzir uma literatura digna de nota, notadamente por causa da importância do francês, que exerceu forte pressão cultural no território linguístico franco-provençal. Na Saboia, os dialetos locais foram obnubilados pelo latim, pelos menos durante certo tempo.

No século XI, há a registrar um fragmento de um poema sobre Alexandre Magno, encontrado em um manuscrito da Biblioteca Laurenciana de Florença no século passado. Traduzido na Idade Média pelo pároco Lamprecht, o qual atribuía ao frade Alberico de Bensançon a autoria do poema. Mas prevalecem muitas dúvidas a respeito, inclusive de ordem linguística.

Há outros documentos, de escasso valor literário, mas de grande importância para o estudo da língua: a Lista dos Vassalos do Conde de Forez (século XIII), uma ata jurídica de Neuchâtel (1265), um documento sobre a administração dos condes de Vienne (1276), etc.

Entre os textos literários mais antigos encontram-se os seguintes: Lenda de São Bartolomeu (século XIII) em dialeto lionês; La Vieille Lavandière de Grenoble (século XVI) e Lo Banquet de la Faye, da mesma época, ambos atribuídos a Laurent de Briançon; a Chanson de l'Escalade de Genève (século XVII), etc.

Um extrato de Chanson de l'Escalade de Genève:

On vo dera qu'etai cela canaille.
 Lou Savoyar contre noutra mouraille
 Trai eitiellé on dressia et plianta,
 Et par iqué dou san y son monta.
 Etian antra, veniron u courdegarda,
 Yo i firon onna ruda montada.
 Is avion tenaillé et marté
 Qu'étivon fai avoi du boun acié.”

III – Provençal

Os documentos mais antigos referem-se aos juramentos de fidelidade: do castelo de Lautrec (985 e 989), de Guilherme IV. de Montpellier (1059) e da abadia de Lerins.

Merece referência especial o documento de Rodez, o primeiro escrito no gênero em sua totalidade em vulgar provençal, com data de 1102. Abaixo discriminado, um excerto do referido documento.

In nomine Domini nostri Iesu Christi. Carta que fecit facere Ademaro Odo de tota sua honore.. Tota equesta honor qu'aissi es scripja qu'Ademars Odt á et tota l'altra que scripja no es qu'Ademars á, los feusals et las aventuras e las domengaduras c'a ni avenir li devo, assi con aquesta honres scripja es tota ni clerches legir la i pot, assi la dona Ademars Odt a Willemma se filla vocatda, ed at Arnal, fil de Chide-nelz, et al(z) efanz c'Arnal de Guillema aura, essez doas versanas que gadanet de Ramun Passarode...

Outro documento de valor incomensurável – e que constitui a atestação literária mais remota do Provençal – é o Boecis, ou Poema de Boécio, do qual restou um fragmento de 257 decassílabos, escrito por volta do ano 1000, em lemosino.

A amostra apresentada é a seguinte:

Donz fo Boecis, corps ag [e] bo e pró[s].
 cui tan amet Torquator Mallios.
 De sapiencia no fo trop nuallos;

tant en retenc que de tót no'n fo blos.
 Tan bo esemple en laiset entre nos,
 no cuid qu'e Roma om de so saber fos.

Coms fo de Roma, e ac ta gran ualor
 Aprob Mallio, lo rei emperador:
 el era'l meler de tota la onor.
 de tot l'emperl'l tenien per senor.
 Mas d'una causa u nom auia genzor:
 de sapiencia l'apellauen doctor.

Outro texto pertencente à fase arcaica da língua refere-se à tradução dos capítulos 13-17 do Evangelho de São João, que remonta provavelmente ao século XI. O referido texto está preservado em um manuscrito do British Museum.

XIII, 1. Aván lo día festál della Pásca sabía lo Salvádre que la sóa óra vé que traspásse d'anquést mún au páer. Cum agués amát los sós chi éren el mún, en la fi los amét. 2. E fácha la céna, cum diábles ja agués més eu cór que Júdas lo traís. 3. sabens que lo páer li donéth tótas cháusas a sas más e que de Déu eissit he a Déu vái. 4. léva de la céna e páusa sos vestiméns. E cum ac présa la lóala, preceis s'én. 5 D'aquí aprés més l'áiga en la cóncha e enquéth a lavár los pés déus discipules e estérzer ab la tóalia de que éra céins. 6. Dunc vénc a sáin Péire, e díiss li Péir: "Dóm, tu me lávas los pés?". 7 Respondét li Jesús e díiss li: "Zo que eu fáz, tu no sábs aóra, mas póis o sabrás". 8. Díiss li Péir: "Ja no mé lavarás los pés". Respondet li Jesús: "Si éu nó'l lavarái, non aurás párt ab mé". 9. Díiss li Péir: "Dóm, no solamén los pés, mas neéps las más e lo cháp". 10. Díiss li Jesús: "Céll chi es lavát non a besóin que láu mas los pés, mas toz és néptes. E voz esz népte, mas no túih".

Dos séculos XI e XII aportaram duas poesias de cunho religioso, preservadas em um manuscrito da Bibliothèque Nationale de Paris. Os textos continuam a aparecer, mas é com a poesia trovadoresca, inaugurada por Guilherme IX, duque de Aquitânia, que atinge o ápice a literatura provençal, e que sabidamente exerceu grande influência nas cortes da Europa. Seus mais ilustres representantes são: Arnaut Daniel, Bernart de Ventadorn, Marcabru, Guiraut de Borneilh, Bertran de Born, Rimbaut de Vaqueiras, etc.

Entretanto, após a fase trovadoresca, a literatura provençal passou por um longo período de obscurantismo e decadência. Somente no século passado, sob a égide da sociedade Félibrige, que se criou um movimento destinado a restaurar a língua como instrumento de uma literatura expressiva, à cuja frente se encontravam os seguintes poetas: Roumanille, Aubanel e Mistral, que utilizavam dialetos de suas próprias regiões.

O francês tem exercido, continuamente, forte pressão, até mesmo contra os redutos mais conservadores do provençal, e foi uma das causas, se não a principal, da decadência da língua.

IV. – Gascão

São muito escassos os documentos referentes à fase inicial. Há um *descort* da autoria de Rimbaut de Vaqueiras, do final do século XII, escrito em várias línguas, inclusive em Gascão:

Dauna, io mi rent a bos,
 Coar sotz la mes bon'e bera,
 q'anc hos, e gaillard'e pros,
 Ab que no.m hossetz tan hera.
 Mout abetz beras haissos
 e color hresqu'e noera.
 Boste son, e sl'bs agos
nom destrengora hiera.

No que tange à prosa, consta o registro das atas da *commanderie du Temple* de Montsaunès, contidos em pergaminhos depositados no arquivo de Toulouse. A ata mais antiga é datada de setembro de 1179. Segue a amostra de um trecho:

Sciendum quod Gilem de Codz empena totz los dreitz que en la dezma de la Puiola auie els que auier ideuie, de la font deirer la borda entro a Montsalnes, an Gilem de la Gairiga, qui comanair era al die, e als alters frais de la mason de Montsalnes, per VIII. sol., d'aqera martror en V. ans...

Conservados num manuscrito da Biblioteca de Madrid encontram-se os textos em gascão da tradução da *Disciplina clericalis*, de Pedro Alfonso.

Igualmente dignos de menção são os textos gascões do *Livro de Ouro* de Baiona.

V. – Valão

Le Théâtre Liégeois, óperas cômicas, do século 18, constitui o documento mais importante.

VI – Catalão

O provençal exerceu grande influência sobre a poesia catalã em seus primórdios, não só pelo prestígio da língua na época como também pelo estreitamento de relações políticas que adveio da união matrimonial de Berenguer III, conde de Barcelona, com Dolcia ou Dolcetta, herdeira do condado de Provença.

Entre os trovadores catalães mais representativos da época, e que utilizaram o idioma provençal como instrumento de expressão artística, sobressaem os seguintes: Raimon Vidal de Besalù, Guerau de Cabrera, etc.

Mas foi com Ramon Llull (1235-1315) que tanto a poesia quanto a prosa passaram para um plano superior, com personalidade própria, independentes do Provençal.

O primeiro texto em prosa escrito em catalão é um fragmento de um livro de homílias da igreja de Organyà, da diocese de Urgel (Urgell), cujo período de composição remonta ao início do século XIII ou final do século XII. Uma breve amostra do texto:

Dominica in LX-a. In illo tempore, cum turba plurima convenirent et de civitatibus properarent ad Iesum, dixit per similitudinem: Exit qui seminat seminare semen suum. Seinor, nostre Seinor dix aquesta paraula per semblant, et el esposa per si el ex. Aquel qui ix seminar la sua sement, e dementre que semenava, la sua sement cadeg prob de la via e fò calzigad, e ls ocells del ciel mengaren aquela sement: Aquest seminador dix nostre Seinor que son los maestros de sent'eglesia, [la sement e] la predicacio de Iesu Crist. Los auzels del cel qui mengaren aquela son los diables qui tolen la paraula de Deu de coratge d'om per mal e peccatz e per males obres. Et aliut cecidit super petram et natum aruit, quia non habebat humorem. Aquela sement qui cadeg sobre la pedra fo seca per zo car no i avia humor, demostra la paraula de Deu qui cad el cor del om e ven diable e la tol del cor per zo que no a humor de caritat en si..."

VII – Espanhol

Os documentos mais antigos referem-se às Glosas Emilianenses e Glosas Silenses, do século X, de caráter híbrido (latino-espanhol). As primeiras provêm do mosteiro de San Millan de la Cogolla (Logronho) e estão depositadas na Biblioteca da Academia de História de Madri. As segundas, inseridas num manuscrito do mosteiro de Santo Domingo de Silos (Castela), estão conservados na Biblioteca do Bristh Museum.

Cronologicamente, o documento mais antigo em romance vulgar, e escrito em dialeto leonês, é uma lista de gastos elaborada pelo despenseiro do convento de San Justo e Pastor de Rozulea, provavelmente de 980.

Merecem referência especial as composições líricas em árabe e em hebraico, de autoria de poetas hispano-árabes e hispano-hebraicos.

No século XII surge a obra-prima da poesia épica castelhana: o *Cantar de Mio Cid*, de autor anônimo, escrito na província de Sória em dialeto castelhano, com algumas influências aragonesas. O magno poema, copiado em 1307 por Pedro Abad, só se tornou conhecido em 1779, quando foi publicado por Tomás Antônio Sánchez (Colección de Poesías Antiguas Castellanas). O *Cantar de Mio Cid* divide-se em três Cantos: “*Cantar del Destierro*”, “*Cantar de las Bodas*”, e “*Cantar de Corpes*”. O nome Cid provém do árabe e significa senhor, chefe. O poema exalta as façanhas heróicas de Rodrigo Días de Vivar, o Cid Campeador, vencedor de mouros. Composto por volta de 1140, é o primeiro monumento das literaturas ibéricas, com 3735 versos.

Sirva de amostra o seguinte trecho:

Todos son adobados quando mio Çid esto ovo fablado;
Las armas avién presas e sedién sobre los cavallos.
Vi[di]eron la cuesta yuso la fuerça de los francos;
al fondón de la cuesta, çerca es de'l laño,
mandólos ferir mio Çid, el que en buen ora nasco

VIII – Ladino

O documento mais antigo genuinamente ladino é um fragmento de um sermão, de início do século XII, com tradução interlinear latina. O texto em ladino é o seguinte:

Afunda nos des time tres causas, kare frares, per aquilla tuttlo seulo perdudo; aquil is gurdus et quil homo mopotesille et arcullus, ki fai diabulus per aquillas tres causas ille primaris homo cannao. Si plaيدا ille diauolus: in quali die quo uo manducado de quil linas, si uene sua uirtu fos ouli. Nus timuno semper aquillas tres periuras causas, sicu ueni Adam perdudus intins inferno, ne no ueniamo si perdudi. Prendamus ieiunia contra quilla curda, prendamus umilanz[a] contra contenia. Aquill a sauir è, ki nus a christiani ueni[mo n]o-minai. Angeli Dei aquill auem nos wardadura si quil sipse Salvator dis: ueridade dico vos aquill illi angeli...”

A literatura propriamente dita começa bem mais tarde com Gian Travers (1483-1563), de cunho religioso. Sua obra mais representativa é a *Canzun de la guerra dalg Chiasté d’Musch*, escrita em dialeto da Alta Engadina, cujos versos iniciais são os seguintes:

Dalg tschiel e terra omnipotaint Dieu
dom gratzchia da cumplir lg’ perpöest mieu,
Da te scodunn oera dëss gnir cumanzada,
Per havair bun metz et meildra glivreda.
Avaunt me he eau piglio da quinter
Quaunt la guerra nas ho duos ans do da fer;
A la praisa dalg Chiasté da Clavenna vöelg cumanzer,
Et sainza dubbi la pura vardaet user”

Outro autor digno de menção é Jachim Bifrum, que traduziu para o reto-românico o Novo Testamento, obra publicada em 1560, e de grande importância para o estudo da língua na época. Como o antecessor, escrevia em dialeto característico da Alta Engadina.

Et dis a ses discipuls: Vos cour nu s’daia conturblêr. Vos craiais in dieu, craiè er in mè. 2. In la chiesa da mes bab sun bgierras maschuns. Che schi fus otergin schi haues eau dit à uus. eau uing à parderschèr à uus un loe. 3. Mu scheau min uing à parderschèr à uus un loe, schi tuorn eau darchio à prender uus tiers mè, che innua ch’eau 4. uing, uus sappias, et sappias la uia. 5. Thomas dis agli: Signer nus nu sauain innua che tu uaes, et co pudains sauair la uia? 6. Iesus dis agli: Eau sun la via, et la uardaet, el la uitta. Vngiun nu uain tiers l’g bab, upoeia che saia très mè. 7. Schi uus hauesses cunschieu me, schi hauesses schert cunschieu er mës bab. Et huossa cunschais el, et hauais uis aquèl. 8. Philippus dis agli: Signer amuossa a nus l’g bab schi hauains auuonda.

Os primeiros textos em dialeto da região da Sobresselva aparecem em princípios do século XVIII, com Gion Antoni Calvenzan, Steffan e Luci Gabriel.

No que concerne ao ladino central, não há testemunhos literários no período arcaico. O documento mais antigo de que se tem notícias é um registro pastoral de Laces, em Val Venosta, do século XIV. Mas o referido texto se perdeu, e sobraram apenas algumas frases. Em rigor, somente no século XVIII é que se encontram as primeiras manifestações escritas do ladino central.

Em compensação, no que se refere ao Friul (parte oriental), há uma literatura relativamente expressiva. O texto friulano mais antigo remonta ao século XIII: – é um registro de Cividade.

No terreno da poesia, a mais antiga é a *Piruç myó doç inculurit*, de 1380, cuja primeira estrofe é a seguinte:

Piruç myó doç inculurit
 quant yo chi vyot dut stoy ardit,
 Per vo mi ven tant ardiment
 e si furç soy di grant vigor
 ch'io no crot fa dipartiment
 mai del to doç lial amor
 per manaço ni per timor
 çi chu nul si metto a strit.
 Piruç myo doç...

IX – Português e galego

Como foi salientado, em seus primórdios o galego e o português constituíam uma unidade linguística.

Eis um testemunho em vulgar, datado de 1193:

In Christi nomine, Amen. Eu Eluira Sanchiz offeyro o meu corpo áas virtudes de Sam Saluador do moensteyro de Vayram, e offeyro co'no meu corpo todo o herdamento que eu ey en Centegãus e as tres quartas do padroadigo d'essa eygleyga e todo hu herdamento de Crexemil, assi us das sextas como todo u outro herdamento: que u aia u moensteyro de Vayram por en saecula saeculorum Amem.

Bastante fecunda foi a lírica galaico-portuguesa, cujos textos estão conservados em vários cancioneiros (do Vaticano, Colloci Brancuti, da Ajuda, etc.).

Eis uma poesia característica da época, da autoria do rei Dom Denis, um dos mais ilustres representantes do movimento:

Senhor fremosa e de mui loução
 coração, e queredes-vos doer
 de mi, pecador, que vos sei querer
 melhor ca mi; pero são certão
 que mi queredes peor d'outra rem,
 pero, senhor, quero-vos eu tal bem.
 Qual maior poss', e o mais encoberto
 que eu posso; e sei de Brancafrol
 que lhi nom ouve Flores tal amor
 qual vos eu ei; e pero são certo
 que mi queredes peor d'outra rem;
 pero, senhor, quero-vos eu tal bem
 Qual maior poss' , e o mui namorado
 Tristam sei bem que nom amou Iseu
 quant'eu vos amo, esto certo sei eu;
 e con tod'esto sei, mao pecado!
 que mi queredes peor d'outra rem;
 pero, senhor, quero-vos eu tal bem

Qual maior poss', e tod'aquest'avem
a mim, coitad' e que perdi o sem.

X – Sardo

São abundantes os textos antigos em vulgar. Há um documento muito interessante, datado de 1080-1085, redigido em logodurês, e preservado no Archivio de Stato de Pisa. Eis a reprodução na íntegra.

In nomine Domini amen. Ego iudice Mariano de Lacon fazo ista carta ad onore de omnes homines de Pisas pro xu toloneu ci mi pecterunt: e ego donolislu pro ca lis so ego amicu caru e itsos a mimi; ci nullu imperatore ci lu aet potestare istu locu de non (n)apat comiatu de leuarelis toloneu in placitu: de non occidere pisanu ingratis: e ccausa ipsoro ci lis aem leuare ingratis, de facerlis iustitia inperatore ci nce aet exere intu locu. E ccando mi petterum su toloneu, ligatarios ci mi mandarum homines ammicos meos de Pisas, fuit Falceri e Azulinu e Manfridi, ed ego fecindelis carta pro honore de xu piscopu Gelardu e de Ocu Biscomte e de omnes consolos de Pisas: e ffecila pro honore de omnes ammicos meos de Pisas; Guidu de Uabilonia e Llio su frate, Repaldinu e Gelardu, e Iannellu, e Ualduinu, e Bernardu de Conizo, Francardu e Dodimundu e Brunu e rRannuzu, e Uernardu de Garulictu e tTornulu, pro sianta in onore mea ed in aiutoriu de xu locu meu. Custu placitu lis feci per sacramentu ego e domnicellu Petru de Serra, e Gostantine de Azen e Uoso Ueccesu e Dorgotori de Ussam en Niscoli su frate [e n]-Niscoli de Zor [i e] Mariane de Ussam...

De grande importância linguística é um documento escrito entre 1089 e 1103, em caracteres gregos, oriundo da igreja de São Saturnino, na diocese de Cagliari, conservado nos Archives Départementales des Bouches-du-Rhône, de Marselha.

Documentos de maior extensão são os *condaghe*, que tratam de assuntos jurídicos. Os mais importantes são os seguintes: *condaghe* di San Michele di Salvenor, *condaghe* di San Nicola de Trullas, *condaghe* de S. Maria di Bonàrcado, *condaghe* di S. Pietro di Silki.

Como exemplo, eis um trecho de um *condaghe* (S. Pietro di Silki):

Ego Martinus p[res]b[ite]r et priore de s[an]c[t]u Nichola de Trullas ci ponio in istu codice su cantu 'nce parai et in donu et in prezu. Camporailli a cComita de Bosobe et assos f[ratres] su saltu de Serra de iugale abe su badu d'Uras; et d'essit totube bia usce apprope dessu bulbare de Formicosu, ube se furcan sas bias, et lebat totube sa bia manca usce a funtana d'Ulumos et collat totube su ribu usce assu badu ube fuit sa petra ficta, ube iunpan sos de Puzupassaris a cKelemuli, et abe su badu lebat directu isce ad agitu de ianas, abinde totube bias usce assu ribu siccu, ube parziam de pare cum sos de Azen et falat totube ribu usce assu badu d'Uras eccludet. et deibilis II iuga de domatos et III caballos curiaces et XVI vaccas et CXXX berbeces. T[estes]; donnu Petru de Serra, ci fuit curatore, et Petru Zancis maiore de scolca et Gosantine Capiza et Furatu Icali et Janne Serrenti."

XI – Dalmático

São poucos e destituídos de valor literário os documentos em vulgar. Digno de menção é um testamento do século X, registrado por Giovanni Lucio (Historia di Dalmazil et in particolare di Traù, Spalato e Sebenico), conforme indica Bartoli (*Das Dalmatische*).

Um inventário de Ragusa, de 1280, acusa a presença de vários elementos dalmáticos inseridos no texto.

Duas cartas do século XIV. constituem os mais antigos textos contínuos do dalmático.

A primeira, de 1325, abaixo reproduzida, foi escrita por Todru de Format de Zara, endereçada ao honorável Ser Pon, autoridade de Ragusa, em defesa de seu filho Francisco, a propósito de uma dívida:

Al nome de Diu amen; 1397 de lulu. Item anchora facuue e sauri ch'eu 'n uiaiu [che nu iaiu] sichirisi per fortuna in Anchona. Pare me charisimu facuue a sauri che parun del nauiliu Aligiritu non è pagatu del nolu, perchì non potì chatar dinari di pagar lu nolu, salu' àno abudi duhati in pireçencia di Polu Dobirovacu. Saldada la raçun in pireçencia di Polu Dobirovacu, resta-i dar duchati X: pireguue daçi tigi. Vostiru fiol Firanchisch saluta in Anchona.

(A ser Cholane de Fanfona, dada a Çara).

A segunda, de 1397, escrita por um Francisco de Fanfona, quando se encontrava em Âncona, dirigida a seu pai, em Zara. É a seguinte, na íntegra:

A ser Pon unuriuol canceler de Ragusa, Todru de Format d'Çara saluduui cun oni uostro unur. A mi fo ditu qui lu frar d'maistru Nocola Murar si dimanda rasun nanti la curti de Ragusa contra Franciscu, meu fiol de s.XX de g'r li qual auia dat maistru Nicola a Franciscu p. dur li a mi. Undi posu dir cun oni uiritat quil ar frar de maistru Nicola num fe-ço quil diuia e fe vilania a far tal dimandasun a Franciscu: qui plu unur era so di mandar a mi una litera dimandandumi qui e di quili s.XX d'g'r, quil manda mais-tru Nicola p. Franciscu, e s-eu nu li auisi ditu la uiritat, pois nu li mancaua a di[man]dar d'Franciscu. Ma eu si lu do a sauir a uoi...

XII – Italiano

Cronologicamente, as fórmulas de juramento constituem os documentos mais antigos do vulgar: as do placito de Cápua (960), de Teano (963), e de Sessa Aurunca (963).

Uma inscrição do século IX, encontrada numa catacumba romana de Commodilla, numa cripta em honra de São Félix e Adàutto (basilichetta) contém elementos vulgares: *Non dicere ille secreta a bboce*.

Outra inscrição, de fins do século XI, da basílica inferior de D. Clemente, aponta mais elementos vulgares.

Sisinium: Fili dele pute, traite.

Gosmarius: Albertel, trai

(Albertellus): Falite dereto colo palo, Carvoncelle.

(Sanctus Clemens): Duritiam cordis vestris [in saxa conversa est, et cum saxa deos aestimatis] saxa trahere meruistis.

Podemos citar ainda uma fórmula de confissão umbra do século XI, da Biblioteca Vallicelliana de Roma, procedente do mosteiro de Sant'Eutizio de Norcia.

Domine mea culpa. Confessu so ad mesenior Domonideu et ad matdonna sancta Maria et ad san Mychael archangelu et ad san Iohanne Baptista et ad san Petru et Paulu et ad omnes sancti et sancte Dei, de omnia mea culpa et de omnia mea peccata, ket io feci da lu battismu meu usque in ista hora...

Do século XII consta o *Ritmo* laurenciano, da Biblioteca Laurenziana de Florença, oriunda originalmente da paróquia de Signa.

Salva lo vescovo senato,
lo mellior c'umque sia na[to],
[...] ora fue sagrato
tutt'alumma'l cericato.
Né Fisolaco né Cato
non fue si ringratiato
E'l papa'ha.ll [...-ato]
per suo drudo plu privato.
Suo gentile vesconvato
ben'è cresciuto e melliorato.

O poeta Raimbaut de Vaqueiras em seu *descort* multilingue emprega o italiano na segunda copla:

Io son quel que ben non aio,
ni jamai non l'averò.
ni per april ni per maio,

Da lavra do mesmo autor, anterior a 1194, há o diálogo bilíngue, entre um trovador provençal e uma dama genovesa, cujas personagens utilizam suas próprias línguas. A primeira estrofe é a seguinte:

Jujar, voi no sé corteso,
 qe me chaidejai de zo,
 qe niente no farò.
 Ance fossi voi apeso!
 vostr'amia no serò.
 Certo, ja ve scanerò
 proenzal malaurao!
 Tal enojo ve dirò;
 sozo, mozo, escalvao!
 Ni za voi no amerò,
 q'e' voi no sé, ben lo so.
 Andai via, frar', en tempo millorado.

XIII – Romeno

A Dácia foi conquistada por Trajano em 106 d.C., e permaneceu 115 anos sob domínio romano. Com as invasões eslavas ocorridas nos séculos VI e VII, a língua manteve a estrutura latina, mas o léxico foi bastante influenciado por aportes eslavos e, mais tarde, turcos, húngaros, helênicos e franceses.

Tem uma característica toda especial: é a única língua latina que conservou as declinações.

Em virtude de sua posição geográfica e sobretudo pela influên-cia cultural bizantino-eslava, a evolução da língua romena apresenta uma série de peculiaridades, que muito a diferencia do ciclo evolutivo das outras línguas congêneres. Para começar, as primeiras manifestações literárias aparecem só tardiamente, enquanto que algumas das línguas latinas já haviam produzido verdadeiras obras-primas da literatura mundial. O que vale dizer que a literatura romena em seus primórdios é inexpressiva, principalmente levando-se em conta que inexistiu uma literatura medieval. Os primeiros textos restringiam-se à tradução de obras religiosas (evangelhos e catecismos), além de livros de caráter popular como a história de Alexandre Magno.

Nos textos mais antigos, escritos em eslavo ou médio-búlgaro, aparece uma ou outra palavra romena, além de influências sintáticas de fonte autóctone. O texto mais antigo eslavo-romeno, de 1352, é o de uma inscrição em uma das paredes da igreja Curtea de Arges, sobre a morte do príncipe Basarab.

O primeiro documento em língua romena é uma carta de 1521, escrita em cirílico pelo boiardo Neaesu de Cimpulung e endereçada ao juiz Hans Bekner de Brasov, e preservado no arquivo de Brasov. Eis a reprodução em caracteres latinos:

Mudromu i plemenitomu i cistitomu i b(o)gomdarovannomu Zupan Hanas Begner ot Brasov. mnog(o) zdravie ot Neksul ot Dlagopole.

I pak dau stire do(m)nietale za lucrul Turcilor, cum amu auzit eu ca imparatul au esit den Sofija si aimintrea nu e, si seau dus in sus pre Dunare. I pak sa stii domniata ca au venit un om de la Nicopoe de mie meu spus ca au vazut cu ochii loi ca au trecut ceale corabii ce stii si domniata pre Dunare in sus. I pak sa stii ca baga den tote orasele cate 50 de omin sa fie in ajutor in corabii. I pak sa stii cumu seau prinsu neste mester den T(a)rigrad cum voru treace aceale corabii la locul cela strimtul ce stii si domniata. I pak spui domnietale de lucrul lu Mahamet beg cum amu auzit de boiari ce santu megiiis si de genere-miu Negre cumu iau dat imparatul slobozie lu Mahamet beg pre io-i va fi voia pren Teara rumaneasca iara elu sa treaca. I pak sa stii domniata ca are frica mare si Basarabu de acel lotru de Mahamet beg mai vartos de domniele vostre. I pak spui domnietale ca mai marele meu de ce amu inteles, si eu. Eu spui domnietale, iara domniata esti inteleptu si aceste cuvinte sa tii domniata la tine, sa nu stie umin multi, si domniele vostre sa va paziti cum stiti mai bine. I B(og) te veselit, amin.

Outros documentos antigos, de cunho religioso, são os seguintes manuscritos: o Códice de Veronet, o saltério Psaltirea Scheiana, o saltério Veronet e o saltério Hurmuzachi.

Constitui um marco bastante expressivo um fragmento de um hinário religioso calvinista, impresso em 1570, no qual é utilizada por primeira vez a grafia latina, com ortografia húngara aplicada ao romeno. Como exemplo, uma amostra do trecho:

Ia depre noy tu domne mania ta; Si czele grele pedepsze à tale; nu grebi pre noy tu sze ne noy gtzudet; pren gresala nosztra.
Sze uey fy platnik dupe uina nosztre; numa [= nuwa] rename nyme enaynte ta' nu ua szufferi necze czaste lume pedepszatura ta.

No século XIX a escola latinista da Transilvânia introduziu de maneira definitiva o alfabeto latino, em detrimento do cirílico.

XIV. – Mirandês

É uma língua de forte tradição oral. Somente com José Leite de Vasconcelos, em 1882, é que começou a ser estudada e fixada em escrita.

As obras de José Leite de Vasconcelos – **Estudos de Filologia Mirandesa e O Dialecto Mirandês**, constituem as obras mais notáveis no que se refere ao idioma Mirandês.

Somente em 1999 é que foi fixada a ortografia do Mirandês, com a **Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa**, elabora por quatro linguistas renomados.

XV. – Corso

Do século XIV, consta a crônica de Giovanni Della Gorda (1388-1464).

XVI – Aragonês

O aragonês originou-se no século VIII. As *Glosas Emilianenses*, do século XI, constituem a primeira manifestação escrita nas línguas aragonesa e basca. Do século XIII podem se citar algumas obras escritas mescladas em aragonês e espanhol: *Razón feita d'amor*, *Lo libre dels Tres Reys d'Orient* e a *Bida de Santa María Egipcíaca*.

Nunca chegou a alcançar o prestígio literário de suas coirmãs. (17)

XVII – Asturiano ou bable, asturo-leonês ou, simplesmente, leonês

O primeiro texto em asturiano data do século X, notícias de Kesos. Do século XII, consta o primeiro texto legal: *Fueru d'Avilés*, de 1085. Outro documento é o *Fueru d'Uviéu*, de 1145.

Em 1981, foi criada a Academia da Língua Asturiana.

NOTAS

1. Frederico Diez teve o mérito de adaptar às línguas neolatinas o método histórico-comparativo introduzido por Franz Bopp para as línguas indo-europeias e por Jakob Grimm para as germânicas. Diez publicou uma obra clássica – *Gramática das Línguas Românicas*, em três volumes, e traduzida para o francês por A. Brachet, G. Paris e A. Morel Fatio – Além do *Dicionário Etimológico das Línguas Românicas*. Diez é considerado o fundador não só da linguística, mas também da filologia românica no sentido mais vasto (*Le Origini delle Lingue Neolatine*, Carlo Tagliavini, Pàtron, Bologna, 1969, p. 10).
2. *Le Origini delle Lingue Neolatine*, op. cit., pp. 11 e 351.

3. Além da *Gramática das Línguas Românicas* (Leipzig, 1890-1902), Meyer-Lubke publicou o *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* (Heidelberg, Winter, 1911-1920).
4. A classificação de Meyer-Lubke foi exposta no livro *Einführung in das Studium der romanischen Sprachwissenschaft*, Heidelberg, 1920, p. 17. O livro de W. Meyer-Lübke – *Romanisches Etymologisches Wörterbuch* – constitui um marco importante na história da lexicografia românica.
5. Para uma visão abrangente das línguas românicas minoritárias faladas na França e na Itália, ler *Línguas e Dialeto Românicos e Germânicos*, de Adovaldo Fernandes Sampaio, Goiânia: Kelps, 2010.
6. Martins Sarmiento, *Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega*, Galaxia, Vigo, p. 43. Para um estudo interessante sobre o assunto, ler *Opúsculos Lingüísticos Gallegos del Siglo XVIII*, J. L. Pensado, Galaxia, 1974.
7. William J. Entwistle, *As Línguas da Espanha: Castelhana, Catalão, Vasco e Galego-Português*, p. 359.
8. Note-se que há, em galego, vocábulos que apresentam duas formas – uma proveniente do português, outra do espanhol.
 – Xeral < Geral e Xeneral < General
 – Remorso < Remorso e Remordimento < Remordimiento
 – Chapéu < Chapéu e Sombrero < Sombrero. Foram registradas as diversas acepções e grafias vigentes nas regiões, dentro do panorama da geografia linguística galega. Os dialetos principais – que correspondem aos dialetos falados nas quatro províncias: Lugo, Pontevedra, Orense, La Coruña – foram postos em cotejo, para melhor situá-los dentro de um contexto global – o que veio locupletar, ao menos parcialmente, a falta de um atlas linguístico.
9. Martins Sarmiento, *Estudio sobre el Origen y Formación de la Lengua Gallega*, *op. cit.*, p. 38-9. O autor se propôs fixar-se na segunda categoria.
10. Para maiores informações a respeito, ler *Le Français dans Tous les Sens*, Henriette Walter, capítulo 3, *Le Français en France*, pp. 195-222 e capítulo 4, *Le Français hors de France*, pp. 225-271.
11. A maioria dos romanistas classifica os dois dialetos setentrionais da Sardenha entre os do italiano (= toscano) e não entre os do sardo (plural vocálico, e não sigmático; artigo definido derivado de *illu* e não de *ipsu*, etc.
 “La Sardegna si caratterizza per la co-presenza di 4 principali diassistemi: 2 sardi (campidanese e logudorese) e 2 non-sardi (gallurese e sassarese). La non-partecipazione dei dialetti settentrionali dell’isola alla lingua sarda si basa su criteri tipologici e sociolinguistici. Sia il sassarese che il gallurese presentano molteplice strutture linguistiche divergenti da qual che viene considerato tradizionalmente il tipo linguistico autenticamente sardo (ad es. l’articolo *lu*, contro *su*; il futuro sintetico o saldato di fronte a quello analitico o composto con *apo*, *apu*; l’assenza di -s finale nel plurale.” (Eduardo Blasco Ferrer, *La Lingua Sarda Contemporanea*, Cagliari, Dalla Torre, 1986, p. 20.)
 “I dialetti di tipo gallurese-sassarese si avvicinano molto ai dialetti corsi, i quali, come si vedrà più oltre, sono di tipo toscano.” (*Le Origini delle Lingua Neolatine*, *op. cit.*, p. 330.)
 É preciso salientar o fato de que a linguística românica foi grandemente enriquecida com a introdução, com base científica, do estudo da dialetologia, com a contribuição de Francisco Cherubini, Giovanni Spano, Gabrielle Rosa e Graziadio Isaia Ascoli.
 O atlas linguístico reveste-se de grande utilidade para o estudo de dialetologia. O primeiro atlas linguístico de grande dimensão foi elaborado por Jules Gilliéron, o *Atlas Linguístico da França*. “Gilliéron coloca em primeiro plano os conceitos, não de todo novos, mas pela primeira vez aplicados em larga escala e com método novo de *homofonia* e de *etimologia popular*.” (*Le Origini delle Lingue Neolatine*, *op. cit.*, p. 27.)
12. Alguns autores consideram o nuorês como uma variedade separada. É o dialeto sardo que mais se aproxima do latim.
13. A consulta foi feita por voto popular, e os resultados apresentados foram os seguintes: 512.129 votos a favor e 52.267 contra.
14. Os vocábulos romeno e romanche (reto-românico) provêm do vocábulo Roma.
15. *Einen Kuning weiz ih, heissit her Hluduig.*
16. *Le Origini delle Lingue Neolatine*, *op. cit.*, p. 490.
17. Antes da romanização, as terras do vale do Ebro e dos Pireneus centrais eram povoadas por tribos ibéricas, celtibéricas e bascas. A romanização dessa região ocorreu do século 2 a.C. ao 6 d.C. Inicialmente, o latim vulgar e depois o românico cumpriram a tarefa contínua – lenta, mas inexorável – de substituir os falares ibéricos e bascos. O substrato basco-ibérico deixou marcas consideráveis na fonética, na morfologia e no léxico do aragonês. O latim que se propagou pelo vale do Ebro era, a largos traços, o da faixa mediterrânea da Península Ibérica: o latim da Tarragona. Daí as coincidências fonéticas, morfológicas, léxicas e sintáticas entre os diversos falares românicos da área: catalão e occitano (gascão), de um lado, em alguns aspectos, e castelhano, de outro lado, e em outros aspectos. Situado, pois, entre o catalão, o occitano e o castelhano, o aragonês apresenta-se como uma língua românica que conserva traços do ibero-românico (ou hispano-românico), ao mesmo tempo que participa das características linguísticas do norte e do leste da Península. (*Línguas e Dialeto Românicos e Germânicos*, *op. cit.*, p. 171)

Capítulo III

O IDIOMA PANLATINO

Formação dos vocábulos. A formação dos vocábulos consiste num processo que tem por escopo detectar os elementos comuns dos referidos vocábulos, pondo-se em cotejo as diversas línguas que integram o ramo latino, como bem ilustra o exemplo abaixo:

Latim	Franco-Provençal
Português	As línguas românicas faladas na Itália
Mirandês	Italiano
Espanhol	Sardo
Aragonês	Corso
Asturiano ou bable, asturo-leonês ou, simplesmente, leonês	Vêneto
Galego	Dalmático ou Dálmata
Catalão	Piemontês
Línguas românicas faladas na França: línguas <i>d'oc</i> ou occitano e línguas <i>d'oïl</i>	Genovês, lígure ou liguriano
Francês	Reto-românico ou rético
Gascão	Romeno
Provençal	Moldavo, moldávio ou moldavano
	Aranês

Como se pode facilmente verificar, o núcleo comum do vocábulo homem é hom. O h permanece na maioria das línguas latinas. Homem bom é hom bom. O símbolo do plural é s. Donde se conclui que hom bon é homs bons. Quanto ao léxico universal, não há nenhuma dificuldade na aplicação do método em encontrar o denominador comum das línguas novilatinas, por exemplo: rapidamente, natural, museu, monumento, suplemento, hidrofobia, possível, impossível, fraternidade, liberdade, sociedade, provável, etc. entretanto, à medida que vamos penetrando em outras áreas do tecido da língua, a dificuldade aumenta. Se suceder o caso de inviabilidade de se encontrar o denominador comum das línguas latinas, escolher-se-á o vocábulo que mais se assemelhe ao latim, se for possível. Se não, eleger-se-á vocábulo espanhol, uma vez que o espanhol é a língua neolatina mais falada.

VERBOS

Infinitivo: informar
Presente: forma
Passado ha formado
Futuro: formará
Condicional: formaria
Subjuntivo: que io forme

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO

Presente:
Io forma
Tu forma
El forma
Nos forma
Vos forma

Els forma

Passado:

Io ha formado
 Tu ha formado
 El ha formado
 Nos ha formado
 Vos ha formado
 Els ha formado

Futuro:

Io formará
 Tu formará
 El formará
 Nos formará
 Vos formará
 Els formará

Condicional:

Io formaria
 Tu formaria
 El formaria
 Nos formaria
 Vos formaria
 Els formaria

Subjuntivo:

Que io forme
 Que tu forme
 Que el forme
 Que nos forme
 Que vos forme
 Que els forme

SEGUNDA CONJUGAÇÃO

Infinitivo: deber
 Presente: deba
 Passado: ha debido
 Futuro: deberá
 Condicional: debería
 Subjuntivo: que io deba.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO

Infinitivo: ir
 Presente: va
 Passado: ha ido
 Futuro: irá
 Condicional: iria
 Subjuntivo: que io va

VERBOS AUXILIARES: SER, ESTAR

Infinitivo: ser
 Presente: so
 Passado: ha sido
 Futuro: será
 Condicional: seria
 Subjuntivo: que io sé
 Infinitivo: estar
 Presente: está
 Passado: ha estado
 Futuro: estará
 Condicional: estaria
 Subjuntivo: que io esté

VERBOS TENER E HAVER

Infinitivo: tener
 Presente: ten
 Passado: ha tenido
 Futuro: tendrá
 Condicional: tendria
 Subjuntivo: que io tenga

Infinitivo: haver
 Presente: he
 Passado: ha habido
 Futuro: habrá
 Condicional: habria
 Subjuntivo: que io haga

Artigo. O artigo pode ser de duas espécies: definido e indefinido:

Definido: lo, la l' (antes de vogal)

Indefinido: uno, una, un (antes de vogal)

Verbo: pela anteposição compulsória dos pronomes, os verbos são invariáveis quanto às flexões de pessoa e de número e possuem os seguintes tempos e modos, constituídos pelo acréscimo de sílabas especiais: infinito, presente, passado, futuro e condicional. O verbo tem três conjugações: – are, – ere – ire (1^a, 2^a, e 3^a conjugações, respectivamente). Exemplificando com o verbo formar:

Infinitivo: formare
 Presente: forma
 Passado: va formar
 futuro: vo formar
 Condicional: vi formar
 Subjuntivo: que forma

A regência segue a tendência geral das línguas postas em cotejo.

O advérbio, preposição, conjunção e interjeição seguem o mesmo processo de formação vocabular.

No que se refere à adoção de palavras estrangeiras – galicismo, italianismo, etc. – há duas correntes que adotam posições antagônicas a respeito. A primeira, nacionalista, xenófoba, repele toda e qualquer ingerência forânea no que tange à absorção lexical, considerando quase como um dogma a pureza da língua. A outra, internacionalista, acata os vocábulos alienígenas, ora adaptando-os à forma da língua receptora, ora simplesmente aceitando-os em sua forma genuína. No caso do panlatino, pangermânico, etc. prevalecem os princípios da segunda corrente, não só porque a internacionalização favorece a comunicação, como também porque enriquece o léxico de uma língua. Além disso, num mundo dinâmico como o atual, e com o progresso vertiginoso dos meios de comunicação, não há que pensar de maneira diferente. Haja vista a inclusão de palavras técnicas, oriundas do inglês, no vocabulário das línguas modernas. É bem verdade que alguns idiomas de longa tradição cultural relutam em aceitar neologismos e reformas que impliquem fórmulas simplificadoras.

Todas as línguas são contaminadas, mas cada uma à sua maneira resiste e sobrevive às invasões periódicas de todas as línguas que a cercam, ao mesmo tempo neutralizando essas palavras vindas do exterior e exportando suas próprias produções. Surgem novas palavras para designar realidades novas, e outras morrem porque não têm mais utilidade ou porque não conseguiram integrar-se. Não se deve esquecer que um empréstimo, assim como uma criação, constitui sempre um enriquecimento e uma renovação das possibilidades de expressão. Enquanto houver línguas, elas continuarão a trocar suas palavras sem medo de perder sua alma, pois uma língua que vive é uma língua que dá e recebe. (1)

O linguísta americano Steven Fischer é da mesma opinião:

Idiomas não são pedras, mas esponjas. Não se deve tentar impedir o enriquecimento do idioma. É assim que as línguas sobrevivem, mudando continuamente. As transformações sofridas pelo português brasileiro são uma prova da sua força, não da sua fraqueza. No decorrer do tempo, as línguas que não inovaram foram substituídas por outras. Se você pegar as 10.000 palavras mais usadas em inglês, por exemplo, verá que 32% delas têm origem anglo-saxã e 45% francesa, sem falar no latim. Jazz e boogie-woogie, por exemplo, são termos de origem africana. (2)

Além disso, preconiza a fusão e também a extinção das línguas: “Falam-se entre 4.000 e 6.800 idiomas na Terra. Haverá menos de 1.000 em 100 anos. Em 300 anos, não mais do que 24. Inglês, mandarim e espanhol serão as mais faladas”. (3)

Fenômeno interessante de comunicação é o das *palavras sem fronteira*. “Essas palavras de vocação cosmopolita circulam pelo mundo e acabam por integrar uma espécie de ‘vocabulário sem fronteiras’ que aumenta sem cessar e aproxima as culturas.” (4)

Quanto à partição dos vocábulos, é notório que cada língua em particular estabelece as suas regras a respeito. No caso do panlatino e suas congêneres, existe a maior flexibilidade possível, quando se trata de translineação (final de linha); quando então a partição incide em qualquer das letras ou grupo de letras, não se levando em cogitação o fato de formarem hiatos, etc. As partículas super, infra, extra, etc., unidas aos vocábulos, constituem uma unidade, e não são separadas por hífen, independentemente de quaisquer considerações a respeito, inclusive se o vocábulo começa por vogal ou consoante. Prevalece, no entanto, o hífen para a separação dos pronomes pessoais, seguindo aliás a tendência normal das línguas novilatinas, com exceção do espanhol.

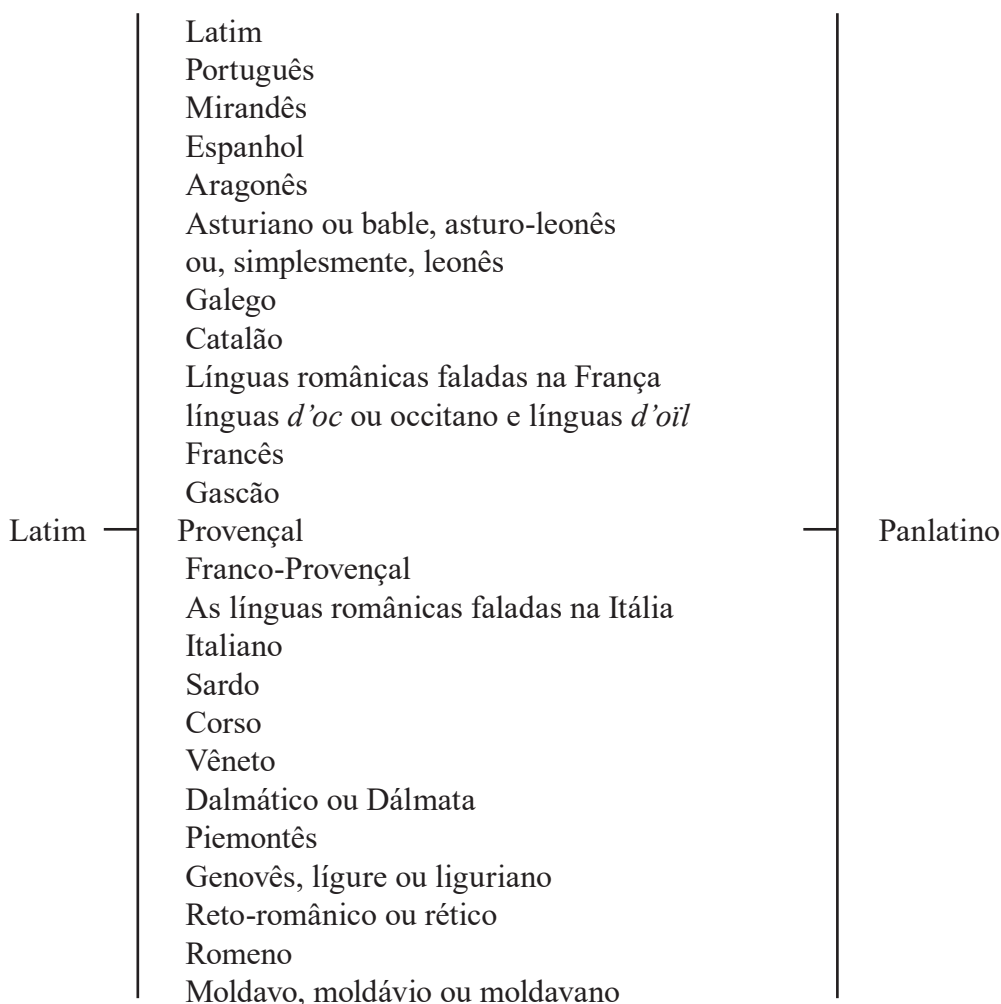
A manutenção da grafia tradicional teve por escopo a identificabilidade dos vocábulos. O ideal seria a adoção de um sistema fonético rígido, mas tal postura contraria a índole das línguas que constituem o grupo latino. Os ilogismos fazem parte dos legados irracionais dos idiomas espontâneos. Por outro lado, não prevalece o sistema etimológico absoluto, até porque já foi eliminado do organismo das línguas objeto de análise. Assim, as grafias ph, th, y, etc.,

absorvidas pelo francês, por exemplo, são substituídas com vantagem indiscutível pelo sistema linguístico do panlatino, denominador comum das línguas românicas.

Finalmente, cumpre notar ainda que, em línguas que pertencem à mesma família, palavras que promanam da mesma origem, submetidas durante um longo período ao processo de evolução, apresentam significados não coincidentes. Neste caso, como em todos os outros, a regra geral é a opção majoritária, determinada pelo cotejo das línguas analisadas.

Em rigor, as línguas neolatinas são uma continuação natural e espontânea do latim vulgar, modificado por diversos fatores através dos tempos. Partindo de um tronco comum, em determinado momento histórico desmembraram-se da língua *mater*, seguindo seu curso evolutivo normal, independentemente. Partiram de um ponto unitário para a pluralidade de formas. O que se propõe agora é o contrário: trata-se do retorno à unidade partindo da pluralidade. A ideia básica é a convergência das línguas numa língua única. O idioma panlatino é, portanto, a síntese das línguas neolatinas. Não uma fusão desordenada, mas que implique a utilização de um método seletivo-normativo, por via natural. A formação do vocabulário, como enfatizado em suas regras básicas, resulta de um processo mecânico, cuja tarefa pode ser facilitada por intermédio de um computador.

O gráfico a seguir exemplifica melhor a questão da procedência.



A esta altura, uma pergunta se impõe: qual das variações do sardo, do reto-românico e do provençal a serem escolhidas para participarem do processo seletivo vocabular, processo que culminará na condensação das línguas para formar a *koiné* do universo latino? No que tange ao sardo, a facção mais representativa é o logudorês, considerado o sardo “ilustre”. Além disso, das variações sardas, a forma dialetal que mais se assemelha ao latim é o nuorês, que alguns linguistas de renome consideram como uma variação à parte, independente do logudorês. Quanto ao reto-românico, a escolha recai sobre o ladino, por sua maior afinidade com as línguas latinas.

O provençal e o catalão pertencem ao grupo galo-romano, embora o último ocupe uma posição singular como língua-ponte entre o galo-romano e o ibero-romano. Entretanto, é inegável a profunda afinidade histórica que existe entre ambos, o que orienta a escolha do ramo provençal que mais se assemelhe ao catalão.

Não se capitula a classificação do idioma panlatino sob a epígrafe das línguas artificiais, já que em rigor nunca deixou de ser falado. Não se contesta a sua natureza, cuja atestação de veracidade está intimamente relacionada à própria existência das línguas novilatinas. Tanto é verdade que é possível, hipoteticamente, reconstruí-lo nos seus arcabouços gerais, recorrendo-se ao método de cotejo das línguas aparentadas nas suas fases evolutivas, ao longo de sua história. O que vale dizer que possui, igual que as demais línguas afins, uma gramática histórica. Ele é parte intrínseca de cada língua considerada *per se*, e parte integrante das línguas como um todo harmônico.

Faltava, no entanto, formular o seu conceito e estabelecer as leis que o regem. As línguas de formação espontânea pressupõem um corolário de regras determinadas pelo uso e acatadas pela tradição. As gramáticas normativas dos idiomas assim constituídos apresentam-se evadidas de regras nas quais predominam, não raro, a ilogicidade e irracionalidade – e, *ipso facto*, um elemento complicador para o seu aprendizado.

O idioma panlatino visa, *inter alia*, pôr cobro a essas distorções, dotando a si próprio de um aparelho descomplicador, lógico por excelência, com regras fixas e estipuladas a partir de certos paradigmas. Depreende-se dessa ilação que o novel idioma, assim depurado, mantém as virtudes das línguas afins e elimina as suas impropriedades. Para se atingir o objetivo proposto, é mister empregar certa dose de arbitrariedade. Medida essa que se impõe como norma simplificadora e que, em nenhum momento, compromete a fisionomia da língua ou a descaracteriza. Ao contrário; intervém para aperfeiçoar o seu funcionamento, adequando seu uso como instrumento de comunicação. Aliás, lançar mão de tais artifícios constitui um recurso aplicado nas línguas artificiais e, excepcionalmente, no âmbito das línguas naturais. Haja vista as decisões das Academias que estabelecem regras que em alguns casos vão até mesmo de encontro às regras já impostas pelo uso. Além disso, gramáticos e bons escritores não raro introduzem inovações que são acatadas ou não, dependendo de uma série de fatores.

É óbvio que, se prevalecessem com exclusividade as leis naturais na formação do idioma em tela, este se constituiria apenas no resultado final da fusão das línguas novilatinas, embora com características próprias. Seria mais uma irmã das outras congêneres, o último prolongamento do latim. Não é este o propósito do panlatino. Entre as finalidades específicas destaca-se a de servir de veículo de comunicação entre os povos que falam línguas afins.

No estudo das categorias gramaticais, a questão dos verbos, por exemplo, merece uma atenção especial. Seria por demais penoso aplicar o mesmo método, acima descrito, para a seleção vocabular no que se refere aos tempos, modos e pessoas dos verbos. Seria destituído de sentido, já que a razão de ser da língua apresentada é facilitar o seu aprendizado e não dificultá-lo com a adoção da quota de ilogicidade e com a prática do regime de exceções próprio da formação espontânea das línguas naturais. Por isso, recorreu-se a uma solução simplista, com base na invariabilidade das formas verbais. Procedeu-se de forma a facilitar o seu acesso o mais possível. São três as conjugações verbais, terminadas em -are, -ere e -ire. Os tempos são em números de cinco: infinito, passado, presente, futuro e condicional. E as pessoas são invariáveis. Pode-se-ia argumentar que tal sistema contraria a índole das línguas neolatinas, muito mais próximo das línguas de origem germânica. Mas as circunstâncias impuseram a necessidade de se apelar para tal recurso, sob pena de se pôr em risco a própria existência do idioma, limitando o seu uso a um número reduzido de falantes. Entretanto, tal critério não é arbitrário, conforme nos esforçaremos por demonstrar em seguida. As conjugações dispensam comentários a respeito. No que se refere aos modos, a pobreza é compensada pela clareza e facilidade de expressão. Além do mais, tenha-se presente que as línguas derivadas não absorveram todos os modos do latim, desfalcadas do supino e outros. As pessoas não sofrem alterações, lembrando até certo ponto soluções empregadas em línguas artificiais tipo

esperanto. Mas os meios não justificam os fins? A *aberratio* não é justificada pelos inúmeros benefícios que advieram do uso simplificado dos verbos?

Finalmente, uma última palavra sobre as partículas auxiliares dos verbos. Não se trata de inovação, nem de imitação de línguas artificiais ou criadas. Seu modelo encontra respaldo no seio das próprias línguas latinas – o catalão, por exemplo, ou o romeno. O particípio passado (não recente) do verbo *formar* em catalão conjuga-se da seguinte forma: *vaig formar* (formei), *vas formar* (formaste), *va formar* (formou), etc. E em romeno o futuro do mesmo verbo é *vo-forma...*

Sem cair no terreno inócuo da tautologia, convém repetir alguns conceitos já estudados, ainda que de forma perfunctoria, para melhor concatenar os pensamentos e seguir o fio lógico do raciocínio aqui desenvolvido. Já foi visto no capítulo pertinente que há somente três tipos de línguas – as flexionais, as aglutinantes e as isolantes, com sua estrutura mental peculiar. E que todas as línguas do mundo se corporificam por meio de um desses tipos. E vimos à fatura que diferem ontológica e epistemologicamente entre si. Portanto, seria inconcebível raciocinar em termos de amálgama, nos moldes do panlatino, entre tipos que apresentam características tão diferenciadas entre si. Essa disparidade determina a inviabilidade, ou melhor, a impossibilidade de uma língua universal, pelo menos nos termos de uma língua de representação que inclua a combinação harmônica dentro da heterogeneidade. A adoção de uma língua, natural ou criada, para servir de meio de comunicação, é outra coisa. Mas língua universal que comporte absorção estrutural, resultante de fusão de elementos tão diversos, é impensável. Como é impensável a fusão de elementos químicos cujos componentes não induzem à polimerização.

Por outro lado, vimos também que as línguas se agrupam de acordo com a família genealógica a que pertençam. A ideia básica é instituir, para cada família de línguas, uma língua-síntese. Destarte, o panlatino é a síntese das línguas neolatinas; o pangermânico, das línguas germânicas; o pan-eslavo, das línguas eslavas; o pancéltico, das línguas célticas, e assim sucessivamente.

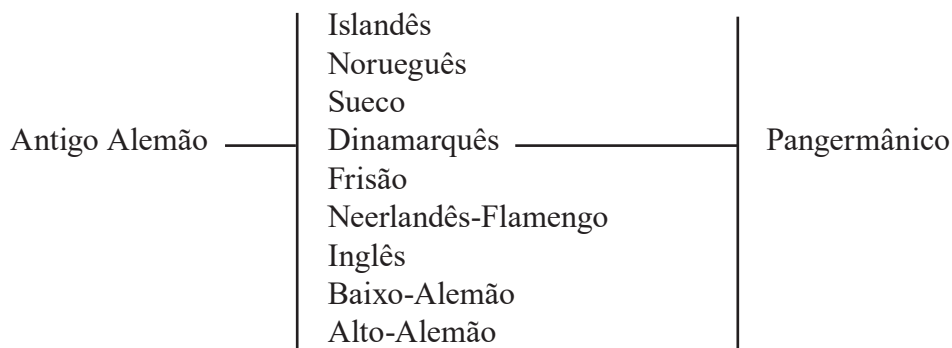
Vamos aplicar o mesmo método para estabelecer a procedência do pangermânico, por analogia com o panlatino. Sirva de exemplo a lista de vocábulos abaixo-relacionados. (5)

INGLÊS	ALEMÃO	HOLANDÊS	DINAMARQUÊS
bath	Bad	bad	bad
best	best	best	bedste
blind	blind	blind	blind
book	Buch	boek	bog
bread	Brot	brood	brod
brown	brechen	breken	braekke
cold	kalt	bruin	brun
come	kommen	koud	kold
dance	tanzen	komem	komme
daughter	Tochter	danzen	danse
drink	trinken	dochter	datter
false	falsch	drink	drikke
father	Vater	vals	falsk
find	finden	vader	fader
finger	Finger	vinden	finde
foot	fuss	vinger	finger
give	geben	voer	fod
good	gut	geben	give
give	grun	goed	god

hair	Haar	gren	gron
hammer	Hammer	haar	har
hand	Hand	hamer	hammer
hang	hängen	hand	hand
hard	hart	hangen	haenge
help	helfen	hard	hjaelpe
here	hier	hier	her
ice	Eis	ijs	is
lamp	lampe	lamp	lampe
land	Land	land	land
man	Mann	man	mand
midday	Mittag	middag	middag
midnight	Mitternacht	middernacht	midnat
mother	Mutter	moeder	moder
mouse	Maus	muis	mus
rat	Ratte	rat	rotte
ring	Ring	ring	ring
sand	Sand	zand	sand
see	sehen	zien	se
send	senden	zend	send
shoe	Schuh	schoen	sho
shoulder	Schulter	schouder	skulder
silver	Siber	zilver	sol
sing	singen	zingen	syng
sink	sinken	zinken	synke
so	so	zoo	sa
storm	Sturm	storm	storm
summer	Sommer	somer	sommer
think	denken	denken	taenke
thirst	Durst	durst	torst
under	unter	onder	under
wash	waschen	wassen	vashe
water	Wasser	water	vand
west	Western	west	vest
wild	wild	wild	vild
wind	Wind	wid	vind
winter	Winter	winter	vinter
wolf	Wolf	wolf	ulv
word	Wort	woord	ord
young	jung	jong	ung

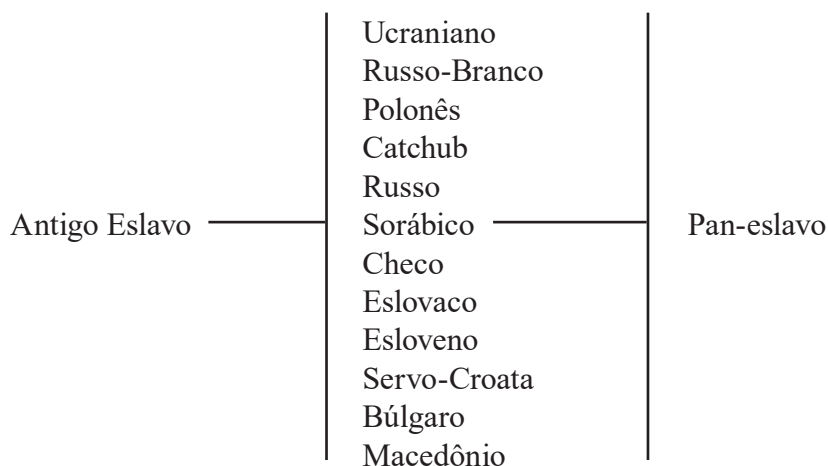
As línguas germânicas procedem do antigo alemão, idioma ainda falado por volta do ano 3.500 a.C., segundo pesquisas glotológicas que visavam situar cronologicamente o referido idioma.

Integram o ramo germânico as seguintes línguas:



Cabe assinalar neste ponto que nenhuma língua-matriz (o antigo alemão, o antigo eslavo, o antigo celta, etc.) nenhuma proto-língua deixou vestígios de sua existência, a não ser no caso especialíssimo do latim. Neste particular, o latim goza de uma posição privilegiada no contexto das línguas em geral. Entretanto, é ponto pacífico que as outras línguas *mater* existiram em épocas históricas determinadas, já que deram origem a grupos de línguas ligadas por parentesco entre si. É lógico que as línguas derivadas procedem de um núcleo comum. Com base em pesquisas de ordem glotológica, mormente no que se refere ao estudo comparativo de línguas geneticamente afins, Schleicher e outros cientistas da língua dedicaram-se à ingente tarefa de reconstruir as proto-línguas.

No que se refere à gênese do idioma pan-eslavo, recorre-se ao mesmo procedimento válido para as duas línguas sintéticas antecedentes: o panlatino e o pangermânico. O antigo eslavo deu origem às línguas eslavas, que por seu turno vão propiciar a constituição do idioma pan-eslavo, como ilustra o gráfico a seguir.



Procede-se da mesma forma, aplicando-se os mesmos princípios orientadores na gestação dos idiomas pancéltico, panbáltico, etc.

O mesmo sistema de regras prevalente no panlatino é invocado para atuar nos demais. Sistemática essa compreendida nas suas linhas mestras, principalmente no que diz respeito à formação vocabular espontânea e à fixação dogmática de normas que presidem ao seu funcionamento prático. É desnecessário ressaltar que é imprescindível preservar as idiossincrasias de cada família de línguas, cada uma com as suas peculiaridades. É o espírito das línguas, que está presente em toda e qualquer manifestação linguística. É um traço de união entre os membros da comunidade que falam o mesmo idioma, por determinismo histórico. E constitui um dos fatores da própria nacionalidade. Toda língua tem a sua *psyché*, o seu espírito, a sua realidade. E cada família de línguas possui um espírito geral, transcendente. Daí o espírito latino, o germânico, o eslavo, o celta, etc.

Uma das razões do fracasso das línguas artificiais, além da própria impossibilidade física de se amalgamarem elementos heterogêneos, reside no fato de elas, por sua própria essência, não levarem em conta o espírito das línguas.

Não há nenhuma violência na formação dos idiomas resultantes da simbiose dos idiomas que pertencem a uma mesma família, oriundos todos de um tronco comum. Formular-lhes os princípios gerais é como encontrar uma fórmula química com todos os componentes. Constituem um prolongamento natural da língua original que se ramifica nas línguas derivadas, as quais, por sua vez, sofrem um processo de transformação por amálgama, e vão confluir de novo num conduto único. A superlíngua assim formada é, concomitantemente, filha e irmã das que lhe deram origem. É una, mas ao mesmo tempo todas.

A ideia básica é formar uma superlíngua para cada família de línguas, distribuídas pelo globo terrestre. Preconiza-se a sua adoção como idioma auxiliar por parte de povos que falam línguas afins. É muito mais fácil para os latinoparlantes aprenderem o panlatino do que qualquer outra língua que integre o grupo genealogicamente afim. A assertiva é também válida para os outros povos.

É preciso ter em mente que nem todo grupo de línguas é passível de sofrer o processo de retransformação. Há grupos isolados como o albanês e o grego, por exemplo, que não podem entrar nessa classificação. Além disso, o grupo fino-húngaro, cujas línguas sofreram transformações de tal ordem que impedem qualquer tentativa nesse sentido. É um problema insolúvel que está correlacionado com a própria limitação do gênero humano.

As línguas-síntese – o panlatino, o pangermânico, o pan-eslavo, etc. – não procuram resolver o problema, mas apenas amenizá-lo. Acima de tudo há o determinismo histórico e geográfico a impor as suas leis.

Outra vantagem incontestável das línguas submetidas à fusão é o fator tradução. É inegável que, quanto mais distante uma língua da outra, mais difícil se torna a possibilidade de tradução entre elas. E diga-se de passagem que, mesmo entre línguas congêneres, a dificuldade da tradução é manifesta e, muitas vezes, constitui um sério obstáculo. As superlínguas representam em plano figurado o fio de Ariadne para se locomover dentro da Torre de Babel. O edifício aí está a desafiar a argúcia humana – imponente, intrincado, eterno. Mas os meios de locomoção de que dispomos agora nos permitem percorrê-lo em tempo nunca antes imaginado. As superlínguas são o atalho que existe do começo ao fim. É como se doravante dispuséssemos de meios mais eficazes para percorrê-lo com desenvoltura e segurança. É a resposta do homem, tentando corrigir os próprios erros, na sua pequenez e miséria, mas dotado de uma perseverança que o impele sempre avante.

Qualquer tentativa, por mais humilde que seja, no sentido de facilitar a comunicação entre os povos é um bem à humanidade.

Quanto ao vocabulário internacional, vamos citar as palavras de Henriette Walter

O consenso

Pode-se ter uma ideia desse vocabulário internacional comum tomando-se como ponto de partida um pequeno dicionário multilíngue de oito mil palavras, destinado aos viajantes da União Europeia, e com seis das nove línguas oficiais (francês, inglês, alemão, espanhol, italiano e português). Das oito mil palavras desse dicionário, mais de 1,2 mil palavras (15 por cento) são homógrafos nas seis línguas, com uma grande maioria (1,009 mil) de palavras de origem greco-latina (80 por cento).

Os homógrafos perfeitos

Todavia não se deve esperar uma identidade total: apenas cerca de 20 palavras são homógrafos realmente perfeitos (desde que não se levem em conta os acentos). Aqui estão eles, na grafia portuguesa:

álbum	jockey (ou jóquei)	motel	táxi
diesel	karatê (ou caratê)	paranoia	telex
embargo	laser	radar	vírus
gângster	libido	rádio	yoga (ou ioga)
hotel	máfia	revólver	
jazz	matador	sauna	

Nota-se nesta lista a diversidade de origem dessas palavras homógrafas:

- do sânscrito: *yoga* (ou *ioga*);
- do grego pelo alemão: *táxi*;
- do latim: *rádio*, *vírus*;
- do latim pelo francês: *hotel*;
- do latim pelo espanhol: *embargo*;
- do latim pelo inglês: *revólver* (palavra forjada por Samuel Colt);
- do latim pelo inglês americano: *motel* (palavra forjada);
- do latim pelo alemão: *álbum*, *libido*;
- do árabe pelo espanhol: *matador*;
- do árabe pelo siciliano: *máfia*;
- do inglês: *gângster*, *jazz*, *jockey* (ou *jóquei*), *radar* (*sigla*), *laser* (*sigla*);
- do alemão: *diesel* (epônimo a partir do nome do engenheiro alemão Rudolf Diesel);
- do finlandês: *sauna*;
- do japonês: *karatê* (ou *caratê*).

Diferenças ínfimas

Não haverá dificuldade de compreensão, pois...

dinamarquês	alkohol	allergi	katastrofe	chokolade	chok	klima	klasse
alemão	Allkohol	Allergie	Katastrophe	Schokolade	Shock	Klima	Klasse
neerlandês	alcohol	allergie	catastrofe	chocola	schok	klimaat	klasse
inglês	alcohol	allergy	catastrophe	chocolate	shock	climate	class
francês	alcool	allergie	catastrophe	chocolat	choc	climat	classe
italiano	alcool	allergia	catastrofe	cioccolato	choc	clima	classe
espanhol	alcohol	alergia	catástrofe	chocolate	choque	clima	clase
português	álcool	alergia	catástrofe	chocolate	choque	clima	classe
dinamarquês	detektiv	garage	gas	hygiejne	metal	teater	tunnel
alemão	Detektiv	Garage	Gas	Hygiene	Metal	Theater	Tunnel
neerlandês	detective	garage	gas	hygiëne	metaal	theater	tunnel
inglês	detective	garage	gas	hygiene	metal	theater	tunnel
francês	déetective	garage	gas	hygiène	métal	théâtre	tunnel
italiano	detective	garage	gas	igiene	metallo	teatro	tunnel
espanhol	detective	garage	gas	higiene	metal	teatro	túnel
português	detetive	garagem	gás	higiene	metal	teatro	túnel

Algumas correspondências gráficas são sistemáticas:

- th = t, como no inglês theatre e no italiano ou no espanhol teatro;
- ph = f, como no francês catastrophe e no português catástrofe;
- ou ainda sh inglês = sch alemão = ch francês e português, como em shockk, Schock, choc, choque.

Em quase todas as outras 1,2 mil palavras, as diferenças gráficas são mínimas e as palavras podem ser facilmente reconhecidas, como é possível notar em alguns dos exemplos

precedentes, que se referrem às seis línguas presentes nesse dicionário, às quais foram acrescentados o dinamarquês e o neerlandês. (6)

NOTAS

1. Henriette Walter, *A Aventura das Línguas no Ocidente*, Mandarim, São Paulo, 1997, pp. 369-70.
2. VEJA, 5/4/2000.
3. *Ibidem*.
4. Sérgio Corrêa da Costa, *Palavras sem Fronteiras*, Record, Rio de Janeiro, 2000, p. 19.
5. A lista em apreço encontra-se no livro *As Línguas do Mundo*, Charles Berlitz, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982, pp. 38-9.
6. Henriette Walter, *A Aventura das Línguas no Ocidente*, *op. cit.*, pp. 366-7.

Capítulo IV

AS LÍNGUAS ARTIFICIAIS OU CRIADAS. O BASIC ENGLISH. AS LÍNGUAS CRIOULAS

Constitui um anseio do gênero humano encontrar uma língua comum que sirva de veículo para expressão do pensamento. Haja vista a proliferação dos idiomas criados, cujo número suplanta de muito o das línguas faladas e espalhadas por todo o globo terrestre.

Quanto ao processo formativo, subordinam-se aos seguintes critérios: apriorístico, a posteriori, misto ou intermediário.

O primeiro método constitutivo das línguas artificiais engloba aquelas inventadas *in totum*.

O segundo caso é específico dos idiomas cujo léxico é composto dos vocábulos (modificados ou não) que integram as línguas de origem espontânea. Cumpre assinalar que a elaboração do vocabulário no qual intervêm várias línguas, (1) geralmente as ocidentais do tipo flexional carecem de sistematização, ou princípio lógico que oriente o processo de seleção. É uma escolha arbitrária, que prescinde de método ou diretrizes básicas. A bem da verdade, algumas apresentam uma constante, e assim mesmo sem constituir regra geral: a preocupação com a universalidade e a facilidade fonética e ortográfica dos vocábulos, ora acatando-os na íntegra, ora alterando-os de forma a permitir melhor absorção pelos usuários de várias procedências.

Como o próprio nome está a indicar, na terceira categoria situam-se as línguas em cuja abrangência são utilizados, conjuntamente, os dois sistemas acima referidos.

Sem levar em conta soluções de tipo conciliatório, cumpre destacar as três posições distintas e antagônicas, no que tange à adoção de uma língua auxiliar internacional. Primeira: os que advogam a tese da implantação pura e simples de uma língua existente como o inglês, por exemplo, por sua notória difusão; ou o norueguês, por sua sintaxe relativamente simples; ou o islandês, o francês, etc. Segunda: a adoção de uma língua artificial como o esperanto, o volapuque, a interlíngua, etc. Terceira: a imposição de uma língua natural simplificada ao extremo (inglês básico, francês básico, o alemão e o japonês simplificados, etc.).

Sem incursionar no campo das línguas artificiais propriamente ditas, (2) o que escapa aos propósitos do presente estudo, cumpre apenas ressaltar, mais uma vez, que seu número é bastante elevado. De acordo com o professor Mário Pei, o número atual das línguas vivas ascende à casa das 2.796. E segundo Pierre Burney, os idiomas artificiais suplantam em 20% a cifra das línguas existentes! (3)

Para citar apenas algumas: a língua lógica do padre Bonifácio Sotos Ochando; o babm, de Okamoto; o volapuque, de Johann Schleyer; o esperanto, de Zamenhof; a língua católica, de Liptay; a interlíngua (latino sine flexione) de Giuseppe Peano; o neolatinus, de Monte Rosso; o panamane, de Manuel Amador; a interglossa, de Lancelot Hogben; o frates, de Pham Xuan Thai; o romanid, de Magyar, o bolak ou língua azul, de León Bollack; o novial, de Otto Jespersen; o ocidental, de Edgar de Wahl, etc. (4)

De todas as línguas inventadas até hoje, ocupa um lugar proeminente o esperanto, que ultrapassou incólume a faixa etária dos 100 anos. Ao contrário de suas antecessoras, que logo deram mostras de enfraquecimento, o esperanto vem mantendo vivo o seu aprendizado em várias partes do mundo. (5)

Neste ponto é conveniente tecer algumas considerações a respeito das línguas artificiais. Em sua tentativa de desbabelizar o mundo, os criadores de idiomas chegaram a resultados diametralmente opostos aos de seus ideais. De fato, o grande número de línguas artificiais apenas contribuiu para aumentar o porte do edifício bíblico. Esse maravilhoso laboratório de línguas cujos fundamentos iniciais coincidiram com o aparecimento do próprio homem na face da Terra jamais experimentará um processo de interrupção no curso dos tempos. A Torre imortal, uma das criações do engenho humano, simboliza a multiplicidade das línguas. A propósito, cabe inserir neste parágrafo as observações de Pierre Burney, a respeito do fenômeno da proliferação das línguas. Com efeito, segundo a mesma fonte, o número das línguas vivas duplica cada 2000-2500 anos. Mas para Charles Berlitz “o número de línguas mundiais vem diminuindo notavelmente nos últimos 100 anos. Há vários séculos, é provável que o número de idiomas distintos atingisse a mais de 10 mil, fazendo com que a Terra fosse uma Torre de Babel maior de que é hoje”. (6)

Outro fator importante, que deve vir à baila no momento oportuno, consiste na classificação das línguas. Já foi visto no capítulo pertinente que há três tipos de línguas: o flexional, o aglutinante e o isolante. Tais tipos possuem características próprias, e não induzem à fusão. Ao contrário: são antípodas. O espírito lógico das línguas flexionais não coaduna com os outros tipos. As línguas flexivas, aglutinantes e isolantes, em sua essência, divergem de tal maneira entre si que é impensável a formação de uma língua única que combine harmoniosamente elementos tão heterogêneos e avessos à simbiose por sua própria natureza. Ora, como os idiomas artificiais ou criados se enquadram num desses três sistemas (geralmente de tipo flexional) a ilação lógica é a de que é inadmissível a língua universal. Podemos afirmar, sem margem de erro, que a língua universal, tomada em seu sentido tradicional, não existe e jamais existirá. A ideia da formação de uma língua flexivo-aglutinativo-isolante é tão absurda que é simplesmente inimaginável.

Ora bem, nada impede que um organismo internacional estabeleça com a devida anuência dos países signatários, num prazo estipulado, a adoção de uma língua determinada supranacional (de origem espontânea ou artificial) para servir de veículo de comunicação entre os homens, como parte de um bilinguismo conceitual. Mas tal hipótese constitui matéria a ser tratada em outro contexto.

Continuando o raciocínio, outra questão a ser levada em conta na epígrafe das línguas artificiais é a pretensa “universalidade” a que se propõem tais tipos de línguas, e que constituem a sua própria razão de ser. Um idioma, cujo léxico estivesse formado por contribuição de todos os idiomas (equitativamente, ou proporcionalmente à sua importância específica) apresentaria uma fisionomia tão esdrúxula e antiestética, além da total inutilidade, que seria destituído de qualquer significado prático. (E note-se que estamos tratando apenas do léxico, não entrando em cogitação a parte organizacional.) O esperanto, a mais difundida das línguas artificiais, tem o léxico composto de 6 línguas apenas e todas de tipo flexional. E como permanece a comunicação com o mundo oriental?

Logicidade e facilidade não constituem os requisitos para a língua universal. O latim na Idade Média serviu de língua franca entre os eruditos. O francês desempenhou papel semelhante, inclusive como língua diplomática. E mais tarde ao inglês coube a supremacia. É a importância política, econômica e cultural de uma nação que serve de instrumento para impor a difusão de sua língua. Ou melhor: não se trata de imposição, mas de adoção por parte de outros povos movidos por necessidade. O inglês atualmente é a língua do comércio, da tecnologia mais avançada, além de contar com um acervo cultural dos mais importantes do mundo.

As línguas artificiais padecem de vários defeitos congênitos. Um deles é a estratificação. As línguas naturais mais significativas (sobre cujos pilares estão construídas as línguas artificiais) de um determinado momento histórico cederão a primazia a outras, com o passar do tempo e o advento de novas condicionantes. Além disso, as línguas criadas captam apenas um momento determinado dessa fase evolutiva.

Outro obstáculo em que esbarram as línguas elaboradas pelo critério artificial é o fato de não levarem em consideração o caráter particular das línguas vivas, e que constitui um de seus atributos essenciais. As primeiras, de caráter nacional, não absorvem o espírito das línguas vivas. Como conciliar elementos tão diversos e de várias procedências? Os idiomas estão classificados de acordo com a família genealógica a que pertencem. Cada língua tem uma mecânica particular, que a individualiza, e cada grupo, ou família linguística, tem características próprias que o distinguem de outros grupos. Daí o espírito das línguas latinas, das germânicas, eslavas, bálticas, semíticas, etc.

No final das contas, a experiência no lidar com as línguas artificiais leva à conclusão que a preocupação da grande maioria é a facilidade na formulação de seus conceitos orgânicos. Por que não aproveitar a grande lição no que tange às línguas vivas?

Já quase no limiar do segundo milênio, estágio atual em que as ciências atingiram uma complexidade surpreendente, as línguas – veículos de comunicação por excelência – deveriam sofrer um processo de simplificação. Simplificação que não implicasse descaracterização, mas apenas a eliminação de certas anomalias. Quase toda língua (senão todas) é passível de simplificação. Basta salientar o fato de que muitas regras gramaticais são introduzidas – e eliminadas – por convenção. Um exemplo prático, no-lo oferece a reforma ortográfica do português, ocorrida em 1971, em que foram suprimidos os acentos diferenciais, verdadeira excrescência dentro do idioma. Alterações fonéticas e ortográficas poderiam facilitar o aprendizado de várias línguas. A partição dos vocábulos, por exemplo, cujas regras são estatuídas para cada língua em particular, apresenta em muitos casos sérias dificuldades, não só no que diz respeito à união partícula + vocábulo, como também no final de linha. Regras de caráter geral poderiam facilitar a questão. Congressos especializados periodicamente poderiam ditar normas a respeito da simplificação gradual.

Resta mencionar os estrangeirismos. Algumas línguas repudiam-nos, considerando-os como erro crasso: outras, incorporam os vocábulos em seu próprio léxico. A seguir a doutrina da escola purista, várias palavras de uso corrente e que lograram penetrar no léxico de várias línguas com tamanha força que já estão arraigadas estariam ameaçadas, pelo menos num círculo literário restrito. Advogam os partidários da escola nacionalista, por xenófobos, que tais vocábulos deveriam ser substituídos por sinônimos da própria língua. Já os adeptos da escola internacionalista recomendam a adoção irrestrita de palavras que integram o estoque lexical de vários povos, o que lhes dá o *status* de universais, não importa a sua proveniência. Um fato incontestável é que as línguas atualmente se abastecem de termos técnicos, procedentes do inglês, em virtude de os Estados Unidos se encontrarem à frente da tecnologia mundial.

O Basic English

O inglês básico é uma tentativa de formulação de uma língua universal, a partir de uma língua viva, o inglês simplificado ao extremo. O empreendimento foi levado a cabo por um linguista de fama mundial, C. K. Ogden, que logrou reduzir ao mínimo as dificuldades inerentes do idioma que lhe serviu de alicerce. De fato, o inglês básico (British American Scientific International Commercial), está composto de 850 palavras (70% substantivos, 18% adjetivos e 2% verbos). Assim, não só o vocabulário, mas também a gramática, podem ser condensados numa única página. O que chama de imediato a atenção é o número ínfimo de verbos ou “operadores”, cuja supressão constitui uma vantagem incontestável para facilitar o aprendizado do Basic. São apenas 18: *come, get, give, go, keep, let, make, put, seem, take, be, do, have, say, see, send, may e will.* (7)

É inegável que o inglês é o idioma adequado para sofrer a drástica redução preconizada pelo método de Ogden. Um congênere francês, alemão, espanhol, etc. não apresentaria o mesmo teor de condensação. Ogden, logo no princípio de sua obra *Debabelization*, proclama as excelências do inglês básico, em detrimento do esperanto como língua universal.

Entretanto, um exame mais profundo à luz do progresso da ciência interlinguística, permite detectar vários defeitos congênitos do inglês espúrio.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que o Basic está fundamentado numa língua de tipo flexional. Sua estrutura, portanto, é essencialmente flexiva. Logo, o mundo isolante e o aglutinante não são partícipes, o que invalida, *ab initio*, seu caráter de língua universal. Aliás, o dialeto é comum a todas as línguas desse feitio que pretendem o apodo de mundiais.

Se, por um lado, a extrema simplicidade de sua estrutura constitui uma garantia para facilitar o seu aprendizado, por outro, reduz a conversação a uma base de infantilismo. O pauperismo inerente impõe um limite a seu uso, restringindo-o sobremaneira. Satisfaz somente as exigências primárias do espírito humano. A bem da verdade, cumpre admitir que o autor testou a sua aplicabilidade em vários ramos do saber. O inglês básico, apesar da simplicidade, custou a Ogden vários anos de esforços na pesquisa para chegar aos resultados obtidos.

Um de seus críticos mais ferrenhos foi o ilustre linguista Mário Pei, (8) além dos partidários das línguas artificiais, principalmente esperantistas. A crítica aponta várias objeções, inclusive o fato de o Basic admitir vocábulos de várias acepções, excesso de palavras abstratas de sentido metafórico, e a manutenção de irregularidades do inglês comum (desinência – s da 3ª pessoa singular dos verbos, plurais e comparativos de formas irregulares, etc.).

Os partidários do inglês básico entendem, entretanto, que não se trata de uma nova língua, mas apenas a simplificação elevada ao máximo do inglês e, portanto, não cabe fazer modificações de ordem conjuntural que implique descaracterização da própria língua.

No cômputo geral cumpre observar como conclusivo o fato de que a experiência do Basic foi válida. Não no sentido de equacionar a problemática da língua universal, mas como medida eficaz para se estabelecer um novo método de ensino para línguas.

O contato entre o Ocidente civilizador e o Oriente e, portanto, do mundo flexional com o isolante produziu pela necessidade o Pidgin English, uma espécie de Basic espontâneo, surgido pela necessidade de comunicação entre os mercadores ingleses e os chineses. A palavra *pidgin*, (cuja origem reporta a uma corruptela chinesa de *business*) pode designar não só a forma simplificada do inglês, mas também de outras línguas europeias transplantadas para outras regiões e adotadas pelos nativos. O Pidgin English originou-se na China no século XVII, e posteriormente alastrou-se pelo Pacífico. O número dos indivíduos que utilizam o Pidgin alcança a impressionante cifra de mais de 30 milhões, segundo informa o professor Mário Pei em sua obra *The Story of Languages*. Consiste em 65% de substantivos, 13% de adjetivos, 10% de verbos e 12% de palavras nativas, o que perfaz um total de 600 palavras aproximadamente.

O advento do inglês básico provocou uma reação em cadeia, com a criação do francês, do alemão e do japonês simplificados.

Incluído na pauta de discussão da UNESCO, cujo intuito era promover uma maior difusão das línguas de civilização, o Governo francês encarregou uma comissão constituída de linguistas de alto nível para a elaboração do “francês de base”, que acabou por provocar acirrada polêmica nos meios especializados.

A principal crítica que faziam os opositores do projeto baseava-se no fato de que o francês não era apropriado para sofrer a drástica redução a que fora submetido o inglês, cuja estrutura se prestava excelentemente para tal. Com efeito, após pesquisa de frequência vocabular, a Comissão apresentou resultados pouco condizentes com a expectativa. Foram selecionados 1.445 palavras (1.176 lexicais e 269 gramaticais). A economia verbal jamais poderia igualar a alcançada pela língua inglesa, cujas características permitiam um corte substancial no sistema elaborado por Ogden.

Seus adversários mais radicais, à cuja frente se encontrava o célebre glotólogo Marcel Cohen, não pouparam esforços no sentido de apontar as fissuras do francês elementar, quer de ordem gramatical, quer de ordem lexical, cuja insuficiência comprometia o idioma que lhe servira de base. No terreno extralinguístico, fora-lhe imputada a acusação de que servia de instrumento para a dominação colonialista.

De qualquer forma o francês básico, ou elementar ou fundamental, se por um lado não alcançou os objetivos propostos, pelo menos teve o mérito de estabelecer uma nova técnica na metodologia do ensino da língua. Além de, naturalmente, permitir o acesso do francês às camadas menos valorizadas das ex-colônias.

Merecem atenção nesse contexto as línguas crioulas. Pradel Pompilus, professor da Universidade do Haiti, dá a seguinte definição das línguas crioulas:

Les créoles, le créole

On a donné le nom de créoles à des langues mixtes, à base lexicale française, anglaise, espagnole, portugaise ou néerlandaise, qui constituent aujourd'hui les langues maternelles de plusieurs communautés d'hommes à la Guyane, dans les Antilles et les petites îles de l'Océan Indien. Ces langues sont parlées par des groupes humains en majeure partie noirs, dans des territoires, notamment des îles, qui furent au XVIIe et au XVIIIe siècles des sociétés de plantations, où des Européens dominaient et exploitaient une main d'oeuvre autochtone ou importée.

Divers par leur base lexicale, leur distribution géographique et parfois par des indices grammaticaux qui les spécifient, les créoles sont un par l'identité des conditions historiques et sociologiques de leur formation, un par la continuité et l'invariabilité qui caractérisent leur grammaire, un par le sort qui leur est réservé dans les sociétés contemporaines par rapport à la langue-base. De la sorte on peut parler aussi bien du créole que des créoles

Les principales langues creoles

On peut distinguer:

- 1) un créole à base lexicale anglaise parlé à la Jamaïque par plus de deux millions de personnes. On l'appelle aussi créole anglais de la Jamaïque ou bien bungo, quashee, jahwataalk;
- 2) un créole à base espagnole parlé par près de 200.000 personnes dans les Antilles néerlandaises (Aruba, Curaçao et Bonaire): c'est le papiamentu;
- 3) un créole à base portugaise, parlé dans les îles du Cap Vert et en Guinée portugaise (500.000 personnes);
- 4) les créoles à base française, les plus nombreux et les plus répandus. Ils comprennent deux sous-groupes:
 - a) les créoles de l'Océan Indien ou des Mascareignes, parlés aux Seychelles (60.000 habitants), à la Réunion (500.000 âmes), à l'île Maurice et à l'île Rodrigue, respectivement 830.000 et 610.000 habitants.
 - b) les créoles des Antilles, parlés à la Guadeloupe (325.000 habitants), à la Martinique, à Saint-Lucie, (120.000 habitants), Trinidad (1.020.000 âmes), à la Dominique (72.000 habitants) et en Haïti (6000.000 d'âmes), les 3/5 de la population créolophone du monde.

Les créoles des Antilles présentent à leur tour deux variétés caractérisées par l'indice grammatical de l'aspect non accompli (action en train de se faire) et de l'aspect prospectif (action simplement virtuelle); les créoles des Petites Antilles ou des créoles en Ka (non accompli) et en Ke (prospectif); le créole d'Haïti ou créole en ap (non accompli) et en a, va, ava (prospectif). (9)

NOTAS

1. A não ser no caso especialíssimo da tentativa de reconstituição do latim como língua auxiliar internacional, Latine sine Flexione (ou Interlíngua).
2. O assunto foi completamente estudado por L. Couturat e L. Léau (*Histoire de la Langue Universelle*, Paris, Hachette, 1907).
3. Pierre Burney, *Les Langues Internationales*, Presses Universitaires de France, Paris, 1962, Collection "Que Sais-je?", (Paulo Rónai, *Babel e Antibabel*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1970, p. 154).
4. Para uma visão mais pormenorizada sobre o assunto, consultar a obra *Babel e Antibabel*, mencionada na nota anterior.
5. Zamenhof chega às seguintes conclusões:
 - 1) A adoção de uma língua internacional será de grande valia para a humanidade;
 - 2) A adoção de uma língua internacional é perfeitamente possível;
 - 3) A adoção de uma língua internacional se efetivará, mais cedo ou mais tarde, necessária e indubitavelmente, não importa o quanto batalhem contra isto os conservadores;
 - 4) Não será jamais escolhida como internacional uma língua que não seja artificial;
 - 5) Não será jamais escolhida como internacional outra língua além do esperanto; ela será adotada para sempre na sua forma atual ou nela serão feitas, posteriormente, algumas modificações. (*Essência e*

Futuro da Ideia de uma Língua Internacional, Lázaro Luiz Zamenhof, Zamemhof Editores, Goiânia, 1988, p. 48.)

6. Charles Berlitz, *As Línguas do Mundo*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 198, p. 14.
7. C. K. Ogden, *Basic English. A General Introduction with Rules and Grammar*, Psyche Miniatures, General Series nº 30, Kegan Paul, London, 1931.
8. O professor Mário Pei escreveu um extraordinário livro – *The Story of Language* (J. B. Lippincott Company, Philadelphia and New York, 1949), que alcançou grande repercussão nos meios acadêmicos.
9. Pradel Pompilus, *Manuel d'Initiation à l'Etude du Créole*, Université d'Etat d'Haïti, Port-au-Prince, 1985, p. 5. Para um conhecimento pormenorizado e prático do crioulo do Haiti, ler as seguintes obras: *Let's Learn Creole*, Edner A. Jeanti and O. Carl Brown, La Presse Evangélique, Port-au-Prince, 1977 e *Speak Creole in no Time*, Edner A. Jeanti, La Presse Evangélique, Port-au-Prince, 1985.

Capítulo V

A TRADUÇÃO

A tradução

A legitimidade da tradução está condicionada a uma série de determinantes. Em última análise, traduzir consiste em encontrar a correspondência de significados de uma língua em relação a outra, tendo em vista a hierarquia e a sistematização das palavras que fazem parte de um conjunto linguístico.

Grosso modo, há duas espécies de tradução: a tradução perfeita (cujos correspondentes são exatos) e a tradução imperfeita (que implica forma de gradualismo estabelecido de forma hierárquica). Esquemáticamente, em rigor a inviabilidade da tradução não existe, uma vez que o intelecto de uma língua pode captar, ainda que de modo superficial, o significado de uma outra por intermédio de frases ou alocações explicativas. O que se verifica comumente é que o intelecto assimila a palavra estrangeira de duas maneiras, de acordo com a atribuição de suas funções: compreendendo-a” e “sentindo-a”. Mas como a realidade das línguas é diferente, o que acontece amiúde é que o intelecto tem uma noção da ideia, ainda que de forma imprecisa, mas não capta a carga emotiva resultante da transmissão da palavra, principalmente em se tratando de línguas de tipos diversos. Isso para não falar nos exemplos de conotação dessemelhante, cujo emprego gera associações diferentes no espírito dos povos.

Aliás, na problemática da teoria da tradução, é preciso levar em conta não somente a falta de correspondências exatas entre uma língua e outra, mas também outros fatores, tais como as palavras holofrásticas, a polissemia, a proximidade excessiva das línguas, os cognatos aparentes, a propriedade da tradução de trocadilhos, hipocorísticos, sinônimos, antônimos, topônimos, metáforas, etc. Sem entrar no âmbito da etnossociologia, que constitui um elemento complicador a mais.

A tradução mecânica. A experiência brasileira: – o dicionário elétrico falante ilustrado, com gravador

Tudo leva a crer que, num futuro não muito remoto, a tradução mecânica será a solução final para o tormentoso problema de Babel. De fato, a *língua mecânica* terá como característica básica a propriedade de falar todas as línguas. Mais explicitamente: o aparelho-veículo (centro transformador), ultra-sensível à voz humana, capta os dados brutos (discurso) provenientes do centro emissor (sujeito ativo = orador), realiza uma operação de conversação (tradução) e retransmite o referido discurso (ideias = frases), já modificado em linguagem inteligível para o centro receptor (sujeito passivo – expectador). Em suma: a máquina ouve o discurso, compreende-o, e em seguida retransmite-o traduzido, dotada de um mecanismo que reproduz a voz humana. Todas estas operações são realizadas quase que instantaneamente. Assim,

em última análise, o produto final da máquina (a tradução) equivale ao resultado do trabalho realizado pelos tradutores.

Cabe a esta altura a seguinte indagação: a cibernética, atuando poderosamente no campo específico da tradução, poderá atingir um nível de aperfeiçoamento tal que permita a tradução perfeita?

Como já foi acentuado no capítulo respectivo, a tradução plena é inviável. Parece ter sido demonstrado à fatura que determinadas situações são peculiaridades, idiosincrasias que fazem parte da natureza ontológica de cada língua, e que tais situações não são passíveis de serem transpostas de um idioma para outro, sem prejuízo da identidade do sentido original, principalmente em se tratando de línguas de tipos diferentes. Em inúmeros casos, não há identidade possível. Não há correspondência perfeita. A intraduzibilidade das línguas é uma questão insolúvel, por mais que se esforce o engenho humano. É a maldição de Babel. Entretanto, a perfeição técnica é a resposta do homem ao repto lançado durante a construção do intrincado edifício. Mas é o limite imposto por sua própria condição.

De qualquer forma, a discussão do tópico em apreço é destituída de valor prático, e se insere aqui a título puramente acadêmico.

O que importa ressaltar é que, num estudo retrospectivo e de caráter didático sobre a matéria, no Brasil o dicionário falante ilustrado foi uma experiência pioneira nesse sentido, o ponto de partida de um processo evolutivo que culminará na máquina de tradução, muito embora não tivesse tido a repercussão merecida.

Abaixo discriminado, segue *ipsis literis* o relatório descritivo do modelo de utilidade do dicionário falante ilustrado, conforme consta do Protocolo Central do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (processo nº 006327, de 1º de agosto de 1974). (1)

Refere-se o presente modelo de utilidade a um dicionário falante ilustrado para uso no aprendizado de línguas, de utilidade para professores e estudantes, tradutores, bibliotecas, firmas especializadas e público em geral.

O dicionário falante compõe-se de duas partes: a) um dicionário propriamente dito, ao lado de cujas palavras está inscrito um número, que corresponde a um número determinado na memória do gravador, e b) utilização de um aparelho de vídeoteipe portátil, com gravação e imagem sincronizadas numa mesma fita e que permitam uma correspondência perfeita de som e imagem.

Esse aparelho possui uma memória capaz de localizar em segundos a imagem e o som desejados, acionando-se o botão de avanço e retrocesso, parando-se no número de memória correspondente e imagem-som solicitado. Exemplo: grava-se numa fita magnética de VT as imagens:

AY – BC – DF – GH – NO – etc.

A cada imagem correspondem sucessivamente os sons:

1 – 2 – 3 – 4 – 5

Conclui-se, pois, que:

À imagem AY corresponde o som 1

À imagem BC corresponde o som 2

À imagem DF corresponde o som 3

À imagem GH corresponde o som 4

À imagem NO corresponde o som 5

Na memória do vídeoteipe:

Imagem-som AY 1 corresponde por exemplo: de 002 a 008

Imagem-som BC 2 corresponde por exemplo: de 009 a 015

Imagem-som DF 3 corresponde por exemplo: de 016 a 021

Imagem-som GH 4 corresponde por exemplo: de 022 a 027

Imagem-som No 5 corresponde por exemplo: de 028 a 003

E assim sucessivamente, havendo sempre um número de memória correspondente a sons e imagens pré-fixados.

Resumo do modelo de utilidade

Patente de Modelo de Utilidade: “DICIONÁRIO FALANTE ILUSTRADO”.

Patente de Modelo de Utilidade de um dicionário falante ilustrado que se compõe de duas partes, a saber: a) um aparelho de videoteipe e b) um dicionário propriamente dito, ou um livro-índice no qual estão catalogadas as palavras; ao lado de cada palavra está inscrito um número, número este que corresponde, na fita do gravador, à tradução e à pronúncia da palavra desejada, bem como, na tela do aparelho, à grafia da referida palavra ou à imagem que ela sugere.

Reivindicações

1 – Conjunto audiovisual para fins educativos ou profissionais de comando individual a teclas para o ensino de línguas estrangeiras caracterizado por um livro-índice especial, por associar a cada palavra um número, o qual, quando chamado pelo comando de teclas na memória, fornece no videoteipe portátil as corretas grafia e pronúncia da palavra desejada, assim como, em determinados casos, a imagem que lhe corresponda.

O presente gráfico ilustra o que acima ficou exposto.

A eficiência ergonômica do sistema acima descrito pode ser incrementada mediante adição, em módulos ou em construção integrada, dos seguintes componentes com as seguintes funções:

1. Um mostrador com um número de aberturas ou “janelas” oblongas nas quais seriam inseridos outros tantos rolos ou bobinas. O número desses rolos seria determinado pela conveniência de dividir o vocabulário original num número de “volumes” para fácil acesso, em curto tempo, dos termos do vocabulário impresso (ou dicionário numerado) do sistema anterior, seriam constituídos de uma fita sobre a qual estaria impresso, em ordem alfabética, em série horizontal, o termo original e a sua tradução, alinhados verticalmente. Cada um desses pares de termos (original e tradução) apareceria na “janela” juntamente com dois números, dentro da mesma enquadatura, nos cantos inferiores, dois números, um à direita e outro à esquerda, possivelmente em diferentes cores, correspondentes, respectivamente, a:

a) a imagem que ilustraria o termo, no caso de haver essa imagem (quando o termo designar um objeto figurável e.g. uma casa, um coelho, etc., que apareceria no componente descrito abaixo (cf. sob nº 2);

b) a pronúncia do termo traduzido na “segunda língua”, que seria produzida pela respectiva *cassette* de fita magnética, tal como descrito no modelo do sistema simplificado anterior.

2. Um expositor de imagens correspondentes aos termos ilustráveis visualmente. Essas imagens poderiam ser (1) gravada magneticamente em fita-vídeo, (2) reproduzidas fotograficamente para projeção ou simples transparência, e (3) estampadas sobre a fita de material adequado (papel, plástico, etc.).

Funcionamento

Ao atingir o termo com a tradução impressa no primeiro componente, o operador apertaria o botão do segundo componente para o aparecimento da imagem (se e quando for o caso) com o número para isso designado, e o botão que faria o som da pronúncia ser produzido pela *cassette* (correspondente ao número para isso designado). Um mecanismo permitirá a repetição do som *ad libitum*.

O aparelho em tela pode ser utilizado também como máquina de tradução. A tradução mecânica perfeita, no estágio atual da técnica, é ainda um ideal inatingível. Mas, até certo ponto, é perfeitamente viável.

Um manual de instruções prático, contendo certas regras básicas sobre as particularidades de cada língua, habilitaria o usuário do aparelho a manejá-lo sem maiores dificuldades.

Para obter-se um resultado razoavelmente satisfatório, pressupõe-se o conhecimento prévio de algumas regras gramaticais básicas, por parte do usuário. Assim, pois, em alemão, a posição normal do infinito do verbo é no fim da frase. E no francês, e demais línguas neolatinas, o substantivo precede o adjetivo, na maioria das vezes.

O gênero e número das palavras, que variam de língua para língua, não é questão que apresente sérias dificuldades para a correta tradução. É suficiente especificar, em baixo (ou ao lado) de cada palavra, o gênero a que pertença, se masculino ou feminino, e o número, se singular ou plural. E, em caso de sinônimo, a categoria gramatical, para dirimir dúvidas.

A tradução mecânica

A história da tradução mecânica é relativamente recente. Na década de 50 despertou um grande interesse, inclusive por parte do Governo dos Estados Unidos, que injetou somas consideráveis em sua pesquisa e desenvolvimento.

Les premières études de traduction automatique (2) éliminèrent quelques idées grossièrement inefficaces: la T.A. comme problème de cryptographie, de théorie de l'information, de "compression de l'information", de construction d'un nouvel Espéranto (machinois, langue-pivot, etc.). Il semblait dès lors que la T.A. fût un problème conjoint de linguistique et d'informatique. En fait, les rapports entre ces disciplines s'articulent autour des quatre centres suivants:

1. Une "linguistique mathématique" consistant en applications de méthodes statistiques à différents éléments du langage (lettres, sons, mots, etc.).
2. L'analyse plus ou moins automatisée des structures des langages artificiels ou des langues naturelles et leurs rapports mutuels.
3. Les aides mécaniques à la traduction dont certains aspects sont analysés dans le rapport Pierce où les conclusions sont négatives. D'autres aspects beaucoup plus modestes (utilisation de dictionnaires mécanisés par exemple) ont été bien moins étudiés.
4. La Traduction Automatique, qui se propose de produire sur des bases commerciales un produit fini utilisable.

Les points 1, 3 constituent des activités limitées où les résultats vont en s'améliorant lentement.

Le point 2 comporte un certain nombre d'aspects théoriques (mathématiques et linguistiques) de haut niveau scientifique et se développe constamment.

Ainsi en U.R.S.S. et dans les pays de l'Est les recherches poursuivies sous l'étiquette T.A. correspondent toutes aux points 1; 2 et 3, et consistent surtout en études théoriques de linguistique formelle des langues naturelles, l'utilisation de calculateurs électroniques en étant d'ailleurs pratiquement absente.

Le point 4 jouit d'un statut particulier puisqu'il s'agit d'une opération à caractère industriel dont l'intérêt pratique est évident, et qui, pour cette raison, a suscité l'enthousiasme des commanditaires. De plus, il s'agit d'un projet par tout ou rien, une traduction rudimentaire n'offrant en général aucun intérêt.

Constitui um marco bastante expressivo, na sinopse histórica da tradução mecânica, o relatório Bar-Hillel que, em 1960, punha em dúvida a realização prática da tradução pelo processo mecânico.

Vários foram os estudiosos de renome que dedicaram sua atenção para a tradução automática: V. Yngve, Chomsky, Matthews, Lees, D.G. Hays, G. King, Ceccato, etc.

O famoso relatório Pierce determinou a cessação de financiamento, por parte da National Science Foundation, em programas de tal natureza.

Vários foram os centros dedicados no ramo que desativaram seus trabalhos de pesquisa no que diz respeito à tradução mecânica: o Massachusetts Institute of Technology (M.I.T.), sob a direção do insigne Doutor Yngve, sem dúvida o maior expoente da especialidade na época; a U.S. Air Force deixou de investir no programa de tradução automática na Europa (dirigido, na Itália, pelo professor Ceccato; e na Inglaterra, por Parke-Rhodes e Masterman; o

projeto do National Physical Laboratory da Grã-Bretanha igualmente pôs fim à sua atividade nesse sentido; o centro da I.B.M. (Yorktown Heights) dirigido pelo Doutor King e o grupo da Rand Corporation também seguiram semelhante orientação. Após o relatório Pierce, outros estabelecimentos tiveram igual sorte.

Entretanto, os avanços da tecnologia permitiram o aparecimento do “Muppet”, em 1978, idealizado por Evans.

I looks at first sight not much more than a slightly bulky pocket calculator. But in a year or two it could be the present for the business traveller who has everything; and a year or two after that a personal teaching machine far more powerful, flexible and cheap than any language laboratory. ⁽³⁾

A mesma fonte revela que o protótipo “Muppet” foi programado para traduzir 50 palavras do inglês para o francês, e vice-versa.

It can be used either as a dictionary or to test the user’s language knowledge. For instance, used as a dictionary, if you punch in the word Car, up pops *Voiture* on the display. Used as a testing machine, it will display (Say) the word *Stamp*. If you punch up *Timbre*, it responds *Bons*. If you punch up anything else, it says Non in bright red letters.

Muppet’s 50 words scarcely give it the authority of qualified linguist. But the prototype did cast less than L.1,000; and the rapid growth in chip technology means that a full electronic dictionary cum-vocabulary test will be available by the early 1980’s when the next quantum leap in chip technology, called “bubble memories,” settle into mass production.

A era do microprocessador estava começando...

Um artigo do *New York Times*, de 22 de maio de 1979, dá notícias de um *Texas Instruments Talking Language Translator*, o qual “not only displays foreign vocabulary words, but also uses electronic speech synthesis to pronounce them”.

Atualmente, o Japão lidera o ramo da eletrônica. A indústria nipônica pôs em execução o plano de produzir os computadores de quinta geração, bastante superiores aos congêneres hoje em operação. Dotados de um mecanismo tão aperfeiçoado que poderão entender vários idiomas, ler manuscritos, compreender desenhos, e pensar por inferência como o ser humano. Além disso, processarão um número muito maior de informações (tenha-se em mente que os atuais digerem 150 milhões de dados por segundo).

A ciência está pesquisando a inteligência artificial e a simulação do cérebro, por meio dos neurocomputadores. No que concerne à inteligência artificial, seu ponto de partida é a colocação, num banco de dados, do conhecimento do ser humano, em determinada área.

O futuro nos reserva muitas surpresas nesse particular, abrindo maiores perspectivas para a concretização da língua mecânica.

NOTAS

1. Posteriormente, A Revista de Propriedade Industrial (nº 283, de 23.03.76, p. 19) registrou o referido modelo de utilidade com as seguintes características: (11) (21) MU 5406327 (22) 01.08.74 N° antigo: 006. 327/74
(52) 10-6-16 (51) G 09 B 5/704 (54) Dicionário Falante Ilustrado
(71) (72) William Agel de Mello
2. *Extrait de Langages*, nº 28; décembre 1972, Didier-Larousse, Paris.
3. Artigo publicado no *The Sunday Times* (10/09/1978).

CONCLUSÃO

O multilinguismo é uma característica da humanidade. Já foi estudado no capítulo pertinente que todas as línguas do mundo se organizam por meio de três tipos de línguas – flexionais, aglutinantes e isolantes, cada qual com sua estrutura peculiar. E vimos à farta que diferem ontológica e epistemologicamente entre si. Portanto, seria inconcebível raciocinar em termos de amálgama, nos moldes do panlatino e de outras panlínguas, entre tipos que apresentam características tão diferenciadas entre si. Esta disparidade determina a inviabilidade, ou melhor, a impossibilidade de uma língua universal, pelo menos nos termos de uma língua de representação que inclua a combinação harmônica dentro da heterogeneidade. A adoção de uma língua, natural ou criada, para servir de instrumento de comunicação, é outra coisa. Mas língua universal que comporte absorção estrutural, resultante de elementos tão diversos, é impensável. Como é impensável a fusão de elementos químicos cujos componentes não induzem à polimerização.

As línguas-síntese – o panlatino, o pangermânico, o pan-eslavo, etc. – não procuram resolver o problema de Babel, mas apenas amenizá-lo. Acima de tudo há o determinismo histórico e geográfico a impor suas leis. Mas qualquer tentativa neste particular é válida – desde que realmente contribua para facilitar a comunicação entre os povos. De todas as formas, impõe-se uma reforma das línguas latinas para facilitar o seu aprendizado, já que todas as línguas são passíveis de sofrer esse processo depurativo. (1) Para tanto, propõe-se a constituição de uma comissão para se atingir tal objetivo, sob a égide da União Latina. (2)

NOTAS

1. No Brasil, foi levada a efeito uma experiência do gênero com a monografia *Um Povo é a Língua que Fala*, cuja finalidade é a seguinte:
“O propósito desta monografia é apresentar sugestões para diminuir a distância entre a língua escrita e a falada, incorporando ao léxico as formas populares já consagradas pelo uso, embora sejam consideradas errôneas pela gramática normativa. Não se trata de cometer uma violência contra o idioma. É uma questão de adaptação no contexto de um processo evolutivo normal. Trata-se de legitimar a manifestação da vontade popular. É óbvio que não se pode ultrapassar os limites, sob pena de se abastardar o idioma. Por outro lado, insistir na exigência de determinadas regras – como a não colocação dos pronomes no início da frase – é ignorar a realidade dos fatos. Da mesma forma que determinadas regras são impostas por simples convenção, ou por proposição de algum gramático – como foi o caso do famigerado acento diferencial, por exemplo – igualmente poder-se-ia estabelecer certas regras, seguindo a tendência popular, para facilitar o uso do idioma. Mas este processo deve ser o mais democrático possível. Deve contar com a participação de todos os estudantes universitários, representantes da imprensa e os profissionais liberais. As decisões a serem tomadas serão resultado de um consenso, em nível nacional – e não intra-muros, nas portas fechadas das academias. Basta dizer que a gramática normativa da língua portuguesa foi mudada de forma inesperada, colocando na clandestinidade toda uma geração de gramáticos, o que levou o professor Napoleão Mendes de Almeida a declarar, na época, que

a medida unilateral fora ‘uma verdadeira rasteira’. A ‘reforma’ rompeu com o passado, estabelecendo uma nomenclatura própria, o que obrigou à rejeição das gramáticas tradicionais. A partir de então, a nomenclatura brasileira passou a diferir da nomenclatura universal, inclusive no que concerne à própria classificação das categorias gramaticais. É suficiente consultar um dicionário da língua portuguesa para verificar que a classificação dos vocábulos difere de todos os dicionários das demais línguas neolatinas”. (Um Povo é a Língua que fala, William Agel de Mello, Ars, Brasília, 2000.)

Na Alemanha a Suprema Corte aprovou a Reforma Gramatical, apesar dos protestos dos puristas:

“A reforma vai cortar 100 das 212 regras de ortografia e acabar com 43 das 52 normas de uso da vírgula. A verdadeira revolução, contudo, será o fim das características palavras quilométricas, como o nome abaixo, de uma lei recente sobre projetos industriais: *Genehmigungsverfahrensbeschleunigungsgesetz*”. (VEJA, 29/7/1998.)

2. A União Latina é uma organização intergovernamental que reúne 34 estados de língua oficial ou nacional românica, fundada em 1954 pela Convenção de Madri. São os seguintes os Estados-membros: Angola, Argentina, Bolívia, Brasil, Cabo Verde, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador, Espanha, Filipinas, França, Guatemala, Guiné-Bissau, Haiti, Honduras, Itália, México, Mônaco, Moçambique, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Portugal, República Dominicana, República Moldova, Romênia, São Marino, Santa Sé (estatuto especial), São Tomé e Príncipe, Uruguai, Venezuela.

Fim de *O Idioma Panlatino e Outros Ensaio Linguísticos*.